

FORMAÇÃO DOCENTE PARA OS ANOS INICIAIS

PARTILHANDO EXPERIÊNCIAS DE
ESTÁGIO NO PARFOR-UNIJUÍ

VOLUME 2



TAÍSE NEVES POSSANI
MARTA BORGMANN
(ORGANIZADORAS)



TAÍSE NEVES POSSANI
MARTA BORGMANN
(ORGANIZADORAS)

**FORMAÇÃO DOCENTE PARA
OS ANOS INICIAIS**
PARTILHANDO EXPERIÊNCIAS DE
ESTÁGIO NO PARFOR-UNIJUÍ

Editora Ilustração
Santo Ângelo – Brasil
2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

Imagem da capa: Freepik

Revisão: Os autores

CATALOGAÇÃO NA FONTE

F723 Formação docente para os anos iniciais [recurso eletrônico] :
partilhando experiências de estágio no Parfor-Unijuí /
organizadoras: Taíse Neves Possani, Marta Borgmann. - Santo
Ângelo : Ilustração, 2025.
307 p.

ISBN 978-65-6135-138-6

DOI 10.46550/978-65-6135-138-6

1. Educação. 2. Formação docente. 3. Anos iniciais. I.
Possani, Taíse Neves (org.). II. Borgmann, Marta (org.)

CDU: 371.13

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Crossref



E-mail: ilustracao@gmail.com

www.editorailustracao.com.br

Conselho Editorial



Dra. Adriana Maria Andreis	UFFS, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Adriana Mattar Maamari	UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil
Dra. Berenice Beatriz Rossner Wbatuba	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Clemente Herrero Fabregat	UAM, Madri, Espanha
Dr. Daniel Vindas Sánchez	UNA, San Jose, Costa Rica
Dra. Denise Tatiane Girardon dos Santos	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Domingos Benedetti Rodrigues	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Edegar Rotta	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Edivaldo José Bortoleto	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Elizabeth Fontoura Dorneles	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Evaldo Becker	UFS, São Cristóvão, SE, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dr. Héctor V. Castanheda Midence	USAC, Guatemala
Dr. José Pedro Boufleuer	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dra. Keiciane C. Drehmer-Marques	UFSC, Florianópolis, RS, Brasil
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira	UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil
Dra. Neusa Maria John Scheid	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Odete Maria de Oliveira	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Roque Ismael da Costa Güllich	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dra. Salete Oro Boff	ATITUS, Passo Fundo, RS, Brasil
Dr. Tiago Anderson Brutti	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
Taíse Neves Possani	
Marta Borgmann	
Capítulo 1 - EXPLORANDO O MEIO AMBIENTE: LUDICIDADE E SEPARAÇÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS NOS ANOS INICIAIS.....	17
Adriana Aparecida Soares do Rosário	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 2 - ANÁLISE DO ESTÁGIO EM DOCÊNCIA EM UMA TURMA DO QUARTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	27
Douglas Alexandre Feltrin	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 3 - CULTURA INDÍGENA NO CURRÍCULO DOS ANOS INICIAIS: IMPORTÂNCIA E VALORIZAÇÃO	37
Gabriela da Rosa	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 4 - AVENTURA E PAISAGEM: UMA JORNADA INTERDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL DOS ANOS INICIAIS.....	47
Isabel Cristina Lundin Müller	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 5 - DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS: RESPEITANDO A DIVERSIDADE E GARANTINDO O DIREITO DE APRENDIZAGEM PARA TODOS	53
Josiéli Aparecida da Silveira Nascimento	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 6 - A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE PERTENCIMENTO DA CRIANÇA NA COMUNIDADE.....	63
Leomar Borba Medeiros	
Márcia Rejane Scherer	

Capítulo 7 - A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE SENSORIAL PARA AUTISTAS	69
Leonice Hahn Kuss	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 8 - ERA UMA VEZ: EXPLORANDO O MUNDO DOS CONTOS DE FADAS	77
Lisângela Brum Sartor	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 9 - ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS - UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA	83
Marcia Ines Hartman	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 10 - “O GRANDE ESPETÁCULO DOS FUNGOS E DAS BACTÉRIAS”: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR DE ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS.....	89
Mariane Moser Bach	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 11 - FORMAÇÃO E DESAFIOS NO ESTÁGIO DOS ANOS INICIAIS: O CAMINHO DO EDUCADOR.....	95
Marta Goelzer	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 12 - ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONSTRUINDO O CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE NOS ANOS INICIAIS	101
Nilva Lopes Maldaner	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 13 - RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS.....	109
Raquel Weyh Dattein	
Márcia Rejane Scherer	

Capítulo 14 - ESTÁGIO EM DOCÊNCIA COMPARTILHADA NOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO COM O PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	115
Sandra Regina Rodrigues	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 15 - EXPLORANDO A LUDICIDADE DURANTE A DOCÊNCIA COMPARTILHADA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	119
Simone da Silva Rosa	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 16 - REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO EM DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	127
Tanise Almeida Leal de Melo	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 17 - ESTÁGIO EM DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS EM EVOLUÇÃO... INFÂNCIAS EM TRANSFORMAÇÃO	135
Vânia Lúcia Berton	
Márcia Rejane Scherer	
Capítulo 18 - A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	141
Aline Ribeiro dos Santos	
Jaqueline Bussler Michael Krüger	
Capítulo 19 - O OFÍCIO DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS: O LUGAR DO PROFESSOR NA ELABORAÇÃO DE MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS NA INFÂNCIA	149
Claudia Simone Possebon	
Jaqueline Bussler Michael Krüger	
Capítulo 20 - VIVENCIANDO A DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS...	155
Daniela de Oliveira de Lima Machado	
Jaqueline Bussler Michael Krüger	

- Capítulo 21 - APERTEM OS CINTOS! AS AVENTURAS DO AVIÃO VERMELHO E AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA 161
Francieli Andreatta Brudna
Jaqueline Bussler Michael Krüger
- Capítulo 22 - UMA JORNADA DE APRENDIZADO: ESTÁGIO COM A TURMA DO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL..... 167
Izabel Cristina Braz Persich
Jaqueline Bussler Michael Krüger
- Capítulo 23 - A RELAÇÃO EDUCADOR E EDUCANDO NA ALFABETIZAÇÃO 175
Janine Zucolotto
Jaqueline Bussler Michael Krüger
- Capítulo 24 - CONSTRUINDO SABERES: REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL..... 181
Joana Emilia Gomes Marques
Jaqueline Bussler Michael Krüger
- Capítulo 25 - DOCÊNCIA COMPARTILHADA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL 189
Laura Ethiele Müller de Albuquerque
Jaqueline Bussler Michael Krüger
- Capítulo 26 - UM OLHAR SOBRE A DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL..... 197
Raquel de Souza Bortoli
Jaqueline Bussler Michael Krüger
- Capítulo 27 - DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL: CONTEXTOS, DESAFIOS E REFLEXÕES..... 205
Tanara Regina Garros Batista
Jaqueline Bussler Michael Krüger

Capítulo 28 - O PROCESSO PRÁTICA DOCENTE NOS ANOS INICIAIS	215
Cíntia Regina Janke Prado	
Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 29 - ANÁLISE PEDAGÓGICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS ANOS INICIAIS, A PARTIR DE CONTO LITERÁRIO	219
Tatiana Ribas Buzetto	
Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 30 - A PRÁTICA PEDAGÓGICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	225
Deise Vincensi Veit	
Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 31 - POR ENTRE OS REGISTROS DO VIVIDO: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	231
Rosmari Marodin Gobo	
Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 32 - AÇÃO DOCENTE ANOS INICIAIS: EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO CURRICULAR: UMA PONTE ENTRE TEORIA E PRÁTICA	239
Rejane Graeff	
Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 33 - EXPERIÊNCIA DOCENTE NAS SÉRIES INICIAIS.....	245
Vanieli Denise Zamberlan	
Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 34 - PRÁTICA DE ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: VIVÊNCIAS COMO DISCENTE DO CURSO DE PEDAGOGIA	249
Maurícia Aparecida da Silva Costa Pott	
Lauren Slongo Braidá	

Capítulo 35 - CULTURA INDÍGENA NO CURRÍCULO DOS ANOS INICIAIS: IMPORTÂNCIA E VALORIZAÇÃO	253
Gabriela da Rosa	
Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 36 - DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS: RESPEITANDO A DIVERSIDADE E GARANTINDO O DIREITO DE APRENDIZAGEM PARA TODOS	263
Josiéli Aparecida da Silveira Nascimento	
Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 37 - DOCÊNCIA COMPARTILHADA ESTÁGIO ANOS INICIAIS /PARFOR-UNIJUI.....	273
Clarice Teresa da Silva Tomaz	
Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 38 - RECURSOS PEDAGÓGICOS BRINCANTES: UMA PRÁTICA DE ESTÁGIO CONTEXTUALIZADA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL 1	281
Werbes Wesner Bevilaqua, Crisciane	
Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 39 - ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM LÚDICA: APRIMORANDO PROFICIÊNCIAS	285
Claudia Magali Radin de Lima Chassott	
Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 40 - DOCÊNCIA COMPARTILHADA NOS ANOS INICIAIS: O ESPAÇO DE TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS.....	293
Juliana Beatriz Da Ros	
Lauren Slongo Braidá	
Capítulo 41 - PARA ALÉM DOS LIVROS DIDÁTICOS: EM BUSCA DE APRENDIZAGENS, PRAZEROSAS, LÚDICAS E SIGNIFICATIVAS. ...	299
Janaina Adorian Dalsasso	
Lauren Slongo Braidá	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	307

APRESENTAÇÃO

A formação de professores constitui um dos temas centrais nas discussões sobre a qualidade da educação e o papel da escola na construção de sociedades mais justas e inclusivas, especialmente em um mundo marcado por rápidas transformações tecnológicas, sociais e culturais. A prática docente enfrenta desafios inéditos que demandam o desafio de novas competências, uma reflexão crítica permanente e um constante processo contínuo de atualização profissional. Assim, a formação inicial e continuada de professores emerge como um campo estratégico, não apenas para o aprimoramento das práticas pedagógicas, mas também para o fortalecimento do compromisso ético e político que sustenta a profissão de professor.

O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), no âmbito da Segunda Licenciatura em Pedagogia, responde a essa demanda, ao oferecer uma formação pedagógica específica para professores da educação básica que já possuem licenciatura em outras áreas, mas que atuam, no campo da Pedagogia, sobretudo na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a fim de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino público na região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

Este ebook tem como objetivo socializar e sistematizar as práticas pedagógicas vivenciadas pelos cursistas durante o estágio supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, realizadas como parte da formação na Segunda Licenciatura em Pedagogia na Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul-UNIJUÍ, pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR, fomentado pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES do Ministério da Educação - Governo Federal.

Por meio desta produção buscamos registrar experiências, reflexões e intervenções pedagógicas desenvolvidas nas instituições de ensino fundamental, promovendo o diálogo entre teoria e prática e ressaltando a importância do estágio supervisionado como algo essencial na construção do futuro pedagogo. Os textos apresentados revelam a diversidade e a riqueza das vivências proporcionadas durante o estágio, evidenciando como esse momento formativo possibilita ao acadêmico compreender de

forma mais concreta e aprofundada as múltiplas dimensões que envolvem o trabalho pedagógico com crianças.

Esperamos que este material sirva de subsídio para outros docentes, estimulando práticas inovadoras, reflexivas e críticas, alinhadas aos princípios legais e éticos que orientam os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, conforme previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular. A oferta de cursos como o PARFOR pela universidade reforçam seu caráter comunitário de atender as demandas da região e das necessidades da educação básica em busca de uma formação continuada, ampliando sua função social, estabelecendo parcerias com as redes públicas de ensino, a fim de reduzir as desigualdades educacionais e regionais.

Formar professores não é apenas capacitá-los para transmitir conhecimentos, mas prepará-los para serem agentes transformadores em seus contextos de atuação. É nesta perspectiva de formação docente que buscamos lançar luz sobre os caminhos que podem conduzir a uma educação mais equitativa, crítica e relevante, compromisso sempre presente na formação de professores realizada na Unijuí.

Desejamos uma excelente leitura.

Táise Neves Possani

Coordenadora Institucional do PARFOR-UNIJUÍ

Marta Borgmann

Coordenadora do Curso de Pedagogia - PARFOR-UNIJUÍ

Capítulo 1

EXPLORANDO O MEIO AMBIENTE: LUDICIDADE E SEPARAÇÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS NOS ANOS INICIAIS

Adriana Aparecida Soares do Rosário¹

Márcia Rejane Scherer²

Introdução

Nos Anos Iniciais, as crianças vivenciam uma importante etapa do seu desenvolvimento, ampliando suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo que as cerca. Acontece, neste período, a imersão no mundo letrado, um maior desenvolvimento da autonomia, da construção de novas aprendizagens na sala de aula e para além dela. Assim:

A sala de aula é por excelência um espaço coletivo, nele não atuam sujeitos isolados, mas sujeitos que interagem por meio da linguagem e da ação coletiva. É na relação com o outro, que o estudante elabora suas representações, busca argumentos e consolida novos significados (LIMA, 1999, p.19).

A BNCC - Base Nacional Comum Curricular (2017) e o Referencial Curricular Municipal: Fundamental I (Ijuí/RS, 2020), enquanto documentos normativos e de referência para a organização do currículo das escolas em âmbito nacional e municipal, trazem uma abordagem holística e centrada no desenvolvimento integral da criança.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Ciências, Licenciatura Plena, Habilitação Ciências 1º Grau e Química 2º Grau pela UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Mestrado em Geociências: Análise Ambiental e Territorial pela UFRGS – Universidade Federal de Santa Maria; docente de Química, Ciências e Alfabetização nas Redes Estadual, Municipal e Privada de Ensino, em Ijuí/RS. E-mail: adriana.r@prof.smed.ijui.rs.gov.br

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

Ambos preconizam que os Anos Iniciais devem viabilizar um currículo organizado por competências e habilidades capazes de garantir uma aprendizagem significativa, onde o educando seja capaz de aplicar o que aprendeu em situações do seu cotidiano.

Nesta abordagem, o brincar é percebido e defendido como elemento fundamental no processo de aprendizagem da criança. Através do brincar, ela desenvolve habilidades sociais, emocionais, cognitivas e motoras, fazendo-se necessário respeitar e reconhecer a individualidade e a singularidade de cada criança, suas características, interesses, ritmos de aprendizagem e formas de expressão, compreendendo-a como um sujeito ativo em seu processo de aprendizagem, devendo ser estimulada a explorar, questionar, experimentar e construir conhecimento de maneira participativa.

Desse modo, os educadores devem criar ambientes que proporcionem a interação entre as crianças, promovendo a colaboração e o aprendizado conjunto, a expressão criativa e artística, ampliando suas habilidades cognitivas, emocionais e motoras. A atuação em sala de aula permite observar o comportamento, o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e motor das crianças, auxiliando na compreensão das necessidades e dos desafios enfrentados pelas mesmas no período que compreende os Anos Iniciais. Também possibilita a construção de vínculos com as crianças, criando um ambiente de confiança e segurança, o que favorece o desenvolvimento de uma forma integral.

O exercício da docência é também um momento de reflexão sobre o fazer pedagógico, de identificação de desafios e busca por soluções para o aprimoramento da prática educacional, compreendendo assim, a dinâmica e o funcionamento do ambiente escolar e a relação entre a família e a escola.

Neste sentido, o estágio nos Anos Iniciais é uma etapa no processo de formação dos professores, que oportuniza experienciar a docência em escolas com crianças entre 6 e 10 anos de idade. É um momento importante na formação dos professores, uma vez que possibilita a vivência concreta e enriquecedora do contexto de trabalho em que podem atuar, contribuindo para a observância da aplicabilidade dos conceitos e teorias estudadas, tornando as possibilidades de aprendizagens mais significativas, respeitando as individualidades, habilidades, diferenças e potencialidades de cada criança.

Metodologia

O presente estágio foi realizado na Escola Municipal em Tempo Integral Eugênio Ernesto Storch, localizada no Bairro Storch, zona norte do município de Ijuí/RS, com a turma 1º Ano A dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I. A turma é composta por oito meninas e quinze meninos, com idade entre seis e sete anos.

A proposta de estágio foi articulada a partir da Metodologia de Projetos, que apresenta uma abordagem eficaz na organização do trabalho pedagógico em diversos contextos educacionais. Os projetos permitem a ação interdisciplinar, conectando diferentes áreas do conhecimento de maneira contextualizada, o que contribui para uma compreensão mais ampla e profunda dos conteúdos.

A proposta de trabalho com as crianças neste estágio, surgiu dos estudos e vivências realizadas no componente curricular de Ciências da Natureza, no curso de Pedagogia/UNIJUÍ/PARFOR, a partir de uma saída de campo na Trilha da Vó Preta, situada em uma área de APP da UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, e mediante a necessidade de despertar a consciência ambiental desde cedo nas crianças. Considerando todas as discussões realizadas, nasceu o projeto “As Aventuras da Reciclagem: Aprendendo a Cuidar do Meio Ambiente - meu resíduo, minha responsabilidade”, onde se buscou propiciar um ambiente de aprendizado que estimulasse a reflexão, junto às crianças, sobre o cuidado com o meio ambiente, permitindo que elas explorassem, aprendessem e se divertissem ao mesmo tempo.

O início do projeto se deu através de uma atividade de sensibilização, com uma roda de conversa com os alunos sobre dois grupos de imagens: um grupo onde apareceram ambientes naturais preservados, sem resíduos ou maior ação humana, assim como áreas urbanas com ruas e terrenos limpos, com descarte adequado de resíduos; e outro grupo onde apareceram o descarte inadequado de resíduos em áreas verdes, rios e espaços da cidade, ruas, terrenos baldios. Também foi realizada a leitura do livro “O mundinho”, de Ingrid Bellinghausen, história sobre o meio ambiente, destacando a importância da preservação ambiental e da gestão dos resíduos sólidos. Na sequência, realizou-se uma saída de campo no entorno da escola para observação do local e coleta de materiais encontrados no ambiente, como folhas, pedras, galhos e resíduos.

Em sala de aula, foram observadas as características dos materiais coletados, discutido sobre a sua origem, o tempo de decomposição e como esses materiais integram ou impactam o meio ambiente. Neste sentido, foram promovidas conversas, análises, as crianças assistiram a vídeos e registraram sob forma de desenho, escrita de acróstico e produções diversas o que aprenderam sobre a importância da reciclagem, o descarte consciente e a necessidade de cuidar do ambiente natural.

A partir das discussões, e considerando a importância da ação e interação da criança na construção dos saberes, diferentes atividades envolvendo as diversas áreas do conhecimento foram desenvolvidas, dentre elas, a organização de lixeiras na sala de aula para a separação e descarte correto de resíduos como metal, plástico, vidro, papel e material orgânico; elaboração de gráfico para registro da quantidade de resíduos coletados; representação de números e quantidades; pintura e desenho a partir das observações realizadas e dos dados coletados; registro escrito de palavras-chave; canções; brincadeiras dentro e fora do espaço da sala de aula e a confecção de um brinquedo, jogo ou porta-treco reciclável junto às famílias.

Resultados e discussão

A realização da observação de ambientes com descarte correto e inadequado para os resíduos sólidos, a escuta de histórias sobre o meio ambiente, uma saída de campo no entorno da escola e a coleta de resíduos, o reconhecimento e a separação dos resíduos coletados, o descarte apropriado dos resíduos nas respectivas lixeiras e a discussão sobre possíveis formas de reaproveitamento desses resíduos, foram atividades desenvolvidas com intencionalidade, que oportunizaram às crianças vivenciar experiências que as fizeram refletir sobre a ação humana no planeta e suas consequências. Ações neste sentido, desenvolvidas no ambiente escolar, ajudam a construir uma consciência ambiental desde cedo, contribuindo para formar hábitos sustentáveis que podem perdurar ao longo da vida.

Ao trabalhar com espaços bem cuidados e outros com descarte de resíduos inadequados, as crianças foram incentivadas a observar quais eram os diferentes tipos de resíduos que existiam naqueles lugares, que características específicas apresentavam, o tempo de decomposição, os impactos no ambiente, desenvolvendo habilidades de observação e atenção aos detalhes, bem como, o pensamento reflexivo e analítico, referente a

qual daqueles ambientes gostariam de viver, relatando que “a cidade limpa é mais bonita” e “não gostariam de viver perto do lixo”.

A história “O Mundinho” de Ingrid Bellinghausen, despertou questionamentos e pensamentos a respeito do planeta Terra: como ele foi acolhedor para com os animais e as pessoas, mas as pessoas não cuidaram dele, só pensaram nelas mesmas e o mundinho ficou triste, chorou e as pessoas tiveram que pedir desculpas e cuidar do mundinho, preservando a natureza e não jogando lixo nas ruas e nos rios. Foi possível perceber que essa literatura trabalhou com os sentimentos das crianças e despertou o desejo de cuidarem do planeta.

O reconhecimento dos resíduos, a separação, classificação e a quantificação dos mesmos através da construção de um gráfico das quantidades, proporcionou a visualização, a identificação dos resíduos sólidos e as quantidades que foram produzidas. Nesta atividade onde todos trabalharam de forma colaborativa, buscou-se incentivar o trabalho em grupo e promover habilidades sociais, como cooperação, comunicação e compartilhamento de ideias, habilidades importantes para a formação de sujeitos responsáveis e comprometidos com as questões de sustentabilidade do planeta.

A partir da separação dos resíduos sólidos foi trabalhado com a música “Jogue o lixo na cestinha” para incentivar a separação correta dos resíduos e posteriormente a realização do descarte dos mesmos nas lixeiras coloridas no pátio da escola. Também foi discutido com as crianças sobre os prejuízos que o descarte incorreto dos resíduos pode trazer para o ambiente, a importância da reciclagem, o descarte consciente e a necessidade de cuidar do ambiente onde vivemos. Essas ações impactaram de tal forma as crianças, que pediram para produzirmos lixeiras coloridas para dentro da sala de aula para separarem os resíduos que produzem e diariamente monitoram as lixeiras no pátio da escola para verificarem se os demais colegas estão descartando o “lixo” no lugar certo, ou seja, estão colocando em prática aquilo que aprenderam e que foi significativo para eles.

Considerando que os alunos do 1º ano ainda são crianças e que as atividades lúdicas devem fazer parte do dia a dia da sala de aula, eles confeccionaram o “Jogo Resíduo Reciclável” com o objetivo de aprimorarem o conhecimento sobre a separação dos resíduos sólidos nas diferentes cores das lixeiras e incentivá-los a realizarem a separação em suas casas. A maioria dos alunos conseguiu fazer a separação correta dos resíduos nas respectivas lixeiras e pediram se poderiam jogar novamente em outro momento.

O compromisso de cuidar do planeta é algo que precisa ficar marcado desde a infância para que se desenvolva a consciência ambiental e a formação de indivíduos comprometidos em preservar e cuidar do ambiente. Para trabalharmos a produção de um cartaz e a expressão artística através do desenho, foi organizado o mapa de ideias a partir das falas das crianças sobre o que elas fariam para cuidar do planeta: *“Eu fiz as lixeiras prá separar os lixo e o mundo ficar feliz”*; *“Eu fiz árvore e planta prá ter bastante sombra”*; *“Eu fiz as pessoa colocando lixo na lixeira”*; *“Eu fiz um “X” pra não poluí o mar e os peixes não morrerem daí”*. Na sequência, essas falas foram reproduzidas na forma de desenho e coladas ao redor do mapa de ideias, onde cada um teve a oportunidade de participar e ter o seu ponto de vista respeitado.

A interdisciplinaridade é fundamental para a compreensão, pelas crianças, dos conceitos trabalhados em aula nas diferentes áreas do conhecimento e sua interligação, e o professor alfabetizador tem o compromisso de proporcionar essas vivências para seus alunos. Assim, trabalhamos com a literatura *“Vamos abraçar o Mundinho”*, também de Ingrid Bellinghausen e cada um pode falar sobre os resíduos que são produzidos na sua casa, na escola, como são descartados, se são separados e como o são. As crianças trouxeram as seguintes falas: *“Por que as pessoas não jogam o lixo no lixo?”*; *“Por que a gente tem que separar os lixo?”*; *“Lá em casa a minha mãe joga as coisas pela janela do quarto”*; *“A minha vó faz adubo prá planta com as casca das fruta”*.

A partir deste diálogo, foi trabalhado com o gênero textual poema, através do texto RECICLAGEM do autor Ludovico, do Quintal da Cultura. As crianças ouviram o áudio do poema e localizaram palavras com as quais passaram a ter contato: Lixo, Vidro, Metal, Papel, Plástico, Natureza e Reciclar e escreveram um acróstico com a palavra RECICLAGEM.

Reciclar os resíduos que produzimos pode ser uma alternativa para contribuirmos com o ambiente através de pequenos gestos, mas que podem fazer a grande diferença se cada criança for uma multiplicadora dessas ações na escola e na sua própria casa. Então, colocamos em prática uma de nossas ações para contribuir com o ambiente: construímos um vaso auto irrigável. Foi uma importante atividade de reflexão sobre o reaproveitamento de resíduos sólidos, porque além da reciclagem das garrafas pet, esta proposta impede a proliferação do mosquito *Aedes Aegypti* que causa a dengue e mantém o solo úmido para o bom desenvolvimento da plantinha. Nosso cultivo foi uma muda de hortelã, onde estudamos sobre os seus benefícios

e registramos através da elaboração da receita do chá, que foi colada em um palito e colocada junto do vaso auto irrigável.

Também foi realizada a degustação do chá, juntamente com um bolinho de laranja e foram registradas as seguintes falas: *“Eu gosto de hortelã, a minha mãe faz esse chá pra mim tomá”*; *“Agora eu coloco água e não precisa dar água pro chá?”*; *“Eu vou dá pra minha vó esse chá, porque ela gosta de chá, ela sempre faz chá quando tenho tosse”*; *“Esse chá com bolinho é muito bom, dá prá repetir quantas vezes?”*; *“Eu nunca tinha comido bolo de laranja, é bem bom”*; *“Profê, você traz mais bolo e chá outro dia também!”*; *Dá a receita do chá e do bolo pra nossa mãe*. É possível perceber o envolvimento das crianças nas atividades, as relações que estabelecem com as vivências que trazem do meio onde vivem e o quanto isso é significativo e importante no seu aprendizado.

Como última ação proposta para o fechamento da atividade, as famílias foram desafiadas a construir, com as crianças, um brinquedo, um jogo ou um porta-treco com material alternativo/reciclável, para serem apresentados aos colegas e expostos no hall de entrada da escola. Para inspiração das crianças e suas famílias foi encaminhado para assistirem juntos, o vídeo “Mundo de Bitá - Nem Tudo Que Sobra é Lixo”, uma oportunidade a mais para as famílias estarem participando da vida escolar de seus filhos e contribuindo para um mundo mais sustentável.

A integração de disciplinas, como Ciências da Natureza (aprendizado sobre os tipos de resíduos, separação, reciclagem, de onde vem os materiais e o tempo de decomposição), Arte (expressão criativa), Matemática (quantidades, gráficos, medidas de tempo e capacidade), Língua Portuguesa (desenvolvimento da linguagem através do registro escrito, da comunicação oral e da ampliação do vocabulário; desenvolvimento da capacidade de seguir instruções enquanto trabalhavam nas atividades), Ciências Humanas (reconhecimento dos espaços da escola e dos arredores da mesma, a ação do homem nos diferentes espaços, as relações estabelecidas nas atividades em grupo) foram fundamentais para a ampliação do conhecimento das crianças, bem como, o desenvolvimento de práticas que despertam para a necessidade de cuidarmos do planeta de modo sustentável, para que nós e as gerações futuras possamos viver de forma equilibrada e responsável.

Considerações finais

No desenvolvimento deste projeto, centrado no aluno e em suas potencialidades individuais, foram oportunizadas às crianças diferentes situações que envolviam a construção de conceitos e novas aprendizagens, ao mesmo tempo em que buscou-se desenvolver habilidades essenciais, como o trabalho em equipe, a resolução de problemas e a criatividade.

No planejamento de ações junto às crianças, foi fundamental reconhecer e valorizar sua curiosidade inata, seus questionamentos constantes, suas construções individuais e suas opiniões como elementos essenciais na construção do conhecimento. Ao considerar esses aspectos, abriu-se espaço para que as crianças se tornassem verdadeiras protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem, explorando o mundo ao seu redor de maneira ativa e significativa. A curiosidade das crianças foi o ponto de partida para a descoberta e a compreensão, enquanto suas ações e questionamentos foram manifestações naturais de sua busca por compreender o mundo.

Durante o estágio com a turma do 1º Ano, foi possível vivenciar momentos incríveis e enriquecedores, que contribuíram para o meu crescimento profissional e pessoal. A experiência foi marcada por um ambiente repleto de alegria, descobertas e aprendizado mútuo. O processo de aprendizagem foi construído de maneira participativa, respeitando o ritmo individual de cada aluno e incentivando a expressão de suas ideias e sentimentos. A interação com as crianças reforçou minha compreensão sobre a importância do papel do educador na formação integral das mesmas, estimulando a curiosidade, incentivando a autonomia e promovendo valores como a cooperação e o respeito.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

IJUÍ. SMEd – **Referencial Curricular Municipal: Ensino Fundamental I**. 2020.

KISHIMOTO, Tizuko (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e**

educação. São Paulo: Cortez, 1996.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita:** formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2010.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; JÚNIOR, Orlando Gomes de Aguiar; BRAGA, Selma Ambrosina de Moura. **Aprender Ciências:** um mundo de materiais - livro do professor. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1999.

SILVA, Janssen Felipe da; HOFFMANN, Jussara; Esteban, Maria Teresa (orgs.). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo.** Porto Alegre: Mediação, 2018.

Capítulo 2

ANÁLISE DO ESTÁGIO EM DOCÊNCIA EM UMA TURMA DO QUARTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Douglas Alexandre Feltrin¹

Márcia Rejane Scherer²

Introdução

Esse artigo é um recorte do relatório final do estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do curso de Pedagogia – PARFOR – da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, no qual são analisados alguns aspectos do processo de estágio, realizado por este acadêmico, em uma turma do quarto ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública municipal de Santa Maria–RS. O estudo tem uma perspectiva qualitativa, com foco na análise do estágio, priorizando a interpretação e o sentido do trabalho docente. As reflexões se estendem desde as visitas às escolas e às mantenedoras (Coordenadoria Regional de Educação e Secretaria Municipal de Educação), às construções com os professores e análise da prática de docência.

-
- 1 Acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduado em Educação Física – licenciatura e bacharelado pela UFSM - Universidade Federal do Rio Grande do Sul; com Especialização em Treinamento Desportivo e em Coordenação Pedagógica pela UNIASSELVI - Centro Universitário Leonardo da Vinci; Mestre em Educação Física Escolar pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estrado do Rio Grande do Sul; docente da rede pública de ensino em Santa Maria/RS. E-mail: capoeira.feltrin@gmail.com
 - 2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUI. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

Metodologia

O presente artigo constitui-se em um estudo qualitativo, com foco na análise de um estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, consistindo também em uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2010), pois o mesmo reflete uma análise das práticas as quais se basearam em construções teóricas. É também uma pesquisa com perspectiva qualitativa (FLICK, 2013) que prioriza a interpretação e o significado do trabalho do professor.

Resultados e discussão

O estágio, em sua totalidade, foi realizado em uma escola municipal de Ensino Fundamental de Santa Maria–RS, em uma turma de quarto ano, turma A, contendo seis alunos e seis alunas, sendo três deles alunos de inclusão. Esta foi a segunda escola que procurei e realizei as observações e a prática docente. Anteriormente, tinha concluído as observações em uma Escola Estadual, mas não pude finalizar a docência. Abaixo, relatarei algumas reflexões sobre o estágio, divididas em três itens: visitas às escolas e mantenedoras, construções com os professores e análise da prática docente.

a) Visitas às escolas e às mantenedoras

Durante o período do estágio, além dos estudos e planejamento das aulas direcionados para as competências e habilidades que deveriam ser desenvolvidas com as crianças, procuramos escolas para o período de docência. Ao buscar a escola para o estágio, dialogamos com a professora, a coordenadora e a direção da instituição sobre a aceitação deste período de aprendizagem prática. Contudo, apesar de potencialmente trabalhoso esse processo, atualmente para mim foi mais fácil, pelo fato de conhecer mais escolas e colegas, pois já sou formado há bastante tempo na minha primeira graduação e seria muito mais desgastante se não tivesse essa experiência.

Depois de fazermos os contatos com algumas escolas e suas respectivas mantenedoras, oficializamos o estágio em uma escola do município de Santa Maria. Na escola municipal, ao dialogar com a equipe diretiva, não apenas tive uma boa recepção, mas uma elaboração conjunta de possibilidades para que o planejamento pudesse ser aplicado. Como exemplo, o passeio até a POLIFEIRA da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em que a proposta inicial seria de caminharmos até o local,

mas pelas características da escola e da turma, preferimos nos deslocar de transporte. Contudo, a organização do veículo, do pagamento do motorista e dos avisos para os responsáveis foi conduzida pela direção da escola, deixando-me, assim, encarregado da função de organizar as atividades com os alunos, as propostas pedagógicas para a visita. Isto exemplifica que uma organização conjunta pode auxiliar o professor a focar-se em desenvolver um trabalho educativo mais amplo com os alunos.

b) Construções com os professores

Neste tópico, escrevo sobre as perspectivas de construções teórico-práticas elaboradas com os professores para o desenvolvimento do estágio. Refiro-me aos docentes, não apenas à professora regente da turma, mas também a outras professoras da escola, aos educadores do curso de Pedagogia, o responsável pela POLIFEIRA da UFSM e aos colegas de turma.

Cada disciplina do curso trouxe uma visão nova sobre as possíveis metodologias de ensino e suas aplicações práticas. Ou seja, foram rompidos alguns conceitos e ampliado o entendimento dos significados e sentidos de algumas matérias e conteúdos. Esse fato foi expandido pelas trocas de saberes e experiências com os colegas de turma. Como todos da turma de Pedagogia são professores, foram discutidas ações que estão ligadas ao contexto da nossa prática pedagógica.

A elaboração do Projeto Pedagógico do estágio foi realizada com ajuda da professora orientadora (UNIJUI) e da professora regente da turma (Escola). Esse processo foi fundamental para articular as ideias com os contextos dos alunos. A educadora regente informou características gerais da turma e as especificações de cada aluno, além de aspectos relacionados à organização da escola. Assim, além do Projeto Político Pedagógico da escola, pude ler os Pareceres Descritivos dos alunos, conhecer espaços e materiais. A orientadora contribuiu tanto nas questões pedagógicas como burocráticas, como com documentos e informações que a mantenedora exige.

As adaptações, ampliações e possibilidades para que o projeto do estágio fosse realizado teve contribuições de outras docentes da escola municipal. A professora e a coordenadora pedagógica articularam com a professora e estagiária da outra turma para que algumas atividades fossem conjuntas. A professora de informática ajudou com o material, a parte

técnica e os espaços. Outras docentes da escola contribuíram com materiais e equipamentos, ou seja, depois de propostas e articuladas às ideias, tivemos um trabalho coletivo de colaboração para que estas pudessem ocorrer na prática com a turma.

O professor e o técnico responsável pelo projeto da POLIFEIRA-UFSM, foram igualmente importantes para a prática, por aceitarem e receberem os alunos no local, participarem da organização dos dias e horários, da conversa com os feirantes sobre a visita da escola e da adaptação de alguns espaços. Ambos recepcionaram os alunos no dia da visita, explicaram detalhes do projeto, organizaram com os feirantes para que os alunos pudessem realizar as atividades propostas para o dia. Isso tudo foi construído anteriormente entre eles e eu, via conversas pelo *WhatsApp*.

c) Análise da prática docente

O projeto do estágio foi pensado em quatro grandes eixos: a relação do ser humano com o meio ambiente, a comunicação (oral, escrita e visual), a alimentação saudável e a utilização de recursos tecnológicos. A partir destes eixos, fui relacionando com as disciplinas que os comportam, com os conteúdos correspondentes ao quarto ano e com os contextos dos alunos e da escola. Os eixos também foram articulados aos Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), pois segundo Brasil (2019, p. 7), espera-se que os TCTs ajudem sobre a compreensão de: "... como utilizar seu dinheiro, como cuidar de sua saúde, como usar as novas tecnologias digitais, como cuidar do planeta em que vive, como entender e respeitar aqueles que são diferentes e quais são seus direitos e deveres".

Em Matemática, o foco foi na resolução de problemas usando as quatro operações básicas, no qual os alunos analisavam preços de embalagens de produtos e, após, deveriam pesquisar e comprar frutas com os valores correspondentes, envolvendo, com isso, a Educação Financeira. Na disciplina de Arte, as unidades temáticas de artes visuais e artes integrativas foram contempladas. As atividades correspondentes foram: a construção de cartinhas de *Yo-gi-oh* com o site <https://ygopro.org/yugioh-card-maker/> e posterior impressão, elaboração de cartazes e *folders*.

No componente curricular Língua Portuguesa, por trabalhar com a oralidade, a escrita e a leitura, os alunos desenvolveram atividades de leitura de quadrinhos, escritas em sites, cadernos, cartazes e *folders*, além de entrevistas e apresentações orais. Aqui destaco a importância da leitura

e escrita para que as crianças possam ser inseridas na cultura, como cita Lerner (2002, p.18),

Participar na cultura escrita supõe apropriar-se de uma tradição de leitura e escrita, supõe assumir uma herança cultural que envolve o exercício de diversas operações com os textos e a colocação em ação de conhecimentos sobre as relações entre os textos; entre eles e seus autores; entre os próprios autores; entre os autores, os textos e seu contexto.

Ainda nesta perspectiva, para que os leitores possam recorrer

... aos textos buscando resposta para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos, ou para rebater outra que consideram perigosa ou injusta, desejando conhecer outros modos de vida, identificar-se com outros autores e personagens ou se diferenciar deles, viver outras aventuras, inteirar-se de outras histórias, descobrir outras formas de utilizar a linguagem para criar novos sentidos (LERNER, 2002, p. 18-19).

Por outro lado, em Ciências da Natureza, o foco foi estabelecer vínculos entre o ser humano e a natureza/mundo, através da busca, pesquisa e reflexão sobre o lixo, nas pesquisas/entrevistas realizadas na POLIFEIRA da UFSM e na construção de materiais alternativos com material reutilizável. Nesta perspectiva, destaco aqui um trecho da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p. 321) no qual se expressa que “aprender ciência não é a finalidade última do letramento, mas, sim, o desenvolvimento da capacidade de atuação no e sobre o mundo, importante ao exercício pleno da cidadania”.

Na Educação Física, trabalhamos através das práticas corporais e suas representações e significados. Conforme a BNCC (BRASIL, 2018, p. 213)

Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re) construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade.

Os recursos tecnológicos fazem parte do nosso cotidiano, ainda mais das crianças. Por esta razão, quase em todas as aulas utilizamos algum destes recursos para auxiliar no processo de ensino. Mas saliento que o uso das tecnologias objetivou ajudar ou ampliar os processos didáticos, não apenas usar a tecnologia “por usar”.

A metodologia utilizada foi a de Projetos Pedagógicos, pois através dos projetos podemos desenvolver atividades e desafios complexos que tenham relação com o contexto dos alunos e que os motivam e mobilizam a completá-los (OLIVEIRA, 2006), além de possibilitar um trabalho interdisciplinar, no qual o aluno percebe a utilização dos conhecimentos para algo concreto. Segundo Dewey (*apud* BARBOSA, 2001, p. 45), a metodologia de projetos segue alguns princípios, que são:

- o pensamento se origina de situações-problema: o ponto de partida do pensamento é uma situação problemática que gere uma tentativa para realizar um empreendimento;
- o princípio da real experiência anterior: as situações anteriores vividas pelos indivíduos são a base onde se sustentam a possibilidade de definição do problema e a escolha de caminhos de resolução para os problemas atuais;
- o princípio da prova final: ao finalizar um trabalho, é preciso avaliar o problema inicial, analisar as hipóteses que foram aproveitadas e as que foram repelidas e verificar se a situação-problema foi mesmo resolvida;
- o princípio da eficácia social: não basta somente uma atitude experimental sobre as coisas e a interação com as coisas, é necessário aprender a agir em comunidade, a sentir-se participante de um grupo e com ele cooperando.

A compreensão do concreto, da aplicabilidade dos conteúdos, aconteceu em vários momentos. Um deles foi nas atividades que envolviam as operações matemáticas e os valores dos produtos, com o entendimento do uso dos “números com vírgula”, da aplicação das frações, com pedaços e quantias. Outro, na escrita das cartinhas e na sua posterior leitura, em que surgiu o seguinte caso: “mas não foi isso que quis dizer”, resposta de uma aluna após ler o que tinha colocado na cartinha, e completando: “então vou fazer outra certo”. Também na construção de materiais alternativos usados posteriormente na Educação Física, quando os alunos discutiram e chegaram à conclusão de que o material usado foi reutilizado, pois mudou de função, referente à dúvida que eles ainda tinham entre material reciclável e reutilizável. Obviamente ocorreu em muitas outras situações, mas essas foram descritas para exemplificar.

A percepção dos contextos dos alunos e utilização desses meios foi fundamental para o progresso das atividades. O ato de permitir uma conversa entre as atividades propostas e o entendimento e sugestões das crianças, não só fluiu como ampliou os objetivos em algumas aulas. Exemplificando, no primeiro dia de docência, ao apresentar o objetivo da aula, que era aprimorar os conhecimentos matemáticos utilizando a pesquisa dos preços das embalagens, uma aluna sugeriu pesquisarmos em três mercados em vez de um. Ela disse: “assim poderemos comparar os preços e ver qual é mais barato” (aluna do quarto ano). Dessa forma, a finalidade de estudarmos educação financeira foi ampliada, pois obtivemos os preços de três mercados e assim pudemos comparar os valores totais e parciais dos produtos.

Outro aspecto importante para a aplicação dos planos na prática é entender os dinamismos de cada escola. Cada instituição tem sua organização e suas “desorganizações”, os momentos e situações que fogem do planejado e que devem ser readaptados e incorporados às aulas. Para exemplificar, posso citar a introdução de projetos das universidades nas escolas. Sobre os projetos, tenho uma ressalva, pois algumas universidades apenas chegam nas escolas e tentam reproduzir suas ideias sem fazer um intermédio maior com o local. É muito discutido na academia que os contextos devem ser respeitados, mas na prática, pelo menos em Santa Maria, a aplicação de alguns programas é “jogada” para as escolas.

O próprio estágio pode ser considerado uma situação nova, uma “desorganização do planejamento geral”. Assim sendo, esses acontecimentos não são ruins ou bons, depende da gestão e dos professores articularem para que possam ser melhor incorporados.

Outra questão a ressaltar é a importância da utilização de mais espaços para o aprendizado, não apenas a sala referência. Neste estágio, os alunos foram até a POLIFEIRA- UFSM, e nesta visita, além de trabalharem a oralidade, a escuta, a escrita e observação, descobriram sobre processos de produção, plantio, manejo, além de trazerem novas dúvidas para a sala, que foram pesquisadas e estudadas.

Considerações finais

Este estágio representou um misto de emoções. Por um lado, a angústia de não conseguir resolver algumas situações e imprevistos relacionados, principalmente, à parte burocrática com mantenedoras e

escolas. Por outro lado, a alegria ao ver o envolvimento das crianças com as atividades propostas. A turma do quarto ano da escola municipal na qual foi realizado o estágio desenvolveu as atividades de forma superior ao esperado, por eles se comunicarem de forma espontânea comigo, com os colegas, com a professora regente e até com os feirantes; bem como pela colaboração entre os pares, a responsabilidade em trazer materiais e completar tarefas e o respeito e dedicação.

O processo de estágio é importante, contudo, avalio que teríamos que ter um tempo maior de pós-estágio, para que pudéssemos ampliar as reflexões e estudos sobre os ocorridos no processo todo, não apenas nas aulas com os alunos, mas as organizações da universidade, da escola e das mantenedoras. Nesse aspecto da organização, acredito ser relevante a clareza na questão burocrática das mantenedoras, ou seja, que fique claro quais documentos e/ou regras são necessários para cada processo e com qual pessoa ou local devemos articular essa tramitação de processos. Esse é um elemento de organização que os professores ou até mesmo as universidades desconhecem, mas que tende a dificultar ou impossibilitar com que aconteça o estágio.

Cada escola é um “organismo vivo”, tem regras e “movimentos internos” que apenas as vivências e observações construídas pela experiência docente ajudam a entender. Ou seja, o tempo anterior às aulas do estágio poderia ser pensado, também, nessa ambientação na escola como um todo.

Precisamos de mais dados sobre as situações vivenciadas pelos professores para que assim possamos debater e, talvez, propor soluções para alguns problemas e/ou ampliar ideias construídas. O tempo destinado para a prática pedagógica poderia ser dividido em: análise de dados sobre as situações, a prática, a construção de dados e reflexão sobre essa prática. Não colocamos que esses fatores não se apresentam, mas que, talvez, tivéssemos que ter um tempo maior ou equivalente para esse momento de construção de dados e reflexão sobre esses achados no pós-estágio.

No estágio percebi que, apesar dos percalços, alguns profissionais e instituições se esforçam para manter uma qualidade de ensino melhor, como o caso dos professores da POLIFEIRA- UFSM, das professoras e diretora da escola, dos colegas e professores do curso de Pedagogia - PARFOR/UNIJUÍ.

Referências

- BARBOSA, M. C. S. Trabalhando com projetos. In: **Planejamento em destaque**. DALLA, M.I.H; XAVIER, M.L.M. Editora Mediação. 2001. p. 43-61.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF-DF: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2018
- BRASIL. Ministério da Educação. **Temas contemporâneos transversais na BNCC, Proposta de Práticas de Implementação 2019**. MEC, 2019. Brasília, DF, 2019.
- FLICK, U. **Introdução à metodologia da pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso: 2013.
- LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Tradução Ernani Rosa. - Porto Alegre: Artmed, 2002. 120 p.
- OLIVEIRA, C. L. A Metodologia de Projetos como recurso de ensino e aprendizagem na Educação Básica. **Tecnologia de Projetos**, 2006. Disponível em: <https://nedeja.uff.br/wp-content/uploads/sites/223/2020/05/A-Metodologia-de-Projetos-como-recurso-de-ensino.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2024.

CULTURA INDÍGENA NO CURRÍCULO DOS ANOS INICIAIS: IMPORTÂNCIA E VALORIZAÇÃO

Gabriela da Rosa¹
Márcia Rejane Scherer²

Introdução

Este artigo busca refletir sobre a experiência de estágio vivenciada pela autora, acadêmica da primeira turma do Curso de Pedagogia/ PARFOR da Unijuí, realizada em uma escola municipal de Ensino Fundamental no município de Porto Vera Cruz. A referida experiência desenvolveu-se a partir de observações e da docência compartilhada com a professora referência da turma do 3º ano do Ensino Fundamental, composta por crianças com idade de 8 anos.

As vivências realizadas nesta turma me possibilitaram muitas aprendizagens, principalmente no que diz respeito à importância e significatividade das mais diversas experiências serem desenvolvidas e oportunizadas às crianças, como formas de ampliação do conhecimento e habilidades das mesmas, consolidando assim novas aprendizagens. Neste sentido, considerando a temática trabalhada durante o estágio “Conhecendo Contos Folclóricos e Lendas Indígenas”, trago para reflexão algumas abordagens realizadas durante o desenvolvimento destas vivências.

O projeto intitulado “Vem cá que eu te conto!” foi desenvolvido ao longo de sete dias, culminando na apresentação das lendas criadas pelos

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Educação Física - Licenciatura pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; docente na Rede Estadual de Ensino, em Porto Vera Cruz/RS. E-mail gabirk26@gmail.com

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

alunos e em uma visita à biblioteca. As crianças vivenciaram brincadeiras indígenas e produziram lendas a partir delas. Os alunos trabalharam em grupos criando suas próprias lendas e as apresentaram numa exposição, promovendo assim, habilidades de cooperação e comunicação. Mediações pedagógicas foram desenvolvidas a partir da análise de estruturas narrativas de textos informativos e lendas/contos, leituras em voz alta e silenciosa, atividades práticas de escrita e produção de desenhos. A centralidade do estudo envolveu reflexões sobre diversos temas relacionados à cultura indígena e à importância da valorização da mesma.

Lendas indígenas são narrativas de tradição oral que falam sobre questões vinculadas à existência e a sentimentos como o medo, a coragem, a dúvida, o amor... falam sobre erros, acertos e sobre os enfrentamentos da vida, questões nem sempre fáceis de serem elaboradas. E por isso, “mitos, lendas e histórias orais são justamente formas discursivas de revelar as diferentes culturas” (COELHO, p. 3, 2003).

No Brasil, estas lendas inicialmente foram recolhidas da tradição oral e apresentadas de forma escrita por não indígenas, no intuito de fazer conhecer essa cultura, em um momento histórico em que se buscava construir uma identidade nacional. Entretanto, estes primeiros escritos, de caráter folclórico, muitas vezes trouxeram ideias genéricas sobre os indígenas. Desde os anos 1990, a literatura indígena, escrita pelos próprios indígenas, vem ganhando força e é por meio dela que se deve buscar proporcionar aos alunos o conhecimento da pluralidade cultural do país, além do distanciamento de pré-julgamentos baseados em visões estereotipadas e pejorativas.

Metodologia

Considerando o já exposto, destaco que este estudo foi realizado a partir da experiência de docência compartilhada, desenvolvida durante o estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, partindo de observações feitas, neste percurso, em relação à escola, ao currículo apresentado para o ano de atuação, às crianças da turma eleita para a prática e das vivências desenvolvidas junto a elas. Neste sentido, as reflexões aqui apresentadas são fundamentadas em autores que refletem sobre a temática apresentada. O método de pesquisa então, buscou compreender a abordagem da cultura indígena nos currículos escolares a partir da reflexão crítica sobre o próprio

processo de estágio. Essa reflexão pôde levar a novas ideias, à identificação de temas de análise e à proposição de soluções.

Resultados e discussão

A cultura indígena é uma parte vital da história e identidade do Brasil, pois “(...) a nossa terra não era habitada apenas por um povo, mas por vários. Cada um com sua cultura. Cada um ocupando uma parte de nossa terra” (FREIRE, 1979, p. 23). No entanto, seu estudo é muitas vezes restrito a datas comemorativas, o que limita a compreensão e o reconhecimento de sua relevância contínua na sociedade moderna.

Esta restrição/limitação acontece apesar da existência da Lei 11.645 de 10 de março de 2008, que torna obrigatório o estudo, dentro do currículo escolar, da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, buscando modificar a matriz monocultural da educação brasileira, no intento de considerar a riqueza e a contribuição da diversidade indígena e africana para a compreensão da cultura e história nacional. Assim, como afirma Faria (et al., 2021), “observa-se a dificuldade enfrentada pelos docentes em implementar a temática étnico-racial no cotidiano escolar, sendo abordados superficialmente em datas comemorativas”.

Neste artigo pretendo discutir a importância de incluir estudos sobre a cultura indígena no currículo escolar de maneira abrangente, mostrando que os povos indígenas vivem e realizam atividades comuns, adaptam-se à tecnologia, produzem literatura, possuem uma rica tradição de contos e lendas e contribuíram/contribuem de maneira contundente para a formação da cultura e tradições brasileiras. Além disso, abordarei a relevância das brincadeiras e jogos indígenas e a interdisciplinaridade no ensino dessas temáticas.

O Indígena no Cotidiano Moderno

Os povos indígenas (em sua maioria) não estão mais isolados nas florestas, vivendo em ocas como muitos imaginam. Hoje, muitos indígenas vivem em áreas urbanas e rurais, integrados na sociedade moderna e utilizando a tecnologia em seu dia a dia. Segundo Flores et al. (2022)

Atualmente, vivem 305 povos indígenas conhecidos no Brasil, cada um com sua própria cultura. No entanto, a população brasileira, de forma

geral, desconhece as culturas de seus povos originários. Algumas das ideias presentes no senso comum, em relação aos indígenas, são os estereótipos de selvagens, preguiçosos, que representam um atraso ao desenvolvimento, ou a imagem romantizada do indígena, visto como um ser puro e inocente. São crenças equivocadas, que podem gerar intolerância, preconceito, desrespeito, dentre outras formas de violência, que esses povos vêm enfrentando desde o período colonial. Para superar esse desconhecimento, é necessária uma educação que tenha, como fundamentos, o diálogo e a abertura ao outro. É preciso ensinar, desde a primeira infância, que existem diferentes formas de ser, viver e conhecer.

Nesta proposta, a ideia inicial, visando iniciar reflexões e buscar as percepções das crianças sobre os indígenas, seu cotidiano e culturas, foi apresentar às crianças algumas imagens de indígenas realizando diferentes atividades e indagá-las sobre o que viam, o que elas faziam e como estavam vestidas.

Sobre as imagens, na primeira esperava-se que os alunos dissessem que os indígenas estavam com roupas típicas ou que estavam na floresta, permitindo refletir com eles que a indumentária é usada apenas em dias importantes e que o local, apesar de ser aberto e próximo da natureza, pode também não ser uma floresta. Muitos indígenas atualmente vivem em reservas indígenas, outros vivem também nos campos ou nas cidades. A segunda imagem, mostra um indígena vestido “comumente”, ele participa de algum evento público. A pessoa apresentada na imagem é Daniel Munduruku, um autor indígena, formado em Filosofia, com mestrado em Antropologia, autor de mais de 50 livros. Atualmente ele mora em São Paulo e tem percorrido todo Brasil para divulgar seus livros e contar suas histórias. Ou seja, a intenção era mostrar-lhes que os indígenas hoje estudam em escolas regulares, fazem faculdade e podem ser escritores, também assumem profissões e lugares os quais pensamos não serem comuns por causa de suas culturas.

Ainda, em uma terceira imagem apresentada às crianças, um indígena está usando o computador, parece estar em uma conferência. Foi explicado que a aproximação com os meios digitais ocorre porque os indígenas não pararam no tempo, sua cultura vem se transformando, assim como todas as outras. Na quarta imagem, estavam retratados indígenas Guaranis moradores do RS, com roupas que seus antepassados usavam na época do apogeu das Missões Jesuíticas.

Com isso, é possível perceber como a tecnologia tem sido uma ferramenta poderosa para a preservação e também divulgação das culturas indígenas, permitindo a conexão com o mundo exterior e a perpetuação de suas tradições. Assim como afirma Bueno (2013, p. 14)

Muitos povos indígenas têm usado a rede para atingir um público grande, dentro e fora do país. Os recursos on-line são usados para romper o isolamento em que muitas comunidades vivem, e também para vencer a barreira da falta de espaço que esses povos têm nas mídias tradicionais.

Ao mesmo tempo, percebeu-se que as crianças tiveram diferentes reações frente às imagens apresentadas a elas. Num primeiro momento elas puderam falar sobre o que viam, e expressar suas impressões, foram capazes de reconhecer as ações, vestimentas e uso de tecnologias. No entanto, a maioria das crianças não imaginava que muitas dessas características também faziam parte da rotina dos povos indígenas, ou então que, eles não se vestem somente com indumentárias típicas ou moram na floresta. Num segundo momento, de discussão com indagações, foram trazidos à tona vários questionamentos que proporcionaram às crianças reações de surpresa, de dúvidas e também de compreensão de que muitos povos indígenas também vivem como nós, não indígenas.

Produção literária indígena

Além de se adaptarem à tecnologia, muitos indígenas também se destacam na produção literária. Escritores indígenas têm contribuído significativamente para a literatura brasileira, compartilhando suas histórias, mitologias e perspectivas únicas. Um exemplo notável é Ailton Krenak, o primeiro autor indígena a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, cujo livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* ganhou reconhecimento nacional. Incorporar essas obras no currículo escolar é uma maneira poderosa de valorizar e difundir a cultura indígena, proporcionando aos alunos a oportunidade de conhecer e apreciar a riqueza dessa literatura. Embora existam escritores indígenas, muito da literatura conhecida que traz questões e/ou histórias indígenas não foi escrita por eles. Como aponta Cristina et al. (2023, p. 19) “A literatura indigenista é caracterizada como uma literatura sobre povos indígenas escrita por não indígenas, enquanto que a literatura indígena é caracterizada por ser escrita pelos próprios indígenas”.

A proposta apresentada posteriormente aos alunos foi a leitura de lendas tradicionais indígenas, como Iara, Vitória-Régia, Curupira, Boitatá e Saci-pererê, e fazê-los perceber que essas lendas, em seu princípio, não foram escritas por autores indígenas, apesar de narrarem histórias muito conhecidas de sua cultura. Ao mesmo tempo, orientá-los que, assim como os indígenas, todas as culturas têm suas histórias que circularam, em um primeiro momento, oralmente, como o caso de diversos contos e fábulas que hoje encontramos nos livros infantis (Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, etc.). Mas destacar também que os textos não se limitam à escrita: construímos textos orais o tempo todo, inclusive literários. Inicialmente, foram outros povos os escritores das narrativas indígenas. Entretanto, hoje, muitos indígenas já escrevem e publicam suas histórias e as histórias do seu povo.

A conversa foi conduzida para que ao final tivessem clareza de que tanto autores indígenas, como não indígenas, tem suas peculiaridades ao escrever, suas marcas e seu estilo pessoal. Assim, da mesma forma que encontramos muita variedade na escrita de autores não indígenas, é possível que encontremos muita variedade de estilos de autores indígenas.

Um dos questionamentos feitos aos alunos foi “Autores indígenas só escrevem lendas indígenas?” destacando que eles podem escrever e publicar nos mais variados gêneros literários, entretanto tem sido mais comum publicarem sobre suas histórias mitológicas ou que recontem os mitos de outras nações indígenas. Por último, uma das propostas também foi esclarecer que existem diferentes nações indígenas, cada qual com traços culturais distintos, explicando para as crianças que hoje existem 291 povos indígenas no território brasileiro, falando em torno de 180 línguas diferentes (GERSEM, 2006).

Ainda neste sentido, as crianças conheceram um autor indígena, Renê Kitháulu, e algumas de suas histórias e lendas, a partir do livro escrito por ele “Irakisu: o menino criador”. Pudemos refletir sobre o autor e seu povo, procurando desconstruir visões estereotipadas e pejorativas ainda correntes sobre eles. Em um trecho, o autor diz que nem todas as histórias sobre os povos originários ensinam as coisas como elas são, muitos pensam que todos os indígenas são iguais, falam a mesma língua e moram em ocas. Renê Kitháulu ensina, em seus escritos, que existem várias línguas indígenas e que cada povo tem as suas peculiaridades. Ressalta também as dificuldades que os indígenas enfrentam com relação à invasão de suas

terras e que sobrevivem da plantação e artesanato. Fica evidente na fala de Collet (2014, p. 12) que:

Não por acaso, a principal luta pela qual se constituiu o movimento indígena brasileiro foi a reivindicação junto ao Estado do reconhecimento das terras tradicionalmente ocupadas por eles. Desse modo, consideramos importante que o professor fale com seus alunos a respeito das lutas e reivindicações do movimento indígena, sem perder de vista as inúmeras diferenças existentes entre as etnias em suas formas de organização, na economia, no sistema de crenças e religiosidade, nos rituais e festas, e nos conhecimentos, entre outros aspectos.

Na sequência, foram analisadas algumas expressões que por muitos anos foram usadas em relação aos indígenas (e muitas vezes ainda o são) que demonstram preconceito ou desmerecimento a este povo e sua cultura, ou como explica Collet (2014, p. 12) “foram associados a modos de vida pouco “civilizados””. Daniel Munduruku (o indígena das imagens que analisamos anteriormente) trabalha muito esta ideia de apresentar às pessoas o significado de expressões através da etimologia, do significado das palavras. Como por exemplo, a diferença entre ÍNDIO X INDÍGENA, NATIVO X ORIGINÁRIO, TRIBO X POVO.

Sendo assim, outra análise feita, foi em relação a leitura de um texto escrito por Daniel Munduruku, “É índio ou não é índio? ”. Nesta leitura, os alunos puderam compreender que os indígenas são pessoas como quaisquer outras e que também podem usar roupas comuns se estiverem na cidade, assim como que cada povo tem sua cultura, suas histórias e tradições. A cultura não é a mesma para todos os povos indígenas, apesar de terem algumas coisas em comum.

Por fim, após o estudo de algumas lendas e mitos indígenas, alguns deles parecidos, outros nem tanto, as crianças puderam perceber que existem inúmeros povos indígenas com culturas, tradições, crenças, formas de enxergar o mundo, a vida, diferentes.

Interdisciplinaridade no Ensino da Cultura Indígena

Os contos e lendas indígenas são uma forma rica de transmitir conhecimentos, valores e tradições dos povos originários. Eles oferecem uma janela para a diversidade cultural dos povos indígenas e permitem que os alunos compreendam a profundidade e a complexidade dessas culturas. Contos como a Lenda do Guaraná dos Sateré-Mawé ou a história

do Surgimento da Noite do povo Nambikwara são exemplos que podem ser utilizados em sala de aula para explorar temas como a relação com a natureza, a origem do universo e os valores comunitários. O Brasil é um país vasto e diverso, e cada região abriga diferentes povos indígenas com suas próprias histórias e tradições. Estudar contos e lendas regionais ajuda a reconhecer essa diversidade e a valorizar as contribuições únicas de cada grupo (ARAÚJO, 2023).

O ensino da cultura indígena pode ser enriquecido através da interdisciplinaridade, utilizando diferentes recursos e metodologias. Projetos que envolvem História, Geografia, Literatura, Arte e Educação Física podem proporcionar uma compreensão mais completa e engajadora.

Em suma, o projeto desenvolvido no estágio teve como centralidade o uso dos contos e lendas indígenas como forma de refletir sobre a cultura dos povos originários e a contribuição destes povos para a formação da identidade brasileira. Foram utilizados outros recursos, dos quais: produções artísticas, brincadeiras, experimentação de alimentos e bebidas da culinária indígena. Os alunos interagiram com textos de contos e lendas indígenas de diferentes povos, residentes em diversas regiões do Brasil, conheceram e localizaram essas regiões no mapa.

Em relação às brincadeiras indígenas, elas refletem aspectos culturais e ambientais das comunidades. Não são apenas formas de entretenimento, mas também maneiras de transmitir conhecimentos e habilidades. Elas apresentam a diversidade cultural indígena, promovendo a valorização e o respeito pelas culturas indígenas brasileiras, desenvolvem habilidades motoras, cognitivas e sociais (ARAÚJO FILHO, 2016).

Ao integrar a cultura indígena em várias disciplinas, os alunos desenvolvem uma série de competências, como o respeito à diversidade, o pensamento crítico e a empatia. Esses são valores fundamentais para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis. Além disso, a interdisciplinaridade promove a capacidade de conectar conhecimentos de diferentes áreas, essencial para o aprendizado contínuo e a resolução de problemas complexos.

Considerações finais

A cultura indígena tem uma influência profunda e duradoura na formação da identidade cultural brasileira. Desde a culinária até a linguagem, muitos aspectos da vida cotidiana no Brasil têm raízes

indígenas. É necessário e importante falar nos currículos escolares de forma mais premente sobre estas raízes e como suas tradições estão presentes em nosso cotidiano (na alimentação, nos costumes, na linguagem e nas brincadeiras).

Reconhecer e valorizar essas contribuições é essencial para uma compreensão mais completa da nossa própria identidade cultural. Incorporar a cultura indígena ao currículo escolar de maneira significativa e contínua, e não apenas em datas comemorativas, é um passo crucial para promover o respeito e a valorização das culturas originárias. Isso não só enriquece o aprendizado dos alunos, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Referências

ARAÚJO, Fabiana Tavares. **Literatura e saberes indígenas na educação básica em A Cura da Terra**, de Eliane Potiguara, 2015. 2023.

ARAÚJO FILHO, Severino Pereira de. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil e a cultura afro-indígena brasileira**. 2016.

BUENO, C. **Comunidades indígenas usam internet e redes sociais para divulgar sua cultura**. *Ciência e Cultura*, v. 65, n. 2, p. 14–15, jun. 2013.

COELHO, Maria do Carmo Pereira. **As narrações da cultura indígena da Amazônia: lendas e histórias**. Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos Da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - São Paulo, 2003.

COLLET, Célia. **Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas** / Célia Collet, Mariana Paladino, Kelly Russo. – Rio de Janeiro : Contra Capa Livraria; Laced, 2014.

CRISTINA, A. et al. **Literatura indígena: Práticas leitoras para a sala de aula**. [s.l: s.n.]. Disponível em: http://www2.ufac.br/editora/livros/Literaturaindigena_vrpublicar.pdf. Acesso em: 13 jul. 2024.

FARIA, D. et al. **A abordagem acerca da cultura indígena no ensino fundamental no município de Araguari/MG**. *Revista Master*, v. 6, n. 11, p. 88–98, 30 ago. 2021.

FLORES, C. G. DE C.; GOMES, L. B. CASAGRANDE, C. A. **Abordagens das culturas indígenas na Educação Básica brasileira:**

reflexões para um ensino intercultural. *Práxis Educativa*, v. 17, p. 1–19, 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e LÍlian Lopes Martins. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GERSEM, dos Santos Luciano. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf.

AVENTURA E PAISAGEM: UMA JORNADA INTERDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL DOS ANOS INICIAIS

Isabel Cristina Lundin Müller¹

Márcia Rejane Scherer²

Introdução

A reflexão sobre a docência nos Anos Iniciais e a ressignificação dos contextos e espaços de aprendizagem trazem uma abordagem que busca transformar a forma como o ambiente de aprendizagem é concebido e utilizado. Isso pode acontecer no espaço da escola (na pracinha, na sala de aula, etc.), compreendendo mudanças na forma de como trabalhar determinados conceitos e conteúdos.

Propostas de ação envolvendo um passeio, uma visitação, a realização de uma trilha em meio à natureza, também se configuram em contextos de aprendizagem. Observando a fauna e flora do ambiente, percebendo que os ecossistemas desempenham funções essenciais para manutenção da vida na Terra, promovem reflexões sobre o respeito à natureza, sobre a preservação de rios, lagos e nascentes, sobre o descarte indevido dos resíduos em espaços de preservação ambiental, sobre o oxigênio que respiramos, sobre as mudanças climáticas e suas causas que vem impactando todo o ecossistema do planeta.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Artes Visuais pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Artes pela Celer Faculdades – SC; docente do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Ensino em Inhacorá/RS. E-mail: iclmüller@gmail.com

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

O professor será o mediador nesse espaço de busca e troca de conhecimentos, desenvolvendo aprendizados a partir de vivências cognitivas e afetivas que envolvem essas atividades.

Metodologia

Acreditando na importância de um fazer pedagógico que considere as características da infância, priorize a ludicidade, a valorização da diversidade e a interdisciplinaridade, defendo que os Projetos Pedagógicos se configuram como importante modalidade organizativa do trabalho educativo, pois promovem uma aprendizagem ativa e cooperativa, possibilitando definir responsabilidades individuais e coletivas. Neste sentido, o planejamento e desenvolvimento de um Projeto Pedagógico Interdisciplinar foi a forma de organização do trabalho pedagógico potencializado em meu estágio em docência nos Anos Iniciais, dentro do curso de Pedagogia/PARFOR/UNIJUÍ, o qual tem por título: “A Fantástica Trilha do Roque Maria”.

Resultados e discussões

Durante o período de abril e maio de 2024 realizei meu Estágio de Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Visconde de Cerro Alegre, Inhacorá-RS, na turma de 4º ano, 41, a qual é regente a professora Luana Rolim dos Santos.

Nesta turma tive a oportunidade de desenvolver e expandir meus conhecimentos acadêmicos em um ambiente escolar acolhedor pelos alunos e professora, a qual esteve presente em todos os momentos, e nos deu o suporte necessário com o material solicitado para o desenvolvimento das atividades propostas no projeto, bem como o auxílio nas atividades práticas e no monitoramento do passeio na Trilha e Cascata Roque Maria.

Ao longo do curso, procurei absorver os conhecimentos transmitidos por cada professora em suas disciplinas como base sólida para enfrentar os desafios do estágio e para que conseguisse organizar meu projeto promovendo uma interdisciplinaridade fundamentada e contextualizada em materiais de apoio, como a apostila que rege o planejamento da professora titular.

Uma das propostas mais significativas do projeto foi o passeio à Trilha e Cascata Roque Maria, localizada no interior do município

de Inhacorá, uma área rural, local em meio a natureza, parte de uma propriedade particular. Apesar de ser um ponto turístico dentro da Rota do Yucumã, aberto à visitação, muitas crianças da turma não conheciam a trilha que leva até a Cascata. Essa oportunidade aguçou nas crianças um olhar diferente em relação à natureza e ao meio que os cerca. Mesmo com alguns imprevistos durante a atividade prática proposta no passeio da trilha, devido à instabilidade do tempo, houve reorganização do projeto e apoio da equipe da coordenação escolar, principalmente da vice-diretora e professora regente da turma.

O passeio na Trilha e Cascata Roque Maria se constituiu em uma oportunidade para as crianças estarem mais próximas da natureza e conscientizarem-se sobre a importância dos ecossistemas no meio ambiente, assim como sobre a promoção de um estilo de vida mais saudável e sustentável, para além de conhecer mais um ponto turístico do lugar onde moram.

Assim, através das atividades que busquei desenvolver, procurei como objetivo principal promover a conscientização sobre os cuidados com o meio ambiente, proporcionando atividades seguras e respeitadas na trilha natural do Roque Maria, promovendo uma caminhada, na qual se priorizou a reflexão e a ludicidade, além da realização de registros fotográficos, coleta de materiais naturais para a construção e produção de obras artísticas, bem como a sensibilização das crianças em relação ao espaço natural que estavam conhecendo, despertando para a sensação de bem-estar mental e emocional.

Como houveram imprevistos em relação ao passeio na Trilha Cascata Roque Maria, devido às fortes chuvas ocorridas nos dias anteriores à data planejada, o acesso à trilha ficou comprometido e perigoso. Então, foi reorganizado o planejamento deste dia. Foi passado um vídeo documentário sobre a Cascata Roque Maria. A turma foi dividida em dois grupos, um de oito e um de nove crianças. Ficou à disposição de cada grupo uma cartolina e uma caixa de canetas para uso coletivo na produção dos cartazes com a nuvem de palavras aleatórias. Estas palavras surgiram da possibilidade de encontrá-las no passeio organizado pelo espaço externo da escola, em que há uma grande área verde, utilizada para atividades esportivas e recreativas com as crianças em período de aula, bem como durante o intervalo escolar (recreio). As crianças projetaram palavras associadas ao que poderiam encontrar neste espaço ambiental, bem como fizeram desenhos concomitantes com as palavras. A professora regente da

classe acompanhou todos os momentos, ajudando na coordenação dos trabalhos e fazendo os registros fotográficos.

Após socializados os cartazes com a nuvem de palavras e os registros dos desenhos, saímos para nosso passeio. Utilizamos lupas para observar a fauna e flora, os microrganismos, os efeitos que as fortes chuvas trouxeram ao meio ambiente visitado, como fungos nas árvores. As crianças gostaram muito de sair da sala e observar esses elementos na natureza. Os cartazes ficaram guardados para a exposição de encerramento que iria acontecer no dia 28 de maio. Também construíram um mapa cartográfico individual em folha de ofício do local do passeio da aula anterior, com os registros que achavam importantes: localização dos pontos cardeais, desenhos para identificação dos elementos do cartaz encontrados no passeio.

Finalmente conseguimos organizar as crianças com os materiais solicitados para nosso passeio na trilha: garrafa de água individual, repelente, toalhinha, caderno para anotações, ressaltando os cuidados ao chegar no local para não saírem correndo ao descerem do ônibus, esperar as coordenadas das professoras Isabel (estagiária), Luana (regente da turma) e Cleonice (vice-diretora da escola).

As crianças foram divididas em equipes de três componentes, cada uma com responsabilidades diferentes: fazer as observações visuais com binóculos, a lupa e de escuta com o estetoscópio; registros de imagens fotográficas; coleta da água da cachoeira; temperatura na entrada da trilha, durante a caminhada, dentro da trilha e perto da cachoeira.

Segundo os relatos, se observou alguns resíduos jogados no ambiente como: fralda descartável de criança, latas de cerveja, sacola plástica, litro descartável e uma camiseta. Também havia placas de orientação para observar o local e manter o mesmo limpo. Encontramos alguns animais, bois e vacas que estavam na pastagem nativa do potreiro, pois é uma área rural, galinhas soltas no pátio do proprietário, pato, quero-quero no início da trilha, cachorro, corujas, passarinhos, borboletas, muitas teias de aranha nas árvores e vegetação campestre no caminho da trilha. Também flores nativas, Crotalárias, folhagens e roseiras plantadas pelos moradores, marcela nativa, carqueja do mato, sassuaçu, capim rabo-de-burro, Guaimbê, plantações de mandioca, pés de bergamota, laranja, araticum e limão.

O local é amplo e está organizado em uma propriedade rural que pertence ao sr. Roque dos Santos, filho do sr. Alfredo Maria dos Santos (in memoriam). A cascata começa na divisa da propriedade do sr. Ivo Barcelos

com o sr. Batista. O nome surgiu pelo apelido do proprietário das terras: Roque Maria, pois para ter acesso à trilha e cascata passa-se pela propriedade do seu Roque, podemos dizer até que pelo pátio da casa, onde há um forno de barro muito usado por dona Lorena (esposa do seu Roque) que fazia pães com fermento caseiro para venda e sustento da família, relatado em seu depoimento.

Na entrevista realizada, dona Lorena comentou sobre as chuvas intensas dos últimos dias que causaram enchentes, transbordando o rio próximo à propriedade. Segundo ela, a última enchente foi em 1972, quando as águas chegaram até a altura da área da sua casa, sendo que esta está a 100 metros do rio. A casa do seu Arisoli, que é proprietário de um bar construído para disponibilizar lanches e bebidas no local, onde aconteceu o aniversário da aluna Anitta, foi invadida pela metade com a água do rio que transbordou. As crianças ouviram o depoimento e ao chegarem na escola fizeram seus relatos de surpresa em relação às chuvas e ao nível que a água alcançou.

Na escola, nos dias subsequentes ao passeio, realizamos o encaminhamento da pintura das cartelas de ovos para confecção de um dado para o jogo de trilha e a pintura dos discos de papelão para identificação dos números no dado. Construímos em grupos vários gráficos para representação do que foi observado: gráficos pictográficos de deslocamento: a pé, de carro, de moto, de bicicleta e de ônibus e, concomitantemente, um gráfico de tempo de horas e minutos relativos aos deslocamentos; gráfico de temperatura ambiente no passeio da trilha (início, meio, próximo da cachoeira) e da temperatura da água (coletamos um vidro de água para análise das suas propriedades); gráfico com dados do tempo de decomposição dos resíduos encontrados no percurso da trilha (fralda descartável, lata de cerveja, camiseta e sacola plástica).

Conhecemos também as obras da artista Inge Mafra, que tematizava a natureza em suas produções, produzimos tintas naturais e com elas produzimos telas. Também elaboramos cartas para enviar às crianças de famílias afetadas pelas enchentes no Rio Grande do Sul e que estavam alojadas em abrigos e recebemos respostas das mesmas.

Ao final da prática, organizamos uma exposição dos trabalhos desenvolvidos pelas crianças e convidamos as turmas da escola para prestigiar esse momento. Houve muita interação por parte de todos.

Considerações finais

Foi uma experiência de muito aprendizado e conhecimento que afirmaram minha certeza de que podemos fazer aulas mais encantadoras e que tragam mais envolvimento por parte das crianças. O trabalho interdisciplinar na escola tem que sair do projeto, do papel e passar para a prática, envolvendo as realidades que nos cercam.

O estágio me possibilitou uma experiência transformadora e reforçou meu desejo de seguir na educação, atuando como educadora mais consciente da minha responsabilidade, mas também me ajudou a entender melhor os desafios e as demandas que esta profissão exige, como: manter a dinamicidade e, acima de tudo, ser apaixonada pelo que se faz.

Tenho convicção de que realizei um projeto que produziu movimentos, envolvendo todas as áreas do conhecimento e plantando uma semente de esperança em cada criança de dias melhores, de pessoas mais conscientes, de um planeta menos doente e melhor de se viver e ser feliz.

Agradeço à regente da turma que acompanhou cada momento vivido nesse projeto, pelo apoio, parceria e dedicação e à escola que me acolheu e disponibilizou a troca de horários para que tudo acontecesse no tempo certo.

Referências

CASCATA Roque Maria. Inhacorá: **O Paraíso É Aqui**, 2022. (14: 35 min.), P & B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qGTUiMSSbns>. Acesso em: 18 maio 2024.

MAFRA, Benhur. **Inge Mafra**: uma artista da natureza. Ijuí, 2012. (8 min.), P & B. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IVd2h7SB__w. Acesso em: 18 maio 2024.

FTD. SIM: livro do professor - 4o ano. Livro do Professor - 4o ano. Disponível em: <https://ftd.com.br/>. Acesso em: 18 maio 2024.

DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS: RESPEITANDO A DIVERSIDADE E GARANTINDO O DIREITO DE APRENDIZAGEM PARA TODOS

Josiéli Aparecida da Silveira Nascimento¹

Márcia Rejane Scherer²

Introdução

As reflexões compartilhadas neste artigo se seguiram a partir das vivências da prática de docência compartilhada, realizada em uma escola de Ensino Fundamental localizada na área rural do município de Entre-Ijuís, juntamente com a experiência profissional atuando em turmas do ciclo de alfabetização, onde foram percebidas situações que causam inquietações e me fizeram buscar novos conhecimentos junto ao curso de Pedagogia.

As circunstâncias são que na atualidade da educação brasileira, temos vivenciado a dura realidade de identificar que muitas crianças têm chegado aos Anos Finais do Ensino Fundamental ou até concluído a escolarização sem estarem plenamente alfabetizadas. Os problemas em relação à alfabetização no Brasil têm sido amplamente discutidos por diferentes segmentos da sociedade e por pesquisadores de várias áreas. Alguns consensos já começam a ser delineados. Por exemplo, já se concebe, hoje, que um indivíduo alfabetizado não é aquele que domina apenas os

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Ciências Biológicas pela URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões; com Especialização em Educação Infantil e Alfabetização pela UTP - Universidade Tuiuti do Paraná; docente nas Redes Municipais de Ensino de Santo Ângelo e Entre-Ijuís/RS. E-mail: janasbio@yahoo.com.br

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

rudimentos da leitura/escrita, ou seja, que é capaz de ler/escrever palavras. Espera-se que a pessoa alfabetizada seja capaz de ler e escrever em diferentes situações sociais, para que possa, então, inserir-se e participar ativamente de um mundo letrado, frente às demandas sociais e aos avanços da tecnologia, que exigem sujeitos cada vez mais proficientes nas práticas de linguagem diversas.

Há muito tempo presenciamos ações voltadas para consolidar a alfabetização nos três primeiros anos do Ensino Fundamental, onde se priorizam formações com professores alfabetizadores e legislações que garantem a progressão dos alunos deste período sem o prejuízo da retenção. Mesmo com tantos esforços, sabemos que o processo de alfabetização é muito complexo e este não é vivenciado da mesma forma por todas as crianças, além do quê, fatores externos também podem interferir nos conhecimentos a serem consolidados. Aí nos perguntamos: o que se tem feito pelas crianças que não conseguiram consolidar a leitura e a escrita dentro do período recomendado? Como se está garantindo a estas crianças os direitos de aprendizagem?

Metodologia

A experiência do estágio trouxe em evidência situações que professores vivenciam constantemente em sua docência, que é a diversidade nos níveis de aprendizagem entre os alunos, disparidade que se evidencia ainda mais nas turmas mais avançadas do Ensino Fundamental.

Como afirma Morais (2012, p. 22) o fracasso da escola, na alfabetização, tem atingido quase exclusivamente às crianças pobres, oriundas de famílias de meio popular. Na classe média e na burguesia, excetuando os casos de crianças com algum tipo de deficiência que demandam mais tempo para aprender a ler e a escrever, é muito raro encontrarmos crianças que concluam o primeiro ano escolar sem terem compreendido as relações entre letra e som e construído a escrita alfabética. Isso ocorre porque as escolas privadas responsabilizam as famílias de classe média por buscar outros apoios (professores de reforço pedagógico, psicopedagogos, fonoaudiólogos) que atendam às necessidades de seus filhos quando estes não acompanham o ensino padronizado que é oferecido. Apoio este, que nem sempre é oferecido pelos órgãos públicos àquelas famílias que não possuem condições financeiras para tal e quando o é, muitas vezes o número de profissionais disponíveis na rede pública é

insuficiente para o atendimento da demanda. Não se pratica um ensino ajustado às necessidades de cada educando e cabe à família, em última instância, garantir que seu filho alfabetizando não seja reprovado ao final do ano.

Se o fracasso da alfabetização tem sido um mal que atinge quase somente as crianças pobres, consideramos que um grande problema tem sido a aceitação desse estado de fracasso em nossa sociedade como se fosse natural, pensamento este muitas vezes amparado pela má interpretação da legislação.

A Resolução nº 07, de 14 de dezembro de 2010, do Conselho Nacional de Educação, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos, deixa evidente no artigo 30, que os três anos iniciais devem assegurar a alfabetização e o letramento e a “continuidade da aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro”.

Diante desta proposição, Luciana Piccoli (2012, p. 42) afirma que “a continuidade dos estudos, no sentido de evitar a retenção e a evasão, pressupõe o compromisso com o ensino e a aprendizagem”. Se a reprovação é condenada pelos danos que pode causar às crianças, outros tantos prejuízos podem ser provocados pela aprovação sem aprendizagem”. A pesquisadora chama atenção para o fato de que tanto a reprovação quanto a progressão sem a aquisição dos conhecimentos básicos de cada ano são prejudiciais e destroem a autoestima das crianças, provocando a exclusão interna do estudante que progride na etapa de escolaridade sem de fato efetuar o aprendizado, além de retardar o seu acesso a diferentes práticas culturais em que a leitura e a escrita fazem-se presentes. A responsabilidade por estas crianças é de todos que compõem a escola e a rede de ensino da qual elas fazem parte.

O risco que se corre ao não se relacionar a progressão continuada com o compromisso em relação ao ensino e à aprendizagem, é de se perder o foco quanto aos objetivos pedagógicos a serem atingidos ao longo de cada um dos anos, deixando-se de lado a definição de critérios de avaliação. Ao mesmo tempo, há que se pensar em formas de acompanhamento dos alunos que não atingirem os objetivos estabelecidos para cada ano, pois evitar retenções ao longo do ciclo de alfabetização, mas reprovar grande quantidade de alunos ao final do 3º ano é apenas postergar o problema.

É importante destacar ainda que, quando se defende a progressão continuada nos três primeiros anos, é para que neste processo estejam garantidos os direitos de aprendizagem (conhecimentos, capacidades e habilidades) às crianças nessa fase escolar e não uma mera “passagem” para o ano subsequente. Isso somente é possível por meio de instrumentos claros de avaliação diagnóstica, para que os professores possam desenvolver propostas pedagógicas e intervenções didáticas potentes, a fim de que todas as crianças avancem e, igualmente, que o sistema de ensino garanta a recuperação dos conteúdos e conceitos não construídos paralelo ao ano letivo, para que cada aluno possa continuar seu processo de aprendizagem com segurança.

Resultados e discussão

O que se observou com a realização da prática de docência compartilhada, experienciada em uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental, concluintes do ciclo de alfabetização, foi uma grande diferença entre os níveis de desenvolvimento da aprendizagem entre os alunos, incluindo crianças que ainda não alcançaram o nível alfabético de escrita.

Sabemos que inúmeros devem ser os esforços para que as crianças consolidem o processo de alfabetização dentro dos primeiros anos do Ensino Fundamental, mas devemos estar preparados para atender e garantir os direitos de aprendizagem também àquelas que não conseguiram atingir os objetivos esperados para este período, com propostas inclusivas e que respeitem a diversidade dos educandos em seus tempos de aprendizagem.

Ao atuar como professores alfabetizadores, devemos ser extremamente exigentes com o ensino que estamos promovendo, estabelecendo metas para cada ano. A indefinição sobre como ensinar e o que ensinar, denota a ausência de clareza sobre o que se busca na alfabetização, bem como o pouco conhecimento sobre metodologias relacionadas à mesma. Como já demonstrado em pesquisas, a falta de compreensão sobre o processo de construção do conhecimento e de metas, cria uma estagnação ou falta de progressão no ensino e no aprendizado praticados nos ciclos de alfabetização.

Diagnosticar sempre é o primeiro passo para vivenciar a coerência entre o que ensinamos e o que tratamos como objeto de avaliação. Considerando isso, percebemos que não podemos, nesta etapa inicial

de alfabetização, “ir passando as crianças de ano”, sem que estejamos monitorando o que cada aluno está alcançando, em termos de progressos, e identificando com mais precisão onde vamos intervir, para que o mesmo construa os conhecimentos ainda não consolidados.

A avaliação, numa perspectiva formativa, tal como se defende hoje, só faz sentido se lutarmos por buscar esta coerência, pois ela se constitui em um fazer contínuo que ajuda os professores a monitorar o progresso dos alunos e identificar quaisquer desafios que eles estejam enfrentando à medida que aprendem, não permitindo assim, que a progressão automática, que ocorre nos primeiros anos, se caracterize por falta de ações efetivas de estudos de recuperação para alunos de baixo rendimento. Entretanto, o que se percebe muitas vezes, é que o objetivo é apenas de racionalizar o fluxo de alunos e reduzir as taxas de reprovação, pois infelizmente, na maioria das redes de ensino, os ideais de inclusão e respeito à diversidade continuam mero discurso, que não se fazem acompanhar de medidas concretas de atendimento aos aprendizes.

Definir prioridades é, sem dúvida, uma ação que ajuda a estabelecer estratégias e concentrar esforços para resolver problemas. Garantir que todas as crianças que frequentam a escola se alfabetizem nos três primeiros anos do Ensino Fundamental precisa ser, no contexto atual, uma prioridade da escola brasileira, incluindo, neste compromisso, o atendimento daqueles que não conseguiram consolidar suas aprendizagens dentro do período programado.

Este engajamento deve ser de todos os envolvidos com a educação, pois parece-nos também muito injusto atribuir aos professores alfabetizadores toda a responsabilidade de, solitariamente, operarem o milagre de dar conta da heterogeneidade de seus grupos quando não recebem apoio de outros profissionais que atendam a especificidades que fogem ao alcance do trabalho docente. Muitos professores ainda, sequer têm na jornada de trabalho, tempo para planejar e reavaliar sua prática pedagógica, dando conta ainda de atenderem classes multisseriadas.

No entanto, para que tal opção seja mantida nos demais períodos de escolarização, é preciso assegurar a existência de projetos de atendimento às crianças que não tenham alcançado as aprendizagens esperadas, sob pena de deixarmos que progridam na escolarização sem consolidá-las. Se faz necessário pensar em estratégias que atentem para a urgência de promover um ensino que atenda às diferentes necessidades e que preze pela aprendizagem de todos, pois o que vemos, através de visitas nas escolas, é

que ainda em alguns locais são quase inexistentes as situações em que os alunos realizam atividades ajustadas aos seus níveis de conhecimento.

Como estabelece Morais (2012, p. 175) é prioritário pensarmos em como encontrar formas de praticar o almejado ensino ajustado à diversidade de necessidades dos educandos. Segundo o autor, pensando no ensino do Sistema de Escrita Alfabética, pode-se considerar três modalidades de atendimento que parecem adequadas, as quais apresentaremos a seguir:

Em primeiro lugar, se faz urgente encontrar os meios para atender os alunos com mais dificuldade em se alfabetizar fora do grupo/classe e em horários suplementares. Nessa empreitada devem estar envolvidos gestores, coordenadores pedagógicos e professores auxiliares, com boa experiência como alfabetizadores.

Estas ações no horário ampliado, no caso das escolas de tempo integral, ou no contraturno nas demais escolas, para as crianças que tenham tido algum percalço no ano letivo – ou que tenham precisado faltar aulas, como os casos de doença, mudanças da família, dramas familiares mais graves ou mesmo dificuldades de aprendizagem – são geralmente bastante produtivas para que as crianças possam ter atendimento diferenciado, porém o trabalho pedagógico realizado, mesmo que por pouco tempo, precisa ser centrado nas individualidades de cada aluno, focando em ofertar desafios ajustados aos níveis de aprendizagem.

Em segundo lugar, Morais destaca que precisamos aprender a propor, num mesmo momento, atividades diferentes ou que podem ser resolvidas de modo distinto por alunos que se encontram em diferentes níveis. Pois o que ainda se observa junto a algumas salas do ciclo de alfabetização, é que apesar de dizerem que faziam “um trabalho diversificado”, os docentes tendiam a realizar atividades únicas com todos os alunos ou a “ocupar” os que mais necessitavam com atividades pouco desafiadoras (e, portanto, absolutamente inadequadas para quem mais precisava avançar).

A dificuldade de realizar um ensino simultâneo com atividades distintas não é característica apenas dos anos iniciais da escolarização, se estendendo a todas as etapas da Educação Básica, como se percebe no relato de muitos professores sobre as dificuldades que encontram no cotidiano de seus trabalhos, onde explicitam a complexidade das interações em sala de aula, sobretudo em relação à heterogeneidade de conhecimentos das crianças. Dizem que é difícil contemplar todas as necessidades e que, muitas vezes, precisam dar atenção aos que “precisam mais” e deixam os outros sem suporte, ou realizam atividades com toda a turma, que não

possibilitam a participação das crianças que não detêm determinados conhecimentos.

Entretanto, para se iniciar um trabalho a fim de superar tais dificuldades, precisa-se considerar, na organização das práticas pedagógicas de alfabetização, os conhecimentos que os alunos possuem acerca da escrita a fim de se planejar atividades que efetivamente possam contribuir para que todos os alunos avancem. Vale ressaltar novamente a importância do diagnóstico avaliativo acerca das capacidades, potencialidades e sobre os direitos de aprendizagem conquistados gradativamente pela turma.

A diversificação de atividades deve ser feita por várias razões. Podemos destacar, nesta situação, duas delas: uma onde o aprendiz precisa refletir sobre os diversos conhecimentos que compõem o objeto de ensino, considerando o mesmo assunto sob diferentes aspectos e desenvolver estratégias de leitura e de escrita variadas. Desse modo, é preciso que sejam criadas diferentes oportunidades de aprendizagem. A outra é que em uma mesma turma, as crianças têm necessidades distintas e os diferentes saberes podem ser construídos por meio de atividades também diferentes. Assim, podemos defender a necessidade de variação de atividades, ainda que consideramos um mesmo objeto de ensino. É preciso pensar que algumas atividades específicas para atender às necessidades particulares das crianças podem favorecer muito a apropriação dos conhecimentos.

Para conduzir os estudantes de modo a promover situações que propiciem aprendizagens a todos por meio de diferentes tipos de atividades, o docente precisa conhecer bem o objeto de ensino, saber o que seus alunos sabem ou não sabem sobre esse objeto e quais atividades podem ajudar os estudantes a construir diferentes conhecimentos sobre ele, pois temos que ter sempre em mente que a heterogeneidade é um fenômeno intrínseco ao fenômeno educativo. Jamais teremos uma turma de alunos iguais, com as mesmas experiências anteriores, os mesmos interesses ou os mesmos conhecimentos.

Obviamente, em algumas turmas essa heterogeneidade é maior que em outras. Nesses casos, a atenção do professor às diferentes necessidades, no momento de planejamento, deve ser maior. O princípio é o de garantir os direitos de aprendizagem a todos. Não podemos conduzir as aulas como se as crianças que não detêm os conhecimentos desejados não estejam em sala, nem podemos esquecer das crianças que estão com conhecimentos mais avançados em relação ao que está sendo ensinado.

Em algumas situações de grande diversidade ou até mesmo em classes multisseriadas podemos observar que alguns professores tendem a estabelecer contratos didáticos com seus alunos, segundo os quais promovem o envolvimento destes para que ocorram trocas entre si, onde crianças de diferentes etapas de desenvolvimento possam auxiliar uns aos outros ou até mesmo respeitando os momentos em que o professor necessita dar um atendimento individualizado ao colega.

Numa sala de alfabetização, é essencial o exercício da autonomia, que permite a convivência entre os alunos enquanto fazem atividades distintas e que trabalhem cooperativamente em duplas ou pequenos grupos, cuja composição não será aleatória, mas decidida pelo professor. A ideia de “agrupamentos produtivos”, tem se revelado um bom dispositivo, assim como, várias estratégias que viabilizem a participação das crianças, mostrando que é possível e desejável favorecer situações coletivas em que crianças com diferentes necessidades podem participar e aprender.

E em terceiro lugar, o autor defende que dispomos ainda da alternativa de fazer “enturmações” ou reorganizações dos alunos de diferentes grupo-classe, ou seja, contemplar em um determinado horário ou dia da semana situações em que as crianças sejam agrupadas por necessidades curriculares específicas, como, por exemplo, agrupar as crianças que estejam com dificuldades para avançar na compreensão do sistema de escrita. Pode-se, ainda, pensar em atividades em que crianças de várias turmas sejam agrupadas para o desenvolvimento de projetos que estimulem a aprendizagem de conteúdos que elas não estejam conseguindo apreender nas situações de ensino de suas classes regulares. Neste tipo de situação, as equipes de trabalho para o desenvolvimento do projeto são formadas por crianças de turmas diferentes.

Fica evidente o princípio de homogeneização que está por trás do procedimento de dividir os grupos-classes e designá-los a professores distintos para a prática de atividades unificadas e feitas simultaneamente com todos os alunos alocados num determinado espaço. Mas, mais que criticar o fato de os docentes recorrerem a esse tipo de alternativa, percebe-se que ela é uma demonstração de que os professores se preocupam em pôr em prática o ideal de respeitar as diferenças observadas em seus alunos, apesar de, em muitas redes de ensino, receberem pouca ou nenhuma ajuda para cumprir tal missão. (MORAIS, 2012, p. 180)

Considerações finais

Nas diferentes realidades educacionais brasileiras, apesar das mais diversas problemáticas existentes, em especial as que envolvem a aprendizagem da leitura e escrita, podemos, no entanto, presenciar diferentes práticas docentes com foco na heterogeneidade e verificar a existência de estratégias produtivas para trabalhar com as diferenças quanto às necessidades de aprendizagem, onde professores conseguem praticar, de fato, um ensino simultâneo diversificado, criando situações para que os alunos reflitam, questionem, criem hipóteses e as testem, com o objetivo de fazê-los avançar em seus conhecimentos sobre a escrita alfabética. Diante disso devemos buscar aprender com eles, examinando os saberes que parecem acionar para tal alternativa dar certo. Devido a isto, a importância de ocorrerem encontros de estudos ou formação de professores que proporcionem momentos de troca e relatos de suas experiências, com o intuito da disseminação destas boas práticas pedagógicas.

Ensinar de forma cuidadosa e explícita o sistema de escrita alfabética (SEA) se coloca, hoje, como uma medida urgente para reinventarmos as metodologias de alfabetização que utilizamos. Tal medida parece ter um papel essencial na redução dos índices de fracasso que contribuem de forma decisiva para a manutenção das desigualdades sociais em nosso território.

Aprender é uma ação humana criativa, individual, heterogênea e regulada pelo sujeito da aprendizagem, independentemente de sua condição intelectual ser mais ou ser menos privilegiada. São as diferentes ideias, opiniões, níveis de compreensão que enriquecem o processo escolar e que clareiam o entendimento dos alunos e professores – essa diversidade deriva das formas singulares de nos adaptarmos cognitivamente a um dado conteúdo e da possibilidade de nos expressarmos abertamente sobre ele. Já ensinar é um ato coletivo, no qual o professor disponibiliza a todos alunos sem exceção um mesmo conhecimento (BATISTA e MANTOAN, 2006, p. 13).

A escola, como instituição que legitima a prática pedagógica e a formação de seus educandos, precisa romper com a perspectiva homogeneizadora e adotar estratégias para assegurar os direitos de aprendizagem a todos. Contudo, tais estratégias dependem das especificidades de cada pessoa, da experiência, da criatividade e observação do professor com sensibilidade, acuidade e empatia, além de uma formação inicial e continuada que o encaminhe para isso.

Referências

BATISTA, Cristina Abranches Mota. MANTOAN, Maria Teresa Egler.

Educação inclusiva: atendimento educacional especializado para a deficiência mental. [2. ed.]. – Brasília : MEC, SEESP, 2006. 68 p. : il.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - formação do professor alfabetizador:** caderno de apresentação / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília : MEC, SEB, 2012. 40 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - progressão escolar e avaliação:** o registro e a garantia de continuidade das aprendizagens no ciclo de alfabetização: ano 03, unidade 08 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília : MEC, SEB, 2012. 47 p

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - alfabetização para todos:** diferentes percursos, direitos iguais : ano 01, unidade 07 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília : MEC, SEB, 2012. 48 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Caderno de Educação Especial - a alfabetização de crianças com deficiência:** uma proposta inclusiva / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília : MEC, SEB, 2012. 48 p.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de Escrita Alfabética.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

PICCOLI, Luciana. CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização:** espaços, tempo e corporeidade. Erechim: Edelbra, 2012.

SOARES, Magda. **Alfalettrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1ª edição, 6ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2023.

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE PERTENCIMENTO DA CRIANÇA NA COMUNIDADE

Leomar Borba Medeiros¹
Márcia Rejane Scherer²

Introdução

Na realidade educacional contemporânea presenciamos e vivemos contextos que nos cercam e envolvem enquanto escola e sociedade. Estruturalmente a sociedade está em constante transformação. De tal forma, que as bases de sustentação da mesma, assim como da escola e da família, estão igualmente em estado de liquidez, e, como afirma Bauman (2000), se desconstroem, abalando os laços e a estabilidade entre a comunidade em geral. A predominância do individualismo, dentro da perspectiva de Bauman, atinge diretamente a primeira instituição que a criança tem contato, a família, e acaba por romper ou transformar as relações entre o homem, sua realidade e seu pertencimento.

Pela ótica freireana “a partir das relações do homem com sua realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo” (FREIRE, 1981, p. 43). Estas premissas foram as bases de questionamento e reflexão para a elaboração das propostas pedagógicas a serem desenvolvidas no estágio compartilhado em turma dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

1 Acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduado em História pela UNIJUÍ; com Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria/RS; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ; docente da Rede Municipal de Ensino em Ijuí/RS. E-mail: medeirosijui@gmail.com

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

Metodologia

A casa e o ambiente familiar são os primeiros e mais significativos espaços onde a criança começa a experimentar as relações sociais e o seu senso de pertencimento no mundo.

Neste contexto inicial, a criança vivencia o que é fundamental para sua construção identitária: as relações de proteção, afeto e segurança, que deveriam formar o alicerce do seu bem-estar. A casa, mais do que um simples espaço físico, é o lugar onde a criança, por meio das interações com seus cuidadores, aprende a se perceber como parte de um contexto familiar. Este processo é essencial para que ela se sinta acolhida e reconheça, desde cedo, a importância do seu papel dentro dessa unidade familiar.

O espaço familiar, portanto, está intimamente ligado aos vínculos afetivos e ao cuidado diário que a criança recebe. Estes cuidados vão muito além do suprimento das necessidades básicas, como alimentação e higiene; envolvem também a oferta de um ambiente seguro, onde a criança pode explorar suas emoções e construir seu senso de confiança. É nesse espaço que a criança forma as primeiras memórias afetivas, aquelas que servirão de base para as suas relações futuras. Essas memórias, ao longo do tempo, se tornam um importante material para a construção da “linha do tempo pessoal”, onde a criança começa a perceber o próprio desenvolvimento e a participação ativa no contexto familiar.

À medida que a criança cresce e começa a se relacionar com o mundo além dos muros de sua casa, surge o conceito de pertencimento no bairro. Este é o primeiro espaço público de vivência da criança, onde ela começa a explorar a realidade social mais ampla. No bairro, as crianças experimentam suas primeiras interações sociais fora da estrutura familiar, seja por meio de brincadeiras com amigos, seja na convivência com os vizinhos ou nas festas comunitárias. Estes encontros, ainda que informais, são fundamentais para o desenvolvimento social da criança, pois é neste ambiente que ela começa a aprender sobre as normas sociais, os limites e as possibilidades de convivência com os outros.

O bairro, então, representa um espaço de socialização que, ao mesmo tempo em que oferece oportunidades de interação, também expõe as crianças a uma realidade muitas vezes marcada por desafios, como a instabilidade e as rápidas mudanças urbanas. Como o sociólogo Zygmunt Bauman afirma, “a fluidez das relações humanas reflete a instabilidade do espaço social em que as pessoas vivem” (2000, p. 58).

No contexto de bairros em constante transformação, onde as condições socioeconômicas e as dinâmicas sociais podem variar de um momento para outro, as crianças podem vivenciar um pertencimento instável, o que coloca um desafio importante: como podemos criar, dentro de um contexto tão volátil, uma sensação de pertencimento duradoura para a criança?

Há uma fragilidade dos laços sociais desenvolvida pelas características do mundo moderno que, segundo Bauman, atinge diretamente as crianças que deveriam ter um ambiente estável e de bem-estar para viverem e conviverem, mas estão frequentemente inseridas em contextos onde as relações são efêmeras e as identidades, fragmentadas. A própria ideia de “pertencer” a algo ou a alguém se torna mais difícil e subjetiva, pois as referências sociais são mais fluidas (BAUMAN, 2000). Neste sentido, a escola tem papel fundamental na formação e construção do sentimento de pertencimento, assim como no desenvolvimento e na construção da identidade da criança, a partir das propostas do currículo e das relações que estabelece com o mundo.

A vivência no bairro, no entanto, também oferece a oportunidade de as crianças se engajarem em atividades comunitárias, como as festas e celebrações locais, onde a troca e a convivência com os outros membros da comunidade reforçam o seu sentimento de inclusão. A caminhada pelo bairro, enquanto proposta pedagógica, por exemplo, pode ser uma atividade significativa não só para a observação dos espaços físicos e naturais, mas também para o entendimento das relações humanas com o ambiente. Ao caminhar pelo bairro, estendendo-lhe um olhar reflexivo, as crianças desenvolvem uma percepção mais ampla do seu lugar no mundo e começam a se perceber como membros de uma comunidade com laços próprios, que vão além da relação familiar.

Resultados e discussão

À medida que a criança cresce e se envolve mais com a vida da cidade, o conceito de pertencimento se expande ainda mais, alcançando o nível urbano e cívico. A cidade, com sua complexidade de espaços públicos, serviços e diversidade de pessoas e culturas, oferece um campo vasto de experiências para que a criança vivencie sua cidadania e, ao mesmo tempo, fortaleça seu senso de pertencimento a uma sociedade maior. A cidade, ao abrigar diferentes etnias, crenças e valores, se torna um espaço onde a

criança pode aprender a lidar com a diversidade, respeitando as diferenças e descobrindo, aos poucos, a riqueza do pluralismo cultural.

Neste contexto, os espaços públicos da cidade, como praças, escolas, centros culturais e comunitários, desempenham um papel importante na construção do pertencimento. Esses espaços são mais do que locais de lazer ou aprendizado; são espaços de convivência e socialização, onde as crianças têm a oportunidade de interagir com outros indivíduos, participar de atividades coletivas e construir uma visão mais ampla do mundo. As experiências nestes espaços ajudam a criança a se ver como parte de uma sociedade diversificada, com direitos e responsabilidades, e contribuem para a formação de uma identidade cidadã.

No entanto, essa construção do pertencimento na cidade não é um processo simples. As relações interpessoais e as interconexões entre diferentes grupos sociais, ao serem discutidos e fomentados na escola, exigem um planejamento cuidadoso das atividades, especialmente no que diz respeito ao currículo escolar. A educação, nesse sentido, não deve ser vista apenas como um processo de transmissão de conhecimentos, mas como uma oportunidade para que a criança desenvolva habilidades e competências para lidar com a diversidade e participar ativamente da vida coletiva.

Tomás Tadeu da Silva (2008) ao abordar a questão da identidade dos sujeitos, ressalta que as relações de poder e as disputas curriculares influenciam profundamente a construção da identidade das crianças. Nesse sentido, é fundamental que o currículo escolar e as atividades pedagógicas promovam a inclusão e o respeito às diferenças, permitindo que as crianças se sintam parte de uma sociedade plural e democrática.

Estes desafios e perspectivas refletem a complexidade do processo de pertencimento, que vai muito além do simples ato de habitar um espaço. O pertencimento é, antes de tudo, uma construção social e afetiva que envolve não apenas a criança, mas também sua família, o bairro e a cidade.

A criação de ambientes que promovam a inclusão, o respeito e a valorização da diversidade é essencial para garantir que todas as crianças, independentemente de sua origem ou condição, se sintam parte ativa e integrante da sociedade em que vivem. Assim, o desafio é construir espaços de convivência que permitam à criança, desde seus primeiros anos, perceber-se como um sujeito de direitos, capaz de interagir com o mundo ao seu redor de maneira respeitosa e transformadora.

Considerações finais

A construção da ideia e da percepção de pertencimento a um espaço/lugar junto às crianças, através de atividades realizadas na escola, é um processo dinâmico e interdependente que influencia diretamente o desenvolvimento da identidade e da cidadania infantil. Esta proposta pedagógica sistêmica pode se constituir em uma outra visão para propostas de ensino, dentro do que se busca em relação ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças inseridas no mundo contemporâneo.

Nesta perspectiva, todas as crianças são membros da comunidade escolar e têm lugar no sistema. Assim, é importante evitar a exclusão que pode impactar negativamente o aprendizado, assim como percebe-se como necessário estabelecer relações harmoniosas com trocas equilibradas entre todos os sujeitos. No ambiente escolar, é importante que haja reciprocidade nas interações, tanto entre professores e alunos quanto entre a escola e as famílias.

Vejo aqui um dos maiores desafios contemporâneos das gerações que se apresentam e convivem no ambiente escolar: as relações entre a família, a escola e a comunidade.

Referências

BAUMAN, Zigmund. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo: Território de disputa**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE SENSORIAL PARA AUTISTAS

Leonice Hahn Kuss¹
Márcia Rejane Scherer²

Introdução

A educação inclusiva tem como um de seus principais objetivos promover a igualdade de oportunidades e o pleno desenvolvimento das potencialidades de todos os estudantes, incluindo aqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A implementação de atividades pedagógicas que envolvem estímulos sensoriais pode ser uma estratégia eficaz para facilitar o aprendizado e a socialização de alunos autistas.

O estágio descrito neste artigo foi realizado com alunos do 3^a ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Teve como foco principal três atividades práticas: caminhadas sensoriais, a organização de um jardim sensorial e experimentos com água, visto que as atividades sensoriais relacionadas ao meio ambiente podem ajudar os alunos a se conectarem com a natureza, promovendo uma compreensão mais profunda do mundo ao seu redor, além de promoverem a interação com elementos naturais (plantas, água, terra). Também se constituem como terapêuticas e proporcionam uma experiência rica em estímulos. O tema “meio ambiente” pode despertar a curiosidade dos alunos, incentivando perguntas e descobertas sobre flora, fauna e ecossistemas.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Geografia pela UNIJUÍ; com Especialização em Atendimento Educacional Especializado, Autismo, Libras: Docência e Interpretação; Mestranda em Educação Especial na Universidad ISEP/México; docente das Redes Estadual e Privada de Ensino, em Santa Rosa/RS. E-mail: leonicehkuss@hotmail.com

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

Dessa forma, a exploração prática cria oportunidades para as crianças aprenderem sobre a importância da preservação ambiental, assim como as dinâmicas de grupo podem ajudar os alunos a se sentirem parte de uma equipe, fortalecendo laços sociais. Com experiências multissensoriais onde as atividades envolvem diferentes sentidos (toque, olfato, visão), o aprendizado ocorre de maneira concreta, além de auxiliar na autorregulação emocional dos alunos.

Contudo, além de promover o desenvolvimento cognitivo e motor destes alunos, o projeto ora desenvolvido também se alinha com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente o ODS 4, que visa assegurar uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade para todos, e o ODS 15, relacionado à preservação e ao uso sustentável dos ecossistemas terrestres. A Agenda 2030 da ONU sugere a importância de práticas educacionais que promovam a inclusão, o cuidado com o meio ambiente e a aprendizagem ativa. Neste sentido, as atividades propostas para o presente estágio contribuem diretamente para a efetivação destes objetivos.

Metodologia

A metodologia desenvolvida no estágio foi cuidadosamente planejada e implementada para garantir que as atividades atendessem às necessidades específicas dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Estas atividades foram baseadas em práticas pedagógicas inclusivas, centradas no desenvolvimento sensorial, emocional e social dos alunos. O foco na exploração sensorial, através de atividades que estimulam os sentidos (tato, olfato, visão e audição), foi uma estratégia essencial para promover a integração dos alunos com o ambiente, aprimorando a sua percepção e o vínculo com o mundo ao redor. A seguir, explicito com mais detalhes as atividades realizadas e a abordagem pedagógica aplicada:

1. Caminhadas Sensoriais

As caminhadas sensoriais foram planejadas para envolver os alunos em uma exploração ativa do ambiente natural, permitindo que tocassem, cheirassem e observassem diferentes elementos presentes no espaço, como folhas, pedras, flores e árvores. Essa atividade teve como objetivo primário estimular os sentidos tátil, olfativo e visual dos alunos, ao mesmo tempo

em que proporciona uma oportunidade para trabalhar a conscientização corporal e o equilíbrio. As caminhadas foram realizadas em espaços abertos, como parques da cidade e jardins da própria escola, de forma que os alunos pudessem explorar o ambiente de maneira segura e controlada.

A metodologia para as caminhadas sensoriais foi desenhada para ser dinâmica, com o uso de materiais visuais e táteis que incentivassem os alunos a interagir diretamente com o ambiente, por exemplo, professora e terapeutas indicavam elementos do caminho para que os alunos os tocassem, cheirassem ou observassem de perto. Essa abordagem não apenas favoreceu o desenvolvimento sensorial, mas também ajudou os alunos a melhorar suas habilidades motoras e a capacidade de coordenar os movimentos, essenciais para a percepção de seu corpo no espaço.

Segundo Silva (2019, p. 78), caminhadas sensoriais em ambientes naturais têm efeitos positivos sobre a regulação emocional de alunos com TEA, permitindo uma redução significativa do estresse e ansiedade. A inclusão desses momentos ao longo do estágio também permitiu aos alunos uma pausa das atividades estruturadas da sala de aula, favorecendo momentos de relaxamento e maior disposição para as demais tarefas.

2. Jardim Sensorial

A construção do jardim sensorial foi uma das estratégias-chave para enriquecer o processo de aprendizado dos alunos com TEA. Este espaço foi projetado para que os alunos pudessem interagir com diferentes tipos de plantas que estimulam os sentidos de forma intensa e diversa. Plantas com texturas variadas, como a lavanda, o alecrim e a hortelã, foram escolhidas deliberadamente para que os alunos pudessem explorar suas características táteis e olfativas. Além disso, as cores e formas das flores também foram selecionadas para estimular a percepção visual dos alunos.

A metodologia envolveu atividades de cuidado e manutenção do jardim, proporcionando aos alunos uma oportunidade de conexão com a natureza. As tarefas eram simples, como tocar as folhas, cheirar as flores ou regar as plantas, mas todas foram adaptadas de maneira a respeitar o ritmo de cada aluno. A ideia era que o jardim se tornasse um espaço terapêutico onde os alunos pudessem aprender a se concentrar e a se autorregular, aproveitando os benefícios do contato com a natureza. Além disso, o jardim foi utilizado como ferramenta para promover a socialização entre os

alunos, já que muitas vezes eles precisavam trabalhar em pequenos grupos para realizar as atividades.

Estudos como o de Oliveira (2020, p. 104) apontam que jardins sensoriais desempenham um papel fundamental na promoção da autorregulação emocional e na redução de comportamentos estereotipados em crianças com TEA. A interação com plantas pode diminuir a ansiedade, melhorar o foco e a atenção, e até mesmo aumentar a disposição para aprender. No estágio, foi possível observar que muitos alunos se sentiram mais tranquilos e engajados durante as atividades no jardim, destacando-se pela maior interação com os outros e com os materiais oferecidos.

3. Experimentos com água

Os experimentos com água foram realizados com o objetivo de estimular a curiosidade científica e promover o desenvolvimento do raciocínio lógico junto aos alunos. As atividades incluíram observações sobre os processos de flutuação e imersão de objetos, a mistura de cores e a percepção tátil da água. A água, por ser um elemento sensorial facilmente manipulável, foi escolhida por sua capacidade de gerar reações simples e interessantes para as crianças, além de ser uma excelente ferramenta para explorar conceitos básicos de física e química.

Durante as atividades, os alunos tiveram a oportunidade de experimentar, por exemplo, a imersão de objetos em diferentes temperaturas da água (morna, fria e quente), observar o que afunda e o que flutua, além de realizar misturas de cores utilizando tintas e líquidos. Essas atividades permitiram que os alunos se envolvessem com conceitos científicos de forma prática e divertida, promovendo a curiosidade, a experimentação e a resolução de problemas.

A metodologia para os experimentos foi adaptada de forma a garantir que todos os alunos, independentemente de suas habilidades cognitivas, pudessem participar. Em alguns casos, a manipulação direta da água foi realizada com a ajuda de assistentes de ensino, enquanto em outros, os alunos observaram as reações da água e discutiam os resultados com os professores e colegas. O ambiente era estruturado de modo a garantir que as atividades não causassem sobrecarga sensorial, permitindo-se aos alunos que fizessem pausas sempre que necessário.

Segundo Ferreira (2018, p. 19), experimentos sensoriais, como os realizados com a água, ajudam a desenvolver a capacidade de resolução de problemas e favorecem o trabalho colaborativo, já que muitas das atividades exigem que os alunos discutam, compartilhem ideias e se ajudem mutuamente. Observou-se, de fato, que muitos alunos interagem mais entre si durante os experimentos com água, demonstrando maior interesse e iniciativa ao colaborar com os colegas.

Cada atividade foi cuidadosamente adaptada para atender às necessidades sensoriais, cognitivas e motoras dos alunos com TEA, sempre com a preocupação de criar um ambiente de aprendizado seguro e acolhedor. Essa colaboração foi essencial para garantir que as intervenções fossem eficazes, respeitassem os limites individuais dos alunos e estivessem em consonância com práticas educacionais inclusivas.

Resultados e discussão

As atividades realizadas durante o estágio proporcionaram benefícios importantes no desenvolvimento das habilidades sensoriais, cognitivas e emocionais dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Cada uma das atividades propostas — caminhadas sensoriais, jardim sensorial e experimentos com água — contribuiu de maneira significativa para o processo de aprendizado e integração dos alunos, refletindo um impacto positivo no seu comportamento, interação social e desenvolvimento motor.

Durante as caminhadas sensoriais, um dos primeiros pontos observados foi a transformação gradual do comportamento dos alunos. No início, muitos demonstravam hesitação ao se aproximarem de elementos naturais como folhas, pedras e flores. Essa hesitação é comum em alunos com TEA, que frequentemente podem ter dificuldades em se adaptar a novos estímulos sensoriais ou em se conectar com o ambiente ao seu redor (OLIVEIRA, 2020, p. 110). Contudo, ao longo das atividades, foi possível notar que os alunos se tornaram progressivamente mais receptivos, explorando os estímulos com maior curiosidade e espontaneidade. Alguns alunos, que inicialmente evitavam tocar objetos naturais, começaram a interagir de maneira mais ativa, tocando diferentes texturas, cheirando plantas e observando a movimentação das folhas ao vento.

Esse comportamento indicou um aumento na integração sensorial e no engajamento com o ambiente natural. A interação com elementos naturais estimulou não apenas os sentidos tátil e olfativo, mas também

promoveu a conscientização corporal e o equilíbrio. A literatura aponta que caminhadas sensoriais em ambientes abertos ajudam na redução de comportamentos repetitivos e aumentam a capacidade de concentração em crianças com TEA (SILVA, 2019, p. 82). As observações confirmaram que, ao final de cada caminhada, os alunos estavam mais calmos e com maior disposição para retornar às atividades da sala de aula.

A construção e a interação com o jardim sensorial mostraram-se extremamente benéficas para o bem-estar emocional e social dos alunos. A proposta de criar um espaço terapêutico ao ar livre, com plantas de diferentes texturas e aromas, possibilitou aos alunos momentos de tranquilidade e concentração. Em particular, foi perceptível que alguns alunos com dificuldades de comunicação verbal começaram a utilizar o toque nas folhas e o cheiro das flores como forma de expressão. Essa forma de interação não-verbal é uma característica importante em alunos com TEA, pois muitas vezes estes estudantes enfrentam dificuldades em se comunicar por palavras (FERREIRA, 2018, p. 98). O jardim sensorial ofereceu a possibilidade de uma nova linguagem de comunicação, permitindo que os alunos expressassem suas emoções e preferências de uma maneira mais espontânea e natural.

Além disso, o jardim também funcionou como um ambiente de autorregulação. Os alunos, ao cuidarem das plantas, aprenderam a respeitar o ritmo do outro, o que estimulou o trabalho colaborativo e a socialização. A literatura de Oliveira (2020) sugere que a interação com elementos naturais pode reduzir a ansiedade e melhorar o foco e a atenção em crianças com TEA, o que foi observado durante o estágio. Muitos alunos, que anteriormente tinham dificuldades para se concentrar em tarefas estruturadas, estavam mais focados durante as atividades no jardim, construindo aprendizagens em um ambiente mais calmo e acolhedor.

Os experimentos com água, além de estimularem a curiosidade científica dos alunos, geraram grande prazer e interesse. Atividades simples, como observar a transformação da água em gelo ou vapor, misturar cores e observar a flutuação de objetos, tiveram um impacto profundo, especialmente entre alunos que inicialmente apresentavam resistência a atividades mais estruturadas. O envolvimento com líquidos e a exploração das mudanças de estado físico da água (sólido, líquido e gasoso) despertaram nos alunos uma curiosidade genuína, permitindo-lhes explorar conceitos científicos de maneira concreta e acessível.

Um aspecto importante a ser destacado foi a forma como as atividades com água incentivaram a interação social entre os alunos. Aqueles que normalmente apresentavam dificuldades para se integrar socialmente passaram a colaborar de forma mais efetiva com os colegas, principalmente ao realizar as experiências em duplas ou grupos. A troca de ideias e a resolução conjunta de problemas durante as atividades reforçaram o trabalho em equipe e estimularam habilidades de comunicação, o que é frequentemente um desafio para crianças com TEA (FERREIRA, 2018, p. 97). Além disso, a manipulação de líquidos em diferentes recipientes proporcionou uma oportunidade de desenvolvimento motor e coordenação, ajudando os alunos a aprimorar suas habilidades manuais e de planejamento motor.

A pesquisa de Oliveira (2020, p. 112) destaca que atividades como estas, que envolvem experimentação e exploração, ajudam no desenvolvimento da autorregulação emocional e na ampliação da atenção dos alunos com TEA. Durante os experimentos com água, foi possível observar um aumento na capacidade de concentração dos alunos e na redução de comportamentos impulsivos, o que confirma as observações de Oliveira sobre os benefícios das atividades sensoriais no desenvolvimento da autorregulação.

Considerações finais

Os resultados obtidos com as atividades sensoriais durante o estágio indicam que a abordagem prática, baseada na exploração sensorial e na interação com o ambiente, tem um impacto positivo no desenvolvimento de alunos com TEA. Como discutido por Silva (2019, p. 82), a regulação emocional, a atenção e as habilidades motoras são áreas frequentemente desafiadoras para estes alunos, mas atividades como caminhadas sensoriais, jardins e experimentos com água têm se mostrado como ferramentas eficazes para apoiar estas competências. Estas atividades proporcionam uma forma de aprendizado que não apenas respeita as necessidades individuais dos alunos com TEA, mas também promove a inclusão e a interação social, fatores essenciais para o desenvolvimento acadêmico e pessoal das crianças.

Por outro lado, é importante considerar que, embora os resultados tenham sido positivos, a adaptação de tais atividades às necessidades individuais dos alunos é fundamental para o sucesso do processo educativo. As atividades sensoriais realizadas durante o estágio mostraram-se

altamente eficazes no desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sociais de alunos com TEA. A exploração sensorial, seja por meio de caminhadas ao ar livre, interação com o jardim sensorial ou experimentos científicos com água, foi fundamental para ampliar a interação dos alunos com o ambiente e promover sua autorregulação emocional. Além disso, as atividades proporcionaram novas formas de comunicação e integração social, criando um ambiente de aprendizado mais inclusivo e favorável ao desenvolvimento global dos alunos.

Estes resultados corroboram as descobertas de estudos como os de Oliveira (2020) e Silva (2019), que destacam a importância de práticas pedagógicas inclusivas e sensoriais no ensino de alunos com TEA. Ao focar na exploração sensorial e na interação com o ambiente, é possível proporcionar aos alunos com TEA oportunidades de aprendizado que respeitem suas necessidades e potencializem suas habilidades, promovendo, assim, um desenvolvimento mais equilibrado e integral.

Referências

FERREIRA, Ana Lúcia. **O uso de estratégias sensoriais no ensino de alunos com Transtorno do Espectro Autista**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 25, n. 4, p. 102-115, 2018.

OLIVEIRA, João Carlos de. **Desenvolvimento de habilidades sensoriais e cognitivas em alunos com TEA: um estudo de caso**. São Paulo: Editora Educação Especial, 2020.

OLIVEIRA, João Carlos de. **A natureza como recurso terapêutico no processo educacional de alunos com TEA**. In: VI Congresso Internacional de Educação Inclusiva, 2020, São Paulo. Anais... São Paulo: Editora Educação, 2020. p. 100-106.

SILVA, Maria da Penha. **Educação inclusiva: práticas pedagógicas para alunos com TEA**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Inclusiva, 2019.

ERA UMA VEZ: EXPLORANDO O MUNDO DOS CONTOS DE FADAS

Lisângela Brum Sartor¹

Márcia Rejane Scherer²

Introdução

O projeto de estágio “Era Uma Vez – Explorando o Mundo dos Contos de Fadas” propõe abordar o universo encantado das narrativas clássicas e contemporâneas que povoam o imaginário coletivo. Reconhecendo o poder dos contos de fadas como ferramentas pedagógicas, culturais e emocionais, a proposta visa valer-se destas histórias como pontes para a criatividade, a reflexão crítica e a construção de valores.

Neste contexto, o projeto busca não apenas revisitar os contos tradicionais, mas também estimular novas formas de interpretar e recriar essas narrativas, promovendo a interação entre os estudantes e o mundo da literatura de forma lúdica e significativa. A proposta enfatiza o papel dos contos de fadas na formação integral do indivíduo, ao conectar fantasia, aprendizado e desenvolvimento sociocultural.

Ao longo do estágio foram desenvolvidas atividades que incentivaram a leitura, a escrita, a oralidade e a expressão artística, proporcionando aos alunos a percepção do valor educativo desses contos que fazem parte do nosso imaginário.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Letras – Português pela UNINTER – Centro Universitário Internacional; com Especialização em Alfabetização e Letramento e em Orientação e Supervisão Escolar pela Faculdade UNINA; atua na Rede Municipal de Ensino de Santo Ângelo/RS. E-mail: brumsartor@gmail.com

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

Metodologia

A metodologia abordada no projeto “Era Uma Vez – Explorando o Mundo dos Contos de Fadas” busca integrar os contos de fadas tradicionais ao processo de ensino-aprendizagem, promovendo uma abordagem lúdica e criativa no desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais dos estudantes. Os educandos são incentivados a mergulhar nas histórias, explorar diferentes perspectivas, recriar narrativas e conectar a literatura com outras áreas do conhecimento.

Os contos de fadas, presentes em diversas culturas ao redor do mundo, desempenham um papel significativo no desenvolvimento e aprendizado das crianças, oferecendo não apenas entretenimento, mas também lições de moral, possibilidades de resolução de conflitos e desenvolvimento da imaginação. No entanto, sua aplicação no contexto educacional vai além da simples leitura. A proposta que avantei desenvolver neste estágio tem como finalidade transformar os contos de fadas em uma importante ferramenta pedagógica, estimulando a reflexão, a criação e a exploração do imaginário dos educandos.

O principal objetivo das atividades propostas é explorar os contos de fadas como veículos de aprendizado e desenvolvimento pessoal, além de estimular a criatividade, a expressão oral, a empatia e o raciocínio crítico entre os estudantes, e ao mesmo tempo promover a compreensão de valores universais como amizade, coragem e justiça.

Os contos de fadas são considerados um ponto de partida eficaz para a formação de habilidades cognitivas e socioemocionais. De acordo com Bettelheim (1976), ajudam as crianças a processar e entender questões complexas, como o medo, a solidão e o desejo, através de figuras arquetípicas e situações simbólicas. Eles servem como uma “linguagem emocional” que facilita a identificação e a resolução de conflitos internos.

A teoria da aprendizagem criativa sugere que o aprendizado é mais eficaz quando envolve a participação ativa dos alunos. Ao incentivá-los, por exemplo, a produzirem suas próprias versões de contos de fadas, se veem desafiados a pensar de forma criativa e a aplicar seus conhecimentos de maneira prática e envolvente.

A abordagem interdisciplinar, proposta por diversos estudiosos da educação (Freire, 1996; Gardner, 1993), consiste em elemento fundamental para o sucesso desta prática. Ao integrar a leitura e exploração dos contos de fadas com as diferentes disciplinas do currículo escolar, como História,

Arte, Música e Ciências da Natureza, propõe-se uma aprendizagem concreta, que respeita as diferentes formas de inteligência e promove o aprendizado significativo.

Além disso, a implementação desta proposta apresenta-se como flexível, adaptando-se às necessidades e ao contexto de cada grupo de crianças inseridas nas atividades. Desta forma, a primeira etapa da ação consistiu na contação de um conto clássico: “Chapeuzinho Vermelho”, com foco na análise dos personagens, temas e estruturas narrativas. Após a leitura inicial, incentivei os educandos a refletirem sobre os conflitos e explorarem as lições morais presentes na história. Após, foram desafiados a recontar a referida história de forma criativa.

A imaginação e a produção continuou a ser estimulada através de diversas atividades práticas, como encenações teatrais, produção de ilustrações, confecção de dedoches, escuta de músicas e danças inspiradas na história. Estas atividades permitem que os alunos se expressem de maneira única, ao mesmo tempo em que reforçam a aprendizagem de forma lúdica.

Também foi proposta uma reflexão sobre o que foi aprendido e compartilhado durante o processo. Os alunos foram convidados a discutir o que a história da Chapeuzinho Vermelho significou para eles e o que aprenderam com o exercício de recriação.

Ao final do desenvolvimento do projeto “Era Uma Vez...”, percebeu-se que as crianças ampliaram habilidades críticas, criativas e sociais, como a capacidade de analisar e interpretar narrativas literárias, exercitar a empatia e a compreensão das emoções humanas. Também proporcionou uma experiência educativa rica, envolvendo os educandos de forma ativa e criativa, permitindo que os estudantes construíssem novas aprendizagens, ampliassem seus horizontes culturais e se conectassem com valores humanos universais.

A combinação de leitura, reflexão, recriação e interdisciplinaridade promove uma aprendizagem prazerosa e integradora, que vai além do conteúdo literário e se estende ao desenvolvimento emocional e social dos alunos.

Resultados e discussão

A temática do estudo “Era Uma Vez – Explorando o Mundo dos Contos de Fadas” demonstrou ser uma abordagem eficaz no estímulo à criatividade, ao desenvolvimento de habilidades cognitivas e emocionais

e à promoção da empatia entre os alunos. Durante o desenvolvimento do projeto, foi possível observar um aumento no engajamento dos estudantes nas atividades propostas, especialmente nas etapas de recriação das histórias e nas apresentações criativas. A imersão nos contos de fadas, em especial no que foi mais explorado, permitiu aos alunos se conectarem com as narrativas de uma forma profunda, refletindo sobre os valores e as questões sociais abordadas nas histórias.

A interdisciplinaridade proposta pela metodologia contribuiu para o enriquecimento do aprendizado. Ao integrar a literatura com as outras disciplinas do currículo, como Artes, Ciências da Natureza e História, os alunos puderam perceber as conexões entre diferentes áreas do conhecimento, o que favoreceu a construção de um aprendizado mais completo e significativo. A realização de atividades práticas, como encenações teatrais e produções artísticas, também se mostrou um recurso eficaz para o desenvolvimento de habilidades de comunicação, trabalho em equipe e expressão criativa.

Ao recontar o conto de forma criativa, os educandos puderam questionar as situações ali apresentadas e as ações dos personagens da história, identificando aspectos que poderiam ser transformados para refletir diferentes realidades culturais e sociais. Isso estimulou o pensamento crítico, a análise de problemas e a proposição de soluções, habilidades essenciais no desenvolvimento intelectual dos estudantes.

Considerações finais

O projeto “Era Uma Vez – Explorando o Mundo dos Contos de Fadas” buscou constituir-se em uma abordagem pedagógica lúdica e rica de possibilidades. Ao integrar a literatura com outras disciplinas e estimular a criatividade, a reflexão crítica e a expressão, essa prática ofereceu uma oportunidade valiosa para o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem. Os resultados obtidos indicam que, além de promover o aprendizado de conteúdos curriculares, a abordagem contribuiu para o fortalecimento de habilidades sociais e emocionais essenciais para o desenvolvimento pleno dos estudantes.

A utilização de contos de fadas no contexto educacional oferece uma forma lúdica e significativa de envolver os educandos no processo de aprendizagem, ao mesmo tempo que proporciona uma reflexão profunda sobre valores universais e questões culturais. A interdisciplinaridade

e as atividades criativas propostas permitem que os alunos se tornem protagonistas de seu próprio aprendizado, desenvolvendo não apenas o conhecimento acadêmico, mas também habilidades importantes para sua formação humana.

Esta estratégia revela-se importante para a criação de ambientes de aprendizagem mais dinâmicos, inclusivos e estimulantes, capazes de despertar o interesse dos educandos, a fim de contribuir para sua formação integral.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Editora Vozes, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra, 1996.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas**. Editora Artmed, 1993.

VYGOTSKY, Lev. **A Formação Social da Mente**. Editora Martins Fontes, 1978.

ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS - UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Marcia Ines Hartman¹
Márcia Rejane Scherer²

Introdução

O estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental representa uma oportunidade substancial para a realização de práticas educativas que promovem o desenvolvimento integral das crianças. Neste artigo, apresento o relato do estágio que desenvolvi na Escola Municipal Santa Rita, no município de Santa Rosa/RS, com a turma do 2º ano do Ensino Fundamental. Na busca por temáticas que envolvessem a interdisciplinaridade, optei por trabalhar a alimentação saudável como fonte essencial para a formação de hábitos e conhecimentos que perdurarão ao longo da vida.

A interdisciplinaridade, abordada neste processo, permite a integração de diferentes áreas do conhecimento, proporcionando uma aprendizagem mais significativa e contextualizada. Ao apresentar a temática da alimentação saudável de maneira interdisciplinar, permite-se aos alunos compreenderem a importância de uma nutrição equilibrada não apenas do ponto de vista biológico, mas também social, cultural e ambiental.

A prática de estágio ora relatada buscou explorar estas conexões, incentivando os estudantes a adotarem hábitos alimentares saudáveis através de atividades práticas e teóricas que envolveram as diferentes

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Artes pela FEMA – Faculdades Integradas Machado de Assis; com Especialização em Arte-Educação pela mesma instituição; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ; Doutoranda em Educação nas Ciências pela UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul; docente da Rede Municipal de Ensino de Santa Rosa/RS. E-mail: marcihartmann@ymail.com.

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

disciplinas. Neste contexto, foram desenvolvidas atividades que destacam a criatividade nas Artes, a linguagem na Língua Portuguesa com a Hora do Conto, e na Educação Física as brincadeiras e atividades que fizeram as crianças perceberem a importância do movimento e do exercício físico para o desenvolvimento saudável do corpo. Dessa forma, busquei contribuir para a formação de indivíduos conscientes de suas escolhas alimentares e preparados para tomar decisões informadas e saudáveis em suas vidas.

Metodologia

A abordagem metodológica das ações desenvolvidas e que serão aqui apresentadas e analisadas de forma qualitativa, envolveu os projetos pedagógicos. Esta produção é resultado de análises e observações feitas a partir do estágio obrigatório do curso de Segunda Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ em parceria com a CAPES – PARFOR, realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Rita, na cidade de Santa Rosa, Rio Grande do Sul com a turma do 2º ano do Ensino Fundamental. Para a realização do mesmo, desenvolvi o estágio na escola em que atuo como professora. Estão matriculados nesta turma 20 crianças, das quais uma menina é autista e duas crianças têm problemas com a fala, além de mais algumas especificidades (sem laudo analisado).

Tendo minha primeira graduação em Artes Visuais, busquei trabalhar o ato criativo no desenvolvimento das aulas e a atuação interdisciplinar com as diferentes áreas do conhecimento. Desta forma, em conjunto com a professora referência da turma, elaboramos o cronograma, a temática e as atividades que seriam desenvolvidas em um processo de compartilhamento de estudo e consequentemente de aprendizagem na atuação coletiva.

Paulo Freire (2020) defendia fortemente o planejamento coletivo como uma forma de democratizar o processo educacional e promover a conscientização crítica entre professores e alunos. Ele destacava a importância do diálogo e da reflexão como ferramentas fundamentais para o planejamento coletivo. Freire (2020) via o professor não como um transmissor de conhecimento, mas como um mediador que facilita a construção do conhecimento em conjunto com os alunos. Esse processo de colaboração e reflexão permite que os professores desenvolvam práticas

educativas mais justas e inclusivas, que respeitam a diversidade e as necessidades individuais dos alunos.

Quando falamos em interdisciplinaridade, estamos nos referindo a uma espécie de interação entre as disciplinas ou áreas do saber. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ressalta o papel essencial da interdisciplinaridade na construção do conhecimento, mas cabe a cada instituição de ensino estabelecer como esse processo será efetivado.

A sala de aula é um espaço de descobertas, interação social, superação e desafios. É nela que a aprendizagem floresce, sendo moldada por experiências que envolvem fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. O ato de aprender resulta da interação contínua entre as estruturas mentais e o ambiente, com o conhecimento sendo construído e reconstruído constantemente.

Em nosso planejamento, por ser de forma compartilhada, trouxemos a temática “Promoção da saúde e segurança alimentar”. Para justificar a escolha da mesma, seguimos os documentos legais que orientam e normatizam a estrutura e o funcionamento do ensino, com um foco especial no ciclo de alfabetização. Além disso, reconhecemos a escola como um espaço essencial para a construção e ampliação do conhecimento, o cuidado de si e do outro, o desenvolvimento da autoestima, e a formação de comportamentos e habilidades necessários para a vida e a cidadania. Nesse contexto, entendemos que a escola também é um ambiente propício para a formação de hábitos alimentares saudáveis.

Assim, em minha atuação, foi desenvolvido a produção de materiais pelos alunos, como a criação de um livro, uma prática pedagógica de grande valor no contexto educacional. Este processo contribui significativamente para o desenvolvimento de diversas habilidades, através do engajamento e da motivação, além de aprofundar o conhecimento e promover o crescimento pessoal. Quando os alunos são responsáveis pela criação de um material, sentem-se protagonistas no processo de aprendizagem, o que os incentiva a se envolverem mais nas atividades escolares. O senso de realização ao ver o produto finalizado gera orgulho e encoraja os mesmos a se empenharem mais em suas tarefas.

Outro ponto de destaque do estágio foram as brincadeiras e atividades físicas que proporcionam uma maneira interativa e envolvente de ensinar sobre alimentação saudável. Além de promover o conhecimento sobre os alimentos, elas incentivam a prática de exercícios físicos, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos. Incorporar

estas atividades na rotina escolar ajuda a formar crianças mais conscientes e saudáveis, preparadas para fazer escolhas alimentares positivas ao longo da vida.

Durante o processo, os alunos também aprendem a considerar diferentes pontos de vista, desenvolvendo empatia e compreensão sobre os temas abordados. Segundo Vygotsky (2014) as oportunidades que o ambiente oferece são essenciais para que o indivíduo se desenvolva como um sujeito lúcido e consciente, capaz de transformar as circunstâncias em que vive. Esta perspectiva reforça a importância de criar ambientes educativos que promovam tanto o desenvolvimento intelectual quanto hábitos saudáveis, contribuindo para a formação integral dos alunos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza os objetivos prioritários para cada ciclo escolar, destacando as habilidades que os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em vez de dividir esses objetivos por disciplinas. Assim, a abordagem interdisciplinar proposta neste estágio não só promoveu ações educativas ricas e significativas, mas também ofereceu às crianças a oportunidade de potencializar progressivamente seu desenvolvimento cognitivo e habilidades motoras.

Resultados e discussão

As atividades pedagógicas que foram planejadas de forma interdisciplinar, integrando diferentes áreas do conhecimento e promovendo o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças me proporcionaram uma visão mais ampla do desafio de trabalhar com alunos menores. A turma do 2º ano é formada por alunos curiosos e cheios de energia, constantemente envolvidos em descobertas e desafios que estimulam seu aprendizado. Os alunos são participativos dando sua opinião e relatando fatos de interesse da aula.

As aulas são um misto de risadas, questionamentos e momentos de concentração, refletindo um ambiente de respeito mútuo e colaboração, e também momentos em que o professor necessita intervir para que a aula prossiga e as atividades possam ser efetuadas. Assim, entendemos que, nos diferentes momentos da aula entre as diferentes disciplinas e a interação das crianças com estas, ocorrem intercâmbios mútuos e recíprocas integrações; existe um equilíbrio de forças nas relações estabelecidas (SANTOMÉ, 1998, p. 63). Ao proporcionar contextos de aprendizagem diferenciados,

despertamos o interesse dos estudantes e assim favorecemos a compreensão dos objetos de ensino com significado.

Considerações finais

Neste processo de estágio me senti mais confiante. Apesar de trabalhar há treze anos com turmas do 5º ano, me sentia despreparada para entrar em turmas de crianças menores. Foi um desafio de aprendizagem...

O estágio realizado com a turma do 2º ano, centrado nas atividades interdisciplinares e na elaboração de um “livro” sobre vida saudável, proporcionou uma rica experiência educativa tanto para os alunos quanto para mim, como estagiária. A abordagem interdisciplinar permitiu integrar conhecimentos de diversas áreas, como Ciências da Natureza, Língua Portuguesa, Educação Física e Artes, criando um ambiente de aprendizagem mais significativo.

Ao trabalhar com a temática “Promoção da saúde e segurança alimentar”, os alunos puderam explorar conceitos importantes sobre nutrição, saúde e bem-estar. As atividades práticas e teóricas incentivaram a curiosidade e o engajamento dos estudantes, promovendo o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas. A construção do “livro” foi um ponto alto do projeto, permitindo que as crianças expressassem suas aprendizagens de forma criativa e colaborativa. Essa experiência reforçou a ideia de que a educação deve ser uma prática integrada e contextualizada, capaz de conectar saberes e promover o desenvolvimento integral dos alunos.

Em resumo, o estágio foi uma oportunidade valiosa para vivenciar a prática pedagógica de forma dinâmica e interativa. Os resultados alcançados com as propostas interdisciplinares e a elaboração das atividades sobre alimentação saudável demonstraram o potencial transformador de uma abordagem educativa que valoriza a integração dos conhecimentos e a participação ativa dos alunos.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Caderno 03. Brasília: MEC, SEB, 2015.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO

BÁSICA: diversidade e inclusão / Organizado por Clélia Brandão Alvarenga Craveiro e Simone Medeiros. Brasília: Conselho Nacional de Educação: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2013

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 74ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

“O GRANDE ESPETÁCULO DOS FUNGOS E DAS BACTÉRIAS”: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR DE ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS

Mariane Moser Bach¹
Márcia Rejane Scherer²

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar as práticas do estágio curricular do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS (UNIJUÍ/PARFOR), realizado em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, com alunos entre 10 e 11 anos, em uma escola privada de Educação Básica do município de Ijuí/RS, no ano de 2024. As vivências propostas visam desenvolver diferentes conhecimentos e habilidades, fundamentados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a partir de uma abordagem interdisciplinar envolvendo a área das Ciências da Natureza e das Linguagens.

O título do projeto desenvolvido foi “O grande espetáculo dos fungos e das bactérias”. De forma resumida, os objetivos das aulas dentro do projeto foram: conhecer o gênero textual dramático (teatro); desenvolver habilidades de expressão corporal e interpretação teatral; conhecer e compreender a função dos decompositores, dos fungos e das bactérias para a vida; compreender e aplicar os conhecimentos sobre texto teatral de forma interdisciplinar com o conteúdo de Ciências da Natureza.

-
- 1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Letras – Português e Inglês pela UNIJUÍ; Mestre em Educação nas Ciências pela mesma instituição; docente das redes de Ensino Municipal e Privada, em Ijuí/RS. E-mail: mariane.bach@gmail.com
 - 2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

O estágio curricular é uma etapa essencial na formação do acadêmico de Pedagogia, pois representa a ponte entre a teoria estudada ao longo do curso e a vivência prática no ambiente escolar. Neste estágio, a experiência permitiu observar, planejar e atuar em contextos reais de ensino, contribuindo para a compreensão dos processos educativos e para o aperfeiçoamento da prática docente.

A importância do estágio vai além do simples contato com a sala de aula; ele possibilita ao futuro professor experimentar e refletir sobre o cotidiano da docência, entendendo os desafios e as possibilidades da profissão. Essa reflexão sobre a prática docente é um exercício fundamental para o aprimoramento profissional, pois é na articulação entre prática e reflexão que se constrói o educador. A partir dessa perspectiva, o estágio se torna uma oportunidade para identificar pontos fortes, superar dificuldades e ressignificar abordagens pedagógicas, com vistas a atender melhor às necessidades dos estudantes e contribuir para a formação integral de cada um deles.

Sendo assim, este texto apresenta as vivências e aprendizagens adquiridas durante o estágio, destacando as estratégias pedagógicas utilizadas, os desafios enfrentados e os aprendizados alcançados ao longo do processo. Por meio desta experiência, busca-se evidenciar a relevância do estágio para a construção de um olhar crítico e reflexivo sobre a docência, reafirmando seu papel indispensável na formação de educadores comprometidos com uma educação de qualidade.

Metodologia

O estágio foi realizado no segundo semestre de 2024, em uma turma de 5º ano do Centro de Educação Básica Francisco de Assis, localizado no município de Ijuí, Rio Grande do Sul. A turma era composta por 25 alunos, sendo 18 meninos e 7 meninas, com idades entre 10 e 11 anos.

O planejamento das atividades foi desenvolvido a partir da identificação das necessidades de aprendizagem dos alunos, fundamentando-se em referenciais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Plano de Trabalho do 5º ano da própria escola.

O estágio ocorreu na própria turma de atuação profissional da estagiária, que também era a professora titular, dispensando, portanto, a mediação de outro docente. Todos os relatos e discussões apresentados neste documento são fruto de interpretações pessoais e integram um processo

reflexivo. O objetivo é ampliar o diálogo sobre educação, levantando questões que fomentem discussões e inspirem novas ideias.

Resultados e discussão

Conforme a BNCC (2018), as atividades humanas ocorrem por meio de práticas sociais mediadas por diferentes linguagens: verbal, corporal, visual, sonora e, na contemporaneidade, digital. Essas práticas permitem às pessoas interagirem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nesse processo de interação, estão entrelaçados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos.

A área de Linguagens nos Anos Iniciais tem como objetivo proporcionar aos estudantes a participação em práticas de linguagem diversificadas, ampliando suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, além de aprofundar seus conhecimentos sobre estas, em continuidade às experiências adquiridas na Educação Infantil.

Considerando-se as ideias acima referidas, na turma do 5º ano do Ensino Fundamental onde a prática de estágio foi realizada, o trabalho com as linguagens e a Língua Portuguesa é mediado pelo estudo dos gêneros textuais, que funcionam como instrumentos de comunicação inseridos em contextos reais e significativos. Por meio deles, é possível trabalhar habilidades de leitura, escrita, oralidade e análise crítica, conectando o aprendizado escolar às práticas sociais cotidianas. Além disso, os gêneros textuais favorecem a construção de sentidos ao estimular os alunos a identificar características específicas, como estrutura, propósito e linguagem utilizada, o que amplia sua compreensão e capacidade de produzir textos adequados a diferentes situações. Essa abordagem torna o processo de ensino mais contextualizado e eficaz, ao alinhar os objetivos pedagógicos às demandas reais de comunicação e interação social.

Desse modo, o gênero textual escolhido para a realização do estágio foi o texto teatral, por ser um gênero que ainda necessitava ser trabalhado dentro do currículo da turma. Esse tipo de texto, também chamado de texto dramático, é aquele produzido para ser encenado. O texto teatral é composto por elementos como enredo, personagens, tempo e espaço, podendo ser estruturado em atos que representam diferentes momentos da ação, como mudanças de cenário e/ou de personagens. Por ser concebido para representação cênica, esse tipo de texto geralmente não possui

narrador, o que o distingue dos textos narrativos. Em vez disso, o texto teatral é caracterizado pelo diálogo entre as personagens e pelas indicações no corpo do texto, que orientam aspectos como espaço, cena, atos e ações dos intérpretes.

A primeira aula se deu como um momento de diagnóstico dos conhecimentos prévios das crianças sobre o assunto, bem como um momento de aquecimento e motivação para o que estava por vir, a fim de engajar a turma para a aprendizagem. Nesse sentido, foi realizado um diálogo com os estudantes, conduzido por perguntas como: Vocês gostam de teatro? Quem já assistiu a um teatro? Quem já atuou em uma peça teatral? Quem gosta de encenar? Qual o teatro mais legal que vocês já assistiram? Ademais, foram projetadas imagens de peças teatrais famosas para que os alunos adivinhassem o nome. Ambas práticas foram de bastante participação dos alunos, que em geral demonstraram uma relação positiva com o teatro.

Ainda no momento de motivação e engajamento, foi realizada uma brincadeira teatral chamada “Isso não é uma colher”. Essa brincadeira tinha por objetivo estimular a criatividade e a expressão corporal. As crianças se divertiram muito com este momento e, de fato, deram respostas bem criativas.

Tendo em vista que a atividade docente, implica, dentre outros aspectos, “permitir que os alunos tenham uma relação positiva com o saber, que consiste em dar sentido ao saber, ao que se aprende” (CASTELLAR, 2016, p. 23), todas essas atividades integram uma proposta mais ampla, que vai além de apenas apresentar um texto teatral e analisar suas características específicas. O objetivo é proporcionar uma vivência do gênero textual, explorando os sentimentos e memórias que ele desperta nos alunos, além de possibilitar sua aplicação prática de forma significativa.

Após essas atividades introdutórias, a turma trabalhou efetivamente com um texto teatral chamado “O Rei de Quase-Tudo”, presente no livro didático. A partir desse texto, foi possível realizar a leitura silenciosa e em voz alta, além de diversas perguntas de interpretação, análise linguística e características do gênero textual. Esta etapa foi importante para construir os conhecimentos acerca do gênero, percebendo como é sua estrutura e qual a sua finalidade.

Nas aulas seguintes, os alunos foram divididos em grupos e receberam pequenas peças teatrais para ensaiar e apresentar. O propósito dessas aulas foi promover um maior contato com textos teatrais diversos

e permitir que os alunos tivessem uma experiência de interpretação, distribuição de papéis, organização de cenário e figurino, tomada de decisões, expressividade, atividade em grupo etc., enfim, uma vivência real da execução de uma peça teatral. Nesta atividade os grupos tiveram total autonomia para apresentar os teatros e fazer as adaptações que fossem necessárias.

Conforme Santana, Lima e Silva (2018, p. 6), a utilização do teatro na escola é essencialmente importante, “uma vez que ao desenvolver situações imaginárias, participar de atividades teatrais e encenações, as crianças passam a construir novos conhecimentos”. Assim, além de proporcionar o acesso à cultura e às artes, o teatro contribui para a formação social e intelectual do aluno, aperfeiçoando os diversos campos do saber, como a leitura, a interpretação, a expressão, a socialização, a criticidade, a imaginação e a criatividade.

Além disso, ainda segundo as autoras:

O teatro como recurso pedagógico, quando trabalhado juntamente com as outras disciplinas do currículo pode favorecer a aprendizagem, tornando as aulas mais dinâmicas e significativas. Quando a criança é estimulada através da ludicidade, absorve o aprendizado de maneira espontânea e desenvolve suas habilidades de maneira satisfatória. A importância do teatro para a educação consiste no fato de que ele proporciona grande prazer para as crianças, além de ser oportuno para as práticas pedagógicas dos professores, que podem utilizar as manifestações teatrais para explorar a capacidade de inventar, reinventar, criar e dramatizar. (SANTANA, LIMA e SILVA, 2018, p. 6).

Com base nesses pressupostos, na mesma semana em que foram desenvolvidas atividades sobre texto teatral, nas aulas de Ciências da Natureza eram estudados conteúdos relacionados à decomposição da matéria orgânica, aos fungos e às bactérias. Estes estudos se deram através da metodologia conhecida como “rotação por estações”, da leitura de textos, perguntas, produção de desenhos no caderno, escrita de panfletos informativos sobre doenças, realização de experiência científica e sistematização geral.

Finalmente, em uma proposta interdisciplinar, os alunos foram desafiados a escreverem um texto teatral no qual deveriam seguir toda a estrutura do gênero estudado e, para além disso, apresentar uma temática no seu texto que fosse de alguma forma relacionada à fungos, bactérias, cárias, micoses ou à decomposição da matéria orgânica. A ideia da proposta seria, ao final, conseguir selecionar e encenar algumas dessas peças teatrais.

A atividade de escrita foi exitosa, pois os estudantes apresentaram textos bem escritos e estruturados dentro das expectativas, apresentando criatividade e conhecimento sobre os conteúdos estudados.

Considerações finais

O estágio curricular realizado no 5º ano do Ensino Fundamental foi uma experiência valiosa para a formação docente e para o aprendizado dos alunos. A abordagem interdisciplinar entre Ciências da Natureza e Linguagens, com foco no texto teatral, permitiu que os estudantes ampliassem habilidades de leitura, escrita e expressão corporal, além de aprofundarem conteúdos científicos de forma criativa e prática.

A atividade de produção e encenação de peças teatrais constituiu-se em um recurso pedagógico eficaz, promovendo o engajamento, a cooperação e o protagonismo dos alunos. O estágio, portanto, cumpriu seu papel de integrar teoria e prática, contribuindo para o aprimoramento da prática pedagógica e para a promoção de uma educação mais dinâmica e significativa.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CASTELLAR, Sonia M. Vanzella (org). **Metodologias ativas: introdução**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016.

SANTANA; LIMA; SILVA. **O teatro na escola de educação básica: um recurso pedagógico para o estímulo das capacidades artísticas e orais em crianças do 2º ano do ensino fundamental**. V Conedu – Congresso Nacional de Educação. 2018.

FORMAÇÃO E DESAFIOS NO ESTÁGIO DOS ANOS INICIAIS: O CAMINHO DO EDUCADOR

Marta Goelzer¹

Márcia Rejane Scherer²

Introdução

O estágio supervisionado é uma etapa essencial na formação docente, especialmente para professores dos Anos Iniciais, pois oferece a oportunidade de vivenciar de maneira prática e aprofundada o ambiente escolar e as dinâmicas da sala de aula. Durante o estágio, o professor em formação tem a chance de observar e participar diretamente do processo de ensino-aprendizagem, interagindo com crianças em uma fase relevante do desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Nos Anos Iniciais, o professor não apenas apresenta conceitos e conteúdos às crianças, mas também auxilia no desenvolvimento de habilidades fundamentais como leitura, escrita e conceitos matemáticos básicos. Além disso, ele desempenha um papel importante na construção de valores, incentivando a curiosidade e a autonomia dos alunos.

A vivência prática auxilia o futuro professor a perceber a complexidade destas interações e a importância de uma abordagem pedagógica inclusiva e adaptativa, capaz de respeitar as necessidades e características individuais de cada aluno, sendo uma etapa valiosa para entender de forma prática essa complexidade do ensino-aprendizagem, permitindo que o futuro professor

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Educação Física pela UNICRUZ – Universidade de Cruz Alta/RS; com Especialização em Gestão Escolar pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria/RS; Pós-graduanda em Neuro-psicopedagogia Institucional e Clínica e AEE- Atendimento Educacional Especializado pela FACEMINAS – Faculdade de Ensino de Minas Gerais; docente na Rede Municipal de Ensino de Quinze de Novembro/RS. E-mail: martagns@hotmail.com

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

observe, planeje e conduza atividades pedagógicas reais, enfrentando os desafios e oportunidades deste processo.

Durante o estágio, o acadêmico experimenta o papel do professor, o que inclui desde a preparação de materiais até a observação das reações e progressos dos alunos. Isso proporciona um contexto para o desenvolvimento das teorias pedagógicas, que são postas em prática e adaptadas conforme as necessidades da turma e os objetivos educacionais.

Metodologia

O estágio aqui relatado foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Progresso, localizada no Bairro Colina, no município de Quinze de Novembro. A escola atende 260 alunos do Ensino Fundamental oriundos da cidade e do interior. A equipe pedagógica é composta por professores experientes e comprometidos com a qualidade do ensino.

As aulas foram planejadas de forma a considerar os diferentes estilos de aprendizagem dos alunos, buscando atender as necessidades individuais e promover o desenvolvimento de todos.

As atividades do estágio, que envolveram 45 horas, foram divididas em 25 horas de observação realizadas na escola, com estudo dos documentos, planejamento das atividades, observação da turma, conversas com a professora referência, conversas com a professora orientadora e elaboração de projeto de docência. As 20 horas restantes envolveram a realização da prática do estágio compartilhado.

A turma do 2º ano, na qual desenvolvi o estágio, é composta por 12 alunos e apresenta um perfil diverso, com diferentes níveis de desenvolvimento e características próprias. No decorrer das aulas, a turma demonstrava entusiasmo e interesse pelas atividades propostas, além de uma boa capacidade de interação e comunicação. O ambiente da sala de aula era acolhedor e propício à aprendizagem. A escola possui um projeto pedagógico inovador, com foco no desenvolvimento integral do aluno, na interdisciplinaridade, na criatividade e na autonomia. As atividades pedagógicas englobam diferentes áreas do conhecimento.

O projeto desenvolvido no estágio teve como objetivo contribuir para o desenvolvimento integral das crianças, utilizando uma narrativa clássica como ponto de partida para trabalhar diferentes competências e habilidades. A escolha de um conto de fadas como desencadeador das ações se justifica pelo seu valor cultural e seu potencial pedagógico para explorar

temas importantes no processo educativo, como a moral da história, o respeito ao outro e a resolução de conflitos.

A partir da história de Chapeuzinho Vermelho, foi possível desenvolver uma série de atividades que estimulam as competências de leitura, escrita, oralidade e interpretação, respeitando o nível de desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos do 2º ano. Além disso, a narrativa ofereceu uma oportunidade rica para trabalhar a imaginação e a criatividade, por meio de dramatizações, recontos, produções textuais e artísticas, proporcionando uma aprendizagem significativa.

As vivências do estágio foram então organizadas em torno do conto da Chapeuzinho Vermelho. Num primeiro momento houve a contação da história. Após, as vivências envolveram, dentre outras propostas, a Trilha da Chapeuzinho, com os alunos fazendo um percurso de desafios. Em outra manhã, foi o dia da apresentação da Cesta da Vovó, com a confecção da cesta com argila, finalizando a semana de práticas com um piquenique com a Chapeuzinho Vermelho.

O projeto teve como base as habilidades da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para o 2º ano do Ensino Fundamental, contemplando diversas áreas de conhecimento de forma integrada: Língua Portuguesa, Matemática, Artes, Ciências da Natureza, além de habilidades socioemocionais.

Durante o estágio, percebi que ensinar, nessa fase da escolarização, exige uma abordagem flexível e sensível, que vá além de planejamentos pré-estabelecidos e inclua estratégias pedagógicas que considerem as individualidades de cada aluno. Ao entrar em contato direto com as crianças, ficou claro que cada uma delas aprende de maneira única e que, muitas vezes, práticas convencionais precisam ser adaptadas para que todos possam participar e aprender de forma significativa. Foi nesse ponto que a pedagogia crítica se mostrou indispensável, pois ela me ensinou a questionar e refletir sobre cada aspecto do meu papel como educadora, promovendo uma visão mais ampla sobre o impacto social da educação.

Resultados e discussão

Um dos principais resultados positivos do estágio foi o desenvolvimento das habilidades pedagógicas. Ao aplicar os conhecimentos adquiridos durante a formação acadêmica, fui capaz de planejar e executar aulas de forma mais eficaz, utilizando métodos e estratégias didáticas

que atenderam às diferentes necessidades dos alunos. A adaptação dos conteúdos e a implementação de abordagens diferenciadas foram aspectos que contribuíram para o sucesso das atividades desenvolvidas.

Durante o estágio, foi possível observar um aprofundamento significativo na compreensão do processo de ensino-aprendizagem. Passei a entender de forma mais clara como os alunos aprendem, suas dificuldades e como adaptar as atividades para garantir que todos se sentissem incluídos e motivados a aprender. Esse entendimento ajudou a fortalecer a capacidade de diagnosticar e atender as necessidades individuais de cada aluno, uma habilidade essencial para a prática pedagógica.

A empatia desempenhou um papel fundamental no estágio, pois consegui criar um vínculo de confiança com os alunos, compreendendo suas necessidades emocionais e sociais. Este relacionamento positivo contribuiu para um ambiente de aprendizado mais acolhedor, onde os alunos se sentiram à vontade para se expressar e participar ativamente das atividades.

Considerações finais

A prática docente é, sem dúvida, um campo de aprendizado contínuo. Cada dia em sala de aula apresenta novos desafios, diferentes perfis de alunos e oportunidades constantes de crescimento e aperfeiçoamento.

Esse caráter dinâmico da docência exige do professor uma postura de abertura para a aprendizagem e a adaptação, pois o processo de ensinar está sempre em transformação, refletindo as mudanças da sociedade, dos avanços educacionais e das necessidades dos alunos.

Compreender esta natureza de aprendizado contínuo é essencial para a construção de uma educação de qualidade. Uma prática docente comprometida com a melhoria e o desenvolvimento pessoal do educador impacta diretamente no aprendizado dos alunos, pois um professor que se dedica a entender e aprimorar sua prática oferece uma educação mais significativa, acessível e inclusiva. Cada experiência acumulada e cada reflexão sobre a própria prática enriquecem a capacidade do professor de promover um ambiente de aprendizado que inspire e motive os alunos.

Além disso, a percepção de que a prática do educador é construída com aprendizados contínuos, é essencial para o desenvolvimento de uma educação que respeite e valorize a diversidade, criando uma escola mais acolhedora e democrática. Quando o professor se compromete a aprender

continuamente, ele amplia sua sensibilidade e habilidade para lidar com as diferenças, o que resulta em uma educação mais justa e adaptada às necessidades de cada aluno. Dessa forma, a prática docente não é apenas uma profissão; é uma ação de crescimento mútuo, onde professor e alunos aprendem e evoluem juntos, construindo uma base sólida para uma educação de qualidade que se estende para a vida e para a formação de uma sociedade mais consciente e inclusiva.

Em conclusão, o estágio nos Anos Iniciais foi uma experiência fundamental para compreender a complexidade e a riqueza do processo de ensino-aprendizagem. Ele permitiu que eu vivenciasse a importância de uma prática pedagógica que vai além da transmissão de conteúdos, englobando a criação de um ambiente inclusivo, acolhedor e adaptado às necessidades individuais dos alunos. A pedagogia crítica e a perspectiva da inclusão se destacaram como pilares essenciais para uma prática docente comprometida com a justiça social e o respeito à diversidade, reforçando a ideia de que o ensino é, ao mesmo tempo, um ato de formação e de transformação.

A experiência do estágio reafirma a importância dessa vivência prática na formação de futuros professores, pois é nela que conceitos teóricos ganham vida e sentido. O contato direto com os desafios e as oportunidades da sala de aula nos prepara para lidar com a realidade da educação, tornando-nos mais conscientes e reflexivos sobre nosso papel enquanto educadores. Além disso, o estágio é um lembrete de que a prática docente é um campo de aprendizado contínuo, onde a cada aula e a cada interação temos a chance de aperfeiçoar nossas práticas, nos adaptando às novas demandas dos alunos e às mudanças na sociedade.

Referências

ALMEIDA, Aline Marques da Silva. **A importância do lúdico para o desenvolvimento da criança**. 2014.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica**. São Paulo: Loyola, 1994

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação e Desporto: Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - Lei Nº

9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. **Ensino Fundamental de nove anos:** orientações sobre a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007, pp. 57-68.

PIAGET, Jean. **A psicologia da inteligência.** Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. ISBN 978-85-326-4680-4 – Edição Digital. Petrópolis, RJ: VOZES, 2013.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva - 24º Ed. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITÁRIA, 1999.

RETZ, Renato Pereira Coimbra. **O Chão da Escola: Investigações e Experiências com a Educação Básica.** 2023.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação Social da mente: O Desenvolvimento Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONSTRUINDO O CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE NOS ANOS INICIAIS

Nilva Lopes Maldaner¹

Márcia Rejane Scherer²

Introdução

Os Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) representam uma etapa muito importante na organização escolar, onde a criança constrói e amplia habilidades e conceitos básicos das diferentes áreas do conhecimento, com atenção especial à leitura e escrita, além de desenvolver suas capacidades socioemocionais e a autonomia. É nesse contexto que a escola assume um papel fundamental, oferecendo um ambiente de aprendizado que estimula a curiosidade, a criatividade e o desenvolvimento integral da criança.

Neste artigo, apresentarei uma experiência de estágio realizada no 3º ano do Ensino Fundamental, com enfoque em atividades voltadas para a temática da sustentabilidade. O objetivo foi conscientizar os alunos sobre a importância de atitudes sustentáveis desde cedo, integrando conceitos de meio ambiente, consumo consciente e cidadania.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Educação Física pela UNICRUZ – Universidade de Cruz Alta/RS; com Especialização em Atendimento Educacional Especializado e em Educação Especial com ênfase em Transtorno do Espectro Autista pela Faculdade São Luis/SP; Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social pela UNICRUZ; docente na Rede Municipal de Ensino de Quinze de Novembro/RS. E-mail: nilvamaldaner@hotmail.com

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

Minha experiência como docente nos Anos Iniciais constituiu-se em uma etapa essencial na minha formação, pois contribuiu muito para a qualificação de minha prática. Estou sempre buscando mais conhecimento e metodologias que venham ao encontro dos anseios das crianças, permitindo o desenvolvimento de competências pedagógicas e o aprofundamento teórico-prático em sala de aula.

Metodologia

Este projeto teve como objetivo fundamental abordar o cuidado com o meio ambiente em atividades práticas e reflexivas junto às crianças, porque, nesta fase, elas começam a tomar consciência sobre sua ação e impacto no mundo. Promovendo a conscientização ambiental desde cedo, prepara-se as crianças para serem cidadãos responsáveis e pró ativos na preservação dos ecossistemas, contribuindo para um futuro mais sustentável.

Implementar projetos sustentáveis em escolas é uma excelente maneira de chamar a atenção e conscientizar os alunos para a importância da sustentabilidade, engajando-os na defesa desta, enquanto se promovem ações ambientalmente responsáveis. Estas atividades promovem uma conexão emocional e prática com o ambiente, fundamentais para o desenvolvimento de valores ecológicos duradouros.

Outro aspecto importante é a abordagem interdisciplinar que os projetos possibilitam. Podem ser trabalhadas noções de Língua Portuguesa, por exemplo, a partir de um vídeo de uma história que faz uma reflexão sobre os cuidados com a natureza; Ciências da Natureza através do estudo do meio, com passeios de observação em diferentes espaços, transformações de objetos descartáveis e da natureza coletados no percurso realizado em produções artísticas e Geografia com noções espaciais, a partir do caminho percorrido pelos alunos no passeio, construindo um mapa com os pontos em destaque e identificação dos pontos cardeais.

O planejamento do projeto do presente estágio considerou o contexto social e cultural dos alunos, foi flexível e incluiu a participação ativa das crianças, respeitando suas vivências e experiências. Dessa forma, se converteu em uma oportunidade para conectar o conteúdo escolar com a realidade das crianças, tornando o aprendizado mais relevante e prazeroso, tendo como tema central a sustentabilidade e a prática de cuidados com o meio ambiente.

Resultados e discussões

A temática da sustentabilidade é urgente e relevante, sendo abordada nos currículos escolares como uma competência transversal. No 3º ano do Ensino Fundamental, os alunos estão em uma fase de desenvolvimento cognitivo e afetivo que favorece a formação de valores. Dessa forma, o trabalho com a sustentabilidade pode incentivar a reflexão crítica e a adoção de hábitos que beneficiem o planeta.

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (Constituição Federal - 1988).

As crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental já trazem consigo um repertório de saberes e experiências construídos em seus primeiros anos de vida. Elas são naturalmente curiosas, exploradoras e engajadas no mundo que as cerca. Compreender o mundo através do brincar, da interação social e da experimentação é a forma natural de aprendizagem nesse período. No entanto, cada criança se desenvolve em seu próprio ritmo, apresentando diferentes necessidades e desafios. As crianças podem ter diferentes níveis de desenvolvimento motor, cognitivo, social e emocional, o que exige do professor a capacidade de identificar essas diferenças e oferecer atividades e recursos adequados a cada uma delas.

É fundamental reconhecer a importância de atender às necessidades individuais de cada criança, respeitando seu tempo de aprendizado e sua maneira singular de interagir com o mundo. Essa individualização do ensino permite que cada aluno se sinta acolhido, valorizado e motivado a aprender, contribuindo para a construção de uma experiência escolar positiva e significativa. A infância contemporânea é marcada por transformações profundas e aceleradas, impulsionadas pelas mudanças sociais, tecnológicas e culturais. As crianças de hoje vivem em um mundo globalizado, conectado e permeado por informações e estímulos diversos. Essa realidade exige que educadores estejam atentos às novas formas de aprender, brincar, interagir e construir conhecimento.

As práticas pedagógicas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental devem ter como foco o desenvolvimento integral da criança, abrangendo as dimensões cognitiva, social, emocional, física e cultural. O desenvolvimento cognitivo envolve a capacidade de pensar, raciocinar, solucionar problemas e aprender. Nesse sentido, a escola deve oferecer atividades desafiadoras e

estimulantes para promover o desenvolvimento cognitivo das crianças. O desenvolvimento sócio emocional engloba as habilidades de lidar com as emoções, construir relacionamentos saudáveis e desenvolver a autoestima. É importante que a escola promova um ambiente acolhedor e seguro para que as crianças se sintam confortáveis em expressar seus sentimentos e necessidades.

Nessa linha de pensamento, o planejamento pedagógico das atividades desenvolvidas no estágio foi estruturado em torno de um projeto didático que contemplava os seguintes objetivos: Introduzir conceitos básicos de sustentabilidade, como reciclagem, conservação dos recursos naturais, redução do consumo e consequências das queimadas; desenvolver habilidades de produção de textos, mapas, leitura, escrita, interpretação, confecções de maquetes, passeios, atividades práticas e produções artísticas por meio de atividades integradas com o tema e promover discussões em grupo para estimular o pensamento crítico e o trabalho em equipe.

As atividades foram planejadas para se alinhar à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a formação integral do aluno e o desenvolvimento de competências socioemocionais. Durante o período de estágio, foram realizadas as seguintes atividades principais:

Dinâmica de apresentação dos colegas - Os nomes das crianças já estavam escritos em um cartão com uma pergunta sobre Sustentabilidade. No momento em que um aluno sorteava o nome de outro colega, devia dizer algumas características deste e fazer uma pergunta relacionada ao tema que seria estudado. A professora fazia o registro das respostas das crianças.

Histórias e Vídeos sobre Sustentabilidade - Os alunos assistiram vídeos e discutiram sobre histórias que abordavam a preservação ambiental, como “Quem Vai salvar a vida?” de Ruth Rocha. Após a leitura, foram realizadas rodas de conversa para compartilhar aprendizados e reflexões, com registros realizados pela professora.

Apresentação da Música “Nem Tudo Que Sobra é Lixo” - Mundo Bitá, onde os alunos receberam impressa a letra, discutiram sobre seu conteúdo e cantaram com todos os colegas.

Expedição Investigativa – Foi proporcionada aos alunos a oportunidade de observar e interagir com o ambiente urbano, identificando características da paisagem, como flora, fauna e estruturas construídas pelo homem, através de um passeio realizado da escola até a praça central.

Esta atividade promoveu a reflexão sobre a importância da preservação do meio ambiente, incentivando os alunos a reconhecerem problemas como lixo, poluição e organização de áreas verdes. As crianças foram incentivadas a fazerem o registro das observações sobre o que encontravam ao longo do trajeto. Buscou-se fomentar a colaboração entre os alunos, promovendo o trabalho em grupo durante a expedição e incentivando a troca de ideias e experiências, assim como a realização dos registros das descobertas por meio de desenhos, fotografias ou anotações, promovendo a reflexão sobre o que aprenderam durante a expedição.

No trajeto, os alunos munidos de sacolas plásticas ou de pano, deveriam coletar materiais que achassem interessante, como elementos descartáveis como potes, garrafas pet, papel e materiais da natureza como galhos, folhas, pedras, entre outros. As crianças também deveriam prestar atenção no trajeto que fizeram até a praça, pois após fora desafiados a fazer o registro da localização das ruas, com os prédios e casas, identificando os pontos cardeais através de um mapa. Foi solicitado que fizessem o registro no mapa do percurso realizado da ida para a praça e da volta para a escola.

Com esta atividade foi possível estabelecer um vínculo entre a escola e a comunidade, mostrando às crianças a importância do cuidado com o espaço em que vivem. Encorajamos os alunos a fazerem perguntas e buscarem respostas sobre o ambiente que os cerca, promovendo o espírito investigativo e a curiosidade científica.

Após o retorno para a escola, os alunos foram distribuídos em dois grandes grupos, os quais tiveram que confeccionar duas Maquetes. Uma representando a praça sustentável e outra, uma praça poluída e mal cuidada. Assim, aprofundamos o entendimento sobre o que caracteriza um ambiente sustentável em comparação a um ambiente poluído.

Ao mesmo tempo, estimulamos a imaginação dos alunos ao projetarem e confeccionarem as maquetes, utilizando materiais recicláveis, fomentando a colaboração e o respeito ao trabalhar em grupos, onde cada membro pode contribuir com ideias e habilidades diferentes. Incentivamos a reflexão sobre as consequências das ações humanas no meio ambiente, permitindo que os alunos comparassem as características de ambas as praças. Promovemos o planejamento da maquete, desde o esboço até a execução, ensinando os alunos a organizar suas ideias e dividir tarefas, proporcionando um espaço para discutir e implementar soluções práticas que podem ser adotadas em suas comunidades para promover a sustentabilidade.

Após, estimulamos os alunos a se prepararem para apresentar suas maquetes, desenvolvendo habilidades de comunicação e argumentação ao compartilhar suas ideias e descobertas com os colegas. Nesta socialização criamos uma oportunidade de celebração e reflexão sobre o aprendizado adquirido ao longo do projeto, destacando a importância do cuidado com o meio ambiente

Jardim em vasos - Neste dia foi realizada a plantação de flores em vasos na escola. Os vasos foram confeccionados pelos pais dos alunos com material reciclado. Levei para a escola terra e flores, e as crianças fizeram o plantio das flores. Com esta atividade foi destacada a importância do cuidado com as plantas e a natureza, incentivando uma atitude responsável em relação ao meio ambiente.

Também foi realizado o plantio de sementes e mudas de Porongo. A turma do 3º ano inclusive se destacou com o projeto sobre Porongos na Mostra Científica coordenada pela Secretaria de Educação do Estado.

Com esta atividade proporcionamos aos alunos a oportunidade de aprender técnicas básicas de jardinagem, como plantar, regar e cuidar das flores, sementes e mudas de porongos. Ao mesmo tempo, estimulamos a colaboração entre os alunos durante a atividade, fortalecendo o espírito de equipe e o respeito mútuo e incentivamos o envolvimento dos pais na confecção dos vasos, promovendo um laço entre a escola e a comunidade familiar. Incentivamos também a observação das características das plantas e seu crescimento, promovendo a curiosidade científica e ensinamos aos alunos a cuidar das flores após o plantio, responsabilizando-os pela manutenção do que foi plantado. Permitimos que os alunos expressassem sua criatividade ao escolher as flores e decorar os vasos. Por fim, embelezamos o ambiente escolar com as flores plantadas, promovendo um espaço mais agradável e estimulante para todos.

Na continuidade do projeto, estimulamos a reflexão crítica sobre sustentabilidade, promovendo o entendimento do tema por meio da leitura e discussões em grupo. Ensinamos aos alunos sobre práticas de agricultura sustentável, incluindo a importância do cultivo de plantas e o cuidado com a natureza. Buscamos desenvolver nos alunos um senso de responsabilidade e cuidado com as plantas, incentivando práticas sustentáveis no dia a dia.

No último dia de aula foram realizadas atividades complementares sobre o tema Sustentabilidade, como: textos reflexivos com atividades interativas e exposição na escola dos trabalhos realizados: maquetes, cartazes

e os vasos de flores confeccionados pelas crianças e famílias. A exposição foi realizada na escola e aberta à visitação das demais turmas.

As atividades foram bem recebidas pelos alunos, que demonstraram grande interesse e engajamento. Observou-se uma ampliação no interesse pela consciência ambiental e na participação ativa em dinâmicas de grupo. Além disso, os pais participaram de algumas atividades e houve mudanças positivas no comportamento das crianças em relação ao desperdício e à reutilização de materiais na escola.

Considerações finais

A experiência de estágio em docência na turma do 3º ano do Ensino Fundamental, demonstrou que a temática de sustentabilidade pode ser abordada de forma lúdica e educativa, contribuindo para a formação de alunos mais conscientes e engajados. Este relato reforça a importância do estágio como espaço de experimentação pedagógica e de impacto positivo na formação de cidadãos mais comprometidos com o futuro do planeta.

Referências

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Ambiental. Brasília, 1997.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)**. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/index.php/pnld-dados-estatisticos>.

CARVALHO, I. C. **Educação Ambiental e a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2012.

CASTRO, R. S. Universidade, Meio ambiente e Parâmetros Curriculares Nacionais. In: LOREIRO, Carlos Frederico Bernardo (org.). **Sociedade e Meio Ambiente**. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p.157-179.

LIELL, C.C. BAYER, A. **A matemática e a inter-relação com a educação ambiental:** um projeto de formação de professores. Revista Espaço Pedagógico. Passo Fundo, v. 25, n. 2, p. 455-471, maio/ago. 2018.

MEDINA, N. M; SANTOS, E. C. **Educação ambiental.** Petrópolis: Vozes, 1999.

MELLER, C.B. **Educação Ambiental como possibilidade para superação da fragmentação do trabalho escolar.** Espaços da Escola, Ijuí, v.4 (26), 1997.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Editora Cortez, UNESCO, 2000.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS

Raquel Weyh Dattein¹
Márcia Rejane Scherer²

Introdução

Professora de Ciências da Natureza no Ensino Fundamental II há cinco anos, aceitei um novo desafio: a segunda licenciatura em Pedagogia, pois já trabalhava com Oficinas Pedagógicas nos Anos Iniciais e senti a necessidade de qualificar o exercício profissional. A constituição docente é um caminho, um meio do processo de ensinar e aprender, tanto na teoria, quanto na prática, e o contato com as pedagogas da licenciatura me incentivou a enfrentar meus anseios e desafios de trabalhar com crianças.

A Pedagogia - PARFOR (Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), como segunda licenciatura, fez-me encantar pelo trabalho com as crianças, pois elas têm muito a nos ensinar e, durante o estágio, pude perceber a relação entre a teoria discutida ao longo do curso e a prática em sala de aula. O contato com a professora titular na docência compartilhada contribuiu para me sentir mais segura, pois seu conhecimento da turma favoreceu para um bom andamento das aulas.

-
- 1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Ciências Biológicas pela UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Cerro Largo/RS; com Especialização em Orientação Educacional pela mesma instituição; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ; Doutora em Educação nas Ciências pela mesma instituição; docente na Rede Municipal de Ensino de Santa Rosa/RS. E-mail: raquel.dattein.bio@gmail.com
 - 2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

Portanto, venho fazer este relato da experiência de estágio compartilhado desenvolvido no segundo semestre de 2024 em uma escola municipal de Santa Rosa. Relato este permeado por reflexões de uma professora formada em Ciências Biológicas - Licenciatura, que se desafiou a adaptar os conceitos de sua primeira área de formação para uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental, assim como de integrar outras disciplinas no projeto de docência.

Metodologia

As experiências formativas, ao serem compartilhadas com os pares, possibilitam novas e diferentes interações com outros sujeitos, contextos e culturas, enriquecendo o nosso conhecimento social e intelectual. Nisso, considero importante partilhar uma parte da minha experiência de Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais, turma do 2º ano, em busca de um diálogo, de uma qualidade do ensino e do constituir-se professora neste novo espaço.

Desde a primeira licenciatura, com a participação como bolsista de iniciação à docência, oportunidade em que me foi apresentada a Narrativa, tenho tomado gosto por esta forma de escrita e de investigação das práticas docentes. Desse modo, trago este relato de experiência num formato de narrativa, pelo fato de também fazer parte das histórias da turma a partir do estágio.

Resultados e discussão

O projeto de docência foi pensado a partir da obra “O patinho feio”, clássico da literatura infantil, para uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental, em que a prática de estágio compartilhado foi desenvolvida. A turma é heterogênea em sua constituição, com a presença de uma aluna autista, um aluno com apraxia da fala aprendendo libras, alguns alunos que ainda não estão alfabetizados e outros que já sabem formar frases a partir de um desenho ou sugestão de texto.

Na primeira aula fiz a leitura e conversa sobre o livro O patinho feio. A maioria das crianças não conhecia a história, o que me deixou admirada num primeiro momento, mas depois fiquei feliz em ser a referência em leitura e interpretação desta obra para elas. Ficaram em silêncio ouvindo a história, queriam ver as imagens e participaram ativamente do posterior

diálogo, em especial, discordando do título do livro, pois o patinho não era feio, diziam, apenas era um lindo cisne, então o título deveria ser outro.

Como professora tenho a consciência de que necessito desafiar muito mais o pensar, fazer perguntas, provocar a interação, do que trazer as respostas rapidamente. Sou grata pela minha formação inicial, em licenciatura, a qual me ensinou isso. Bem comum ocorrer na minha aula de Ciências: faço uma pergunta, deixo um aluno responder e pergunto aos demais, uns cinco alunos, se concordam. Enquanto isso, vejo outros erguendo a mão querendo responder também, contrariando o primeiro colega. Após um contrariar, pergunto para mais cinco se concordam com o primeiro ou o segundo colega. Confesso que é difícil não dar a resposta certa logo, mas, por outro lado, é gratificante este processo da construção de conceitos, em que os estudantes chegam na resposta argumentando sua ideia, pois aprendem com mais facilidade, como já tive provas.

Assim, os alunos também auxiliam na produção do conhecimento escolar e uma das funções do professor é promover o diálogo entre o científico e o cotidiano, além da curiosidade epistemológica. Para ensinar, é importante ter claro com quais entendimentos, conhecimentos, teorias científicas e do cotidiano, conceitos presos no concreto eu vou planejar, mediar, avaliar, (re) planejar o ensino e a aprendizagem dos alunos. O professor de alguma forma sempre tem uma teoria sobre aquilo que vai ensinar, sobre quem é o aluno, sobre o que é aprender.

Nas aulas seguintes, fomos trabalhando interpretação de texto, construção de frases, leitura e expressão corporal. Na sequência do projeto, em uma aula fomos ao parque infantil, onde solicitei que eles coletassem folhas de plantas de diferentes tamanhos, formas e cores, mas apenas uma folha de cada, para não incentivar o desmatamento, e eles mesmo disseram: “a árvore fica triste se a gente arranca as folhas”. Eles ficaram fascinados com as diferenças entre as folhas, com o cheiro, pois tinha um pé de boldo próximo, e com as cores, de que tinha uma folha em tom de rosa, pois até então achavam que as folhas só eram verdes.

Durante essa aula, a minha alegria foi tão grande quanto a deles, pois consegui, como professora de Ciências, sensibilizá-los sobre as diferenças e valorizar as mesmas, destacando que todas as folhas são lindas, sem distinção de cor, cheiro, textura, nervura, assim como nós, devemos respeitar as diferenças entre uns e outros. Confesso que na hora queria falar sobre todos aqueles conceitos que ensino no oitavo ano: briófitas, pteridófitas, gimnospermas e angiospermas. Contudo, respirei fundo e

lembrei que estava com crianças do segundo ano, e que, naquele momento, o fascínio pela descoberta dos diferentes tipos de folhas que a natureza apresenta, já era o suficiente.

Ao tomarmos consciência das teorias científicas, para além das teorias pessoais do cotidiano, mais argumentos teremos, como professores, para mediar o conhecimento escolar e conseqüentemente deixamos transparecer isso na fala e na escrita. Até a criança ir à escola, ocorreu o desenvolvimento biológico e cultural na família e na sociedade, caso não tenha sido alfabetizada da forma mais primitiva em casa, como aprender a escrever seu nome, por exemplo. Na escola, dão-se os primeiros passos para a linguagem escrita, que tem como função principal a comunicação. Como professores, temos o papel de desenvolver o interesse das crianças pelos estudos, e para mim, em especial, o conhecimento do meio ambiente.

Ademais, os alunos da Educação Básica, de modo geral, articulam seus pensamentos por complexos (VIGOTSKI, 2005) e o professor, ao mediar o conhecimento, auxilia na constituição dos sentidos, para uma futura abstração dos conceitos.

A escola tem a função de questionar o cotidiano de convivência do aluno, dando outros sentidos que podem transformar as capacidades de agir dos mesmos, para que possam avançar em novas interações com a sociedade e ir além dos desafios nela encontrados. No entanto, isso só será possível se a escola assumir a sua função, que é a de oferecer as condições necessárias para que os indivíduos passem a ter o domínio das significações socialmente existentes. Assim, a mediação de atividades educativas a partir do que os estudantes conhecem, no caso as plantas, possibilita a percepção do porquê é importante ir à escola, em que se aprende para além do conhecimento cotidiano.

Nesse viés, ao desenvolver trabalho intencional com a linguagem, o professor parte das elaborações conceituais científicas e sua relação com os conceitos espontâneos, trazidos pelos alunos de suas experiências cotidianas. Conceitos cotidianos, espontâneos e científicos devem ser reconhecidos e transformados desde os primeiros dias na escola.

Ao refletir criticamente sobre o processo de constituição docente, posso afirmar que o vivenciei durante todos os anos da Educação Básica, junto da prática. Em outras palavras, como ser humano fui experienciando esta cultura escolar (MALDANER, 2014; VIGOTSKI, 1988), na qual temos contato com os professores, os quais de uma forma, ou de outra, nos motivam a querer atuar nessa profissão também, e assim vamos

ambientando-nos (VIGOTSKI, 1988), diferente de outras pessoas que foram para área do Direito, por exemplo, e que tiveram pouco ou nenhum contato com sua área de atuação durante esse período.

Essa diversidade de condições, que envolvem as relações com o outro, definem sujeitos com formação diferenciada, uns mais técnicos, mais práticos e outros com visão mais crítica, ou em diálogo. Porém, pela formação pedagógica das licenciaturas, defendemos um processo formativo para além das palavras, dos conceitos, do que já está internalizado, refletindo e investigando nossas ações.

Considerações finais

Cursando Pedagogia ampliei meu entendimento sobre as necessidades das crianças. Por um lado, é importante que elas tenham uma orientação para as atividades fora da sala de aula, e, por outro lado, também precisamos oportunizar momentos em que possam criar, descobrir e inventar brincadeiras de forma livre. E tudo isso é aprendido: saber dividir, trabalhar em grupo, ajudar o colega, entre tantas outras possibilidades que o ambiente escolar fornece.

A cada aula do curso de Pedagogia fomos aprendendo outras formas de trabalhar com as crianças, de resgatar o brincar, perceber suas necessidades. E como professores precisamos manter este equilíbrio do cuidar e do educar na escola, acolher as crianças e a partir disso ensinar o que os documentos orientam.

Por fim, quando decidimos por ser professores, o comprometimento em permitir à criança ser criança, respeitando seu processo, é essencial. Contudo, aos poucos desafiando um avanço no seu desenvolvimento, a fim de que a percepção de que são diferentes, não implica nas suas relações interpessoais, mas sim, potencializa na ajuda e aprendizagem mútua.

Referências

NERY, B. K.; MALDANER, O. A. (Org.). **Formação de professores: compreensões em novos programas e ações**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014. 248 p.

VIGOTSKI, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIGOTSKI, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ESTÁGIO EM DOCÊNCIA COMPARTILHADA NOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO COM O PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Sandra Regina Rodrigues¹

Márcia Rejane Scherer²

Introdução

O estágio de docência compartilhada é uma experiência pedagógica que proporciona a interação direta com a realidade escolar, permitindo ao acadêmico a vivência de situações que exigem planejamento, adaptação e execução de atividades didáticas.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a experiência vivida durante o estágio de docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental realizado no Centro de Educação Básica Francisco de Assis, em Ijuí/RS, com a turma do primeiro ano. A análise será conduzida com base nas atividades realizadas, nas dificuldades enfrentadas, nas abordagens pedagógicas adotadas, além das contribuições para o desenvolvimento dos alunos e para o meu crescimento como futura educadora.

Durante o estágio, observou-se a importância de contemplar as diversidades e as particularidades dos alunos no planejamento pedagógico, com ênfase nas crianças com necessidades educacionais específicas, o que contribuiu significativamente para a reflexão sobre o papel da educação inclusiva na formação dos estudantes.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em História pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; atua na Rede Municipal de Ensino de Ijuí/RS. E-mail: sandrareginaro76@gmail.com

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

Metodologia

O estágio de docência compartilhada se desenvolveu no Centro de Educação Básica Francisco de Assis - EFA, com a turma do primeiro ano do Ensino Fundamental. A turma, composta por dezenove crianças, foi acompanhada por mim, juntamente com a professora regente Maria Estela Dalla Flora.

A metodologia utilizada envolveu um projeto pedagógico, com atividades semanais, cada uma com objetivos específicos voltados para o desenvolvimento do autoconhecimento e para a reflexão sobre a diversidade.

As atividades foram planejadas com base em metodologias ativas, utilizando a leitura de textos, discussões, dinâmicas e análises de obras de arte. Além disso, atividades práticas como a elaboração de gráficos e a medição das crianças permitiram que os alunos pudessem refletir sobre suas características físicas e a diversidade presente na sala de aula.

Resultados e discussão

Durante o estágio, foram realizadas diversas atividades com o intuito de promover a reflexão sobre as diferenças individuais e a importância do respeito ao próximo. A primeira atividade, que consistiu na exibição de um curta-metragem e na dinâmica dos espelhos, teve como objetivo promover o autoconhecimento e a aceitação da diversidade. A turma reagiu de maneira positiva e a reflexão sobre a diversidade foi bem compreendida pelas crianças.

Em seguida, a leitura do poema “Pessoas são diferentes”, de Ruth Rocha, e a atividade de construção de gráficos com base nas características físicas dos alunos, como cor dos cabelos e dos olhos, permitiram às crianças observarem mais atentamente as diferenças e semelhanças entre elas. A atividade de medição, que envolveu o uso de fita métrica, também contribuiu para reforçar a ideia de que cada pessoa é única, independentemente de sua altura ou aparência.

A interação com a turma B12, que ocorreu no último dia do estágio, foi um momento importante para a socialização entre os alunos e para o desenvolvimento de habilidades de cooperação e respeito às diferenças. As crianças participaram ativamente de atividades em grupo e cantaram músicas que haviam sido ouvidas ao longo da semana.

No entanto, a experiência não foi isenta de desafios. O tempo disponível para a execução das atividades foi limitado, principalmente devido às dificuldades de concentração de algumas crianças, que necessitavam de apoio constante. Além disso, a euforia causada por outros eventos escolares, como a preparação para uma exposição de trabalhos e a premiação dos projetos desenvolvidos pelas turmas, também afetou a concentração das crianças durante as atividades.

Considerações finais

O estágio de docência compartilhada foi uma experiência enriquecedora, que contribuiu significativamente para o meu desenvolvimento como educadora. A interação com a turma e a reflexão sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas permitiram que eu compreendesse mais a fundo a complexidade do trabalho em sala de aula e a importância de planejar atividades que contemplem a diversidade presente neste espaço.

As atividades realizadas proporcionaram momentos de aprendizado significativo para as crianças, permitindo que elas desenvolvessem um maior respeito às diferenças e um autoconhecimento mais profundo.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de Nove Anos**. Brasília: MEC, 2009.

DELGADO, Ana Cristina Coll Delgado; MÜLLER, Fernanda. **Tempos e Espaços das Infâncias**. Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, pp. 5-14, jan/jun 2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org>

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (orgs.). **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007, pp. 13-24

ROCHA, Ruth. **Poesia para criança**. Disponível em: <http://poesiaparacrianca>.

EXPLORANDO A LUDICIDADE DURANTE A DOCÊNCIA COMPARTILHADA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Simone da Silva Rosa¹
Márcia Rejane Scherer²

Introdução

Observar as crianças em qualquer espaço possibilita ao professor refletir sobre suas ações pedagógicas e estruturá-las. Este olhar analítico é muito presente no cotidiano escolar, afinal a prática com os pequenos envolve a escuta das necessidades e curiosidades dos sujeitos.

Coutinho (2023) defende que os professores necessitam observar e analisar o modo como as crianças brincam, se relacionam, realizam as atividades, com o objetivo de coletar pistas a respeito da aprendizagem e desenvolvimento das mesmas. Reforçando este pensamento, Sestari (2022) enfatiza que o olhar pedagógico precisa ser amparado por meio de instrumentos no qual o professor pode fazer uso de anotações, fotos, vídeos ou áudios de forma a garantir alguns aspectos subjetivos, gerando materialidade e se transformando em subsídios para as ações.

Nesse sentido, ressalta-se que a prática da observação e escuta sensível das crianças não se constitui em algo instintivo para o educador, mas requer um aprimoramento constante do mesmo, pois está ligada, entre outras questões, à necessidade de que se conheça as etapas do

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Ciências Biológicas pela UNICRUZ - Universidade de Cruz Alta; com Especialização em Educação Infantil pela UNICID - Universidade de São Paulo; docente na Rede Municipal de Ensino de Boa Vista do Inca/RS. Email: professorasimonitta@gmail.com

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

desenvolvimento infantil, além da sensibilidade em considerar os conhecimentos e necessidades de saber que os educandos trazem consigo.

Interessar-se pelas singularidades da infância é o principal passo para o sucesso da ação educativa junto às crianças. Sabemos que cada sujeito é único e possui a sua própria maneira de aprender. Por isso, o currículo escolar e o planejamento das ações pedagógicas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental necessitam respeitar as especificidades dos sujeitos infantis e destacar o que é comum entre todas as crianças: a capacidade de brincar.

Morais et. al (2022) abordam que o lúdico é uma parte fundamental do processo de aprendizagem, considerando jogos e brincadeiras como instrumentos de ensino, sendo ferramentas relevantes que contribuem de maneira leve e interativa no desenvolvimento da aprendizagem escolar, fazendo com que a criança possa agir de forma lógica, desafiadora, sendo capaz de estimular as atividades mentais dela, ampliando a capacidade de cooperação.

Inserir o lúdico no cotidiano da escola de Ensino Fundamental envolve muitos desafios, mas o principal é desacomodar os sujeitos que acreditam que a brincadeira, o jogo, a interação entre as crianças gera “bagunça”. É uma abordagem que promove uma certa inquietação na rotina escolar, mas com certeza conquista a afetividade das crianças e concorre para a produção de aprendizagens significativas.

Metodologia

A escola na qual a prática de docência compartilhada foi realizada, é um dos primeiros educandários fundados no município de Boa Vista do Inca. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Brasilina Abreu Terra atende diariamente aproximadamente 286 estudantes, desde o primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental.

O percurso até a realização da prática compartilhada iniciou no mês de março de 2024, sendo que os primeiros contatos foram os diálogos com a equipe diretiva, pedagógica e com a professora referência da turma. No mês seguinte, foram feitos os estudos dos documentos que norteiam as metodologias e funcionamento da escola e as observações da rotina e aprendizagens da turma do segundo ano do Ensino Fundamental. Após esta escuta, iniciou-se a elaboração e discussão do projeto a ser desenvolvido para que no mês de maio fosse colocado em prática com as crianças.

Considerando estas incursões pela escola, a escuta das falas dos sujeitos envolvidos no processo e buscando dar segmento ao trabalho já iniciado pela professora referência da turma, pensou-se em um projeto no qual o principal assunto fosse as plantas e sua importância para o meio ambiente. A abordagem do tema teria como ponto principal a vivência da ludicidade na qual os principais autores fossem as crianças. Assim, nasceu o projeto “Uni, duni, tê, com as plantas vou aprender!”

Morais et.al (2022), salientam que o docente que se concentra na perspectiva construtivista (no qual valoriza-se o processo de construção da aprendizagem pelos sujeitos), utilizando em suas práticas atividades de caráter lúdico, além de promover diversão e entusiasmo, permite que a criança conheça o seu corpo, o espaço físico e social. O movimento corporal possibilita a interação juntamente com a construção do conhecimento. O professor que oportuniza em suas ações momentos de ludicidade, explorações e brincadeiras que envolvam os educandos, terá a chance de ter resultados melhores em relação à aprendizagem dos mesmos, pois acredita-se que nestas ocasiões a criança exercita a sua criatividade, organiza seu pensamento na busca por soluções a problemas propostos, constrói e reconstrói conceitos, desenvolve a curiosidade.

Durante o final do mês de abril e início do mês de maio de 2024, as páginas da história do Rio Grande do Sul ficaram marcadas pelas fortes enchentes que assolaram o Estado. Várias regiões foram afetadas, milhares de pessoas e animais ficaram desabrigados e diversos setores privados e públicos tiveram suas atividades interrompidas gerando prejuízos incalculáveis. Tal fenômeno foi noticiado por vários canais de comunicação gerando comoção nos âmbitos nacional e internacional. Acredita-se que esta se constitui em uma das maiores tragédias climáticas que já atingiram o Rio Grande do Sul.

Tendo em vista o novo cenário, é impossível se abster deste fato e não trazer para as discussões dentro da escola a situação vivenciada no Rio Grande do Sul. Até mesmo porque as próprias crianças, em suas falas, mostravam-se preocupadas com as pessoas que foram atingidas. Observando isso e novamente contextualizando com os assuntos trabalhados em sala pela professora referência da turma do segundo ano 02, foi pensado em também abordar, nos diálogos durante a vivência do projeto de docência compartilhada, assuntos relacionados à importância da preservação das árvores, solo, matas ciliares, assim como a empatia para com aqueles que foram atingidos pelas enchentes.

Lopes (2009), em seus estudos aborda que quanto mais o professor compreender a dimensão do diálogo como postura necessária em suas aulas, maiores avanços conseguirá conquistar em relação à aprendizagem dos alunos, pois desse modo, eles sentirão mais curiosidade e serão mobilizados para que possam transformar as suas realidades. Segundo a autora, o professor que atua nessa perspectiva, não é visto como um transmissor de conhecimentos, mas sim como um mediador, ou seja, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno.

Resultados e discussão

A prática de docência compartilhada começou a partir da segunda metade do mês de maio de 2024. As atividades foram planejadas para que os protagonistas do processo fossem as crianças. A ideia principal era incentivar para que todos participassem ativamente das vivências, construindo, observando, lendo, escrevendo e, principalmente, sendo ouvidos.

A semana iniciou com contação de histórias, na qual duas obras de literatura infantil foram escolhidas para principiar o tema. No primeiro dia de estágio, a proposta foi levar para a turma uma história que abordasse questões relacionadas ao ambiente. As crianças, em suas narrativas espontâneas, trouxeram comentários sobre as enchentes e desabrigados (mesmo morando em um município distante dos locais atingidos) e mostraram-se preocupadas com a questão. Neste dia, o registro da turma foi a produção de um desenho e uma pequena escrita sobre as atitudes positivas que devemos ter para a preservação do ambiente. Pensando neste enfoque, de estimular o protagonismo infantil, Schneider, Martins e Silva (2021), destacam que o trabalho pedagógico deve considerar o contexto dos educandos e o planejamento na sala de aula, além de valorizar o cotidiano das crianças, suas dúvidas, seus interesses, suas descobertas, suas falas, entre outros.

Os próximos encontros com a turma ficaram marcados por vivências planejadas com o objetivo de serem explorados alguns elementos da natureza (plantas, folhas, água, solo, sementes), de forma que todas as atividades tivessem um caráter concreto e lúdico. Tais experiências possibilitaram que gradativamente fossem observados os conhecimentos prévios dos sujeitos em relação ao tema, os níveis de construção da leitura

e escrita da turma, a capacidade de observação dos pequenos para, quando necessário, fazer as intervenções pedagógicas a fim de auxiliar as crianças em suas construções. Estas experiências concretas foram muito ricas, pois foi possível ouvir e perceber, nas falas dos pequenos, sentimentos de alegria, satisfação e suas aprendizagens, enquanto manuseavam e experienciavam tais materiais.

Entretanto, houveram ocasiões, durante a prática compartilhada, em que o planejamento inicial do projeto de estudo sofreu algumas alterações. Schneider, Martins e Silva (2021), citam, em seu trabalho, que “o planejamento precisa ser mais interativo, abrindo espaço para que todos os envolvidos colaborem no processo de ensino e de aprendizagem. Por esse motivo, é difícil prever tudo o que vai ocorrer, pois só o encontro poderá dizer o que ganhará mais tonicidade”.

As condições climáticas são imprevisíveis, devido a isso, não foi possível realizar algumas vivências, como por exemplo uma exploração maior com a turma nas áreas externas da escola. Neste dia, a ideia inicial era fazer toda uma investigação sensorial com os elementos da natureza encontrados no pátio. Porém, o trabalho ficou mais limitado, sendo realizada uma atividade artística na qual as crianças exploraram as folhas e construíram uma ilustração utilizando aquele material disponibilizado pela natureza como parte central.

Além disso, durante as observações antecedentes à prática, foi percebido que a turma está construindo a noção de número e conseqüentemente aprendendo a realizar cálculos matemáticos. Tendo em vista a idade das crianças e percebendo as fases do desenvolvimento cognitivo desses sujeitos, pensou-se em realizar uma exploração e contagem utilizando dados e palitos de picolé coloridos para que os educandos vivenciassem concretamente a construção da base 10. Este processo foi realizado numa outra tarde chuvosa. Neste dia, estavam presentes na turma somente 4 crianças. Foi então possível orientá-los e auxiliá-los de uma forma mais individualizada em relação à atividade e com isso observar que houve compreensão de como a base 10 é estruturada. Santos, Oliveira e Oliveira (2013), enfatizam que os professores do Ensino Fundamental podem se deparar com dificuldades ao ensinar matemática e uma proposta metodológica viável é a utilização de material concreto, até porque as crianças quando entram no período operatório, necessitam manipular objetos concretos para construir os conceitos matemáticos que estão sendo ensinados.

Por último, para encerrar o projeto de estágio, foi realizada uma vivência que as próprias crianças indiretamente sugeriram. Neste dia seria trabalhada uma música e uma sequência de vídeos explicativos sobre o planeta Terra. Entretanto, enquanto a música estava sendo explorada, as crianças relataram como eles achavam que era o planeta. Diante desta fala, foi oportunizado que a turma visualizasse, através das mídias, um aplicativo no qual pudessem acessar as imagens que são obtidas por satélite da cidade e das casas em que moram. O momento foi muito significativo, pois cada um mostrava-se orgulhoso em poder localizar e mostrar para os outros o local onde moravam. O interesse foi tanto que os educandos solicitaram que fosse registrado no quadro o nome do aplicativo virtual para que eles copiassem e em casa conseguissem mostrar para seus familiares.

Considerações finais

A docência compartilhada é uma experiência que oportuniza a troca de saberes entre professores que atuam na mesma área. Viver, reinventar-se, observar, planejar ações em conjunto possibilitam novas aprendizagens.

Durante estas práticas o educador deverá estar atento, observando os alunos em seus processos de construção, identificando assim as necessidades, singularidades e possibilidades de cada criança, bem como ao planejar essas dinâmicas, necessita de intencionalidade em relação aos objetivos de aprendizagem que pretende alcançar com todos os sujeitos.

Atuar novamente em uma turma de Anos Iniciais do Ensino Fundamental, foi uma experiência desafiadora, mas ao mesmo tempo gratificante. Durante a prática do estágio, foi possível escutar as falas e perceber as diferentes realidades das crianças de uma turma de segundo ano. Deixar os sujeitos se expressarem, participar junto com eles nas construções, mediar situações cotidianas na escola, permite ao professor planejar as ações que tem como principal objetivo a aprendizagem dos estudantes.

Entretanto, o mais significativo de toda esta experiência foi retornar à escola nas semanas seguintes, após a conclusão do projeto de docência compartilhada, e sentir a afetividade dos educandos. E, ao mesmo tempo, ouvir das próprias crianças o quanto ainda estão envolvidos em continuar observando o desenvolvimento das plantas que eles semearam.

Referências

- COUTINHO, Dimitria. Educação Infantil: como observar e registrar o desenvolvimento das crianças. **Revista Nova Escola**, Rio de Janeiro, p. (1-6), abril de 2023. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21644/educacao-infantil-como-observar-e-registrar-o-desenvolvimento-das-criancas> . Acesso em 20 de março de 2024.
- LOPES, Rita de Cassia Soares. **A relação professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem**. 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.
- MORAIS, Deimy Kellen Alves de; MARTINS, Pollyany Pereira; COSTA, Jani Marra da Fonseca. A Importância do Lúdico Como Ferramenta Pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Pedagogia em Ação**, v. 19 n. 02. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2022. Disponível em: https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/2741/1/Artigo_DEIMY%20KELLEN%20ALVES%20DE%20MORAIS.pdf. Acesso em 29 de março de 2024.
- SANTOS, Anderson Oramisio; OLIVEIRA, Camila Rezende; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. Material concreto: uma estratégia pedagógica para trabalhar conceitos matemáticos nas séries iniciais do ensino fundamental. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 9, n. 1, 2013. DOI: 10.5216/rir.v1i14.24344. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/24344>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- SCHNEIDER, Mariângela Costa; MARTINS, Silvana Neumann; SILVA, Jacqueline Silva da. Protagonismo Infantil na prática: O ensino desenvolvido com a participação dos estudantes na Educação Básica. **Research, Society and Development**. v. 10, n. 1. p (1-12), janeiro, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/11574/10347/153312>. Acesso em 20 de junho de 2024.
- SESTARI, Paula. Educação Infantil: como utilizar a observação para pensar experiências de aprendizagem? **Revista Nova Escola**, Rio de Janeiro, p. (1-3), julho, 2022. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21290/educacao-infantil-como-utilizar-a-observacao-para-pensar-experiencias-de-aprendizagem>. Acesso em 20 de março de 2024.

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO EM DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tanise Almeida Leal de Melo¹

Márcia Rejane Scherer²

Introdução

O estágio em docência é um período essencial na formação de professores, uma vez que proporciona a oportunidade de aplicar as teorias pedagógicas estudadas, bem como desenvolver habilidades profissionais fundamentais para a prática da docência. Durante essa fase, os estagiários observam, participam, conduzem atividades didáticas, integrando-se totalmente ao ambiente escolar. Outro ponto, ao interagir diretamente com alunos, professores e a comunidade escolar, este professor em formação ganha novos olhares sobre a educação, a cada dia que passa. Este artigo explora os pontos fundamentais do estágio nos Anos Iniciais, destacando sua importância na formação de professores.

Metodologia

A metodologia deste estudo baseou-se em uma revisão bibliográfica e na análise das experiências vivenciadas durante o estágio na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Bonifácio, no município de São Luiz Gonzaga, com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental.

-
- 1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa e Inglesa pela UNIDERP - Universidade Anhanguera; com Especialização em Orientação Educacional pela UNINTER - Centro Universitário Internacional; docente na Rede Municipal de Ensino de São Luiz Gonzaga/RS. E-mail: taniseleal@yahoo.com.br
 - 2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

Na revisão bibliográfica, foram estudadas teorias de ensino e aprendizagem, metodologias de ensino, diretrizes da Base Nacional Comum Curricular e o Projeto Político Pedagógico da referida escola, para construir uma base teórica bem fundamentada e estruturada, voltada para a realidade em que está inserida a instituição.

Durante o estágio, foram realizadas observações, desenvolvidas atividades e registradas reflexões diárias sobre as interações com alunos e professores. Também foram realizadas entrevistas com professores e com a coordenadora para entender melhor as práticas e desafios na escola. Os dados coletados foram organizados e comparados com a teoria estudada, buscando identificar pontos de convergência e divergência, refletir sobre as práticas observadas, adaptando a teoria ao contexto específico do 1º ano do Ensino Fundamental.

Resultados e discussões

O estágio é momento crucial para os acadêmicos de Pedagogia, pois durante esse período, os estagiários mergulham completamente na dinâmica da escola, estabelecendo vínculos significativos com os alunos e experienciando o funcionamento da instituição escolar. Mais do que simplesmente aplicar teorias aprendidas em sala de aula, o estágio proporciona uma valiosa oportunidade de reflexão sobre as práticas de ensino. É um momento para aprender a integrar o conhecimento acadêmico com a realidade da sala de aula, adaptando métodos e estratégias conforme necessário.

Essa experiência enriquecedora não apenas contribui para o desenvolvimento de habilidades de ensino, mas também aprofunda a compreensão das necessidades individuais dos alunos. Dessa forma, o estágio prepara os futuros educadores para serem mais sensíveis e eficazes, capazes de enfrentar os desafios e promover um ambiente de aprendizado acolhedor e estimulante. Nesta perspectiva, Pimenta e Lima afirmam a finalidade do estágio,

[...] a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Assim, o estágio se afasta da compreensão até então corrente, de que seria a parte prática do curso. As autoras defendem uma nova postura, uma redefinição do estágio, que deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade. (Pimenta e Lima, 2004, p. 45).

Durante o período de estágio, nós, estagiários, perpassamos várias etapas. Acreditamos que a fase inicial tenha sido o estudo dos documentos orientadores da escola. Esta documentação, por ocasião de nosso estágio, compreendeu a Base Nacional Comum Curricular, Projeto Político Pedagógico e o Regimento Interno da escola. Sob nossa percepção, estudar estes documentos da escola desempenhou um importante papel na preparação para nossa prática pedagógica, pois eles fornecem um entendimento profundo dos princípios e diretrizes educacionais que orientam todas as atividades escolares. Ao aprofundar nossos conhecimentos sobre a BNCC, pudemos ter uma noção dos objetivos de aprendizagem essenciais para cada etapa da educação, permitindo-nos planejar atividades que atendessem às necessidades específicas dos alunos.

O estudo do PPP nos proporcionou uma visão clara do propósito educacional da escola, seus valores e sua relação com a comunidade, orientando-nos na construção de práticas educativas alinhadas com estes princípios. Além disso, o conhecimento do Regimento Interno da escola foi fundamental para compreendermos as normas e procedimentos que regem o ambiente escolar, preparando-nos para interagir de maneira responsável e eficaz com colegas, alunos e demais membros da comunidade escolar. Assim, a familiaridade com esses documentos não apenas enriqueceu nossa formação acadêmica, mas também fortaleceu nossa capacidade de contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento educacional e social dos estudantes durante nosso estágio pedagógico.

Após esta etapa inicial de compreensão e interação com os documentos orientadores da escola, nos sentimos aptos para adentrar às turmas, passando assim para a segunda fase do estágio, a observação do ambiente escolar. Esta compreende o período que nós, estagiários, podemos observar o cotidiano, a rotina e a metodologia aplicada na turma em que realizaríamos nosso estágio, sendo esta, etapa importante para a elaboração do nosso planejamento e a execução de uma prática pedagógica significativa.

Esta segunda etapa de nosso estágio nos proporcionou uma compreensão profunda da dinâmica da sala de aula, permitindo-nos familiarizar com as necessidades individuais dos alunos e as dinâmicas de interação em grupo. Ao estudar de perto as estratégias pedagógicas empregadas pelo professor regente, pudemos adquirir novas habilidades e conhecimentos e também descobrir como adaptar métodos de ensino eficazes às especificidades da turma. Essa observação detalhada não só

forneceu as informações necessárias para a elaboração do plano de estágio, mas também nos capacitou a criar um ambiente de aprendizagem mais receptivo e colaborativo, preparando-nos para uma prática pedagógica relevante, engajadora e orientada para o progresso educacional dos estudantes.

Na sequência do processo de estágio temos o planejamento e sua subsequente prática pedagógica que desempenham um papel crucial na nossa formação e desenvolvimento como educadores. O planejamento meticuloso permite estruturarmos atividades e intervenções educativas de forma estratégica, considerando as necessidades individuais e coletivas dos alunos, bem como os objetivos educacionais da instituição. Este processo não apenas facilita a organização das aulas, mas também promove a reflexão contínua sobre métodos de ensino e aprendizagem mais eficazes.

A prática de estágio nos proporciona a oportunidade real de aplicar teorias aprendidas em um ambiente educacional vivo, lidando com desafios reais e adaptando-se às dinâmicas da sala de aula. Assim, o planejamento e a prática de estágio não apenas nos capacitam a desenvolver nossas habilidades pedagógicas e de gestão de classe, mas também contribuem significativamente para nossa formação de educadores comprometidos, preparados para impactar positivamente a educação dos alunos. De modo que:

O estágio possibilita uma aproximação da realidade da sala de aula e da escola, sendo que essa leva a uma reflexão teórica sobre a prática, sobretudo o que se observa e vivencia, propiciando ao aluno a oportunidade de se aproximar da realidade em que atua ou, futuramente, atuará. (CABRAL; ANGELO, 2010, p. 2)

No nosso cotidiano na sala de aula, enfrentar questões como gerenciar o tempo, organizar o espaço físico, manter a disciplina e atender às necessidades emocionais e sociais dos alunos são tarefas desafiadoras. Por isso, a prática contínua e a reflexão sobre essas experiências são fundamentais para o aprimoramento das nossas habilidades de gestão de sala de aula. Ao enfrentarmos esses obstáculos diários, orientados em nossas dificuldades pela professora regente da turma, pudemos desenvolver uma visão mais realista e prática do ensino, percebendo a importância de adaptar estratégias pedagógicas às necessidades individuais dos alunos e de tornar o ambiente de aprendizagem seguro, acolhedor, criativo e desafiador ao aluno. Em vista disso:

[...] os obstáculos que os licenciandos enfrentam em situações de Estágio se constituem em aprendizagens para futuramente saber lidar com a realidade as escolas e saber gerenciar o tempo para preparação de aulas, busca de metodologias, preparo de material didático, correção de avaliações, dentre muitas outras atribuições que competem ao professor (FILLOS; MARCON, 2011, p. 1699).

Durante a nossa prática pedagógica nos deparamos com vários desafios, comuns à realidade do profissional de educação, tais como: alunos com comportamento desafiador, falta de atenção, resistência à autoridade e alguns poucos comportamentos agressivos. Para lidar com esses desafios, experimentamos diferentes estratégias, como comunicação clara e não violenta, apoio emocional individualizado. Com o auxílio da professora regente ajustamos essas estratégias conforme as necessidades de cada aluno e situação. Esta experiência não só ampliou nosso entendimento do ambiente escolar, mas também fortaleceu nossa capacidade de intervenção pedagógica eficaz, bem como a tomada de decisões rápidas e assertivas. Enfrentar estes desafios também promoveu nosso crescimento pessoal, aumentando nossa resiliência e empatia e nos preparando melhor para a atuação como regentes de classe. Desse modo:

Aprender a ser professor é um processo que vai muito além dos conhecimentos específicos e pedagógicos com os quais os estudantes entram em contato nas licenciaturas, estando relacionado também com uma diversidade de outros conhecimentos que se aprendem na inserção em um ambiente de trabalho e na interação com os pares (FILLOS; MARCON, 2011, p. 1690).

Outro aspecto de suma importância de ser destacado em nosso estágio foi o trabalho conjunto com a professora regente, o qual contribuiu largamente para o desenvolvimento de nossa prática, bem como para nosso crescimento como educadores, pois, ao assumir o papel de nossa “mentora”, ela não apenas compartilhou sua experiência pedagógica, mas também dedicou tempo e esforço para oferecer orientações detalhadas e feedback construtivo.

Além disso, o suporte emocional fornecido foi fundamental para que nos sentíssemos apoiadas e encorajadas a enfrentar os desafios do estágio. Durante nosso trabalho conjunto, pudemos não apenas observar e absorver os métodos eficazes de ensino, mas aprender com suas experiências práticas do dia a dia na sala de aula. Esta interação constante não apenas enriqueceu nossa formação profissional, mas também fortaleceu a confiança em nossas habilidades como educadores em formação. A parceria com a

professora regente exemplifica como a colaboração, dentro do ambiente educacional, pode não apenas promover o crescimento individual, mas também enriquecer o processo de aprendizagem e desenvolvimento profissional.

Enfim, o estágio, em especial nos Anos Iniciais, é uma experiência rica e transformadora, repleta de desafios, aprendizados e realizações. A vivência prática proporciona uma compreensão mais profunda da realidade escolar e prepara os futuros professores para atuarem de forma competente, criativa e comprometida com a formação integral de seus alunos. Durante a realização do estágio, é comum que nós, graduandos, sintamos uma mistura de emoções intensas, incluindo medos e inseguranças. A transição do ambiente acadêmico para a prática real pode ser desafiadora, pois enfrentamos a responsabilidade de aplicar teorias aprendidas em sala de aula. O receio de cometer erros e a pressão por oferecer um bom desempenho podem gerar ansiedade. Além disso, a interação com alunos e colegas de trabalho pode ser intimidante, levando-nos a questionar nossas habilidades e conhecimentos. No entanto, é através dessas experiências que aprendemos e crescemos profissionalmente, desenvolvendo confiança gradualmente.

Considerações finais

O estágio em docência é uma valiosa oportunidade para aliar o conteúdo teórico aprendido durante o curso à prática em sala de aula. A aplicação dos conhecimentos teóricos, como as estratégias de ensino, as metodologias pedagógicas e as técnicas de avaliação, permite que os estagiários compreendam de forma mais profunda e concreta a complexidade do processo educativo. A reflexão contínua sobre a prática e a integração das teorias estudadas são fundamentais para o desenvolvimento de um professor competente e reflexivo.

Portanto, com os aspectos estudados e analisados, percebemos que o período de estágio é indispensável na formação de professores, proporcionando momentos de experiências práticas e também desafiadoras. Desta forma, permite a integração de conhecimentos teóricos com a prática pedagógica, desenvolvendo habilidades essenciais para a docência, contribuindo assim para a construção da identidade profissional do professor. Através do estágio, futuros professores estão mais bem preparados

para enfrentar os desafios da sala de aula, e desta forma, promover uma educação de qualidade.

Referências

CABRAL, V. L. A.; ANGELO, C. B. **Reflexões sobre a Importância do Estágio Supervisionado na Prática Docente**. Pernambuco, nov. 2010.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente**/Maria Socorro Lucena Lima; colaboradores Zuleide Ferraz Garcia... [et al.] - 4. Ed., rev amp. - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

FILLOS, Leoni Malinoski; MARCON, Luzia da Conceição Jorge. **Estágio supervisionado em Matemática: significados e saberes sobre a profissão docente**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, n. 10, 2011, Curitiba - PR. **Anais** do Congresso Nacional de Educação, 2011.

ESTÁGIO EM DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS EM EVOLUÇÃO... INFÂNCIAS EM TRANSFORMAÇÃO

Vânia Lúcia Berton¹
Márcia Rejane Scherer²

Introdução

O presente artigo contempla a descrição, reflexão e apreciação relacionadas à prática de docência compartilhada, desenvolvida na disciplina de Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Essa disciplina está inserida na grade curricular do curso de Pedagogia da UNIJUÍ, oferecido para a segunda turma de Pedagogia do PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica).

O estágio, desenvolvido em escola de Ensino Fundamental, contemplou 45 horas, sendo 25 horas de observação e 20 horas de prática sob forma de docência compartilhada. Realizou-se no segundo semestre letivo do ano de 2024, na Escola Municipal Fundamental Soares de Barros, em Ijuí/RS, no turno da tarde, em uma turma do 4º ano dos Anos Iniciais. A abordagem da temática do estágio organizou-se a partir da ideia inicial do projeto, percepções sobre as crianças, suas infâncias, brinquedos e brincadeiras e acesso ao mundo digital.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Ciências Plenas, Habilitação Biologia pela UNIJUÍ; com Especialização em Educação Ambiental pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria/RS e em Alfabetização e Letramento pela UNINTER – Centro Universitário Internacional; docente da Rede Municipal de Ensino de Ijuí/RS. E-mail: vanialbertonb@gmail.com

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Pedagogia Gestora – Orientação, Supervisão e Administração Escolar pela Associação Catarinense de Ensino – Faculdade de Educação de Joinville/SC; Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. E-mail: marciarejanescherer@gmail.com

Este artigo é constituído pela escrita reflexiva produzida pela acadêmica, embasada em estudos teóricos, tendo como materiais de pesquisa: a Base Nacional Comum Curricular: etapa dos Anos Iniciais, o Referencial Curricular Municipal do Ensino Fundamental I, livros, textos e artigos de pensadores e pesquisadores referentes à infância, ludicidade, brinquedos e brincadeiras e às temáticas abordadas na documentação que constitui a prática do estágio de docência compartilhada em uma turma de Anos Iniciais.

Metodologia

A organização das ações que fazem parte do cotidiano escolar deve ser pautada no currículo. Entre os elementos que fazem parte do currículo estão as metodologias de trabalho, evidenciadas em temáticas e/ou projetos, eixos estruturantes ou organizadores, que precisam nortear o fazer pedagógico dos educadores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Estes projetos ou processos investigativos permeiam o cotidiano da escola e possibilitam aprendizagens significativas.

A temática escolhida para o desenvolvimento do projeto na turma, apresenta relação com a concepção contemporânea sobre as infâncias e com a importância da realização de vivências, na escola, que proporcionem às crianças dos Anos Iniciais momentos lúdicos, nos quais o brincar esteja presente de forma marcante, pois como ressalta-se no Referencial Curricular Municipal do Ensino Fundamental I - Ijuí/RS:

Criança é ação e movimento; ela vive com seu corpo todas as emoções e experiências possíveis. É pela ação que ela descobre, descobre mistérios, constrói noções e conceitos à medida que age, observa e relaciona. O seu modo de ser e agir caracteriza-se também por sua espontaneidade, curiosidade e criatividade. (2020, p.29)

A metodologia utilizada no decorrer do estágio foi a Metodologia de Projetos, a qual prioriza a interação, a pesquisa, a ação e a reflexão nas ações propostas. Nessa perspectiva, buscou-se possibilitar que os alunos compreendessem que pertencem a uma etapa do desenvolvimento humano na qual o brincar é um direito. Esse brincar na escola deve acontecer de forma a contemplar as habilidades e objetivos do ano escolar e possibilitar aos alunos conhecer a evolução dos brinquedos e brincadeiras no decorrer do tempo, em contextos sociais e culturais variados, as possibilidades de

criação de brinquedos e brincadeiras, buscando a ampliação do repertório do aluno.

Resultados e discussão

A temática abordada nas vivências do projeto de estágio refere-se à construção de aprendizagens por parte das crianças que vivenciam suas infâncias através da ludicidade e das diferentes formas de brincar em contextos sociais e culturais variados, trazidos através da história e evolução dos brinquedos e das brincadeiras.

Durante a realização do projeto, desenvolveram-se atividades diversificadas, que contemplaram as áreas de linguagens: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física; de Matemática e de Ciências Humanas: Geografia. As vivências proporcionadas às crianças envolveram contação de história através do livro infantil: “Memórias de uma pipa”, de autoria desta acadêmica; construção de gráfico coletivo, de estrofe e registro pictórico referente a levantamento de dados sobre os brinquedos e brincadeiras favoritos das crianças da turma; pesquisa e exploração da temática através de diversos materiais (livro, vídeos, músicas, jogos, charadas, parlendas).

Em outros momentos contemplou-se a interação com a avó de um aluno da turma, na qual a mesma desenvolveu relato sobre brinquedos e brincadeiras de tempos antigos; biografia e representações de obras do artista plástico Cândido Portinari; produção de registros gráfico plásticos; caça ao tesouro. Momentos de interação com a família oportunizados através de diálogos, questionário com coleta de dados sobre brinquedos e brincadeiras da infância e produção de material referente à temática do projeto também se fizeram presentes no decorrer da prática, assim como a socialização das aprendizagens e diálogos entre as crianças da turma com as demais turmas da escola.

No espaço da sala de aula dos Anos Iniciais apresentam-se aos nossos olhos formas diversificadas de vivenciar a infância, representadas por cada criança com sua trajetória de vida. Através de um olhar sensível e de uma escuta atenta, o educador pode fomentar na criança o desenvolvimento de capacidades para constituir-se em sujeito social, pensante, potente e criativo. Um sujeito em formação, que precisa de estímulos para desenvolver suas habilidades e que elabora percepções e aprendizagens de maneira ativa.

As crianças desta faixa etária vivenciam transformações importantes em seu processo de desenvolvimento, com avanços referentes a uma maior

autonomia, afirmação da sua identidade, ampliação de interações e relações estabelecidas através de múltiplas linguagens.

Durante o estágio de docência compartilhada percebeu-se que as crianças da turma demonstraram interesse em participar das vivências propostas, com motivação, curiosidade e participação ativa nos momentos experienciados relacionados à temática, indicando que crianças possuem necessidade de participarem de atividades lúdicas no seu processo de aprendizagem.

Considerações finais

Vivemos um tempo em que a infância está sendo modificada, conforme ocorrem transformações na sociedade e no seu modo de organização. Essas modificações na forma como as crianças têm vivenciado suas infâncias, alteram percepções existentes a respeito da infância em outros períodos de tempo, como na Modernidade. Essa nova forma de perceber e vivenciar a infância provoca nos educadores importantes reflexões.

Estes educadores compartilham momentos, ideias, olhares e experiências que enriquecem o percurso das infâncias. E nessa ciranda, trocas significativas acontecem, nas relações entre adultos, crianças e nas relações estabelecidas no brincar, que permitem a cada um despertar no seu tempo para ser e estar no mundo.

O segmento dos Anos Iniciais necessita ampliar a construção do seu currículo com uma abordagem das infâncias que respeite os direitos, valorize as singularidades e considere as diversidades existentes, permitindo o pleno desenvolvimento da criança. Esta abordagem é possível através de ações pedagógicas que possibilitem incluir vivências lúdicas, que tenham significado para as crianças e que potencializam suas habilidades.

Referências

BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Orgs.). **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 135 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>. Acesso em 15/03/2024.

Cadernos SMED- Ijuí/ RS. Número 24- Volume 2. Secretaria Municipal de Educação. **Referencial Curricular Municipal: Ensino Fundamental I**. 2020.

FRANCO, M. E. W. **Compreendendo a infância como uma condição da criança**. Editora Mediação. Porto Alegre. 2002.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Aline Ribeiro dos Santos¹

Jaqueline Bussler Michael Krüger²

Introdução

O Ensino Fundamental é a etapa mais duradoura da Educação Básica, possuindo nove anos de duração, fator que faz com que as crianças ingressem com 6 anos, passam um longo período de suas vidas inseridos nela e só a deixam quando estão com 14 anos (Brasil, 2017). As crianças, nesta etapa, passam por inúmeras mudanças em suas vidas, tanto no sentido afetivo, quanto motor, físico e psicológico. Dessa forma é possível pensar que o Ensino Fundamental acolhe uma pluralidade de faixas etárias fazendo com que os modos de convivência do dia a dia sejam diferentes. Pensando nos Anos Iniciais podemos afirmar que esta etapa pode ser vista como um momento de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental que precisa ser desenvolvida e executada no processo de ensino e aprendizagem com responsabilidade e empatia pelos docentes para com os alunos.

Além disso, podemos pensar nos Anos Iniciais de forma a exercer um papel crucial no desenvolvimento do aluno no sentido de que ele irá proporcionar conhecimentos e habilidades que irão acompanhar e formar um cidadão ciente de seu papel na sociedade. Dessa forma, é preciso refletir sobre os Anos Iniciais no sentido de valorizar as situações lúdicas que já foram vividas na Educação Infantil e não as deixar para trás de

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; licenciada em Educação Física pela UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; servidora pública do município de Ijuí/RS. E-mail: aline.santos18@outlook.com

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ; com Especialização em Psicopedagogia pela UNINTER – Centro Universitário Internacional; Mestre em Educação pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jaquebumikr@gmail.com

forma abrupta, uma vez que mesmo tendo passado a uma nova etapa da Educação Básica a criança até então na Educação Infantil não deixou de ser criança (Brasil, 2017). Nesse sentido, os novos conteúdos a serem inseridos precisam estar emergidos no brincar, fazendo com que as aprendizagens ainda contemplem a ludicidade, apresentem-se de maneira leve e prendam a atenção das crianças.

Além do mais aponta-se que,

[...] nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a criança desenvolve a capacidade de representação, indispensável para a aprendizagem da leitura, dos conceitos matemáticos básicos e para a compreensão da realidade que a cerca, conhecimentos que se postulam para esse período da escolarização. O desenvolvimento da linguagem permite a ela reconstruir pela memória as suas ações e descrevê-las, bem como planejá-las, habilidades também necessárias às aprendizagens previstas para esse estágio. A aquisição da leitura e da escrita na escola, fortemente relacionada aos usos sociais da escrita nos ambientes familiares de onde veem as crianças, pode demandar tempos e esforços diferenciados entre os alunos da mesma faixa etária. A criança nessa fase tem maior interação nos espaços públicos, entre os quais se destaca a escola. Esse é, pois, um período em que se deve intensificar a aprendizagem das normas da conduta social, com ênfase no desenvolvimento de habilidades que facilitem os processos de ensino e de aprendizagem (BRASIL, 2013, p. 110).

Assim, com todas estas esferas relacionadas aos Anos Iniciais, podemos pensar também na articulação entre o que foi experienciado na Educação Infantil fazendo uma ponte para que tais vivências não sejam perdidas, mas sim passem por uma transição. Ou seja, o Ensino Fundamental ganhará muito se absorver o caráter lúdico, fazendo com que as aulas sejam menos repetitivas, mais prazerosas e fazendo com que os desafios apresentados possam levar a participação ativa (Ibidem, 2013). Nesse sentido, pensar em metodologias as quais possam instigar a curiosidade das crianças, chamar sua atenção passam a ser recursos no processo de ensino e aprendizagem.

Por outro lado, analisando os assuntos de urgência em nossa sociedade trazer para dentro da sala de aula dos Anos Iniciais questões relacionadas à crise climática que vivemos em nossa atualidade é de extrema importância. Uma vez que se entende que é dentro do espaço escolar que conseguimos fazer mudanças significativas em nossa sociedade, no sentido de que através da educação é que nos diferenciamos das demais espécies, pois é com a educação que estamos aptos a mudar padrões existentes

(Bouffleuer, 2014) e com isso temos a capacidade de mudar o meio em que vivemos como também o mundo em geral.

Nesse sentido, pensando no compromisso com a qualidade da educação do século XXI, e pelos diversos desastres ambientais se faz necessário que nós educadores possamos compreender e contribuir para a prevenção desta crise ambiental que está instaurada em nossa sociedade contemporânea, fazendo com que nosso espaço escolar contribua para a prevenção dos efeitos socioambientais e globais (Brasil, 2013).

Neste viés, é possível afirmar que a educação é,

[...] essencial na construção desse processo de sensibilização ao respeito à natureza, a escola surge como grande e importante aliada, já que concentra alunos, professores, funcionários, pais, responsáveis legais e toda a comunidade escolar, a qual pode perceber o seu verdadeiro papel em defesa das questões ambientais da sua localidade e do seu entorno (Neto; Ferreira; Pereira, 2021, p. 144).

Nesse sentido, o presente artigo, além de abordar a experiência de se estar à frente de uma turma de Anos Iniciais desenvolvendo estágio em docência, também busca abordar questões relacionadas ao meio ambiente na forma de um projeto pedagógico. Uma vez que se entende que é dentro do espaço escolar que conseguimos fazer mudanças significativas em nossa sociedade.

Metodologia

A construção do presente projeto se deu na disciplina de Estágio Currículo e Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da grade acadêmica do curso de Pedagogia 2ª Licenciatura do programa PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.

Sob este viés, a realização desta proposta pedagógica ocorreu em uma escola da Rede Estadual do Rio Grande do Sul, sendo ela a Escola Estadual de Ensino Fundamental Boa Vista, localizada na parte Norte da cidade de Ijuí/RS. Além disso, a turma escolhida para a realização das atividades foi o 3º ano com crianças na faixa etária entre 7 e 8 anos. A proposta do projeto foi executada através de 20 horas de observação da turma e posteriormente 25 horas de docência. Tais horas de docência sendo divididas em sete dias consecutivos. Além disso, as reflexões aqui tecidas têm por base as referências bibliográficas estudadas no decorrer do curso de Pedagogia.

Resultados e discussão

Precisamos pensar na Educação Ambiental como um assunto emergente em nossa sociedade, uma vez que inúmeras catástrofes vêm acontecendo de forma recorrente em nosso mundo. Concordando com Cechin, de que,

[...] desde o nascimento até sua morte, o ser humano encontra-se interligado com o meio ambiente e depende dele como parte integrante de um todo, sendo assim, o meio se prolonga para o nosso interior sem limites e sem fronteiras formando um todo contínuo. Sabemos que, para que não haja quebra desta continuidade, ou grandes interferências do ciclo da vida é necessário que cada indivíduo desempenhe o seu papel de mantenedor do ambiente natural, evitando artificialidades, comportamentos, escolhas e valores que em nada contribuam para o equilíbrio ecológico e nosso convívio com o meio (2010, p. 01).

Dessa forma, abordar as questões relacionadas ao meio ambiente propõe uma educação ambiental para que os alunos, que são o futuro do nosso planeta, possam estar comprometidos a cuidar do lugar em que vivemos tendo a consciência de que nossos recursos são limitados.

Partindo de tais considerações, o projeto se deu relacionado ao meio ambiente envolvendo atividades lúdicas, uma vez que a brincadeira é a forma pela qual as crianças aprendem, mas também através de literaturas, vivências, o uso da tecnologia e da expressão artística, de modo geral envolvendo a interdisciplinaridade. Dessa forma, ao articular as atividades interdisciplinares para abordar a temática ambiental foi possível a criação de experiências pedagógicas prazerosas e com sentido social, o que permitiu trabalhar com conteúdos que acima de tudo proporcionaram alegria e vontade de aprender por parte dos alunos (Cechin, 2010).

Com isso, além de trabalhar com as questões relacionadas ao meio ambiente, as atividades propostas às crianças tiveram como obra prima os recursos naturais. Por exemplo, na elaboração de tintas foram usados elementos da natureza; para colagens foram utilizadas folhas secas, possibilitando assim que as crianças utilizassem a natureza para a produção de suas expressões artísticas.

Outro ponto a ser destacado é de que o registro daquilo que foi apresentado para as crianças nas aulas se deu através do desenho, uma vez que “[...] dificilmente existe algo mais eficaz do que a arte para desenvolver e aperfeiçoar a capacidade natural da criança de reconhecer e expressar padrões” (CAPRA, 2006, p. 51). Desse modo, foi possível perceber que

a proposta do desenho obteve um efeito positivo nos alunos, pensando que a arte é uma manifestação da vida, é essencial na nossa existência e sua prática tem um papel fundamental na estruturação do mundo humano (JOHANN, 2021). Neste momento a arte, neste caso o desenho, possibilitou a expressão mais abrangente daquilo que com frases ainda não conseguiam elaborar.

Outro recurso utilizado para pensar as questões ambientais foi o uso das tecnologias, uma vez que vivemos em uma sociedade tecnológica e tais meios também são fundamentais no sentido de promover a conscientização. Pensar na inserção das tecnologias na educação se dá através das mudanças ocorridas em nossa sociedade, no sentido de que as atividades virtuais estão presentes na vida das pessoas atualmente. Assim o computador, os recursos audiovisuais podem ser utilizados para enriquecer o ambiente de aprendizagem, possibilitando aos alunos a construção de seus conhecimentos (BINOTTO E SÁ, 2014). Pensando nisso, foram disponibilizados aos alunos vídeos, fotos, filmes, músicas, aplicativos, que possibilitaram aos mesmos a reflexão sobre o meio ambiente e a construção de ideias e conhecimentos sobre o tema apresentado.

De modo geral, os conteúdos abordados sobre a temática do meio ambiente passaram pelos espaços naturais e a preservação, a conscientização sobre o lixo, a importância das árvores, plantas, a água e as flores. Tais discussões e atividades elaboradas tiveram como objetivo a conscientização dos alunos sobre o preservar, cuidar do verde que ainda existe em nosso planeta, a fim de que possam se tornar cada dia que passa mais cuidadosos com os recursos naturais, podendo assim amenizar os prejuízos causados por nós mesmos ao meio ambiente (MEDEIROS et. al. 2011). Pode-se perceber conversando com as crianças, construindo o diálogo aula após aula, que eles estão conscientes dos males causados pelos seres humanos à natureza e aos animais e que a partir deste projeto uma semente do cuidado ao meio ambiente foi plantada.

Como encerramento do projeto e das aulas com os alunos do terceiro ano foi proposto que colocassem a mão na massa, ou melhor, na terra, debatendo a questão da importância do plantio de árvores e flores e do cuidado das mesmas. Foi utilizada a literatura da autora Neida Rocha, intitulada “Plantando com Amor”. O livro aponta a história de uma flor que foi deixada no apartamento quando sua dona se mudou dele. Pensando que iria morrer pela falta de cuidados, a dona retorna ao apartamento e leva a flor para a nova casa, em que é retirada de seu vaso e plantada na terra,

fazendo com que com o passar do tempo florescesse lindamente (ROCHA, 2016). A partir da literatura, que foi usada como recurso de aprendizagem, os alunos aprenderam sobre o plantio e os cuidados com as plantas.

Em seguida, as crianças puderam passar pela experiência de plantar. Desse modo “[...] a jardinagem possibilitou apresentar às crianças meios sustentáveis que colaboram com o meio ambiente. Por meio da jardinagem os educadores trabalham o cuidado e a preservação da natureza, dos recursos naturais e a reutilização de materiais orgânicos e inorgânicos” (CHAVES et al, 2023). Em vista disso, a proposta do plantio da flor foi trazida aos alunos no sentido de firmar compromissos, o de cuidar da flor para que ela cresça, de plantá-la na terra como na história de Neida Rocha e também o de cuidar do meio ambiente, dos recursos naturais uma vez que nós somos os guardiões da natureza e sua preservação é um dever de todos nós.

Considerações finais

Deste modo é possível apontar que as experiências obtidas através deste estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental possibilitaram a vivência de um rico repertório relacionado à obtenção de novos conhecimentos e reflexões. Pensar nesta etapa da educação escolar requer uma grande responsabilidade enquanto docente, uma vez que as crianças estão adentrando a um novo espaço e precisam preservar a sua infância e o brincar na aquisição de novos conhecimentos científicos em sua vida. Dessa forma, cabe ao professor pensar em suas aulas de forma dinâmica, que provoque a curiosidade e instigue o aluno a buscar o conhecimento.

Além disso, ao abordar questões relacionadas ao meio ambiente, um assunto sempre necessário e pertinente em nossa sociedade, faz com que os alunos passem a ver a natureza como parte de cada um, sendo ela um recurso finito e que depende inteiramente de nós para continuar viva. Com isso, trazer para a sala de aula assuntos relacionados aos recursos naturais, à preservação, ao cuidado e à importância do meio ambiente fazem com que os alunos reflitam sobre o que está acontecendo em nossa sociedade em relação às crises climáticas, possibilitando assim, que desde cedo possam mudar suas atitudes e formas de pensar sobre a natureza. E assim, utilizando o espaço escolar e a educação como uma ferramenta importante para que as futuras gerações estejam comprometidas a cuidar do meio ambiente.

Referências

- BOUFLEUER, José Pedro. Educação. In: GONZÁLEZ, Fernando, Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (orgs). **Dicionário crítico de Educação Física**. 3.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014. p. 215-219.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: A Etapa da Educação Infantil**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, p. 57-460, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- NETO, Antonio Gonçalves Nunes. FERREIRA, Sheila Regina Batista. PEREIRA, Edna Regina Albini. **Educação ambiental na escola dos anos iniciais**. Educação Online, Rio de Janeiro, Brasil, v. 16, n. 36, p. 143–160, 2021. Disponível em: <https://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/873> Acesso em 31 de Maio de 2024.
- CECHIN, Angela. **Trabalhando a Educação Ambiental através dos aspectos lúdicos em uma classe de séries iniciais do Ensino Fundamental no município de Santa Maria**. Monografia (Especialização em Educação Ambiental) –Universidade Federal de Santa Maria –RS, Santa Maria, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/13880> acesso em 02 de Jun de 2024.
- CAPRA Fritjof. Falando a linguagem da natureza: princípios da sustentabilidade. In: CAPRA Fritjof et al. **Alfabetização ecológica - A educação das crianças para um mundo sustentável**. Cultrix. São Paulo, 2006.
- JOHANN. Maria Regina A inutilidade da arte e sua potencialidade para a educação: abertura e iluminação: In: (Org.). OLIVEIRA, Albertina Lima de; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; AMARAL, Marco Antônio Franco do. **Vozes da educação: pesquisas e escritas contemporâneas**. Cruz Alta: Ilustração, 2021. v. 2.
- BINOTTO, Claudia; ANTUNES, Ricardo. **Tecnologias digitais no processo de alfabetização: analisando o uso do laboratório de informática nos anos iniciais**. Práxis Educacional, v. 10, n. 17, p. 315-332, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=695476957014> Acesso em 02 de jun. de 2024.

ROCHA, Neida. **Plantando com amor**. Blumenau: Nova Letra, 16 p. 2016.

MEDEIROS, Aurélia Barbosa de. et.al. **A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais**. Revista Eletrônica Faculdade Montes Belos, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: https://www.bibliotecaagptea.org.br/administracao/educacao/artigos/A_IMPORTANCIA_DA_EDUCACAO_AMBIENTAL_NA_ESCOLA_NAS_SERIES_INICIAIS.pdf Acesso em 02 de jun. 2024.

CHAVES, Andréa Ferreira. **Jardinagem nos Anos Iniciais**. Revista Gestão & Tecnologia, v. 1, n. 36, p. 31-41, 2023. Disponível em: Acesso em 02 de Jun. 2024.

O OFÍCIO DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS: O LUGAR DO PROFESSOR NA ELABORAÇÃO DE MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS NA INFÂNCIA

Claudia Simone Possebon¹

Jaqueline Bussler Michael Krüger²

Introdução

O presente trabalho resulta da experiência desenvolvida por ocasião da prática de estágio compartilhado de docência realizado nos Anos Iniciais, na Escola de Ensino Fundamental Ruy Barbosa, em Ijuí/RS, na turma 32, terceiro ano. O trabalho está inserido nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável no que se refere ao item 04, Educação de Qualidade.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a metodologia de projetos, partindo da análise, da sistematização, da reflexão, da leitura, da ação das propostas apresentadas e das reflexões após a aplicação, para a análise dos resultados conduzir aos novos aprendizados e aos novos percursos a serem seguidos.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em História pela UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Gestão Escolar pela mesma universidade; docente da Rede Estadual de Ensino, em Ijuí/RS. E-mail: claudia-spossebon@educar.rs.gov.br

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ; com Especialização em Psicopedagogia pela UNINTER – Centro Universitário Internacional; Mestre em Educação pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jaquebumikr@gmail.com

Resultados e discussão

O desafio da docência, na atualidade perpassa, sob meu ponto de vista, a formação do professor e a reflexão sobre suas ações no espaço da escola e na vida das crianças. Para o professor desempenhar seu ofício com todas as suas potencialidades, carece de uma formação sólida, com acesso aos conhecimentos que estão além do currículo e das habilidades necessárias a desenvolver nas crianças. O sujeito professor carece de alguns cuidados, como tempo para leituras e reflexões com seus pares, trabalho coletivo e orientado no espaço escolar, análise sobre suas práticas e avaliações e um outro elemento fundamental, o tempo destinado ao ócio criativo, ao lazer, à convivência com atividades fora da escola, para ampliar seu repertório cultural, seus argumentos, sua saúde física e mental e, especialmente, suas leituras de mundo e as relações sociais.

Utilizo como apoio a escrita da autora Eunice Andrade de Oliveira Menezes Friedmann, em “A vez e a Voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias”, quando afirma que mais do que considerar as crianças, é necessário aprender com elas, é preciso respeitar seu tempo, seus mistérios além de considerar o que elas produzem e expressam. Diante do exposto, acredito que o professor no seu percurso profissional deve estar consciente das mudanças que a humanidade vivencia constantemente e o quanto este processo social e cultural afeta a vida da criança, sua família e suas relações com o aprendizado. Assim, as práticas históricas de aprendizagem, de conduta, de metodologia, do uso de recursos e de manejo das aulas junto às crianças, precisam ser refletidas, estudadas, avaliadas e retomadas constantemente.

Baseadas nessas premissas, construímos um projeto para implementar durante o estágio compartilhado de docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Escola Estadual de Ensino Fundamental Rui Barbosa, localizada na região central de Ijuí. A construção arquitetônica do prédio remete ao século passado, e neste ano a escola celebra cento e trinta anos de existência, sendo um norteador para as atividades letivas.

Assim, em consonância com as diretrizes curriculares, a proposta da escola e as características das crianças, juntamente com a professora Débora, regente da turma, avaliamos as possibilidades de interação de forma lúdica, criativa, prazerosa e significativa tendo o elemento literário como norteador, a partir da obra Memórias de Emília, de Monteiro Lobato.

De forma especial, escolhemos o personagem da Emília para aproximar das crianças suas inventices, curiosidades, perguntas e respostas sobre tudo, todos, o mundo e as coisas do mundo. A personagem Emília deseja deixar registrado as suas memórias e chama o Visconde de Sabugosa para realizar esses registros. Surge então um diálogo sobre a importância do letramento, da escuta, da criatividade, da resolução de problemas, da socialização, da amizade, da persistência e da representação do mundo real no vivido pelos personagens.

O autor Monteiro Lobato reforça a importância da sensibilização do leitor quanto ao mundo que o cerca, e a personagem Tia Anastácia, não letrada, portadora de saberes únicos, com receitas que só sua cabeça guarda e que ela sabe fazer, traz uma reflexão profunda sobre a formação da sociedade brasileira, a escravidão, o lugar social do negro e da negra e os ofícios dos mesmos até os dias de hoje. Esse diálogo profundo com a sociedade sobre a realidade foi muito profícuo entre as crianças após a leitura, ampliando assim seu vocabulário e suas percepções sobre o mundo em que estamos inseridos.

Cabe ressaltar que as crianças desejam usufruir de todos os espaços da escola e o tempo de observação e pesquisa no pátio da escola foi muito peculiar, pois as crianças apreciaram a paisagem, pisaram na grama, sujaram os calçados, colocaram as mãos na terra, olharam o céu para ver o tamanho dos galhos e pensar a idade das árvores, tocaram os troncos das árvores e puderam fortalecer a alma com os sons dos pássaros.

Reforço aqui, que as rotinas da escola nem sempre permitem o uso do espaço da mesma, assim ouvimos a frase de uma criança dizendo... “Profe, a gente estuda aqui e nem vê o tamanho da árvore!”. O ato de apreciar a natureza em sua plenitude tinha o objetivo de gerar memórias para a vida toda, contemplando sua beleza, acalmando a rotina, elaborando a ideia de preservação e cuidado com o mundo e todos os seres vivos.

Ainda nos remetendo à memória elaborada pelos adultos, oferecemos às crianças a possibilidade de estudar conceitos da matemática a partir da história da escola, considerando os números dos registros e das memórias estampadas em fontes escritas, como datas, períodos, medidas e o uso das biografias e registros fotográficos.

A atividade sistematizadora foi realizada com a participação do artista local Paulo Gobo, a partir do tema Jardim do Éden em suas obras, refletindo sobre o tempo, a memória coletiva, os seus significados e a possibilidade de uma releitura elaborada pelas crianças, após os autógrafos,

registros em seus blocos de memória, e agora, inspirados pela arte de um artista local, do nosso tempo.

Considerações finais

A criança de hoje está imersa em um mundo diferente da criança que nasceu a pouco tempo atrás. Suas percepções sobre o mundo se modificam, as pessoas que com ela convivem também passam por este processo de mudança e a educação, de forma geral, não acompanha esta caminhada com a mesma velocidade.

A tecnologia, por exemplo, é um recurso didático de excelente qualidade, onde as crianças operam com muita facilidade, mas nem sempre está à disposição das escolas ou dos professores para utilização. Aqui menciono equipamentos simples como uma lupa, um estetoscópio, para análise de plantas e árvores em um momento de exploração e aprendizado no componente curricular de Ciências da Natureza, por exemplo.

Há uma grande lacuna na formação da criança, no meu entendimento, quando lhe faltam oportunidades de experienciar o mundo e se apropriar dos conceitos de forma criativa, prazerosa, interativa, prática, potencializando suas próprias curiosidades e habilidades naturais.

O livro “Jardim da Infância para Toda a Vida” é uma das referências para demonstrar o quanto esta habilidade essencial e natural da criança pode ser usufruída com alegria, aprendizado e satisfação. O autor defende a ideia de que as crianças aprendem enquanto brincam, despertam a curiosidade e a criatividade enquanto aprendem sozinhos, ou com seus iguais, sem ter a necessidade de um rigor metódico de preencher vários cadernos com inúmeros registros que não lhe oferecem nem sentido, nem aprendizagem, nem o prazer de estar na escola.

Diante do exposto, e considerando as Diretrizes Curriculares apontadas pela Base Nacional Comum Curricular, reafirmo que o professor é o fio condutor que ilumina e projeta sobre as crianças o que será o futuro da sociedade, através das suas ações no presente, educando na escola, com seus saberes, seus limites, seus exemplos, suas percepções, seus gostos, sua ética, seu respeito, sua curiosidade, seus projetos, suas leituras e reflexões, sua sensibilidade, sua expertise e o seu ofício.

A vida da criança, no futuro, passa pela educação na Escola, passa pelo professor que dialoga com o mundo e que interage, escuta, ensina e aprende, que vive o mundo das crianças. Desta forma, acredito que,

mesmo em curto espaço de tempo, minha presença no estágio foi exitosa e feliz, produziu boas memórias na professora e nas crianças.

Referências

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam:** da criança na rua à criança cyber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na Escola:** O real, o possível e o necessário. São Paulo. Vozes.2014.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças:** escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020. Disponível em <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-federal-do-rio-grande-do-sul/exercicio-fisico-para-criancas-e-jovens/a-vez-e-a-voz-das-criancas-adriana-friedmann/34733863?shared=u&sid=01709564057>

RESNICK, Mitchel. **Jardim da Infância para a vida toda:** por uma aprendizagem criativa, mão na massa e relevante para todos. Porto Alegre: Penso, 2020.

VIVENCIANDO A DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS

Daniela de Oliveira de Lima Machado¹

Jaqueline Bussler Michael Krüger²

Introdução

A docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, é uma experiência muito intensa, prazerosa e ao mesmo tempo desafiadora, pois é um compromisso muito sério com a educação e o ser criança que está em desenvolvimento, deixando em suas memórias, registros para uma vida inteira.

O Estágio Supervisionado em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, foi realizado no primeiro trimestre, durante o Período de Aprendizagem Contínua, no turno da manhã, na turma do terceiro ano, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Chico Mendes, no município de Ijuí/RS. A turma é composta por 19 crianças entre 8 e 10 anos de idade, sendo dez meninas e nove meninos, três deles com laudos de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, Transtorno Desafiador Opositor, autismo e dislexia, outros quatro estão em investigação, sendo dois deles não alfabetizados.

Economicamente, observa-se que as famílias dos estudantes possuem baixa renda e muitos não têm acompanhamento do seu aprendizado em casa ou incentivo para isso. São crianças agitadas, curiosas, questionadoras e têm dificuldade em trabalhar em grupo. A docência compartilhada, devido a problemas pessoais da professora regente, foi assistida pela supervisão

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; com formação em Magistério; graduação em Ciências Plenas - Química pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela FAMEESP – Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo; docente da Rede Estadual de Ensino, em Ijuí/RS; E-mail: daniela181olm@gmail.com

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ; com Especialização em Psicopedagogia pela UNINTER – Centro Universitário Internacional; Mestre em Educação pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jaquebumikr@gmail.com

escolar, que acompanhou os planejamentos e auxiliou nas atividades externas.

O referido artigo apresentará a reflexão sobre a experiência da prática docente realizada a partir das observações na escola, das leituras realizadas durante o curso e dos documentos da escola, da entrevista com a professora regente e do planejamento elaborado buscando contemplar as habilidades encaminhadas de maneira interdisciplinar.

Metodologia

Nas atividades desenvolvidas e vivenciadas no projeto de estágio a partir da temática: “Redescobrimo com o estudo da luz”, procurei contemplar as habilidades solicitadas pela professora regente, nas disciplinas de: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, Artes e Ensino Religioso, de maneira interdisciplinar.

Durante todo o estágio, foram realizadas atividades em pequenos, médios e grandes grupos, pois acredito que os alunos precisam ser atores do seu fazer. Conforme afirma Ana Cristina Coll Delgado e Fernanda Muller:

A palavra ator tem sentido de ação e não foi tão simples nos últimos tempos perceber que as crianças não somente reproduzem regras, valores, hábitos e comportamentos do mundo adulto, mas principalmente criam e recriam as realidades e dão outros sentidos ao mundo (Delgado, 2006, p. 9).

Penso que a provocação do pensar juntos fortalece os relacionamentos e o respeito entre os pares, auxilia a dialogar, criando hipóteses, fazendo descobertas, demonstrando e observando para o outro, a fim de melhorar a comunicação e a criatividade, promovendo a aprendizagem.

As atividades práticas e experimentais visam auxiliar a desenvolver a pesquisa e autonomia, observando e interagindo ao especular, utilizando diferentes possibilidades de combinações de materiais, explorando substâncias, investigando e examinando o seu entorno (localização, horário e transformações), valorizando suas características e sua criatividade, bem como o contato com a natureza e a exploração de diferentes tipos de texto.

Na contação de história, são instigados a desenvolver a leitura, escrita e interpretação, a expressarem-se nas rodas de conversa (escuta, fala, pensamento e imaginação) fazendo inter-relações com respeito à opinião do outro e conseguindo atingir as habilidades desejadas de maneira divertida através da obra literária, pois conforme Miguel Arroio (2011,

p. 221) “através da linguagem do poeta, ou da prosa do escritor ou da narrativa de uma história o ser humano nomeia, revela as causas, os seres humanos em suas verdades”.

Nos jogos, os alunos foram estimulados a desenvolver as habilidades lógico matemáticas relacionadas ao sistema decimal e de linguagem na composição de palavras de maneira lúdica e prazerosa, utilizando o material dourado como instrumento de apoio e valendo-se do trabalho em grupo.

Resultados e discussão

Desenvolver um projeto interdisciplinar a partir de conceitos já trabalhados anteriormente que sejam atraentes e tornem-se importantes para os alunos exigiu muita pesquisa e dedicação desde seu pensar até sua execução. O próprio tempo atmosférico desafiou o planejamento pensado, pois os vários dias de chuva consecutivos e frio impediram a saída da sala de aula para o pátio para realizar as atividades. Como a escola não possui ginásio coberto, foi necessário alterar sua ordem, esperando o tempo melhorar para realizar as práticas programadas.

Partindo das pesquisas e indagações que foram surgindo nos grupos, foram sendo realizadas as práticas, as quais iniciaram sem muita credibilidade por parte dos alunos quanto ao resultado “por quê? ” Ao conseguirem comprovar os conceitos pesquisados, essa descoberta causou espanto e encantamento. A alegria da evidenciação foi tanta que no dia seguinte, alunos de outras turmas questionaram-me sobre a atividade desenvolvida com aquela turma. Fiquei feliz em perceber que o projeto está de acordo com o que afirma Paulo Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (1996, p. 32).

Algumas práticas exigiram mais dedicação dos alunos, como o preparo da gelatina, por exemplo, embora ter ingredientes simples e de fácil execução, muitos tiveram dificuldade, pois relataram nunca ter realizado uma receita antes. Trabalhamos muitos conceitos nessa atividade, como: quantidade, proporção, capacidade, temperatura, valor nutricional, corantes e aditivos, tipos de embalagem e seu descarte correto, validade

dos produtos, origem dos ingredientes e das receitas, receitas de família, estrutura de texto, interpretação, identificação, compreensão, entre outros conceitos. O resultado colorido deixou-os muito satisfeitos e surpreendidos, despertando a curiosidade de buscar novas receitas, uma atividade que com certeza guardarão na memória, conforme afirma Mia Couto (2009, p. 21):

A infância não é um tempo, não é uma idade, uma colecção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixarmos encantar. Quase tudo se adquire nesse tempo em que aprendemos o próprio sentimento do Tempo.

A escola tem como tema central “Somos todos sementes” e o plantio de algo também fez parte do desafio recebido. Então escolhi a semente de rúcula, uma verdura com rápido desenvolvimento que estaria em estágio foliar até o fim da prática de docência e serviria para o preparo no refeitório da escola, a qual iriam saborear em uma refeição quando a planta atingisse a fase adulta. Porém, com a instabilidade do tempo e muita chuva nesse período, o plantio foi realizado no último dia de aula. Assim, não consegui acompanhar o desfecho dessa atividade.

Também foram realizados diferentes jogos e rodas de conversa, trabalhamos adições e subtrações no quadro QVL com material dourado, produzimos o suporte com pet para brincar com as bolhas de sabão, observando as cores (refração da luz), com brincadeira das sombras percebendo que elas mudam de acordo com a posição do seu corpo em relação à luz (pontos cardeais e passagem do tempo).

Em cada atividade desenvolvida foi possível observar o encanto das crianças (pois para elas todas eram brincadeiras), a curiosidade, a imaginação, a percepção e a alegria que demonstraram em realizar cada uma delas. Assim, busquei desenvolver meu estágio, despertando conhecimentos, e permitindo que as crianças fossem aprendendo enquanto brincavam e eram felizes. Conforme afirma Adriana Friedmann (2020, p.83): “As brincadeiras são chaves para o desenvolvimento integral de potenciais aprendizagens das crianças.”

Considerações finais

A prática do estágio supervisionado nos Anos Iniciais proporcionou-me uma experiência muito boa, pois ao interagir com os alunos do terceiro ano foi possível observar que cada um tem o seu jeito de aprender e o seu

tempo. Por isso, respeitar esse tempo e proporcionar ações para que ele se desenvolva foi um grande desafio.

O período de Estudos de Aprendizagem Contínua, no qual desenvolvi minha prática, foi muito trabalhoso, pois foi necessário desenvolver algo diferente do que havia sido realizado pela professora regente, em que os alunos pudessem compreender alguns conceitos que já haviam trabalhado em aula.

Conforme Rubem Alves (2001, p. 60) “educar não é ensinar respostas, educar é ensinar a pensar”, por isso, neste período de docência, busquei desafiar os alunos a pensar sem dar as respostas prontas. Acredito ser isso mais desafiador, pois exige um planejamento interdisciplinar capaz de ser flexível, de reorganizar-se, de adaptar-se ao espaço, ao público, ao clima e às indagações trazidas pelos alunos. Entendo que ensinar a pensar, como diz Rubem Alves, é um desafio para cada um de nós na docência a qual escolhemos para exercer, um objetivo a ser seguido, pois, se nós, na escola, não o fizermos, quem o irá fazer?

Referências

ALVES, R. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papirus, 2001.

ARROIO, Miguel G. **Currículo, território de disputa**. 2ª edição, RJ, 2011.

COUTO, António Emílio Leite. **E se Obama fosse Africano?** Intervenções. Editora Caminho, 1995, 1ª edição em 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. 1. ed.— São Paulo: Panda Books, 2020. 200 pp.

MÜLLER, Fernanda. DELGADO, Ana Cristina Coll. **Tempos e Espaços das Infâncias**. Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, pp.5-14, Jan/ Jun 2006.

APERTEM OS CINTOS! AS AVENTURAS DO AVIÃO VERMELHO E AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Francieli Andreatta Brudna¹
Jaqueline Bussler Michael Krüger²

Introdução

O presente artigo busca refletir sobre a experiência de estágio vivida pela autora, acadêmica do Curso de Pedagogia/PARFOR da UNIJUÍ, realizada em uma escola da rede Municipal no município de Ijuí/RS. A referida experiência desenvolveu-se a partir de observações e da docência na turma de 5º ano do Ensino Fundamental I, composta por crianças com idade entre 9 e 10 anos, na qual a autora é regente. A experiência de docência, nesse caso, foi compartilhada com a supervisora responsável pelo estágio na escola.

O projeto desenvolvido no decorrer da prática do estágio buscou proporcionar, através da literatura de Erico Verissimo, um mundo de imaginação e fantasia, através de atividades pedagógicas que incentivaram a leitura e o mundo letrado, buscando desenvolver habilidades nas diferentes áreas do conhecimento contempladas na BNCC e nos documentos que regem os Anos Iniciais do Ensino Fundamental no município de Ijuí.

-
- 1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Ciências Plenas com Habilitação em Biologia pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Psicopedagogia Institucional pela FACISA - Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas e Gestão e Organização da Escola com Ênfase em Coordenação e Orientação Escolar pela UNOPAR - Universidade Pitágoras Unopar; docente nas Redes de Ensino Municipal e Estadual, em Ijuí/RS. E-mail: francieli-abrudna@educar.rs.gov.br
 - 2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ; com Especialização em Psicopedagogia pela UNINTER – Centro Universitário Internacional; Mestre em Educação pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jaquebumikr@gmail.com

Metodologia

O presente texto se refere à reflexão após realização de um projeto literário no cotidiano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma turma de 5º ano, e que proporcionou vivenciar experiências na docência com esta etapa escolar.

O estágio aconteceu no decorrer do primeiro semestre de 2024 no Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil - IMEAB, localizado no município de Ijuí, com uma turma composta por 25 alunos, sendo 12 meninas e 13 meninos.

O planejamento do projeto se deu a partir de observações e da escuta ativa em relação aos interesses dos alunos, visto que no mês de abril a escola recebeu o Urânia Planetários e a partir deste momento os alunos passaram a demonstrar interesse a respeito desta temática, sobre o desejo de ser piloto de aeronaves, foguetes, ônibus espacial, as viagens que fariam e os mistérios do universo que descobririam.

Dessa forma, os alunos foram convidados a embarcar em uma aventura com o “Avião Vermelho” de Erico Verissimo. Primeiramente os alunos foram motivados a ouvir a literatura, confeccionaram aviões de papel e posteriormente brincaram livremente com os mesmos no pátio da escola. Na sequência, em uma roda de conversa, foram questionados para onde iriam se pudessem pilotar um avião e viajar para qualquer lugar do mundo, ou até mesmo do universo. Cada aluno expôs suas ideias, seus desejos, seus sonhos. A partir deste momento os alunos passaram a conhecer a história de um menino chamado Fernando que, assim como eles, tinha a vontade de viajar para muitos lugares diferentes no seu avião vermelho.

A leitura compartilhada do conto “As Aventuras do Avião Vermelho” do referido escritor gaúcho, aconteceu em uma roda de contação de história, onde a professora contou em partes e em dias diferentes as aventuras vividas por Fernandinho.

Após ouvirem, os alunos comentaram as primeiras impressões sobre a história, visualizaram o mapa-múndi e com o Globo Interativo e a Caneta Ting pesquisaram sobre o idioma, população, características e curiosidades dos países por onde o Capitão Tormenta passou. Também interpretaram a obra reconhecendo informações relacionadas aos elementos da narrativa.

Na sequência, foram orientados a produzir em duplas a resenha crítica da obra, a qual serviu de roteiro para a gravação de um vídeo para o Youtube. Os vídeos produzidos foram socializados com a turma e com as

famílias através de um QR code gerado a partir do link do vídeo. As famílias deixaram um like para os filhos em forma de recado escrito, explicitando o reconhecimento e valorização pelo trabalho desenvolvido.

O trabalho com a obra literária desencadeou outras atividades para além da disciplina de Língua Portuguesa. Com o uso do App Google Earth, os alunos foram motivados a visitar os lugares que gostariam de conhecer ou estar naquele momento, levando em conta que o ponto de partida seria o endereço de suas casas e o ponto de chegada o endereço da escola.

Também foram convidados a imaginar que o avião vermelho pilotado por Fernandinho tivesse pousado na cidade de Ijuí, mais precisamente no bairro Assis Brasil, no pátio da escola IMEAB e que teriam a missão de explorar o Bosque da escola com o piloto. Para essa atividade foram disponibilizados materiais de apoio: binóculo, lupas, termômetro, estetoscópio, máquina fotográfica e câmera de vídeo (celular), luvas e sacolas plásticas. Foram orientados que observassem, registrassem em fotos e vídeos, anotassem as impressões do que estavam vivenciando naquele momento.

O percurso a ser realizado iniciou no estacionamento dos carros, onde aconteceu a primeira medição da temperatura ambiente. Ao adentrar o Bosque mediram novamente e após a saída do mesmo, próximo ao prédio F. As temperaturas foram anotadas e levadas para a sala de aula. Os alunos foram orientados a observar também quais recursos naturais eram disponíveis no ambiente, como era a conservação das plantas, se havia animais presentes no Bosque, como acontecia a decomposição da matéria orgânica, se havia a presença de fungos e descarte incorreto de resíduos sólidos. Também ouviram através do estetoscópio o som da movimentação da seiva no tronco da árvore.

Após esta atividade prática em meio à natureza no espaço urbano, em uma roda de conversa, os alunos expuseram suas impressões sobre o que ouviram, viram e sentiram no decorrer da caminhada. Também foram instigados a pensar sobre a diferença de temperatura fora e dentro do Bosque. Na sequência, registraram as observações da Trilha no Bosque, na forma de Mapa Mental.

Em matemática, exploraram a planta baixa do quarteirão da escola usando os pares ordenados para representar alguns pontos de referência como: ginásio da escola, prédio da biblioteca, Poliesportivo, UETI, CTG Chaleira Preta, entre outros. Inicialmente, para entender o conceito de par ordenado, realizaram uma atividade prática com cartela de chicletes

coloridos observando os pares ordenados dispostos nas linhas e colunas do plano cartesiano representado na cartela.

Assim se desenvolveram as atividades propostas no projeto que aqui foi apresentado.

Resultados e discussão

O desenvolvimento deste projeto literário proporcionou às crianças momentos de escuta, pesquisa, imaginação, expressão oral, localização espacial e vivências em meio à natureza.

O trabalho em sala de aula a partir da literatura promove condições para a formação de leitores de mundo. É muito mais que uma atividade inserida na proposta curricular. Sendo assim, proporcionar e discutir literatura no ambiente escolar, é poder formar leitores e expandir a capacidade de ver o mundo e conversar com a sociedade. De acordo com Abramovich (1997, p.17)

É através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica.... É ficar sabendo, história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

Para além da leitura e interpretação, a literatura é uma prática pedagógica capaz de se entrelaçar com todos os componentes curriculares, pois possibilita que sua prática seja interdisciplinar.

A leitura está diretamente ligada ao processo da escrita, ambas proporcionam o desenvolvimento intelectual e da imaginação, bem como a aquisição de conhecimentos. Tanto a leitura como a escrita, a criança desenvolve nos primeiros anos da vida escolar. Se através da leitura é possível viajar por diferentes lugares, através da escrita é possível expressar sonhos, criar um mundo onde o imaginário é possível acontecer, e para que este processo seja exitoso, o professor tem um papel muito importante. Dependendo de como ele conduz o processo, os resultados acontecem.

A BNCC traz a disciplina de Língua Portuguesa dividida em eixos organizadores correspondentes às práticas de linguagem, sendo eles a oralidade, leitura/escuta, produção de textos e análise linguística/semiótica. Precisamos refletir sobre o eixo oralidade, como e em que momento as crianças se expressam oralmente nos espaços da escola, e em relação a esse aspecto, como são avaliadas.

Através da atividade proposta no projeto, a gravação de um vídeo para o YouTube tendo como roteiro a resenha crítica produzida a partir da obra literária, observou-se que muitas crianças têm essa habilidade desenvolvida e a realizam com excelência, enquanto que outras precisam ser encorajadas para diante da câmera expor o que ouviram, suas ideias, opiniões, e aquelas que mesmo com tantos incentivos precisam se amparar no registro escrito para realizar a leitura. Essa é a prova de que não nascemos prontos, nos constituímos através das experiências que vivenciamos, da interação com nossos pares, nos diferentes espaços da sociedade, somos sujeitos em constante transformação.

Após realizar a trilha no Bosque da escola, foi possível refletir sobre várias catástrofes ambientais que estão acontecendo no planeta, o porquê da temperatura dentro e fora da trilha serem diferentes, por exemplo, nos fez lembrar que a temperatura do planeta vem aumentando e conseqüentemente o aquecimento global é um tema que vem sendo discutido com intensidade nos últimos tempos, devido aos desastres climáticos em nosso estado. No entanto, os alunos refletiram sobre a importância das áreas verdes em meio aos espaços urbanos e chegaram à conclusão que mesmo sem a vegetação natural e fontes hídricas características de uma mata, houve diferença na temperatura.

A realização da trilha possibilitou a abordagem de vários conceitos nas aulas de Ciências da Natureza, como calor/temperatura/luz, matéria orgânica e decomposição da matéria, animais invertebrados, biodiversidade, ecossistema, resíduos sólidos, ação do homem, paisagem humanizada/paisagem natural entre outros. A trilha é uma proposta para além da sala de aula, é a possibilidade de conectar-se ao ambiente, vivenciar, experienciar de diferentes formas explorando os cinco sentidos. Segundo Mendonça (2003, p. 112)

Percorrer uma área natural significa entrar em contato com um mundo não-humano. Significa esquecer, provisoriamente, os espaços modificados sejam para o estabelecimento de cidades seja para o desenvolvimento agrícola. Numa área natural conservada o olhar humano se descortina sobre seres, formas e cores inesperadas; o seu corpo percorre caminhos e se expõe a temperaturas e texturas diferentes- e às vezes muito- do seu cotidiano.

Ao propor o uso do App Google Earth na atividade de localização espacial, tornou-se possível fazer uma conexão com os conceitos matemáticos relacionados ao plano cartesiano, compreendendo as diferentes localizações de pontos de referência no mapa usando os pares ordenados. Não tem

como pensar a geometria sem pensar no espaço que os objetos/pontos de referência ocupam.

A avaliação no decorrer do projeto aconteceu de forma contínua, através da observação e escuta ativa durante a participação dos alunos nas discussões gerais, na produção da resenha crítica e produção de vídeo, no envolvimento durante a trilha no Bosque e uso do aplicativo de localização espacial e atividades envolvendo o plano cartesiano.

Considerações finais

Diante da realização de tal prática, pode-se afirmar que através do projeto literário é possível trabalhar de forma interdisciplinar. Assim, o aluno elabora uma visão mais ampla a respeito de uma temática no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, articulando as diferentes áreas do conhecimento, pois na vida cotidiana nada acontece isoladamente.

A leitura estimula a criatividade e a imaginação, amplia vocabulário e desenvolve habilidades linguísticas, é capaz de impactar o convívio na sociedade. Esta prática deve ser valorizada e praticada cada vez mais nas escolas, a fim de oferecer às crianças pertencentes à geração digital, momentos de ludicidade e imaginação.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5ª ed., São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. **A natureza como educadora: Transdisciplinaridade e Educação ambiental em atividades extraclasse**. 2ª ed. São Paulo. Aquariana, 2013.

VERISSIMO, Erico. **As aventuras do Avião Vermelho**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2003.

UMA JORNADA DE APRENDIZADO: ESTÁGIO COM A TURMA DO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Izabel Cristina Braz Persich¹
Jaqueline Bussler Michael Krüger²

Introdução

No campo de atuação, a experiência prática desempenha um papel crucial no desenvolvimento profissional de futuros educadores. Este artigo explora a minha experiência de estágio com uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, destacando os desafios, aprendizados e reflexões que surgiram ao longo dessa jornada enriquecedora.

A turma do 2º ano, da Escola Estadual Fundamental Carlos Zimpel, localizada no município de Ijuí/RS, onde desenvolvi a prática de docência é composta por 11 alunos, sendo 6 meninas e 5 meninos. Dentre estes alunos, três apresentam hiperatividade, um possui baixa visão e um possui laudo de autismo. A faixa etária compreende entre 7 e 8 anos e os alunos dispõem de um ambiente escolar apropriado para realizar as atividades.

A minha adaptação para com as crianças foi de imediato, já que eu trabalho na escola com os Anos Iniciais na área de Educação Física e, portanto, com esta turma. Como sou professora destes alunos, em um primeiro momento as crianças se surpreenderam, pois pensaram que eu não seria mais a professora de Educação Física. Consegui desenvolver uma fala com eles, explicando sobre a minha presença na aula da outra professora e o porquê do trabalho que realizaria.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ, graduada em Educação Física Licenciatura e Bacharelado pela UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; docente da Rede Estadual de Ensino, em Ijuí/RS. E-mail: izabel.persich@sou.unijui.edu.br

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ; com Especialização em Psicopedagogia pela UNINTER – Centro Universitário Internacional; Mestre em Educação pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jaquebumikr@gmail.com

Metodologia

Desenvolvi atividades de Matemática, Língua Portuguesa e Ciências Humanas, a partir do conto clássico do Pinóquio, com um projeto intitulado “Conhecendo Pinóquio e descobrindo a importância da verdadeira amizade”.

Em relação às atividades propostas, na área da Matemática foram desenvolvidas atividades que envolviam cálculos simples, problemas contextualizados e a exploração numérica, utilizando estratégias adaptadas para alunos em processo de alfabetização, incluindo materiais manipulativos e jogos educativos que estimulam o raciocínio lógico-matemático.

Na Língua Portuguesa foram desenvolvidas atividades diferenciadas, para alunos pré-silábicos foi elaborado atividades que estimulam a percepção sonora das palavras e a familiarização com a escrita. Para os alunos mais avançados foi promovida a leitura e a expressão oral dos alunos. Nas Ciências Humanas foram abordadas questões relacionadas à conscientização ambiental utilizando recursos visuais e atividades práticas.

Resultados e discussões

A docência nos Anos Iniciais requer um olhar sensível e atento para o cotidiano das crianças, valorizando suas singularidades e necessidades. Ao criar um ambiente de aprendizado seguro, afetuoso e estimulante, os educadores contribuem significativamente para o desenvolvimento integral e saudável das crianças.

O foco do trabalho pedagógico deve ser proporcionar experiências significativas, promovendo o desenvolvimento integral e preparando as crianças para uma vida de aprendizado contínuo.

Como a Teoria Socioconstrutiva de Lev Vygotsky enfatiza, a interação social é fundamental para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Através de experiências sensoriais, as crianças não apenas exploram o mundo físico, mas também constroem significados e internalizam conceitos através da interação com seus pares e adultos.

Vygotsky argumenta que a interação com outras pessoas, especialmente adultos e pares mais competentes, é fundamental para o desenvolvimento cognitivo. Ele enfatiza que é através dessas interações que as crianças aprendem novos conceitos, internalizam regras sociais e desenvolvem habilidades cognitivas mais complexas. Ele sugere que

os adultos podem facilitar o aprendizado das crianças ao proporcionar suporte, orientação e modelagem de comportamentos, especialmente nas atividades que envolvem exploração e descoberta.

Utilizando estes princípios nas práticas pedagógicas nos Anos Iniciais, os educadores podem projetar atividades que não apenas incentivam a exploração física, mas também promovam interações sociais significativas e aprendizado colaborativo entre as crianças.

É essencial conectar as teorias de Vygotsky ao contexto prático da educação, mostrando como suas ideias influenciam a forma de como os educadores entendem e promovem o desenvolvimento das crianças através da interação social e experiências sensoriais.

Ao mesmo tempo, Howard Gardner, ao desenvolver a Teoria das Inteligências Múltiplas, propõe que as crianças têm diferentes tipos de inteligências: espacial, musical, interpessoal e intrapessoal, dentre outras. Estimular os sentidos contribui para o desenvolvimento equilibrado dessas inteligências, proporcionando às crianças uma gama mais ampla de oportunidades de aprendizado.

A abordagem de Gardner também enfatiza a importância de adaptar o ambiente educacional para atender às diferentes inteligências das crianças. Ao proporcionar experiências variadas e enriquecedoras, os educadores podem criar um ambiente inclusivo que valoriza e fortalece as habilidades individuais de cada aluno.

Ao incorporar a estimulação em atividades educacionais, os educadores não apenas facilitam o aprendizado acadêmico, mas também promovem um desenvolvimento holístico que abrange aspectos emocionais, sociais e cognitivos das crianças. Isso contribui para um crescimento equilibrado e integral ao longo de seu desenvolvimento.

Sobre as ideias de Gardner, é essencial destacar como sua teoria das Inteligências Múltiplas amplia nossa compreensão sobre as capacidades das crianças e como a estimulação pode ser uma ferramenta poderosa para promover um aprendizado mais eficaz e inclusivo.

Jean Piaget, através da sua Teoria da Experiência Sensorio Motora, argumenta que as crianças aprendem sobre o mundo através de suas experiências sensoriais e motoras. Ele identificou estágios específicos de desenvolvimento, nos quais as crianças adquirem habilidades cognitivas básicas através da manipulação ativa de objetos e da exploração sensorial.

Piaget enfatiza que as crianças não são apenas receptores passivos de informações, mas sim agentes ativos em seu próprio processo de aprendizado. Isso não só fortalece suas habilidades motoras, mas também facilita a assimilação de conceitos e a resolução de problemas.

Piaget identificou estágios específicos de desenvolvimento cognitivo, como o sensório motor (de 0 a 2 anos), pré-operacional (2 a 7 anos), operações concretas (7 a 11 anos) e operações formais (a partir dos 11 anos). Em cada estágio, as crianças adquirem habilidades cognitivas básicas que são fundamentais para o desenvolvimento posterior. Por exemplo, no estágio sensório motor, as crianças exploram o mundo principalmente através de suas ações sensoriais e motoras, desenvolvendo noções de causa e efeito, permanência do objeto e coordenação sensório-motora.

Ao refletir sobre as contribuições de Piaget, percebemos como suas ideias continuam a influenciar profundamente a prática educacional, destacando a importância de uma abordagem educativa que valorize a exploração de informações e da capacidade motora no processo de aprendizado.

Outro pesquisador que nos auxilia na presente reflexão é Urie Bronfenbrenner, através da Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano. Bronfenbrenner destaca a importância do ambiente social e físico na formação do desenvolvimento infantil. Segundo ele, um ambiente rico em estímulos sensoriais promove não apenas a cognição, mas também o desenvolvimento emocional e social, ao fornecer às crianças oportunidades de interação significativa com pessoas e objetos. Esta abordagem amplia nossa compreensão em relação ao desenvolvimento humano e à importância do ambiente neste.

Bronfenbrenner propõe que o desenvolvimento humano seja entendido em termos de sistemas ecológicos que interagem entre si. Ele destaca não apenas o papel do ambiente imediato (microsistema) das crianças, como a família e a escola, mas também influências mais amplas, como a comunidade (mesossistema) e a sociedade em geral (macrossistema).

Segundo Bronfenbrenner, um ambiente rico em detalhes e estímulos não apenas estimula o desenvolvimento cognitivo das crianças, mas também desempenha um papel crucial no desenvolvimento emocional e social. Ambientes que oferecem oportunidades para interações significativas com pessoas e objetos ajudam as crianças a aprenderem sobre si mesmas e o mundo ao seu redor de maneira holística.

A teoria de Bronfenbrenner enfatiza que o desenvolvimento das crianças não pode ser compreendido isoladamente; ele é influenciado por múltiplos fatores e contextos. Portanto, um ambiente que promove estímulos variados não apenas enriquece a cognição das crianças, mas também fortalece suas habilidades sociais e emocionais, preparando-as para interações futuras mais complexas e adaptativas.

Nos Anos Iniciais, compreender a teoria ecológica de Bronfenbrenner implica em projetar ambientes educacionais que sejam sensíveis às necessidades individuais das crianças, ao mesmo tempo em que oferecem uma variedade de experiências. Isso pode incluir desde materiais de aprendizagem interativos até espaços ao ar livre que incentivem a exploração e o contato com a natureza.

A teoria de Bronfenbrenner também tem implicações significativas para políticas educacionais, destacando a importância de investir em ambientes educacionais que sejam inclusivos, acessíveis e enriquecidos com estímulos. Isso pode ajudar a reduzir desigualdades e promover um desenvolvimento mais equitativo entre as crianças.

Em resumo, ao considerar a fala de Bronfenbrenner sobre a importância do ambiente social e físico, reconhecemos a necessidade de criar ambientes educacionais que não apenas estimulem a cognição, mas também promovam o bem-estar emocional e o crescimento social das crianças, preparando-as para um futuro mais resiliente e adaptável.

Por fim, trago para esta reflexão as contribuições dos estudos de Maria Montessori sobre o Ambiente Preparado. Montessori enfatiza a importância de um ambiente cuidadosamente preparado para o desenvolvimento integral da criança. Isso inclui materiais sensoriais que permitem às crianças explorar e aprender de forma independente, desenvolvendo suas habilidades cognitivas e emocionais através da autoeducação guiada.

O estudo de Maria Montessori sobre o ambiente preparado e sua ênfase na autoeducação guiada através de materiais pré-selecionados, defende que as crianças têm uma capacidade inata de aprender de forma independente, especialmente quando são colocadas em um ambiente que facilita essa exploração. O ambiente preparado é cuidadosamente projetado para promover a autoeducação, onde as crianças podem escolher atividades conforme seu interesse e ritmo, desenvolvendo assim habilidades cognitivas e emocionais de maneira autônoma.

Os materiais palpáveis são fundamentais no método Montessoriano porque permitem às crianças explorar conceitos abstratos através de experiências concretas. Por exemplo, materiais como a base 10 permitem às crianças experienciar e visualizar o conceito matemático de forma tangível, promovendo não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também habilidades de concentração e coordenação.

O ambiente Montessoriano não se limita ao desenvolvimento acadêmico; ele abrange o desenvolvimento integral da criança, incluindo aspectos emocionais e sociais. Ao proporcionar um ambiente seguro e estimulante, onde cada objeto e atividade é pensado para o aprendizado da criança, Montessori facilita não apenas a aquisição de conhecimento, mas também a construção de autoconfiança, autonomia e responsabilidade.

A abordagem de Montessori valoriza a individualidade de cada criança, permitindo-lhes explorar áreas de interesse pessoal e desenvolver habilidades de acordo com seu próprio ritmo. Isso contrasta com abordagens mais tradicionais que podem focar mais na instrução direta e menos na auto exploração guiada.

Na prática educacional contemporânea, a influência de Montessori pode ser vista em metodologias que buscam promover a autonomia e a autoeducação entre os alunos. O conceito de ambiente preparado e materiais palpáveis continua a inspirar educadores a criar espaços de aprendizagem que incentivem a curiosidade, a descoberta e o crescimento pessoal das crianças.

Em resumo, o estudo de Maria Montessori sobre o ambiente preparado destaca a importância de criar um ambiente educacional que não apenas ensine, mas também capacite as crianças a aprenderem por si mesmas, desenvolvendo habilidades cognitivas, emocionais e sociais de maneira holística e significativa.

Essas teorias e estudos destacam como a estimulação sensorial não é apenas um aspecto tangível do aprendizado, mas uma parte essencial do desenvolvimento integral das crianças, influenciando positivamente sua cognição, emoções e interações sociais.

Essas referências fornecem uma base essencial para explorar como esses teóricos contribuíram para nossa compreensão do desenvolvimento cognitivo e a importância da estimulação nesse processo.

Considerações finais

Como fiz a observação dos interesses e necessidades dos alunos antes do estágio, consegui realizar uma abordagem pedagógica que acredito ter contribuído para o processo de ensino-aprendizagem. Observar as crianças em suas atividades diárias é uma ferramenta valiosa para entender seus interesses, habilidades e dificuldades. Através da observação, os educadores podem ajustar suas práticas pedagógicas e criar intervenções mais adequadas.

Alguns desafios enfrentados durante o estágio foram a flexibilidade do tempo em sala com as crianças: em torno de quatro horas e uma vez na semana, em virtude que só tive a liberação de uma tarde na semana para a realização do mesmo. Tive muita satisfação em desenvolver esse estágio compartilhado com essa turma, pois tanto os alunos quanto a professora regente me receberam muito bem, tive muita satisfação ao perceber o impacto positivo das propostas pedagógicas realizadas na vida das crianças.

Agradeço à escola pelo espaço, aos alunos, supervisores do estágio pela oportunidade e apoio ao longo dessa experiência única.

Referências

- BRONFENBRENNER, Urie. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GARDNER, Howard. **Inteligência: Um Conceito Reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- MONTESSORI, Maria. **O Método Montessori**. São Paulo: Editora Manole, 2017.
- PIAGET, Jean. **A Construção do Real na Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- PIAGET, Jean. **A Psicologia da Inteligência**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A Formação Social da Mente: o**

desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

A RELAÇÃO EDUCADOR E EDUCANDO NA ALFABETIZAÇÃO

Janine Zucolotto¹

Jaqueline Bussler Michael Krüger²

Introdução

Pensar na alfabetização é revisitar um lugar que faz parte da minha história acadêmica. O início da formação se deu com o curso Normal, primeiro estágio em uma turma de alfabetização. Atualmente com mais aparato teórico e com mais experiência na área da educação é com outro olhar que realizo a experiência de estágio compartilhado em uma turma de primeiro ano, que acolhe crianças que estão envoltas na contemporaneidade, momento histórico em que o processo de viver passa a ser patologizado.

A reflexão passa pela ideia de alfabetizar crianças com laudos, diagnósticos médicos e transtornos. Cada sujeito é único, a aprendizagem acontece de inúmeras maneiras, mas o que é básico é a transferência. Lacan, baseado em Platão, afirma que só vai fazer progresso se existir amor, ao que se refere amor de transferência. Para amar é preciso conhecer o sujeito, para conhecer é necessário ouvi-lo, acolhê-lo em suas diferenciações. A aprendizagem requer a ensinagem e a aproximação desses sujeitos, um ouvindo o outro.

-
- 1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ e do Curso de Psicologia pela mesma universidade; graduada em Ciências Plenas com Habilitação em Matemática Anos Finais do Fundamental e Física do Ensino Médio, pela UNIJUÍ; com Especialização em Psicopedagogia Institucional - Área de Conhecimento: Educação pelo Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná, Gestão Educacional pela Universidade de Santa Maria e Orientação Educacional pela Faculdade de Educação São Luís; docente da Rede Estadual de Ensino, em Ijuí/RS. E-mail: janinezucott@gmail.com
 - 2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ; com Especialização em Psicopedagogia pela UNINTER – Centro Universitário Internacional; Mestre em Educação pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jaquebumikr@gmail.com

No processo de alfabetização o educador requer um olhar atento por parte do sistema educacional, o sujeito educador necessita de condições de trabalho adequadas assim como condições que envolvam sua própria saúde mental. Na atualidade o saber desse profissional está sendo questionado a todo momento, por outros profissionais, como pelas próprias famílias, afirmando conhecerem melhor seus filhos do que estes profissionais, querendo decidir, assim, quais ações o educador deve ter para com este educando, retirando o poder de decisão do profissional da educação. O processo de alfabetização ocorre conjuntamente, escola e família, cada um fazendo sua parte, o sujeito aprendiz é o mesmo.

Metodologia

A reflexão realizada faz parte do processo formativo contínuo, como uma educadora da rede estadual de educação, em sua segunda graduação, a de Pedagogia.

A reflexão se baseia em análise de dados bibliográficos, de forma qualitativa e descreve o que os autores trazem em suas teorias em relação ao tema apresentado, a relação do educador e educando na alfabetização, assim como a experiência de prática de estágio compartilhada em uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental.

O trabalho de reflexão está sustentado teoricamente na psicanálise, apresenta como análise a forma como as crianças, na contemporaneidade, têm sido atravessadas pelo mal-estar na condição humana, com a apresentação do aumento de diagnósticos clínicos em salas de aula, o que implica na alfabetização.

Na conclusão do estágio realizado, analiso com embasamento teórico dois sujeitos: o educador, o educando e sua respectiva alfabetização.

Resultados e discussão

A alfabetização e o letramento, segundo Soares (2003), são processos distintos, naturezas diferentes, mas interdependentes e indissociáveis, ou seja, podem e devem ocorrer simultaneamente. Os dois envolvem habilidades e competências específicas que precisam ser compreendidas. Para a autora é importante que o educando participe de experiências variadas envolvendo a leitura e escrita, por meio da diversidade de gêneros

textuais e que paralelamente desenvolvam as capacidades exigidas para uma compreensão e apropriação do Sistema de Escrita Alfabética.

Alfabetizar individualmente é desafiador, em grupos se torna maior e mais trabalhoso. Como seguir adiante se um ainda não percorreu o mesmo caminho dos outros no processo de alfabetização, como ficar esperando se outros exigem que se vá adiante, parecem estar marcando passos já dados. Alfabetizar em grupo quando crianças apresentam laudos que questionam sua capacidade de produção cognitiva e de relacionamento no coletivo, requer do educador um olhar diferenciado e um planejamento individualizado, pois o diagnóstico não diz nada do educando, afirma do seu comportamento. Sem contar que são crianças em uma infância diferenciada, hiper estimuladas por aparelhos eletrônicos, pouco contato com os elementos da natureza e com pouca interação com a própria família. De acordo com Zavalloni é importante viver vagarosamente, saber aproveitar o agora, destaca a pedagogia do caracol, uma pedagogia lenta que respeita que a criança pense e desenvolva a sua criatividade.

A situação descrita gera um mal-estar no educador, uma sensação de despreparo, pois no caso de sujeito com autismo, em análise ao espectro, ele é único dentro do espectro, potencializando assim, a ideia de alfabetizá-los todos da mesma maneira ou que o mesmo método é eficaz, precisa ser revista. Alguns programas apresentam um manejo único com a criança autista, mas é contraditório do ponto de vista de aceitação do espectro autista. Sendo único, se torna necessário um planejamento que contemple sua diversidade. O educador precisa visualizar o sujeito e não o laudo médico, não rotular com o CID (Classificação Internacional de Doenças), um número.

Na contemporaneidade os pais apresentam uma dificuldade maior para dar limites aos seus filhos. Assim as crianças têm mais dificuldades para tolerar as frustrações, “os não”. Estamos em meio a uma confusão cultural e os laudos continuam aumentando, e essas crianças estão chegando nas salas de aula, em grupos enormes, onde a individualidade se torna quase impossível de ser olhada e valorizada.

De acordo com Dunker (2020), um bom professor precisa ter uma relação inquietante, instigante e problematizadora com o saber, suas aulas devem ser um capítulo de sua própria aventura de investigação ou um capítulo de sua própria pesquisa. Para o autor, se o desejo do educador está presente no ato de ensinar, é isso que ele vai transmitir.

O autor aponta que a escrita é uma experiência corporal total, e não apenas um engendramento cognitivo de um sujeito viso-motor. A alfabetização não acontece só no primeiro ano do Ensino Fundamental, ela se estende desde os primeiros cuidados da função materna, operação de erotização do corpo infantil, formam uma geografia única de traços, que constitui a corporeidade de um sujeito, se estende e se ressignifica nas relações significantes com o outro, afeto, marcados na memória pelos encontros com o corpo do outro, ao que remete a uma cultura.

De acordo com o autor, a entrada no discurso alfabético corresponde a um novo estado na constituição do sujeito, ou seja, não se trata apenas de um progresso nas relações de linguagem e pensamento, mas também no desejo e na economia libidinal.

Na alfabetização há mais que a simples relação do educador e do educando, mas essa relação tem uma importância e um significado que deve ser respeitado e embasado teoricamente.

Conforme Alves (2008), a escola precisa estar atenta à imensa curiosidade e ao desejo das crianças. Para o autor o que se pressupõe é um currículo igual em toda a extensão territorial brasileira, pressupondo que todas as crianças são iguais e aprendem no mesmo ritmo, ao que aponta como uma escola determinada por burocratas ausentes, uma escola com base em currículos externos, com saberes que não emergem do diálogo, da curiosidade dos estudantes e nem das demandas do território, classifica como uma educação bancária. Para o autor, uma escola que trabalha dessa forma não trata o estudante como sujeito do seu processo de aprendizagem, mas como um objeto no processo de ensino-aprendizagem. Para o mesmo, educação que não parte de interesse genuíno em aprender não produz aprendizagem, aprender exige envolvimento emocional e participação ativa do educando.

A relação do educador no processo de alfabetização potencializa o envolvimento emocional de cada educando respeitando a participação de cada um no processo. O educador é quem melhor conhece seus educandos, portanto, tem condições de melhor organizar o planejamento das atividades, respeitando os sujeitos envolvidos assim como aproveitar o meio ao qual estão inseridos. O educando vem com bagagens de conhecimentos e essas precisam ser revisitadas para que a aprendizagem aconteça, e é na relação em sala de aula e com o espaço escolar que a capacidade criadora floresce no humano.

Considerações finais

O ideal seria termos salas de aula de alfabetização com um número menor de educandos, para que o educador possa estender planejamentos individualizados. Olhar e escutar cada criança como única. Condições ideais estariam voltadas à qualidade do trabalho realizado e a valorização do profissional. As situações reais são desumanas aos profissionais, assim como para os educandos, não me referindo à inclusão especificamente, mas de modo geral. Acredito que a inclusão deve ser ampliada cada vez mais, mas com as devidas adaptações aos espaços, aos tempos e com um olhar diferenciado por parte das políticas públicas. Se cada educando deve ser olhado em suas individualidades, cada turma precisa ser vista como única, não entrando em critério de números de alunos ou sobre ter ou não monitoramento qualificado ao trabalho a ser realizado em sala.

O educador precisa investir para que o aluno sinta prazer em estudar, goste, assim o aprendizado surge, é na relação com o outro que nasce o aprendizado. As escolas que cimentaram o chão e enfileiram as crianças precisam rever seus espaços, pois nesse processo diminuíram o brincar livremente. A criança necessita de espaço para brincar e retomar o contato com a natureza. Somos a natureza, ela inspira e alfabetiza.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**. Ano 01, unidade 6. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

DUNKER, Christian e THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

DUNKER, Christian. **Paixão da Ignorância: a escuta entre psicanálise e educação**. Coleção Educação e Psicanálise, 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

DUNKER, Christian. **Como aprender a escutar o Outro?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zo-jk4kVtE8> acesso em 16/04/2021.

ALVES, Rubem. **Alegria de ensinar** (a). 1.ed. 14p. Campinas: Papyrus, 2000.

ALVES, Rubem. **A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 11 ed. Campinas: Papyrus, 2008a. 120p.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização**: as muitas facetas. In: Anais da 26ª Reunião Anual da ANPED, em outubro de 2003.

ZAVALLONI, Gianfranco. **A pedagogia do caracol**: por uma escola lenta e não violenta. <https://www.trabalhosgratuitos.com/Outras/Diversos/Resumo-A-Pedagogia-do-Caracol-1657816.html>. Acesso em 14/07/2024.

CONSTRUINDO SABERES: REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO NOS ANOS INICIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Joana Emilia Gomes Marques¹
Jaqueline Bussler Michael Krüger²

Introdução

A presente escrita intitulada, “Construindo saberes: reflexões sobre o estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, foi desenvolvida na disciplina de Currículo e Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, do curso de Pedagogia PARFOR, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. Seu objetivo é apresentar uma reflexão sobre os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a partir de referenciais teóricos e práticas de estágio.

As observações e a docência compartilhada ocorreram em uma turma de 5º ano, turma 52, durante o turno da tarde, na Escola Municipal Fundamental Deolinda Barufaldi no município de Ijuí/RS. O estágio foi dividido em duas etapas fundamentais: o período de observação e o período de intervenção, onde foram colocadas em prática as teorias estudadas durante o semestre do curso.

Cabe ressaltar que o estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, teve como objetivos: observar, analisar e descrever as práticas em sala de aula, propiciar a aproximação da realidade profissional por meio da participação em situações reais de trabalho, envolvendo os educandos e sua educadora.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUI; graduada em História pela mesma universidade; docente na Rede Municipal de Ensino em Ijuí/RS. E-mail: joana.gmarques@gmail.com

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUI e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUI; com Especialização em Psicopedagogia pela UNINTER – Centro Universitário Internacional; Mestre em Educação pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jaquebumikr@gmail.com

A pertinência teórica deste estudo decorre da importância de trabalhar o tema: “Meio Ambiente”, pois é importante que os educandos reconheçam que nós somos parte do planeta, sobretudo que somos elementos da natureza e dependemos da saúde do planeta para mantermos a nossa saúde, para obtermos água, alimentos, roupas, materiais para construção de casas, para obter a energia elétrica e combustíveis para todos os setores da vida moderna, incluindo equipamentos eletrônicos e tudo mais que se pode imaginar.

Portanto, o desequilíbrio do planeta afeta a todos nós e por isso ter um pensamento sistêmico sobre a sustentabilidade, requer ações concretas de cada um de nós e das populações de todos os países. Trabalhar esse tema nos Anos Iniciais, contribui para as crianças agirem de forma consciente, sobre a preservação e conservação das espécies, reconhecendo-se como parte integrante e ativa desse planeta.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a observação e intervenção no 5º ano, na turma 52, da Escola Municipal Fundamental Deolinda Barufaldi, vinculando as leituras e estudos bibliográficos que tratam acerca da prática pedagógica e, ainda, sobre a importância do estágio na formação do pedagogo, possibilitando novos direcionamentos e embasamentos pedagógicos para a educação.

Considero que o estudo realizado tem proximidades significativas com a modalidade de investigação-ação. Com efeito, pretende compreender melhor as potencialidades educativas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e, ao longo deste processo, procurar melhorar as práticas pedagógicas. Assim, o agir pedagógico começou por ser centrado na observação do contexto escolar. A observação gerou reflexões que contribuíram para delinear as intervenções na tentativa que estas fossem, progressivamente, cada vez mais adequadas aos interesses e desenvolvimento dos educandos.

Sendo assim, procurei sensibilizar as crianças sobre o meio ambiente, trazendo um texto sobre a crise climática, vídeo e posteriormente uma pesquisa na internet, uma vez que, a proposta deste campo parte do princípio de que as crianças vivem em espaços e tempos diversos e, que na medida que se desenvolvem, precisam entender tudo isso e diferenciar cada um destes cenários.

Resultados e discussão

No Estágio é onde temos a oportunidade de vivenciar tudo aquilo que aprendemos, de refletir sobre quais práticas vamos escolher futuramente, quais as formas de agir dentro de uma sala com crianças dos Anos Iniciais. É tempo de conhecer, analisar e experimentar. Pimenta e Lima (2005/2006, p. 14) afirmam que o estágio “não é atividade prática, mas atividade teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida como atividade de transformação da realidade”. É, portanto, uma atividade teórico-prática, apoiada pela fundamentação teórica, pelo diálogo e pela intervenção didática na realidade educacional.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (2013, p. 110):

Os alunos do Ensino Fundamental regular são crianças e adolescentes de faixas etárias cujo desenvolvimento está marcado por interesses próprios, relacionado aos seus aspectos físico, emocional, social e cognitivo, em constante interação. Como sujeitos históricos que são, as características de desenvolvimento dos alunos estão muito relacionadas com seus modos próprios de vida e suas múltiplas experiências culturais e sociais, de sorte que mais adequado seria falar de infâncias e adolescências no plural.

Sendo assim, é importante que o Ensino Fundamental proporcione não apenas o aprendizado visando os conteúdos, mas também que promova o desenvolvimento social, emocional e ético das crianças e adolescentes. Segundo Vasconcelos (2020, p. 41):

Uma escola que garanta como princípios pedagógicos a participação das crianças em todos os âmbitos do cotidiano escolar, a expressão das singularidades dos sujeitos e a constituição da continuidade de suas experiências educativas, sustentados por uma rede de corresponsabilidades dos adultos provoca processos de aprendizagem coletivos que instituem o protagonismo das crianças em sua abordagem. Ao permitir que as crianças tenham voz e participação ativa, a escola busca favorecer um ambiente mais democrático e inclusivo, onde todos os membros da comunidade escolar se sintam valorizados.

A observação participante foi uma ferramenta de pesquisa, na qual busquei entender o funcionamento da escola, a interação entre aluno/professor e as dinâmicas da sala de aula. Nas duas primeiras observações me mantive mais atenta ao que acontecia na sala de aula, senti a necessidade de me aproximar mais dos alunos, então busquei auxiliá-los quando realizavam suas atividades, para assim ir me entrosando e ganhando a confiança deles.

Fui analisando a forma de agir da educadora e os momentos de interação com as crianças. Percebi como a mesma atuava e compreendi o porquê das suas ações de modo a, mais tarde, tentar interagir no mesmo sentido. Constatei que a educadora valoriza o protagonismo das crianças, sempre incentivando, os apoiando durante as atividades tanto na sala de aula, como nos outros ambientes da escola.

A proposta do tema Meio Ambiente, surgiu como estratégia de garantir atividades, que exigissem a participação ativa dos alunos, que motivassem o interesse, colaboração e o trabalho em equipe. Mendonça (2013, pág. 17), afirma que “a natureza é nossa biblioteca e conta nossa história”. Abordar este tema com as crianças possibilita fazer reflexões e estimular as percepções sobre o meio que os cerca. Nós, enquanto educadores, temos um papel importante nesse processo de conscientização. Nossas crianças precisam entender seu pertencimento nesse mundo, para que se tornem cidadãos responsáveis e preocupados com a preservação ambiental e o respeito à natureza.

Quando escrevi o projeto de estágio, tinha como proposta inicial levar os alunos na Trilha Vó Preta e Parque da Pedreira em Ijuí. Seria um momento de contato com a natureza, apreciação e respeito aos recursos naturais e culturais. Devido às fortes chuvas no mês de maio, ao iniciar o estágio de docência compartilhada, optamos por esperar o tempo melhorar. Então conversando com a professora regente, começamos a intervenção apresentando o tema proposto para a turma através do texto “Mudanças Climáticas”, do autor Vinícius Marques. Posteriormente assistimos um vídeo e realizamos uma pesquisa na internet.

A turma foi realizando sua pesquisa, vendo imagens, vídeos, depois criaram um cartaz. O que mais chamou minha atenção foi que eles me pediam como era para fazer, então fui orientando-os, fazendo perguntas sobre o que haviam entendido, as quais foram respondendo e pensando o que iriam colocar no cartaz. Percebi que através da pesquisa os educandos conseguiram compreender o tema e até explicar com suas palavras. Meu objetivo era provocar a curiosidade sobre o assunto para que eles pudessem seguir a sua trajetória para pesquisa. Na confecção do cartaz as duplas conversavam entre si, sobre o que estavam fazendo, alguns terminavam e partiam para ajudar os colegas, foi uma troca bem significativa.

Realizamos uma caminhada nos arredores da escola, pedimos para que os alunos observassem e registrassem as árvores através de fotos. Utilizamos as fotos para a identificação das espécies de árvores existentes

no local. Com a realização dessa atividade foi possível transportar o conhecimento teórico para a realidade do aluno, proporcionando momentos de socialização e conscientização da preservação ambiental.

Ao retornar para a escola explicamos que na nossa cidade tivemos altas temperaturas no verão, o que nos causou desconfortos e por isso as pessoas procuravam estacionar seus carros na sombra das árvores, sentar-se embaixo delas para tomar chimarrão ou descansar. Atualmente o Rio Grande do Sul vive uma de suas piores tragédias climáticas, as fortes chuvas colocaram o estado inteiro em situação de calamidade, causando estragos, deixando famílias desabrigadas.

Esse momento de conversa com os alunos foi muito importante, pois pude perceber que na medida em que íamos dialogando, eles conseguiram compreender a tragédia climática que enfrentamos em nosso Estado e suas consequências. O objetivo dessa conversa foi demonstrar para os educandos que todos os eventos climáticos que ocorrem são consequências das nossas ações, permitindo que eles refletissem sobre tudo que vem acontecendo e que percebessem que sem a natureza não somos nada.

Foi possível perceber a união da turma, pois encaravam as propostas com entusiasmo, era comum ver os alunos se ajudando, eles não compartilhavam apenas o espaço da sala de aula, mas também compartilhavam risadas, desafios e conquistas. Posso dizer que me senti acolhida por todos, aproveitei todo tempo que tinha para estar perto deles, seja ajudando em uma atividade ou conversando sobre assuntos variados, como: escola, onde residem, o que gostam de fazer fora da escola, etc.

Para Vygotsky (2010) o aprendizado é essencial para o desenvolvimento do ser humano e se dá, sobretudo, pela interação social. O pesquisador valoriza a ação pedagógica, a intervenção e a participação do educador na formação do sujeito, destacando que o desenvolvimento deve ser olhado de maneira prospectiva e não retrospectiva. É indispensável que o professor tenha esse entendimento para que sejam desenvolvidas habilidades de escuta, olhar atento, agir diferente nas relações estabelecidas no ambiente escolar, diálogo constante, pautados na compreensão de uma educação voltada para o sujeito integral.

Diante dessas considerações, a educação nos Anos Iniciais necessita de um trabalho diferenciado para envolver os alunos. A busca por uma educação que respeite o sujeito e seus saberes, exige dos professores que repensem sua prática pedagógica, se reconhecendo como agentes transformadores no processo do conhecimento.

Precisamos buscar atividades interativas que despertem a curiosidade de nossos alunos. O uso de atividades desplugadas e jogos, trazem interação, personalização do ensino, liberdade para o desenvolvimento de criações e produções, permitindo aos alunos se sentirem motivados e engajados para realizar os desafios. Considero que essas atividades proporcionam diversão, mas também são importantes para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional.

O relacionamento com a professora regente, como também com a turma me trouxeram diversos aprendizados sobre a importância de saber ouvir, entender suas aflições, angústias e como o acolhimento e mediação podem transformar os medos em crescimento. Sendo concebível o alinhamento entre teoria e prática já que elas andam juntas, e por meio destas pode ser possível desenvolver uma prática pedagógica, mais leve onde a relação professor e aluno, seja de cumplicidade e colaboração mútua.

Para concluir, posso afirmar que houve bastante cooperação entre as crianças no momento de realizar as atividades propostas. Além disso, durante as rodas de conversa sobre os assuntos trabalhados, demonstraram domínio do que foi discutido e vivenciado ao longo das intervenções. Em cada detalhe, cada gesto, em todas as relações vivemos o afeto, a cumplicidade e o respeito. Foi uma experiência gratificante.

Considerações finais

O estágio nos Anos Iniciais me possibilitou refletir sobre as práticas de ensino e abordagens pedagógicas. Enquanto futuros pedagogos precisamos estar encorajados a revisar experiências, identificar áreas de melhoria e buscar oportunidades de aprendizado contínuo, contribuindo assim para o desenvolvimento profissional ao longo da carreira.

Em um primeiro momento aconteceram as observações, que me permitiu uma visão das atividades realizadas e do cotidiano da turma. Em seguida, as propostas que desenvolvi com as crianças oportunizaram momentos de construção e reconstrução de conhecimento, pois na medida em que ensinamos, também aprendemos.

Refleti de forma geral, sobre o projeto que foi proposto para a turma e, simultaneamente, analisei minhas ações, pois é essencial que a proposta pedagógica, tenha significado para os educandos. O estágio, me possibilitou não somente a compreensão das teorias estudadas, mas

também me permitiu analisar e refletir acerca das infâncias e das suas potencialidades.

Segundo Pimenta (2005, 2006, pág. 17) “O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir”. Então a experiência vivenciada, me fez refletir sobre minha formação e atuação enquanto futura pedagoga. Que professora quero ser? Como posso melhorar minha atuação, no sentido de ouvir as crianças e dar vez as suas preferências? Estas questões só foram possíveis serem pensadas a partir das experiências provenientes do estágio.

Esta experiência para nós, futuros pedagogos, é de grande importância, pois só estando diretamente envolvidos no campo escolar é que podemos entender as atitudes, dificuldades, anseios e satisfações que o profissional da área poderá vivenciar. Esse estágio proporcionou um contato efetivo com a realidade vivida no dia a dia da profissão, bem como os desafios da prática docente.

Referências

ARAÚJO, Geiza. **Estágio supervisionado: espaço e tempo de formação do pedagogo para a atuação profissional**. 2010. Disponível em: http://www.ufjf.br/ppge/files/2010/07/Dissertacao_GeizaAraujo_2010.pdf

MENDONÇA, Rita e ZYSMAN, Neiman. O potencial educativo das visitas à natureza. In: **A Natureza como Educadora**. Editora aquariana/SP, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poiesis, [s. n.], v. 3, n. 3, p. 5-24, 2005/2006.

VASCONCELOS, Queila Almeida. **O protagonismo das crianças na Escola de Educação Infantil: Princípios, abordagem e sustentação**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Porto Alegre. Porto Alegre, 2020.

VYGOTSKY, Lev S.; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11 ed. São Paulo: Ícone, 2010.

DOCÊNCIA COMPARTILHADA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Laura Ethiele Müller de Albuquerque¹
Jaqueline Bussler Michael Krüger²

Introdução

O projeto realizado teve como objetivo a docência compartilhada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, especificamente em uma turma do terceiro ano, no Tempo Integral. Tem como finalidade conhecer, aprender, realizar trocas de experiências, vivências e planejar de forma compartilhada com os docentes da turma atividades que possam ser realizadas com os alunos. A turma é composta por vinte e quatro alunos e alunas, sendo treze meninas e onze meninos, com idades entre oito, nove e dez anos.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Luiz Fogliatto, localizada em Ijuí/RS, atende alunos da pré-escola até o nono ano do Ensino Fundamental, sendo que as turmas de primeiro ao quinto ano são turmas que fazem parte do Turno Integral, entrando na escola às 7h45min e ali permanecendo até às 16h20min. As turmas do sexto ao nono ano têm aulas somente no turno da manhã.

O Tempo Integral nas escolas de Ensino Fundamental é pensado principalmente para aquelas escolas que atendem bairros em situação de vulnerabilidade social, com a finalidade de proporcionar um tempo maior e de qualidade à criança ou adolescente, sendo que este fica vinculado mais tempo à escola e suas atividades.

-
- 1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em História pela URI - Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões – Santo Ângelo/RS; com Especialização em História: Cultura, Memória e Patrimônio Histórico pela mesma instituição e em Artes pela UFPEL - Universidade Federal de Pelota, pela UAB Polo Cruz Alta; docente da Rede Estadual de Ensino, em Ijuí/RS. E-mail: ethielelaura@gmail.com
 - 2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ; com Especialização em Psicopedagogia pela UNINTER – Centro Universitário Internacional; Mestre em Educação pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jaquebumikr@gmail.com

O Tempo Integral é dividido em Componentes Integradores que compreendem o aprendizado voltado à mediação de estudos, iniciação científica e cultura digital, e ao aprofundamento curricular: Práticas experimentais em Linguagens, Práticas experimentais em Matemática, Práticas experimentais em Ciências Humanas e práticas experimentais em Ciências da Natureza. Nas disciplinas que compreendem o aprofundamento curricular, as habilidades trabalhadas são as que compõem a Base Nacional Comum Curricular, são trabalhadas em conformidade com o professor referência da turma.

O estágio foi desenvolvido no turno da tarde, nas disciplinas de: Práticas experimentais em Ciências Humanas, Práticas Experimentais em Ciências da Natureza e Práticas Experimentais em Linguagens (área de Educação Física) que compreendem parte do currículo do Tempo Integral, sendo denominada “Aprofundamento curricular”. O Tempo Integral tem por finalidade oferecer aos alunos um maior tempo na escola somando 8 horas e 35 minutos ao longo do dia. Este tem por objetivo articular as vivências da Educação Infantil com a aprendizagem a ser desenvolvida, valorizando a experiência do estudante, através de práticas, experienciando o próprio conhecimento.

O tema do estágio foi construído a partir de conversas com o professor referência da turma e com professoras e professores do Tempo Integral. O Tema “Luz, Cores: Ação”, provem de um assunto de pesquisa realizado com as crianças sobre a formação da Luz branca e a decomposição da Luz em cores, trabalhando também as cores primárias e secundárias, e a ação reflete o ato de fazer da turma, pois uma das características do 3º ano é ser muito participativa e engajada nas atividades da escola. Relacionamos aqui a ação, a trilha de observação que foi realizada pela turma na atividade de Ciências Humanas, em que as crianças realizaram uma caminhada de observação pelo bairro onde a escola se localiza para complementar o trabalho e também uma pesquisa sobre o bairro e suas características.

Metodologia

Como metodologias e estratégias desenvolvidas neste projeto, podemos destacar aulas voltadas ao lúdico, a pesquisa e a experiência, pois em conversa com o professor referência da mesma, e com os professores do turno integral, nota-se que a turma em questão tem como característica a ação, o ato de agir, de participar e de ser ativa, suscitando assim uma

turma que interage e participa das atividades de forma questionadora e participativa.

Resultados e discussão

O professor é um agente social e político, pois seu trabalho tem como possibilidade a transformação da sociedade e visa a constituição de um sujeito crítico e reflexivo. Voltando o olhar para a Educação Infantil, enquanto tempo e espaço em que a criança começa a dar seus passos em relação à apropriação do saber científico, da leitura, da escrita, da percepção do mundo social, cultural e político, é importante olhar para o profissional, denominado professor.

O professor, professora, professore dos Anos Iniciais, tem grandes responsabilidades, pois trabalha com a formação de seres humanos. Por este motivo necessita passar por uma formação qualificada e reflexiva, e que seja constante. A função do profissional da educação é educar, transmitir o conhecimento científico, de forma não automática ou robotizada, e sim de forma humana, onde essa criança em desenvolvimento não seja simplesmente concebida como receptora e repetidora do conhecimento. Ao contrário, esse conhecimento advindo da escola e do ambiente escolar tem a finalidade de transformar a vida da criança, construindo experiência de integração, ou seja, de produção de sentidos para sua vida e de geração de perspectivas de transformação social.

Assim, podemos dizer que o ato educacional é político. Sendo político, podemos perguntar: A quem a educação no século XXI serve? Se no passado podemos dizer que a educação formal atendeu às demandas sociais, principalmente do capitalismo, hoje qual sujeito está sendo formado no ambiente escolar?

Com o advento do capitalismo, na época moderna, ocorre uma grande mudança na forma de produzir, que passa a se basear, não mais no campo e na agricultura, mas na cidade e na indústria. É o processo de industrialização e de urbanização que tem início com toda sua intensidade e que é alimentado pelo desenvolvimento científico e tecnológico. Essas novas condições de produção exigiam conhecimentos específicos, científicos, que não podiam ser aprendidos tão espontaneamente como se fazia no campo. Era preciso que fossem ensinados de forma mais sistemática (SILVEIRA, 1995, p. 23).

Sendo o fazer pedagógico do professor, um ato político, como nos fala Silveira (1995), existe uma relação profunda entre educação e

sociedade, pois a educação modifica a sociedade, modifica a forma de existência social, podendo unir, dividir ou separar as pessoas por grupos ou classes sociais. Agora, precisamos entender quem é e como se acolhe e trabalha com uma criança de 6 anos, que tem sua vida e sua percepção de mundo modificada pela entrada na escola.

A partir da ampliação do Ensino Fundamental de 8 para 9 anos, as crianças vão acessar o Ensino Fundamental de matrícula obrigatória, sendo um dever do Estado ofertar vagas e condições de acesso a todos. A matrícula deve ser realizada pela família ou responsáveis a partir dos 6 anos de idade, adentrando assim o ambiente escolar. Porém, vale lembrar que aos 6 anos de idade esta criança está sendo inserida por nós - adultos - em um mundo de inter-relações sociais e culturais distinto do seu estado de desenvolvimento, a infância.

O inciso I, do artigo 208, da Constituição Federal (Seção I - da Educação, Capítulo III da Educação da Cultura e do Desporto, Título VIII - da Ordem Social) declara que o dever do Estado se efetiva com a garantia do “ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”. (BRASIL. [Constituição 1988] Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.)

Como receber a criança nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? É necessário observar que ao chegar no primeiro ano, essa criança acabou de sair da Educação Infantil, que é pautada no acolhimento, afeto, no lúdico e no brincar. A criança até então tem outro tempo, outros interesses, outras formas de se relacionar, pautado na ludicidade, no mundo imaginário do faz de conta, do brincar, do sorrir, do perguntar, o mundo dos porquês que muitas vezes nós, adultos, não temos uma resposta concreta, e também precisamos inventar. Esse inventar, deve servir de base para a educação, pois esta precisa ser inventada e reinventada, todas as vezes que for preciso para a escola ser um lugar de acolhimento das humanidades. Uma das características da infância é a sensibilidade, o afeto e a delicadeza do gesto. Sendo assim, reiteramos que a BNCC valoriza a ludicidade também nos Anos Iniciais.

A BNCC do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em

uma atitude ativa na construção de conhecimentos. Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo (BNCC, 2018, p. 58).

Então, como inserir uma criança de 6 anos em um ritmo diferente daquele em que ela estava? Eis uma grande oportunidade e questão para observar a delicadeza e potência da infância e a grande responsabilidade do professor, professora e professore dos Anos Iniciais. Assim, é de muita relevância formar profissionais da educação comprometidos com a educação da infância, que respeite o tempo e o ser criança, compreendendo que a alfabetização e o letramento devem ser construídos de forma a despertar o querer, o desejo da criança.

Para Franco (2002) a infância é um campo que ultrapassa o limite do indivíduo, alcançando hoje, a filosofia, a política e a cultura, sendo assim, interdisciplinar. Segundo Kramer (2007) a infância é por um lado uma categoria social e por outro, história da existência humana.

Friedmann (2020) destaca que a maioria de nós esquecemos que um dia já fomos crianças. Esta, é uma infeliz verdade em nossa sociedade do corre-corre, do capital da desigualdade, da fraqueza humana em relação às grandes mazelas sociais, mas temos aí uma alternativa para fazer frente, às infelizes verdades: a Escola e o respeito pela educação das infâncias.

Para concluir, encerro com um poema de Drummond, para refletirmos, que muito além de vir a ser um adulto, a criança é um sujeito que necessita de um olhar no presente.

VERBO SER

Que vai ser quando crescer?

Vivem perguntando em redor. Que é ser?

É ter um corpo, um jeito, um nome?

Tenho os três. E sou?

Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?

Ou a gente só principia a ser quando cresce?

É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?

Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?

Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.

Que vou ser quando crescer?

*Sou obrigado a? Posso escolher?
Não dá para entender. Não vou ser.
Vou crescer assim mesmo.
Sem ser Esquecer.*

Considerações finais

Como considerações finais, é possível destacar a importância do ensino público no Brasil, principalmente como uma fonte de diminuição das desigualdades sociais através da educação pública, gratuita e de qualidade, assim como a importância das escolas de turno integral como uma alternativa para crianças e jovens se desenvolverem dentro de lugares plurais e éticos, considerando, no caso das escolas de Tempo Integral, saber mesclar o tempo, entre atividades teóricas e lúdicas.

Enfim, destacar também a importância do estágio compartilhado nos Anos Iniciais, para que se possa compreender o funcionamento e conhecer a realidade da sala de aula. Nunca esquecendo que a criança só é criança uma vez, que os aprendizados escolares podem ser passados de formas diferentes e prazerosas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

Aprofundamento curricular ensino fundamental em tempo integral. ementas. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de Nove Anos**. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília: Casa Civil, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 1 de abril de 2024.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças**: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020.

FRANCO, E W. **A compreensão da infância como uma condição da criança**. Cadernos de Educação Infantil; 11. Porto Alegre: Mediação,

2002.

Antologia poética Drummond - Segunda geração modernista. https://www.livrosdigitais.org.br/exportar_pdf/136914MKJG478Y9. Acesso dia 25/06/2024.

UM OLHAR SOBRE A DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Raquel de Souza Bortoli¹

Jaqueline Bussler Michael Krüger²

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir de um olhar construído por meio da docência compartilhada a qual foi oportunizada pelo Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e dos estudos, leituras e discussões com trocas de experiências no decorrer do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR.

Nesse sentido, a partir das situações de aprendizagem propostas no projeto de docência, se pretende, neste artigo, pensar sobre a prática realizada e ampliar nosso olhar sobre a docência nesta etapa de ensino, realizando um exercício reflexivo sobre a importância das práticas de estágio na formação dos professores das infâncias.

Metodologia

O presente trabalho se refere à reflexão após a inserção no cotidiano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental especificamente na docência compartilhada com uma turma do 4º ano, em que desenvolvi o Estágio Supervisionado em Docência nos Anos Iniciais, o qual me possibilitou novas vivências e experiências docentes.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Ciências Plenas com Habilitação em Química pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Coordenação Pedagógica pela UFRGS - Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul; docente da Rede Estadual de Ensino, em Ijuí/RS. E-mail: raquel-bortoli@educar.rs.gov.br

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ; com Especialização em Psicopedagogia pela UNINTER – Centro Universitário Internacional; Mestre em Educação pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jaquebumikr@gmail.com

O estágio aconteceu no decorrer do primeiro semestre de 2024, mais especificamente durante os meses de abril e maio, na Escola Estadual de Ensino Médio Otávio Caruso Brochado da Rocha, situada no município de Ijuí, numa turma do 4º ano do Ensino Fundamental, composta de 11 crianças, sendo 6 meninas e 5 meninos.

A turma onde desenvolvi a prática de estágio mostrou-se tranquila, com todas as crianças na mesma faixa etária, entre 8-9 anos de idade. São participativos, questionadores, curiosos e gostam de desafios e novidades.

Para as crianças, a presença de alguém a mais na sala de aula lhes despertou curiosidade. Inicialmente, houveram alguns questionamentos do porquê estaria ali com eles e a professora referênciada. Então conversamos sobre a proposta de eu estar participando da aula com eles, realizando algumas atividades para ampliarmos o conhecimento que já vinham construindo com a professora referênciada da turma em relação à temática abordada.

Nos Anos Iniciais é possível observar que a rotina é organizada pelas situações de aprendizagem que são planejadas e propostas às crianças. Durante as observações realizadas foi possível acompanhar o início da aula, com a professora realizando o registro da data, momento em que as crianças também registram em seu caderno as atividades que serão desenvolvidas.

As rotinas podem ser construídas com as crianças, de modo a guiar a realização das situações de aprendizagem que ali serão desenvolvidas, bem como, indicarão às crianças os tempos da aula, ou seja, se já está próximo do lanche, do recreio, de determinada atividade, da troca de livros na biblioteca, de práticas, experiências etc.

Na docência compartilhada, planejamos em conjunto diferentes situações de aprendizagem, que partiam de uma temática sugerida pela professora referênciada. Dessa maneira, buscamos trazer situações de estudo sobre a cultura indígena, abordando este tema a partir do que a professora já havia introduzido com as crianças.

Neste sentido, a docência compartilhada possibilitou pensarmos e desenvolvermos diversas situações de aprendizagem que inicialmente exploraram o letramento literário por meio de uma literatura infantil que fosse ao encontro da temática em estudo “cultura indígena”. Além disso, todas as demais atividades estavam relacionadas a esta proposta, desde a prática culinária, o estudo do gênero textual receita, a exploração no pátio da escola com a coleta de terra e observação de pequenos animais

de jardim, o manuseio e modelagem com argila e o passeio ao museu para conhecer mais sobre a cultura e o grafismo indígena.

Resultados e discussão

O projeto de docência inicia com uma ação pedagógica planejada intencionalmente para que as crianças sejam protagonistas da situação de aprendizagem. Dar voz às crianças, escutá-las ativamente são ações as quais possibilitaram perceber os conhecimentos prévios trazidos pelas crianças a respeito do assunto a ser apresentado. Assim, na primeira prática compartilhada, ao propor a leitura de uma frase motivadora, os questionamentos começaram a surgir, ou seja, o que será que significava “Comendo pipoca e amendoim, você é um pouco curumim”?

Essa proposta utilizada no momento de pré-leitura do livro “Tupi, a língua que você fala”, do autor Cláudio Fragata, é um exemplo de como as narrativas das crianças revelam seus conhecimentos prévios acerca de um assunto. Por mais simples que fosse a frase, ela possibilita às crianças fazerem inferências, chegando a ideia de que “todos nós somos um pouco indígenas”, como afirmou uma criança participante do diálogo.

Portanto, pode-se dizer que o projeto de docência parte de uma proposta de sequência didática de leitura, conforme abordado pela nossa professora Fernanda Trein em aula sobre produção de sequência didática, a qual foi embasada em Isabel Solé (1998), que nos coloca momentos diferenciados, iniciando com uma pré-leitura em que coletamos os conhecimentos que o leitor traz a respeito do assunto que será abordado. Depois, Solé enfatiza o segundo momento, que seria da leitura propriamente dita, mediada pelo educador com questões de análise, interpretação e entendimento do que diz o texto, para após isso, virar pós-leitura em que o educador auxilia o aluno a ir além do texto, fazendo relações com suas vivências e seu cotidiano.

Assim, tivemos presente a pré-leitura, leitura e pós leitura do livro “Tupi, a língua que você fala” e as crianças participaram destes três momentos e fizeram relações com a sua realidade e vivências ao perceberem que as palavras mencionadas na história eram muito utilizadas no seus cotidianos.

Estabelecendo relação com a docência compartilhada, o estágio supervisionado nos Anos Iniciais nos possibilitou experienciar a relação de troca com a professora referência, ou seja, uma troca com muito

aprendizado, pois por mais que tenhamos nossa bagagem enquanto professoras de uma primeira graduação, existe um diferencial oportunizado pelo conhecimento conferido pela Pedagogia.

Através das leituras, estudos, discussão de ideias e trocas de experiências com os colegas e professores, ampliou-se o olhar sobre a docência nesta etapa de ensino, com novas possibilidades de construção do conhecimento. Enfatizo esse pensar, com Manoel de Barros que diz,

A maior riqueza do homem é sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou —eu não aceito. Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc. Perdoai. Mas eu preciso ser Outros. Penso renovar o homem usando borboletas. (BARROS, 1998, p. 14).

Estar neste espaço e lugar chamado escola, exercendo a docência compartilhada, também nos ensina a humildade ao reconhecer o aprendizado constante que temos que tecer com nossos pares. Precisamos nos despir dos conhecimentos que acreditamos ter enraizados. É diariamente na escola que vamos nos constituindo como educadores das crianças e de suas infâncias e isto se dá pela escuta atenta das narrativas e a reorganização das atividades, a inclusão de novas propostas, e ressaltar o reconhecimento que: “a maior riqueza do homem é a sua incompletude”, como menciona Manoel de Barros (1998). Assim, é preciso completar nossos planejamentos com a vida que ali acontece, nos renovando diariamente como o ciclo das borboletas.

É necessário ver a escola como ela é, ou seja, um espaço de encontro de infâncias plurais, inquietas por situações de aprendizagens, de modo a ampliar suas experiências de vida. E ao pensarmos a docência nos Anos Iniciais visando um processo de humanização das crianças no contexto escolar, cabe a nós tecermos cuidadosamente, junto com as crianças, situações de aprendizagem que considerem as relações humanas como eixo norteador do processo de ensino e aprendizagem.

Um projeto de docência que traz a cultura indígena como ponto de atenção para nosso olhar, vem a este propósito, pois possibilita pensar em como são construídos os nossos olhares a respeito das diferentes culturas que formam nossa sociedade, a partir de que tipo de relações humanas são construídas as narrativas existentes a respeito da cultura indígena. Ou seja, são momentos importantes em que se pretende desenvolver a humanização das crianças a partir da desmistificação de estereótipos em relação à imagem

do indígena e sua cultura, trazendo elementos desta cultura que está mais próxima de nós e mostrando a inserção desta no nosso cotidiano.

Outro aspecto, é o sentido de pertencimento e respeito à terra. A territorialidade é enfatizada na cultura indígena e ao proporcionar às crianças experiências como a visita ao museu proporcionada no projeto de docência, se ampliou o conhecimento acerca da cultura indígena e sua relação com o território, contribuindo para o aprendizado de como diferentes culturas nos ensinam sobre a sustentabilidade e humanização.

A cultura indígena nos ensina a importância do contato com a natureza, ou seja, nos ensina a desemparedar, fazer relações a partir de vivências, e isto deve nortear o currículo escolar nos Anos Iniciais, construindo, nas diversas áreas do conhecimento, propostas de estudo em que a criança seja protagonista, e o brincar seja a linguagem norteadora.

Dessa forma, entendemos que a essência da infância é o brincar e observamos que as crianças estão cada vez mais deixando de lado as experiências do brincar com outras crianças, com brinquedos e brincadeiras inventados por eles, deixando de lado o contato com a natureza, com as brincadeiras de roda e cantigas. Todos estes modos de ser e viver a infância estão sendo aos poucos substituídos pelas telas dos celulares, pelos jogos on-line e o distanciamento uns dos outros.

Torna-se necessário pensar sobre o brincar, e conforme o livro “Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza”, se para os educadores o lócus central do processo educativo é a sala de aula, para os estudantes é o pátio. Pois é lá que eles praticam e atualizam o motivo principal que os faz estarem ali, na escola: o encontro com o outro, com os outros” (BARROS, 2018, p.15).

Isto nos coloca a pensar: qual é o momento mais esperado por muitas crianças? Uns dirão que é a hora da merenda, outros que é o recreio, e isto é um fato! Na escola as crianças aguardam ansiosos estes dois momentos, por isso o desemparedar na docência dos Anos Iniciais é algo a ser considerado, principalmente aqueles momentos de contato com a natureza proporcionado às crianças, em que se criam possibilidades de explorar o ambiente fora da sala de aula.

Neste projeto de docência, ao levarmos as crianças ao pátio da escola para observar o ambiente e coletar amostras de terra, percebemos que o planejado proporcionou além do esperado, as crianças demonstraram sentimento de liberdade, euforia, alegria por estarem realizando a atividade. Por isso, é importante vivenciarmos experiências em meio à natureza com

as crianças, propiciando às mesmas sentirem os ambientes, perceberem que ali irão encontrar um “sistema vivo”, e a partir disso, elaborarem suas impressões acerca do que experienciaram.

Capra (2006) contribui com este pensamento, e nos coloca que, ao levarmos as crianças para a natureza, precisamos mostrar a elas que ali estaremos entrando em contato com a vida, ou melhor, com inúmeros sistemas vivos. Podemos perceber isso ao caminharmos pelo pátio da escola e observarmos a presença de inúmeras árvores, folhas secas no chão. Vimos desde bactérias, plantas, pequenos animais e nos damos conta que nós, seres humanos, estamos todos interligados a este sistema, assim como enfatiza o autor.

Neste sentido Capra também diz que nos relacionamos de maneira não linear, ou seja, em rede e para “entender os princípios de ecologia é preciso uma nova maneira de ver o mundo e de pensar, em termos de relações, conexões e contexto” (CAPRA, 2006, p. 42). Fazer referência a Capra nesta reflexão sobre a docência vem ressaltar que o desemparelamento promove experiências que despertam para um novo modo de ver, pensar o mundo que nos rodeia, como por exemplo, perceber que a ação/ atitude ou omissão diante da natureza deixará marcas no espaço percorrido, pois todos os seres vivos estão interligados.

Além disso, o desemparelado se conecta com a cultura indígena e a sua relação com a natureza, pois desperta para o contato com os sistemas vivos e a apreensão de tudo que a natureza nos proporciona, inclusive sensibilizando as crianças para perceberem que a arte está intrinsecamente presente na vida cotidiana dos indígenas, nas suas formas de expressão, pinturas corporais, cantos, danças e rituais, na confecção de seus objetos de uso pessoal, adereços, vestimentas e ferramentas, e foi isto que motivou a explorar a materialidade argila com as crianças, manuseando, explorando este material a fim de construir com ele algum objeto indígena.

A arte é uma linguagem gratuita e possibilita experiências que nos sensibilizam em relação ao mundo e aos outros. Por meio da arte podemos criar memórias, por isso, a escolha da materialidade argila foi uma opção de oferecermos algo para as crianças inicialmente manusearem livremente, explorando o material, sentindo a textura, temperatura, fazendo força, e desta forma, exercendo a autoria na criação de algo. Nesta situação de aprendizagem havia uma intencionalidade educativa, a que propunha o desafio de criarem um objeto que tivesse relação com a cultura indígena e as crianças criaram pequenos potes de argila, pelo fato de terem observado

este artefato muito presente na cultura indígena quando fizeram a visita ao museu.

A capacidade criativa da criança é ampla e pode ser instigada pela forma de condução do trabalho proposto, por isso: “toda criança é capaz de criar, basta lhes dar oportunidades para que isto aconteça” (PILOTTO, 2004, p. 03), e o incentivo para criar vem do repertório cultural a que tem acesso, ou seja, um repertório que lhe fornece as possibilidades de ampliarem seus olhares a partir de diversificadas vivências e experiências, o que também perpassa pelo olhar sensível do adulto que atua como mediador desses processos de aprendizagem e desenvolvimento. As crianças, ao visitarem o Museu Antropológico Diretor Pestana, ampliaram seu repertório cultural, apreciaram as criações da cultura indígena ali presentes e isto auxiliou na criação do objeto em argila proposto na prática planejada.

A humanização das crianças perpassa situações de aprendizagem que promovem o exercício das relações sociais, semelhantes às vivenciadas por elas em seu cotidiano. Assim, por exemplo, ao propor uma receita culinária como a produção de um bolo de milho, estão sendo abordados conceitos da área da Matemática, Língua Portuguesa e Ciências Humanas, pois as crianças serão instigadas a lerem e interpretar a receita, conhecer suas partes, compreender as unidades de medida dos ingredientes que serão usados, a origem dos ingredientes. Além da prática em si, que oferece uma oportunidade significativa de exercitarem a colaboração entre elas, a atenção, o respeito, a empatia e o compartilhar do que foi produzido.

Considerações finais

A reflexão-ação-reflexão em relação a ser educador das infâncias nos foi possibilitada neste percurso de formação em que partimos com nossas bagagens de uma primeira graduação e fomos complementando nossas vivências docentes no decorrer do caminho trilhado pela pesquisa, estudo, leitura, reflexão, ação e reflexão proporcionados no Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR e como culminância nos estágios supervisionados realizados.

O estágio supervisionado nos proporcionou a docência compartilhada, momento rico e oportuno de troca e aprendizado, promovendo repensar a nossa prática, acrescentando a ela novas necessidades como o desemparedamento escolar e a construção de um pensamento

sistêmico como proposta a ser pensada na escola, e incorporada pelos sujeitos na vida cotidiana.

Então, precisamos, através do nosso fazer educativo, possibilitar às crianças a construção desta consciência planetária, de que somos todos um todo, interligados e que as ações individuais interferem na coletividade, por isso, da importância de construirmos um senso de corresponsabilidade para de fato haver uma educação mais humanizadora.

Referências

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 1998.

BARROS, Maria Isabel Amando de. **Desemparedamento da Infância**: a escola como um lugar de encontro com a natureza. 2º Edição. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

CAPRA, Fritjof e outros. **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

PILOTTO, Silvia Sell Duarte, SILVA, Maryahn Koehler, MONGOL, Leticia T. **Grafismo Infantil: Linguagem do desenho**. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1219/10>.

DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL: CONTEXTOS, DESAFIOS E REFLEXÕES

Tanara Regina Garros Batista¹
Jaqueline Bussler Michael Krüger²

Introdução

Este artigo tem como objetivo descrever a prática de docência vivenciada durante a realização do estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola pública de tempo integral. Destaca-se que o estado do Rio Grande do Sul implantou a escola de tempo integral que visa a permanência da criança no espaço escolar com a proposta de atender as necessidades básicas dos sujeitos que estão imersos em situação de vulnerabilidade socioeconômica e baixo poder aquisitivo.

Também um dos propósitos é ampliar o aproveitamento escolar desses educandos, resgatar a autoestima e capacitá-los para poder atingir o nível adequado da aprendizagem, reduzindo os níveis de evasão escolar. Porém, esta é uma tarefa bastante complexa, pois os professores precisam utilizar metodologias diferenciadas e atrativas, seguindo a matriz referência para o tempo integral e com propostas pedagógicas alinhadas à Base Nacional Comum Curricular para assim, atingir os objetivos propostos para a permanência destes sujeitos na escola. Entretanto, é preciso que as instituições de ensino e os professores pensem em propostas pedagógicas

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo PARFOR/UNIJUÍ; graduada em Ciências Plenas com habilitação em Biologia pela UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; com Especialização em Educação Especial Inclusiva pela UNOPAR – Universidade do Norte do Paraná; docente da Rede Estadual de Ensino, em Ijuí/RS. E-mail: tanara.ijui@gmail.com

2 Docente da disciplina Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia – PARFOR/UNIJUÍ e orientadora do referido estágio; graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ; com Especialização em Psicopedagogia pela UNINTER – Centro Universitário Internacional; Mestre em Educação pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jaquebumikr@gmail.com

que respeitem as formas de viver a infância e a diversidade presente nas escolas e tratem desses aspectos de uma maneira que contemple a todos os estudantes.

A Educação Integral se refere ao maior tempo de permanência do aluno na escola e assim, “[...] associada à multidimensionalidade da formação do sujeito, buscando-se o desenvolvimento integrado de todas as suas potencialidades. Remete, também, à ideia de cidadania e de garantia de direitos” (LEITE; CARVALHO; SAID, 2010, p. 170).

Para isso, é preciso pensar em uma escola que respeite a infância e sua pluralidade nos espaços educacionais, para que as crianças possam ter seus direitos e deveres assegurados. Segundo Arroyo (1994), cada criança tem uma forma diferente de viver, existindo várias formas de infâncias. É preciso levar em consideração que a escola é um espaço de possibilidades, um ambiente de construção do conhecimento, seja de forma coletiva ou em grupo, que deve respeitar a especificidade de cada sujeito envolvido.

O estágio nos possibilitou uma intervenção no ambiente escolar permitindo construir ações pedagógicas e vivências em outra etapa da educação básica constituindo os saberes básicos para a prática de docência. Para Pimenta (2012), o estágio possibilita a criação, investigação e intervenção na realidade escolar tornando significativo os conhecimentos necessários para a atuação e formação docente.

Metodologia

No decorrer do primeiro trimestre do presente ano, desenvolvi o Estágio Supervisionado em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tendo a oportunidade de observar, aprender na prática, os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, assim como, a possibilidade de experienciar e vivenciar a docência nessa etapa da Educação Básica. A prática docente foi realizada mais especificamente nos meses de abril e maio de 2024, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Luiz Fogliatto, na cidade de Ijuí/RS, regulamentada como uma escola de tempo integral.

A prática compartilhada foi realizada em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, composta por vinte e quatro alunos, no turno da tarde. Além disso, as reflexões aqui tecidas têm por base as referências bibliográficas estudadas no decorrer do curso de Pedagogia.

Resultados e discussão

Para dar início ao período de estágio de docência compartilhada, a professora fez uma breve apresentação e explanação para a turma sobre a minha presença por alguns dias na sala de aula. Rapidamente todos me acolheram com muito carinho e ao mesmo tempo com olhares curiosos e ansiosos para o primeiro momento, pois como a primeira atividade planejada era uma caminhada dirigida para observação nas ruas do bairro, todos haviam levado bilhete para conhecimento dos pais. Porém, como o tempo estava bastante nublado e com possibilidades de garoa, aconteceu a primeira mudança: tivemos que transferir o passeio para o dia seguinte e fazer a inversão das atividades que estavam previstas para o segundo momento do estágio.

A aula teve início com uma literatura para introduzir as primeiras vivências do projeto, pois a literatura deve ser utilizada como uma ferramenta pedagógica que possibilita às crianças estimular a imaginação, promover a criatividade e explorar as visualizações e comparações para novas formas de aprendizado. A leitura e o contato com os livros durante os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, “além de estimular o processo de alfabetização, desenvolve o espírito criativo, crítico e intelectual.” (PARANÁ, 2010, p. 145).

Cabe destacar que através da contação de histórias, devemos, enquanto educadores, explorar ao máximo os livros, propor que os educandos observem todas as informações que ali estão, pois através destes momentos as crianças têm a possibilidade de imaginar e criar. De acordo com Coelho, 2010, p. 15:

A literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola.

Para este momento foi escolhida a obra “A rua de Marcelo” da renomada autora Ruth Rocha, sendo organizada uma grande roda de contação de história. Assim os educandos tiveram a oportunidade de visualizar as imagens, estas muito coloridas, e observar os detalhes e os acontecimentos no decorrer da mesma, salientando que a turma demonstrou muito interesse e atenção. Logo após, partimos para debates e interpretações oral, escrita e tecnológica com uso de chromebooks na sala de aula através de uma plataforma de recursos de ensino. Findado o

primeiro dia, pude perceber o quanto a turma do 2º ano gosta de ouvir histórias, eles navegam no mundo da imaginação e fazem associações destas com o cotidiano.

No dia seguinte, aconteceu a tão esperada caminhada orientada pelas ruas do bairro, onde foi observado: números e cores de casas, formatos, tamanhos, pontos de referência e tudo mais que achavam pertinente. Foi uma saída a campo muito rica em conhecimento e principalmente para, enquanto educadora, saber um pouco mais da realidade em que a maioria dos alunos vivem: conhecer as suas casas localizadas no bairro, fator que acredito ser indispensável para a atividade docente, pois precisamos conhecer os sujeitos, saber da realidade em que vivem e perceber que ainda são crianças pequenas em processo de desenvolvimento.

Outro fator é que a saída a campo possibilita um trabalho interdisciplinar, interligando as disciplinas. Luck (1994), coloca que o entrosamento entre as disciplinas e as realidades vivenciadas promovem o desenvolvimento integral dos alunos, permitindo que o processo de alfabetização e letramento seja consolidado.

Ao retornar para a escola, foi feita a discussão das observações e comparações com a literatura que havia sido trabalhada no dia anterior. Então, cada aluno recebeu uma folha para ilustrar um ponto de referência que mais chamou sua atenção e logo após foi construído coletivamente um mural com os desenhos e algumas fotografias de lugares importantes em que passamos.

A escola é um espaço de convivência, no qual as crianças passam a maior parte do tempo. Ela pode ser caracterizada como um espaço fundamental para o desenvolvimento dos sujeitos. Assim, como havia sido planejado no projeto de docência, no dia seguinte foi utilizado outro gênero textual, o poema, pois trabalhar com diferentes gêneros textuais oportuniza que os educandos consolidem o conhecimento de uma forma mais significativa. Segundo Bazerman (2005, p. 106), “cada pessoa, através da comunicação por gêneros textuais, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando”.

Então através do poema “A Escola”, de Dani Cristina Cayres, os alunos interpretaram, criaram, debateram, fizeram comparações com o passado e, a partir da técnica da dobradura, construíram a sua escola, desenvolvendo a motricidade, criatividade, atenção e concentração. Essa tarefa possibilitou observar o quanto as habilidades básicas de

dobrar, rasgar, pintar, desenhar e recortar, que são indispensáveis para o desenvolvimento motor das crianças, ainda precisam ser experienciadas nos Anos Iniciais, pois as crianças demonstraram dificuldades para realizar essas atividades de forma autônoma. Como a escola é de tempo integral e as aulas do turno da tarde precisam ser ministradas de uma forma mais prática, prazerosa e atrativa. Estas atividades mais dinâmicas contribuíram para uma aprendizagem significativa.

Não poderia deixar de trabalhar com as crianças outro espaço de convivência, acredito que o mais importante, a base para um bom desenvolvimento: a sua casa, seu lar. Novamente foi dado início com uma contação de história: “Da minha janela”, do autor Otávio Júnior, que nos provoca a observar aquilo que vemos através da janela de nossa sala de aula, da nossa casa. A realização de uma parte desta atividade contou com a colaboração familiar e tenho certeza que foi a mais significativa para minha formação enquanto Pedagoga, pois consegui perceber o quanto estes sujeitos tão pequenos valorizam as ações familiares.

Pude constatar essa importância quando foi solicitado uma tarefa para fazer com seus pais e parte da turma realizou a mesma, confeccionando sua casa com materiais alternativos/reciclados. Tive a possibilidade de perceber o brilho no olhar quando relataram que foi a mãe ou o pai que “sentou” junto para fazer a maquete, eram relatos cheios de orgulho, por mostrar seu ambiente familiar para os demais colegas.

Nesta perspectiva da participação familiar, Roudinesco (2013) coloca que “a família humana é uma instituição insubstituível para a constituição de sujeitos em desenvolvimento”. A união da família e escola, são indissociáveis para proporcionar o ensino e aprendizagem aos educandos em desenvolvimento e o quanto esses sujeitos prezam pela participação familiar.

Outro fator que é observado na escola todos os dias é a quantidade de lixo jogado no chão. Então, por meio da literatura, “Quem vai salvar a vida”, de Ruth Rocha, foi possível trabalhar com os alunos sobre a preservação ambiental e a sustentabilidade no ambiente escolar e fora dele. Através de diálogos, debates, interpretações e coletas seletivas domiciliares, foi possível fazer a separação coletiva daquilo que havia sido trazido de casa.

Através de dinâmicas foram realizadas as separações conforme cada tipo de resíduo e os mesmos colocados nas lixeiras confeccionadas com caixas de papelão e pintadas conforme a cor de cada reciclado, que logo

após, foram colocadas na entrada da escola. Cabe destacar aqui um fator bastante importante: que a maioria das famílias realiza a separação dos resíduos, auxiliando assim e contribuindo com a preservação ambiental.

Dessa forma, encerrou-se o estágio, como uma experiência muito gratificante através dos momentos de trocas e aprendizagens. Porém, ao mesmo tempo uma angústia e um questionamento que me fizeram refletir sobre a permanência de todos os alunos em uma escola de tempo integral. Me fez questionar sobre a infância destas crianças, o tempo livre, o brincar, elementos importantes para o desenvolvimento e aprendizagem desses sujeitos tão pequenos, muito valorizados na Educação Infantil e pouco possibilitado nos Anos Iniciais.

As crianças ao realizarem e usufruírem das coisas procuram um significado para tudo com muita alegria e prazer. Por isso é necessário respeitar a infância, seus tempos e espaços, compreendendo estes sujeitos como protagonistas de sua própria história de evolução e desenvolvimento. Toda criança é um sujeito único e tem o direito de se descobrir individualmente, são seres que sentem e pensam de um modo próprio. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASÍLIA, 1998, p. 22), afirma que “as crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio”.

Porém é preciso pensar em uma infância que tenha respeitada a sua pluralidade nos espaços educacionais, para que possam ter seus direitos e deveres assegurados. Segundo Arroyo (1994), cada criança tem uma forma diferente de viver, existindo várias formas de infâncias. É preciso levar em consideração que a escola é um espaço de possibilidades, um ambiente de construção do conhecimento, seja de forma individual ou em grupo, porém sempre respeitando a especificidade de cada sujeito envolvido.

Considerações finais

A prática de docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, proposta através do Estágio Supervisionado na turma do 2º ano, foi uma etapa extremamente importante para minha formação docente como futura Pedagoga. Foram momentos de qualificação e construção de novos saberes, tornando o estágio um momento de reflexão sobre as infâncias e a oferta da escola de tempo integral aos educandos.

A proposta de estágio com docência compartilhada foi muito importante, pois proporcionou planejamento e organização de atividades a partir da proposta curricular, a fim de promover a ação educativa e a aquisição do conhecimento de forma significativa, estimulando a prática e a reflexão do ensino em um movimento de cooperação e articulação da ação pedagógica. Através da interação e do compartilhamento de práticas e experiências, o fazer pedagógico torna-se enriquecedor construindo o saber através de uma ação interativa, favorecendo o professor referência, o licenciando e os alunos. Os autores Nörnberg e Cava (2015, p. 3), retratam a importância das interações no ambiente escolar:

O aprendizado da docência se faz na interação com o outro, no espaço coletivo da escola. Por isso, não basta apenas discutir e reinventar práticas pedagógicas, mas, sobretudo, reinventar as interações profissionais, a organização do trabalho, o planejamento das situações de ensino e o modo de acompanhar as crianças em sua aprendizagem dos conhecimentos científico-culturais, bem como em seus processos de socialização e compreensão da escola como espaço de diálogo intercultural.

É importante destacar que, através do compartilhamento e da interação, tive uma maior tranquilidade no fazer pedagógico, com possibilidade de efetuar trocas de saberes, dividir as angústias, alegrias e preocupações. Pois em todos os momentos ocorreu uma transição simultânea, desde a elaboração do projeto de docência até a execução das atividades, onde a experiência da professora referência era marcante pois orientava e apontava quando deveriam ser realizadas algumas adaptações e adequações devido ao fato de conhecer as individualidades de cada sujeito ali presente.

O compartilhamento também ampliou a possibilidade de realizar uma prática interdisciplinar que pudesse agregar conhecimentos aos alunos, tornando essa aprendizagem prazerosa e significativa. Para Nóvoa (1991, p. 71), “a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formado”

Sabemos que muitas oportunidades e conquistas na vida de muitas pessoas é devido a oportunidade de frequentar os espaços escolares, mesmo com todas as barreiras e dificuldades encontradas durante este percurso, a educação escolar faz toda a diferença na vida dos sujeitos.

Através do estágio, tive oportunidade de articular a teoria com a prática e possibilidade de construir e reconstruir o fazer docente. Levo

comigo um sentimento de felicidade através do olhar e da pureza das crianças, a espontaneidade, o carinho e os ricos momentos de aprendizagem, assim como as reflexões sobre a oferta da escola de Tempo Integral para os alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Referências

- ARROYO, Miguel González. A construção social da infância. In: ARROYO, Miguel González. **Infância na ciranda da educação: uma política pedagógica para zero a seis anos**. Belo Horizonte: Cape, 1994, p. 11-17.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações pedagógicas para os Anos Iniciais**. AMARAL, A. C. T. do; CASAGRANDE, R. C. de B.; CHULEK, V. (Org.). Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2010.
- RODRIGUES, Ernaldina Sousa Silva. **A organização do tempo pedagógico no trabalho docente: relações entre o prescrito e o realizado**. (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, 2009.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- LEITE, Lúcia Helena Alvarez; CARVALHO, Levindo Diniz; SAID, Camila do Carmo (Org.). **Educação Integral e Integrada: Módulo III - educação integral e integrada: reflexões e apontamentos**. Belo Horizonte: UFMG - Faculdade de Educação, 2010.
- LUCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- NÖRNBERG, M.; CAVA, P. P. **Aprendizagem compartilhada da ação docente**. In: 37ª Reunião Nacional da ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis, 2015. p. 1-15. Disponível em: <http://anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt08-4274.pdf>. Acesso em 27 de junho de 2024.

NÓVOA, A. **A formação contínua entre a Pessoa-Professor e a Organização-Escola.** Revista do Instituto de Inovação Educacional – Inovação, v. 4, n. 1, 1991.

O PROCESSO PRÁTICA DOCENTE NOS ANOS INICIAIS

Cíntia Regina Janke Prado
Lauren Slongo Braida

Introdução

A prática da docência nos Anos Iniciais é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. Ela se refere ao ensino e à educação de alunos geralmente com idades entre 6 e 10 anos, abrangendo o ciclo de alfabetização e os primeiros anos do Ensino Fundamental. A importância dessa prática pode ser vista em diversos aspectos, portanto, não só foca na transmissão de conhecimento, mas também no desenvolvimento integral da criança, preparando-a para enfrentar os desafios futuros com habilidades e valores sólidos.

Metodologia

A metodologia que foi usada teve como base o livro “Meu Pé de Laranja Lima” de José Mauro de Vasconcelos, que proporcionou uma maneira rica e envolvente de abordar diversas áreas do conhecimento. A história oferece muitas oportunidades para explorar temas literários, sociais, emocionais e culturais.

A partir das atividades propostas foi possível desenvolver conteúdos como: leitura e interpretação de texto, leitura compartilhada, rodas de leitura, resumos e cartas, discussões em grupo, reflexões individuais, ilustração dentro outros vários conteúdos. Com esta metodologia foi possível criar um ambiente de aprendizagem rico e diversificado, que não só promove o desenvolvimento de conteúdos, mas também o crescimento pessoal e social dos alunos.

Resultados e discussão

Sabemos que a formação dos alunos nos Anos Iniciais é um processo fundamental que abrange diversos aspectos do desenvolvimento humano, incluindo o cognitivo, emocional, social e físico. Através do desenvolvimento cognitivo podemos destacar a aprendizagem da leitura e escrita, que é a base para toda a educação posterior, bem como o desenvolvimento das habilidades matemáticas básicas, como contagem, adição, subtração, e compreensão de conceitos numéricos. o estímulo à curiosidade, à investigação e à capacidade de resolver problemas.

Observando a interação e cooperação, houve a possibilidade de trabalhar o aprendizado de habilidades sociais, como a capacidade de trabalhar em grupo, compartilhar e respeitar os outros. Ensinar valores como respeito, responsabilidade, empatia e honestidade, preparando os alunos para serem bons cidadãos. Para o desenvolvimento emocional, é fundamental trabalhar a compreensão de si mesmo, no reconhecimento e controle das próprias emoções, enfrentando desafios e aprendendo com os erros, desenvolvendo a capacidade de recuperação diante de dificuldades.

Ser docente nos anos iniciais pode ser uma jornada repleta de desafios e reflexões. Professores dos anos iniciais são responsáveis não apenas pelo ensino, mas também pelo desenvolvimento social e emocional das crianças. Eles ajudam a moldar habilidades de comunicação, resolução de conflitos e autoconfiança. O processo da prática docente nos Anos Iniciais deve ser dinâmico e contínuo. Envolve um bom planejamento, execução cuidadosa, avaliação regular, reflexão constante e colaboração ativa. Através desse processo, os professores dos anos iniciais podem criar um ambiente de aprendizado rico e estimulante, onde cada aluno tem a oportunidade de crescer e prosperar.

O trabalho dos professores nesse período tem um impacto duradouro, moldando o futuro acadêmico e pessoal dos alunos. A prática docente nos Anos Iniciais também é uma jornada de crescimento para os próprios professores. A busca por desenvolvimento profissional contínuo e a adaptação constante às necessidades dos alunos contribuem para a evolução de práticas pedagógicas mais eficazes sendo altamente gratificante. Ver o crescimento das crianças proporciona uma recompensa emocional significativa e reforça o valor do trabalho docente. O processo da prática docente nos Anos Iniciais é uma combinação perfeita de arte e ciência que exige dedicação, paciência, criatividade e paixão. Os professores

desempenham um papel vital na construção das bases do conhecimento e no desenvolvimento integral das crianças, preparando-as para os desafios futuros e contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes.

Considerações finais

O estágio nos Anos Iniciais do ensino fundamental proporcionou momentos enriquecedores na minha prática docente, depois de tantas experiências, me sinto mais experiente e segura para desenvolver uma prática mais criativa e significativa na minha docência, construindo relações de confiança, afetividade e empatia.

Essas qualidades são fundamentais para proporcionar uma experiência educacional rica, positiva e eficaz nos Anos Iniciais. O trabalho com as crianças nessa fase requer dedicação, compreensão profunda e uma abordagem centrada no desenvolvimento integral dos alunos, promovendo o bem-estar físico e emocional. A experiência de estágio é um pilar fundamental na formação docente, conectando teoria e prática, e preparando os futuros educadores para os diversos desafios do ambiente escolar.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TARDIFF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DELGADO, Ana Cristina Coll Delgado; MÜLLER, Fernanda. Tempos e Espaços das Infâncias. Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, pp. 5-14, jan/jun 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 7. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

FRIEDMANN, Adriana. Paisagens infantis: uma incursão pelas naturezas, linguagens e culturas das crianças. PUC São Paulo: Doutorado em Ciências Sociais. São Paulo, 2011.

ANÁLISE PEDAGÓGICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS ANOS INICIAIS, A PARTIR DE CONTO LITERÁRIO

Tatiana Ribas Buzetto
Lauren Slongo Braidá

Introdução

Este trabalho tem o intuito de analisar o estágio supervisionado nos anos iniciais, que desafia uma educadora de educação infantil a trabalhar com o primeiro ano. Em uma escola pública estadual de ensino médio, que fica localizada no bairro Getúlio Vargas, no município de Ijuí/RS. De forma suscita, trará o que foi trabalhado na prática, mas que teve um longo estudo anterior, repleto de dedicação e busca pelo conhecimento e a transição da educação infantil para o ensino fundamental. As atividades partiram de um conto clássico chamado Os Três Porquinhos, e baseiam-se na história e o que a professora referência já trabalhava na prática, seguindo e respeitando sua rotina e organização.

O respeito e o amor pela natureza, foi um dos pontos trabalhados a partir da história, que parte da saída dos porquinhos de casa, para na floresta construir suas próprias moradias, fazendo uma reflexão ampla sobre o cuidado e a preservação da mesma. Outro ponto importante do estágio, foi trabalhar a enchente que aconteceu em nosso estado, poucos dias antes das nossas aulas, tendo que alterar algumas atividades previstas para fazer na natureza. Um fato triste mas importante, que se tornará história em nosso estado.

Metodologia

A metodologia e as estratégias de ensino, foram pensadas de maneira a respeitar a rotina que a turma já estava seguindo, e a partir do conto dos Três Porquinhos, trabalhar com atividades para colaborar no processo

de ensino e alfabetização do primeiro ano, respeitando e incentivando as crianças.

Um diário de campo foi organizado, pensando em melhor registrar esses momentos, assim como registros fotográficos para refletir posteriormente a proposta e o desenvolvimento individual de cada criança, para uma reflexão posterior da prática proposta, e os processos de ensino.

Resultados e discussão

Por um longo período da minha jornada na educação, os processos educativos no ensino fundamental me chamavam a atenção e me deixavam curiosa em relação ao meu fazer. Seria ou não capaz de estar lá e viver intensamente com as crianças essas descobertas? Sim, descobertas, pois para mim também seriam. Estudar, a teoria é uma situação, mas viver a prática é algo tão diferente, é lá que nós descobrimos educadores, é lá que sabemos o que realmente funciona, é no ritmo e na convivência com a turma que vamos nos reinventando e aprendendo ser. E foi assim que meu estágio com o primeiro ano aconteceu. Por vezes não conseguia me imaginar lá, mas foi através do planejamento, e da parceria com a professora referência da turma que aos poucos me senti parte daquela turma, gostava imensamente de ensinar e aprender com eles.

Um planejamento baseado em um conto clássico, a partir de então a mágica aconteceu. “Mergulhamos de cabeça” nos três porquinhos, e todas as aulas eram baseadas na história e pensadas para colaborar na alfabetização, que por vezes ocorre de maneira mais lenta, dependendo da necessidade das crianças.

Os sons, as letras vogais e consoantes, as regras de separação silábica, foi algo gostoso de lembrar e ensinar junto das crianças. Atividades de desenho, pintura, recorte, colagem, modelagem, criação, brincadeiras, música, histórias, foram a chave importante durante a semana do estágio, me mostrando as fragilidades e facilidades que a turma tinha, auxiliando a professora referência, que de maneira muito ativa, participou, controlando a turma, fotografando, me dando ideias diferentes, conversando de maneira muito positiva sobre as atividades e o objetivo das aulas.

Outro olhar importante, diria até fundamental, foi ter a BNCC como norteadora neste processo, buscando a interdisciplinaridade para apoiar o fazer pedagógico a partir de uma história, tendo as artes, a geografia, a história, a educação física, a língua portuguesa, a matemática

para apoiar e dar significado ao estágio. Apesar das chuvas intensas naquela semana do estágio, mudanças aconteceram no planejamento, mas mesmo assim, os objetivos foram atingidos.

No primeiro dia das práticas, sentamos em um lindo gramado para juntos desfrutar da história dos três porquinhos. Alguns já conheciam, outros não lembravam, mas ouviram atentamente e depois foram fazendo seus comentários, durante nossa roda de conversa. Neste momento afirmava a importância dos livros e das histórias para as crianças, muito mais do que apenas ouvir, é imaginar, criar cenários, hipóteses, viajar durante a narração, ouvir a pronúncia das palavras, criar memórias afetivas, que levamos por muitos anos. A história foi um impulso para promover a aprendizagem através das outras propostas, como no segundo dia, por exemplo a modelagem.

Sair coletar elementos da natureza com as crianças, quase daria um segundo projeto de ensino, pois amma, e aprendem muito com esse olhar atento à natureza, após isso, utilizar desses elementos para a construção das casinhas dos porquinhos em argila, promoveu concentração, motricidade, capacidade de imaginar, de criar, trouxe uma calma para a sala, pois todos se envolveram e curtiram muito construir uma casinha de argila. O terceiro encontro, foi pensado no desenho, em lembrar a história em seu início, meio e fim, pensar os detalhes, contar alguma coisa a partir de uma imagem.

O primeiro ano necessita deste incentivo ao desenho, eles ainda estão desenvolvendo esse olhar, e por isso, ter no estágio o desenho das crianças foi muito importante. O quarto encontro foi muito divertido, aprendemos e construímos um gráfico da turma para representar as moradias das crianças, em seguida também construímos um poema de rimas, com os nomes deles que rimam com “tipo de casa”. Foi lindo ver a evolução das crianças e como se concentraram e participaram de maneira ativa na construção, formando um belo poema. O quinto e último encontro foi especial, fechou com chave de ouro uma sequência didática, pensada e planejada com um olhar atento, e com vontade de fazer a diferença de ter significado na vida das crianças.

A contação de história do conto gaúcho Tri Porquinhos, veio a calhar muito bem nas discussões sobre o nosso estado. As enchentes, as perdas, a destruição, foi reflexão e discussão após a história gauchesca, que traz o vocabulário, e os costumes na sua narrativa. As crianças amaram ouvir a história, ver alguns objetos que representam a cultura gaúcha, e

após nossa roda de conversa, colocaram suas opiniões, o que sabiam sobre o nosso estado, sobre as perdas, sobre a destruição da natureza que as enchentes causam. Após a exploração dos mapas do Brasil e do Rio Grande do Sul, as crianças puderam ter um outro olhar, principalmente do tamanho, da quantidade de cidades e estados, fizeram suas observações e comentaram entre si.

Após esse momento, desenharam sobre o que gostam de fazer no nosso Rio Grande do Sul, fizeram recortes de jornal, e por fim, finalizamos brincando de lobo, com balões, soprando, equilibrando, escondendo, se movimentando. Momentos que as crianças do primeiro ano também necessitam, principalmente para poderem continuar se concentrando e produzindo a aprendizagem de forma leve e agradável.

Considerações finais

Ao término desse estágio, acredito que uma professora alfabetizadora em construção desenvolveu um bom trabalho dentro do seu planejamento compartilhado e da sua bagagem de experiências. O bom do estágio, é que nos faz aprender muito mais do que ensinar, as crianças fazem isso com nós, e de certa forma ao término vejo quantas coisas aprendi por e com elas, e não posso deixar de citar da importância de um planejamento compartilhado e em construção diária, sentindo e ouvindo as crianças e seu andamento, e fundamentado a partir da Base Nacional Comum Curricular, que foi principal norteadora para buscar no planejamento o que se deve trabalhar no primeiro ano do ensino fundamental.

A prática realizada, resultou em um olhar mais leve e apreciador do ensino fundamental, que de certa forma me causava estranheza e até mesmo receio em estar atuando lá, mas com essa experiência, não só me desafiou e me tira do comodismo, como me fez também refletir que é possível nos reinventarmos e atuarmos com o mesmo amor e dedicação onde ainda não conhecemos tanto assim.

Também refleti sobre meu fazer pedagógico na escola da infância, onde me dedico a anos a observar e olhar atentamente às crianças, Nota-se que é preciso desenvolver uma observação e uma escuta sensível para potencializar uma pedagogia do cotidiano na educação infantil, pois “os processos de aprendizagens das crianças são racionais, sensoriais, práticos, emocionais e sociais ao mesmo tempo, isto é, envolvem todas as dimensões da vida– a emoção, a cognição e a corporeidade” (Barbosa; Horn, 2008,

p. 26 apud Carvalho; Fochi, 2017 p.13,14) e partindo deste pensamento que estes grandes autores trouxeram, acredito que serviu muito para ter um olhar atento e sensível ainda no ensino fundamental, e agora consigo compreender de forma mais clara os processos de ensino e aprendizagem no ensino fundamental, e as habilidades que precisamos desenvolver ainda melhor na educação infantil.

Refletir a prática cotidiana nos faz sair do comodismo e buscar esse além, através dos documentos referência, de autores pensadores da faixa etária em questão, dos planejamentos compartilhados, e da observação e do olhar atento e afetuoso para com as crianças, as protagonistas, o objetivo central do nosso fazer. Palavras-chave: Alfabetização. Crianças. Parcerias. Aprendizagem. Histórias.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO, R. S.; FOCHI, P. S. Pedagogia do cotidiano: reivindicações do currículo para a formação de professores. Brasília, v. 30, n. 100, p. 23-42, set./dez. 2017.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Deise Vincensi Veit¹
Lauren Slongo Braida

Introdução

Estar professora nos anos iniciais é sentir-se facilitadora de um encantamento pelas aprendizagens... e perceber e considerar a importância do básico... das aprendizagens básicas e fundamentais. Como o próprio nome já diz: ensino fundamental!

A pedagogia, como segunda graduação, está ao encontro de um constituir-se professora, fortalecendo conceitos e aprendizagens consolidadas ao longo de anos de formação e também veio vivificar a importância de estar em constante busca trazendo qualidade ao profissional que atua diretamente na construção da aprendizagem.

O estágio supervisionado pode ser traduzido como uma prática de ensino e é uma oportunidade de aproximação e reflexão sobre a realidade escolar. É, literalmente, estar colocando a teorização em prática que é fundamental para consolidar as relações de trabalho e escola e teórico e prática.

O estágio representa um momento singular na formação acadêmica, proporcionando a oportunidade de integrar teoria e prática, expandir horizontes e consolidar aprendizados. Neste contexto, o presente trabalho de estágio visa relatar e analisar a experiência vivenciada durante o período de imersão no campo profissional, oferecendo uma visão abrangente das práticas, desafios e aprendizados adquiridos junto à turma de 2º ano.

1 Mestre do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – PPG/UNICRUZ. Graduada em Letras, habilitação: Português e Inglês (2006) pela Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ. Graduada em Pedagogia (2024) - Unijuí. Especialista em Educação Especial: Deficiência Auditiva pela Uníntese (2007). Professora da Rede Municipal de Educação de Panambi e Professora do Colégio Evangélico Panambi. E-mail: deisepbi@yahoo.com.br

A prática pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental é um tema de grande relevância, uma vez que essa fase representa a base da formação educacional das crianças. Nesses primeiros anos, são construídas as fundações do conhecimento acadêmico, bem como habilidades sociais e emocionais essenciais para o desenvolvimento integral dos alunos.

Metodologia

Esta é uma escrita impulsionada pela Disciplina de Estágio Compartilhado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental como pré-requisito para a conclusão do curso de graduação em Pedagogia. Retornar ao lugar de aluno como graduanda traz a possibilidade de inter-relacionar novamente: prática e teoria, fomentando aprendizagens que buscam o percurso a qualidade pelas ações pedagógicas nos anos iniciais.

Portanto configura-se com a metodologia do tipo participante que segundo Brandão (2008, p.17) propicia aos pesquisadores “sustentação das atividades de investigação e ação educativa a sobre uma base (ou grupo) organizada de sorte que esta atividade não culmine em uma resposta de ordem teórica, mas na geração de propostas de ação expressadas em uma perspectiva de mudança social”.

Resultados e discussão

Concluir a pedagogia como segunda licenciatura é validar um dos principais pilares para uma prática pedagógica eficaz nos anos iniciais do Ensino Fundamental é a formação continuada dos professores. É essencial que os educadores estejam constantemente atualizados com novas metodologias, teorias educacionais e ferramentas tecnológicas que possam enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. A formação continuada permite que os professores desenvolvam habilidades para lidar com a diversidade presente nas salas de aula, adotando práticas inclusivas que atendam às necessidades de todos os alunos.

A experiência do estágio consolida os aprendizados de maneira prática, através da interação com alunos e colegas professores, podendo aplicar teorias educacionais e estratégias de ensino, ajustando e refinando técnicas com base no feedback e na observação. Esse processo de aplicação e reflexão contínua é crucial para o desenvolvimento de habilidades pedagógicas robustas e adaptativas.

Esta etapa não é isenta de desafios. O trabalho com uma turma de 2º ano apresenta dificuldades relacionadas à gestão de sala de aula, diversificação de estratégias de ensino para atender às diferentes necessidades dos alunos, e adaptação a diferentes estilos de aprendizagem. Além disso, desafios emocionais, como lidar com comportamentos desafiadores ou manter a motivação dos alunos. Enfrentar esses desafios de forma prática é uma parte essencial do constituir-se professor que enfrentará situações complexas e variadas que encontram-se diariamente nas escolas.

Paulo Freire trouxe a ideia de ação histórica em formação:

Não nasci, porém, **marcado para ser** um professor assim. Vim me tornando desta forma no corpo das tramas, na reflexão sobre a ação, na observação atenta a outras práticas ou à prática de outros sujeitos, na leitura persistente, crítica, de textos teóricos, não importa se com eles estava de acordo ou não. É impossível ensaiarmos estar sendo deste modo sem uma abertura crítica aos diferentes e às diferenças, com quem e com que é sempre provável aprender. [...]

Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tomamos parte (FREIRE, P., 1993, p. 80, grifos no original).

Após a conclusão da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, em 2017, “novas” demandas chegaram para a educação. Novas, entre aspas, porque esse documento mandatário legitima as constantes e permanentes pesquisas das ciências na educação, em relação ao mínimo, que deve ser ofertado no currículo das escolas.

Enquanto profissional da educação, no contexto geral, da etapa do ensino básico ao ensino superior, o professor está em um constante adequar-se em relação às teorias e práticas. A educação é um organismo vivo.

Ao definir como uma constante, a tarefa e a busca do “ser” professor, atreve-se aqui, usando as palavras de José Saramago, poetizar, trazendo a leveza da continuidade para que o sucesso das ações tenha êxito ou apenas o profissional não desista das buscativas para a melhoria da educação.

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava.

É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.

Trazendo esta importância para ações cotidianas, que de certa forma são “automáticas” na rotina da vida humana e mesmo assim necessitam de um planejamento é que surge a indagação de como pode-se ter sucesso nas ações de ensinagens sem antes haver o planejamento prévio?

É na simplicidade de Maria Alice Proença que se compreende a magnitude do planejamento, “esse instrumento metodológico é o ponto de partida e de chegada de todo e qualquer trabalho referente à educação, pois é responsabilidade do professor organizar como ele pretende trabalhar com os objetivos e conceitos propostos ao seu grupo” (2018, p.45).

Na certeza de que “ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1997, p. 58),

O fato de ter vivenciado outros estágios na graduação deixou a tranquilidade para encarar o estágio dos anos iniciais, deixando claro que o maior desafio é o conhecimento e a didática de “conseguir ser ponte” para que as crianças construam seus conhecimentos e percebam que a educação é uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, 1997, p.110).

Considerações finais

Refletir sobre a prática pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental é essencial para promover uma educação de qualidade. Essa formação adicional permite que ampliem-se conhecimentos e competências, aprofundada-se nas metodologias e teorias educacionais específicas para a educação infantil e os primeiros anos do ensino fundamental.

Além disso, a segunda licenciatura em pedagogia proporciona uma visão mais abrangente e integrada do processo de ensino-aprendizagem, permitindo adotar práticas mais inovadoras e inclusivas que atendam às necessidades diversificadas dos alunos. Em última análise, a formação continuada e a qualificação adicional para professores são essenciais para a construção de uma educação de qualidade que promova o desenvolvimento integral das crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O estágio é uma etapa crucial na formação de professores, oferecendo uma experiência rica e multifacetada que integra teoria e prática, expande

horizontes e consolida aprendizados. Relatar e analisar a experiência vivenciada junto à turma de 2º ano permite uma reflexão profunda sobre a prática pedagógica, identificando desafios e aprendizados que contribuirão para a formação como educadora, mais preparada e consciente do papel de formação integral das crianças.

Referências

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

PROENÇA, Maria Alice. **Prática docente: A abordagem de Reggio Emilia e o trabalho com projetos, portfólios e redes formativas**. 1ª Ed. São Paulo: Panda Educação, 2018.

POR ENTRE OS REGISTROS DO VIVIDO: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rosmari Marodin Gobo¹
Lauren Slongo Braidá

Introdução

Cada um de nós, ao nascer, garante, no mundo, um novo começo desse horizonte de liberdade. Quando nasce uma criança, somos todos nós que renascemos, é a humanidade inteira que renasce. É pela ação e na ação livre que o homem nasce e se renova, mostrando, no espaço público, quem ele é (Arendt, 1989).

O presente trabalho busca refletir sobre a prática docente, desenvolvida pela autora com uma turma do 5º ano dos Anos Iniciais do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental Ijuí. A referida prática desenvolveu-se a partir das observações e do planejamento com a professora referência e com a coordenadora pedagógica da escola. Pensar um projeto para essa etapa da educação básica, requer reconhecer que as crianças são sujeitos de direitos e de saberes e do quanto elas nos ensinam com suas vivências cotidianas.

Na minha prática de estágio, desenvolvi o projeto Crise Climática: um olhar sobre a sustentabilidade do Planeta por entender a relevância do tema para sensibilizar as crianças da importância de cuidar da nossa casa comum, o planeta terra. Ao planejarmos nas aulas de Ciências da Natureza não imaginávamos que o Rio Grande do Sul sofreria a maior tragédia climática que nosso Estado viveu e que gerou impactos severos

1 Mestra em Educação nas Ciências pela Unijui (2018) Gestão e Organização da Escola (2009) História (1990). Professora da Educação Básica na Rede Estadual do Rio Grande do Sul. E mail rosmari.gobo@sou.unijui.edu.br

para um expressivo número da população gaúcha, em especial, das regiões Metropolitana, Nordeste, Central e dos Sinos.

Diante desse episódio, tive que adequar meu projeto, pois em função das chuvas intensas não seria possível fazer a Trilha da Vó Preta e a visita ao Parque da Pedreira com as crianças como havia planejado. Desta forma, me coube adequar o projeto ao contexto e trabalhar a crise climática com as crianças tendo como horizonte despertá-las para a necessidade de cuidar do planeta.

Metodologia

As reflexões da prática que realizo neste documento, são provisórias, inacabadas e comportam outros olhares que possibilitem ampliar a compreensão de como as crianças aprendem, se desenvolvem e estabelecem relações com seus pares e com o mundo comum tão carente de referências, de diálogo, de vivências com a natureza e de um pouco mais de calma para viver as infâncias e suas culturas tão diversas e cheias de afetos e de beleza que é ser criança.

Minha prática pedagógica teve como referências as aulas do curso de Pedagogia, as observações realizadas na escola, as leituras dos documentos escolares, a prática desenvolvida com as crianças e revisão bibliográfica de autores que tematizam a educação escolar, as culturas das infâncias, as dimensões do aprender pelo brincar, pelas experiências, interações, leituras e interpretações que as crianças realizam do mundo a partir de suas vivências em diferentes espaço, tempos e contextos em seu desenvolvimento e formação.

Resultados e discussão

A partir do estudo dos referenciais teóricos de autores contemporâneos como Miguel Arroyo, Sonia Kramer, Márcia Elisabete Wilke Franco, Maria Carmen Barbosa, Adriana Friedmann, Edgar Morin, Francisco Imbernón, Hannah Arendt, que tematizam a educação como direito de todas as crianças à escolarização na perspectiva da formação integral de ser e estar no mundo, vivendo suas experiências e descobertas.

A escolarização como direito de cidadania em nosso País obteve avanços importantes com a promulgação da Constituição cidadã de 1988, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9694 de 1996, das

Diretrizes Curriculares Nacionais, da BNCC e dos estudos dedicados às infâncias realizados por profissionais da saúde e da educação que veem a criança como sujeito de direitos e de plena capacidade de aprender, interagir, experienciar, refletir, brincar e compreender o mundo onde está inserida.

O ser criança passa a ter um novo olhar dos pesquisadores e educadores dessa etapa da escolarização a partir da compreensão de que esses sujeitos não são homogêneos, vivem em contextos diferentes, têm experiências diferentes de acordo com a sociedade onde vivem e dos meios que dispõe. Dessa forma, somos convocados a olhar a criança em sua diversidade e individualidade e tentar resgatar seus direitos de ser criança na sociedade de consumo que vivemos e que ainda produz inúmeras violências com nossas crianças e adolescentes.

Refletir sobre a educação escolar das crianças, suas culturas, aprendizagens e experiências, nos remete analisar o contexto histórico da educação brasileira e do longo caminho percorrido para reconhecer que as crianças “são sujeitos da história e da culturas, além de serem por elas produzidas” (Kramer, p. 20).

Iniciei meu estágio com segurança, pois as crianças haviam se mostrado receptivas, curiosas e afetivas nas observações que realizei na turma.

Meu desafio como docente do Ensino Médio é adequar a linguagem e as atividades as crianças dos Anos Iniciais e, acima de tudo, proporcionar a elas, atividades interdisciplinares que garanta a aprendizagem potente, contextualizada e adequada ao tempo presente, sem negar-lhes o direito aos conhecimentos da tradição que até pouco tempo pertencia aos filhos das classes privilegiadas da sociedade brasileira.

Como garantir o direito à educação a todas as crianças brasileiras em uma sociedade que historicamente lhes negou esse direito? Carlos Roberto Jamil Cury no artigo “Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença” publicado em 2002.

Num momento em que a cidadania enfrenta novos desafios, busca novos espaços de atuação e abre novas áreas por meio das grandes transformações pelas quais passa o mundo contemporâneo, é importante ter o conhecimento de realidades que, no passado, significaram e, no presente, ainda significam passos relevantes no sentido da garantia de um futuro melhor para todos. O direito à educação escolar é um desses espaços que não perderam e nem perderão sua atualidade.

Nesta perspectiva, pensar a escolarização das crianças do tempo presente, requer a compreensão dos educadores que esses sujeitos conquistaram o direito de ser e estar no mundo, de estudar, de realizar vivências que desenvolva seu pensamento crítico, seu repertório oral e cultural e o entendimento que ser criança requer brincar, imaginar, sonhar, tecer relações com os diferentes, acolher o outro com empatia e afeto como vivências cidadãs.

No contemporâneo, imerso em um mundo do consumismo, do efêmero, do descartável, da pressa, do curtir e do compartilhar nas redes sociais, das tecnologias (Bauman, 2006). Adriana Friedmann comunga das ideias de Bauman ao refletir que [...] o brincar, o aventurar-se em diversas experiências e, em seus corpos e suas essências, conhecer o mundo, as pessoas e os territórios à sua volta [...] tornou-se apenas uma miragem nas sociedades capitalistas que vivem sua fase flexível de acumulação do capital. Essa narrativa leva pais e crianças acreditarem nas promessas do mercado que inunda as prateleiras de lojas, shoppings, e até farmácias com brinquedos e outros itens de consumo pensado para capturar o olhar das crianças e adultos e embalar seus sonhos de felicidade como se os bens materiais fossem sinônimos de felicidade, quando na verdade, crianças são movimento, ação, emoção, vida intensa, brincar, experimentar, ter liberdade de ser criança e viver esse tempo com plenitude.

Como dar voz às infâncias silenciadas por um longo percurso histórico e trabalhar com as crianças, o jogo, o brincar, a liberdade de decidirem experimentar, explorar, vivenciar experiências adequadas a sua idade e contexto. Bauman (1998) ao refletir sobre a sociedade líquida em que vivemos onde tudo é descartável, inclusive o ser humano nos instiga a pensar a criança e o seu direito de viver a infância nesse universo de rápidas mudanças na qual o espaço/tempo é efêmero,, de insegurança de incertezas e de medo nos faz pensar na criança e seu lugar no mundo que tem o direito de viver experiências em diferentes espaços interagindo com a natureza, com os seres humanos, com formas, cores, sabores, instituições que desenvolvam seu potencial e sua vida cidadã.

Em relação ao Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a BNCC propõe valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, e a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil potencializando as experiências vividas e promovendo novas experiências de ler, estabelecer relações, interpretar, formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las,

de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos (BNCC, 2018, p.58).

Exemplo importante podemos evidenciar nos fundamentos da BNCC

[...] que explicita o seu compromisso com a educação integral e reconhece que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem[...] (BNCC, 2018, p.14).

Neste contexto, procurei realizar práticas que dessem voz aos educandos, autonomia e participação em todas as atividades desenvolvidas, valorizando suas contribuições e sugestões como a proposição de um grupo de crianças de confeccionar uma certidão de nascimento para a jabuticabeira que plantamos em frente a escola como compromisso de cuidar o meio ambiente.

Outra prática potente foi a visita do artista à escola e a realização da releitura de suas obras pelas crianças que se mostraram curiosas, questionadoras e criativas. A pintura em tecido realizada como atividade sistematizadora do projeto marcou a turma de forma positiva na medida que todos se envolveram, usaram tinta guache e naturais, pincéis, pequenos galhos, algodão, folhas e as mãos para dar forma ao painel colaborativo que confeccionaram e expuseram no corredor da escola para a apreciação de toda a comunidade escolar.

Pensadores como Ibernon, Nóvoa, Freire, Silva, Morin são referências para iluminar nossa prática docente tão carente de reflexão, compartilhamento e de formação em contexto como caminho potente de reconstruir e atualizar nossos saberes docentes. Como tematiza Morin

São necessárias novas práticas pedagógicas para uma educação transformadora que esteja centrada na condição humana, no desenvolvimento da compreensão, da sensibilidade e da ética, na diversidade cultural, na pluralidade de indivíduos, e que privilegie a construção de um conhecimento de natureza transdisciplinar, envolvendo as relações indivíduo-sociedade-natureza. Esta é a condição fundamental para a construção de um futuro viável para as gerações presentes e futuras. (MORIN, p.13).

As reflexões de Morin nos provocam a mudar o pensamento e a forma de professar a educação pública na escola republicana, nos provocando a renovar nosso compromisso social de educar as novas gerações na perspectiva da pesquisa, do questionamento, de novas leituras e práticas que dialoguem com as mudanças em curso na sociedade.

A partir dessas concepções e das reflexões de fazer docente, procurei respeitar as crianças em suas construções e intervenções por entender que a formação integral dos sujeitos se dá a partir de suas vivências, interpretações, memórias, culturas, pertencimento a um grupo contribuem para estimular a curiosidade e a formulação de novas perguntas, de interagir com outras pessoas, com outros textos, poemas, imagens, obras de arte, literaturas, jogos, brincadeiras, usar tecnologias, produzir outras respostas e ampliar seu vocabulário e hipóteses para compreenderem os fenômenos e situações cotidianas.

Considerações finais

Os registros reflexivos da prática que tematizo neste documento, comportam outros olhares, compreensões e leituras. Como docente, a compreensão de que nossos saberes são possíveis de atualização, recriação e de ação refletida, entendo minha incompletude como alguém com experiências frágeis nos Anos Iniciais, as quais exigem uma prática experiencial de um tempo mais longo, aliada aos estudos teóricos como caminho de construção e formação docente nesta etapa da escolarização.

Apesar de uma curta intervenção no estágio com os Anos Iniciais, para mim foi uma experiência potente para compreender as infâncias do contemporâneo imersas em uma sociedade líquida, tecnológica que vive mudanças aceleradas e exige um refazer constante da profissão docente e, sobretudo, ser afetada por essa profissão tão complexa que é educar as crianças.

Referências

ARENDDT, H.. A Crise na Educação. In: Entre o Passado e o Futuro. 7.ed. São Paulo: Perspectiva. 2011.

BARBOSA. M.C. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083, out.

2007-1059. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FREIRE P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura)

CURY, C. A., J. **Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença** Cadernos de Pesquisa, n. 116, julho/ 2002 Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 245-262, julho/ 2002

FRIEDMAN, A. A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. 1 ed. São Paulo: Panda Books, 2020.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 1 ed. São Paulo: Cortez, Brasília, UNESCO, 2013.

IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. Tradução de Silvana Cobucci Leite. 9. ed. São Paulo Cortez, 2011.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2a ed. Brasília, 2007.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2013.

SILVA. S. P. Docência e educação em tempos líquido-modernos [recurso impresso eletrônico] / organizadores Sidinei Pithan da Silva... [et al.]. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2022. – 250 p. (Coleção ciências sociais).

AÇÃO DOCENTE ANOS INICIAIS: EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO CURRICULAR: UMA PONTE ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Rejane Graeff
Lauren Slongo Braidá

Introdução

Atualmente, no Brasil, com a Base Nacional Comum Curricular Brasileira, BNCC, há um trabalho pedagógico intenso desde a Educação Infantil, com campos de experiências, que compreendem a criança como sinônimo de infância, e o aprendizado através do brincar heurístico, de brinquedos não estruturados, desenvolvendo a criatividade, autonomia, liberdade de escolhas, o diálogo, o interesse da criança. Para o ensino fundamental, a BNCC apresenta as habilidades e competências que devem ser garantidas no processo de ensino e aprendizado para o pleno desenvolvimento humano.

Em termos de educação, há sempre muito a ser feito, não existem verdades, conhecimentos absolutos. Desta forma, não se pode falar em qualidade de educação, sem garantir formação continuada aos professores, que são os responsáveis pela mediação das habilidades e competências previstas na BNCC. Ademais, a segunda licenciatura em Pedagogia PARFOR, oferecida pela UNIJUÍ, é, de fato, um grande exemplo de formação continuada de qualidade, com corpo docente comprometido e competente, que nos instigou, orientou, giou, durante este percurso desafiador que é a Pedagogia.

No desenvolvimento do componente curricular Estágio de Docência nos anos iniciais, do curso supracitado, tivemos a oportunidade, desafio de planejar e colocar em prática a unidade didática, com a orientação do professor titular da turma. Realizei meu estágio, na cidade de Panambi-RS, na EMEF Maurício Cardoso, na turma de 3º ano, com 16 crianças, tendo como responsável da turma, a Professora Edenise Correa da Silva.

Metodologia

A metodologia de trabalho utilizada para planejamento das aulas, foi a de pesquisa-ação, sendo esta indicada para melhor desenvolver as práticas pedagógicas, resolver desafios específicos na sala de aula ou em instituições educacionais e promover a colaboração entre educadores.

Trabalhamos a partir da identificação de uma situação ou problema para então fazer um planejamento com coleta e análise de dados, através de observação das aulas da professora regente de classe da turma, em seguida, com base nos dados levantados, realizamos o planejamento e intervenções, efetivando, assim, a prática do ensino aprendizagem.

Resultados e discussões

Para Marques, a pedagogia é a ciência do educador e ele define-a em três dimensões: a hermenêutica, a crítica reflexiva e a instrumental. Hermenêutica porque objetiva entender o sentido histórico da educação. Assim, o que já se construiu em termos de conhecimento científico deve ser constantemente reavaliado a partir de perspectivas atuais.

O passado é constantemente reinterpretado, assim como as produções presentes. Marques entende a sala de aula como ambiente de liberdade nunca passivo. O aluno não é somente mero receptor de informações, mas todo conhecimento deve ser tematizado e contextualizado, deve haver comunicação. (MARQUES, 1990).

Para a dimensão crítico reflexiva, todos têm iguais possibilidades de participação no processo de educação e a Pedagogia indica o sentido e a razão crítico reflexiva, trabalhando para a emancipação e esclarecimento, com o objetivo de expressar os interesses de todos os envolvidos. O objeto de ensino do professor são seres humanos, dessa forma a relação estabelecida entre os mesmos, são relações humanas.

Embora o ensino seja para o coletivo o professor não pode deixar de levar em consideração a individualidade de cada criança, sendo que os alunos não possuem as mesmas capacidades e possibilidades sociais. (MARQUES, 1990). Na razão instrumental deve-se levar, também, em voga os saberes e técnicas da cultura local, de cada faixa etária, o patrimônio cultural de conhecimentos das disciplinas de ensino, bem como as tecnologias educacionais apropriadas, didática e metodologias utilizadas no processo de aprendizagem (MARQUES, 1990).

No que tange a conteúdos, cabe a pedagogia identificar dispositivos ideológicos e recriá-los na intenção de torná-los emancipatórios. Assim, alunos e professores precisam exercer o controle sobre o processo educativo, levando em conta a proposta pedagógica, numa relação de troca, pois é no espaço de sala de aula onde são levantadas as questões que inquietam, os problemas (MARQUES, 1990). Para Marques (1990), as ciências da educação são fundamentais na formação de professores. A psicologia nos orienta como ocorre o aprendizado, a sociologia, nos ensina sobre as ideologias que irão pautar a educação. Na organização do processo educativo, temos os saberes curriculares, que correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar seleciona os conhecimentos da cultura erudita, para apresentar as novas gerações.

Por fim, temos a condução deste processo de ensino aprendizagem, sendo a pedagogia a tecnologia utilizada pelo professor para efetivar seu trabalho, que é o ensino, e ela não pode ser separada dos objetivos traçados nem do objeto de ensino: seres humanos (MARQUES, 1990). Ademais, Marques (1990), nos diz que estas três dimensões não podem ser vistas de modo isolado, estão articuladas: compreender, organizar e conduzir o processo educacional, e o Professor deve estar preparado, como verdadeiro profissional da pedagogia, sendo capaz de enfrentar os grandes desafios impostos pela atual situação escolar: salas de aula lotadas, desvalorização do magistério, desinteresse da família, escolarização em massa, entre outros. Piaget nos mostrou que a criança vai conhecendo-se e incorporando o mundo à sua volta, pouco a pouco, através da curiosidade, da perplexidade infantil, do interesse em desvendar o mundo.

O mesmo se dá com a construção, incorporação do conhecimento físico e lógico-matemático, as informações do mundo exterior, são aprimoradas, pouco a pouco, tornando-se mais complexas. Percebemos, a partir dos estudos de Wallon, que o desenvolvimento se dá a partir das experiências sociais e pelas condições oferecidas pelo seu meio, o contexto familiar, social, cultural, entre outros. Em suma, Wallon compreendia o desenvolvimento humano “[...] como descontínuo e marcado por contradições e conflitos, resultado da maturação orgânica e das condições ambientais [...] sem etapas definidas e não dá-se de modo linear.” (GUEDES, s.d, p. 6).

Realizar o estágio supervisionado nos Anos Iniciais, na EMEF Maurício Cardoso, acompanhar as aulas de minha colega, regente de classe

da turma, me fez compreender a importância de conhecermos os sujeitos para os quais estamos planejando. É preciso cautela, é preciso conhecimento. É preciso formação continuada de qualidade, pois não existem verdades absolutas, todos os dias são feitas novas descobertas científicas. As crianças acessam o saber sistematizado na Escola, esta instituição é a responsável em apresentar o científico, para que sintam-se pertencentes a este mundo e possam dar sua contribuição.

Assim, na realização do meu estágio, na EMEF Maurício Cardoso, na cidade de Panambi- RS, na turma de 3º ano, busquei pôr em prática tudo o que aprendemos no decorrer do curso de Pedagogia, sendo de grande importância todas as metodologias e teóricos que tivemos o privilégio de estudar. Os alunos do 3º ano da EMEF Maurício Cardoso, participaram ativamente de minha proposta de trabalho, sugerindo e compartilhando o que já sabiam sobre os conhecimentos que estávamos tratando nas aulas. São crianças ativas, que gostam de estar sempre em movimento, participando e contribuindo, uma vez que, por serem provenientes de bairros com vulnerabilidade social, encontram na Escola espaço privilegiado para acessar tecnologias e conhecimentos científicos.

Busquei fazer de acordo com o interesse deles, com aprendizagem criativa, através da didática do fazer, nos apresentada por BONDIOLI E MANTOVANI (1998), com três princípios do saber: LUDICIDADE- materiais não estruturados, que favorece o exercício criador, com jogos de faz-de-conta, com atividades exploratórias e criativas. CONTINUIDADE- que garante o crescimento e a qualidade das experiências SIGNIFICATIVIDADE- Experiência do sujeito, com autoria, eleição, decisão, Provisoriedade.

Considerações finais

Neste momento em que concluímos mais uma etapa importante e significativa de nossa formação, destacamos o quanto o curso de 2ª licenciatura em Pedagogia- PARFOR, oferecido pela UNIJUÍ, colabora para nossa qualificação profissional. Foi um tempo de muitos aprendizados, estudos, trocas de experiências, com professores qualificados e extremamente competentes e responsáveis, nos orientando, instigando e conduzindo nossa construção de conhecimento.

Após concluir esta etapa de minha formação, o Estágio Curricular nos Anos Iniciais, registro a importância do planejamento pedagógico, bem

como, o conhecimento da Base Curricular para esta etapa de formação. Planejar para organizar as aulas, as habilidades e competências, os materiais que irá utilizar para desenvolver as aulas. Registro ainda, a importância da realização do estágio docente compartilhado, uma vez que é a oportunidade de atuarmos e de termos junto conosco outra professora que já conhece a rotina, potenciais e dificuldades da turma.

No que diz respeito ao projeto por nós desenvolvido, registro que o tempo acabou sendo curto, havendo ainda muitas outras possibilidades de explorarmos mais o conto “O patinho feio”, sendo este um clássico da literatura mundial, com uma temática extremamente relevante para os dias atuais. Os clássicos são patrimônios culturais da humanidade e é direito das novas gerações terem acesso a eles, sendo papel da Escola apresentar. O planejamento do professor é feito através de escolhas e conhecimento científico, deve contemplar todas as áreas do conhecimento, que são direitos de aprendizagem das crianças, sendo uma responsabilidade que o Professor precisa assumir, conhecendo e reconhecendo sua função social.

Assim, reafirmo meu carinho e amor pela infância, por minha profissão. Os desafios são grandes, mas o encantamento de ver o envolvimento das crianças, de entender nosso papel social, nos faz acreditar e sonhar com a valorização de nossa profissão. Não nascemos prontos, nos constituímos humanos pela educação (FENSTERSEIFER, s.d).

Referências

ANDERSEN, Hans Christian. Literatura Infanto-juvenil I. título II. Série. Contos de Andersen. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

BANDIOLI, Ana e Susanna Mantovani (orgs.), Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. MARQUES, Mario Osorio. Pedagogia, a ciência do educador. Ijuí: UNIJUÍ, 1990.

DE SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho. Construção de Conhecimento e Psicologia do Desenvolvimento: Contribuições da teoria de Piaget. Volume 6, Número especial Novembro/2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. BRACHT, V. GONZÁLEZ, F.J. Metodologia do ensino dos esportes coletivos. Vitória, UFES, Núcleo de educação aberta e a distância. 2012.

DORNELLES, Leni Vieira. Infâncias que nos escapam: da criança na rua

à criança cyber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GONZÁLEZ, F.J; FENSTERSEIFER, P.E. Entre o não mais e o ainda não: Pensando saídas do não lugar da E.F. escolar I. Cadernos de formação RBCE. Campinas, São Paulo, v.1, n1, p.7-23, setembro de 2009.

WEISS, Telma. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Ática, 2009. LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORAN, José. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. Curitiba: CRV, 2017, p.23-35.

PANAMBI. Referencial curricular. Panambi, 2018. TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional- Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

EXPERIÊNCIA DOCENTE NAS SÉRIES INICIAIS

Vanieli Denise Zamberlan
Lauren Slongo Braida

Introdução

Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

O trabalho realizado traz reflexões sobre a experiência de estágio vivenciadas pela autora Vanieli Denise Zamberlan, aluna da primeira turma do curso de pedagogia/Parfor da Unijuí. Esse estágio realizou-se na escola municipal do município de Pejuçara, o qual sou residente. Ele se desenvolveu a partir de observações da turma, de conversa com a profe referência e também pela docência compartilhada com a mesma. A turma que escolhi foi o segundo ano do ensino fundamental e como atuo na educação a praticamente 10 anos eles foram meus alunos na educação infantil em 2020 então já conhecia um pouquinho deles. A turma é composta por 11 alunos, sendo que dois deles necessitam acompanhamento de monitores.

Em conversa com a professora referência optamos pelo tema “Pejuçara 58 anos: explorando o lugar que eu vivo!” Porque dia 15 de maio foi o aniversário de emancipação do município e apesar de ser uma cidade pequena ocorreram mudanças que os alunos não vivenciaram mas podem ser vistas nos acervos do museu municipal, além de que esse tema veio a calhar com o que vinha sendo estudado nas disciplinas e que poderia ser bem aproveitado.

Metodologia

A escola conta com um sistema de ensino apostilado e dificultou um pouco a realização do projeto de docência sem que interferisse no andamento da apostila. Juntamente com a professora referência tivemos a idéia central e fomos realizando ajustes para incluir o projeto nas disciplinas.

A reflexão da prática realizada na escola, o estudo de autores que tivemos desde o início da graduação, a análise do projeto pedagógico da escola, trocas de experiência entre eu, uma atuante da educação infantil e uma professora atuante nas séries iniciais mas que temos em comum a concepção que a criança necessita brincar, foi algo enriquecedor, pois desenvolvemos um projeto voltado principalmente a socialização das crianças com a cidade que vivemos.

Resultados e discussão

O estágio foi realizado na escola municipal de Pejuçara, embora eu já esteja trabalhando na área da educação tive alguns percalços durante a realização do mesmo.

A primeira dificuldade foi conseguir a liberação da minha escola de trabalho, pois estamos com uma grande defasagem de profissionais e estava difícil organizar o grupo com uma funcionária a menos, mas fizemos alguns ajustes e conseguimos organizar. A segunda grande dificuldade foi adequar e dividir o projeto de acordo com as disciplinas dos alunos, programar as atividades de acordo com os períodos e cuidar para não extrapolar o tempo sem perder a qualidade da aula. Como na educação infantil essa divisão disciplinar não é tão demarcada acredito que foi minha maior dificuldade.

Pensando que o ensino nas séries iniciais deve ser uma continuidade da educação infantil e que as atividades lúdicas podem e devem ser usadas como recursos metodológicos nos processos de alfabetização, as nossas atividades eram bastante dinâmicas e por ter alunos com TOD e TDAH na sala pensamos em atividades em que fossem realizadas em duplas e que pudesse incluir todos os alunos. Jean Piaget (2003), afirma que os jogos e brincadeiras são excelentes oportunidades de mediação entre o prazer e o conhecimento historicamente construído, já que o lúdico é eminentemente cultural.

Cada vez mais cedo a criança entra em contato com a cultura letrada e são desafiadas a interagir com esse mundo. A transição da

educação infantil para os anos iniciais do ensino fundamental requer cuidado e atenção dos profissionais que atuam na escola para que haja uma continuidade do aprendizado e maneiras e métodos para que a criança se sinta acolhida e consiga desenvolver conhecimentos e habilidades que facilitem seu aprendizado. A escola deve dispor de recursos e metodologias lúdicas que permitem o aluno brincar e aprender simultaneamente, pois como diz Oliveira (1995), “não se pode conhecer nem educar uma criança sem saber nem porque nem como ela brinca.

Ainda falando em teorias, para Vygotsky (1991, p.113): A criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança; pelo contrário; é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. O primeiro paradoxo contido no brinquedo é que a criança opera com um significado alienado numa situação real. O segundo é que, no brinquedo, a criança segue o caminho do menor esforço -ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer- e, ao mesmo tempo, ela aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se à regras e, por conseguinte, renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia à ação impulsiva constitui o vinho para o prazer no brinquedo.

De acordo com a BNCC toda criança deverá estar alfabetizada até o final do segundo ano, para que isso aconteça e que a ludicidade esteja presente nesta importante etapa da vida escolar, as brincadeiras e os jogos devem ter um caráter educacional e não apenas como um entretenimento.

Partindo do pressuposto de que todos os indivíduos estão em constante aprendizado, a formação continuada é essencial para que isso ocorra. Para garantir uma educação de qualidade deve-se desenvolver políticas públicas voltadas para a formação de professores capazes de adquirir uma visão crítica do mundo.

Considerações finais

Não se pode falar em qualidade de educação básica sem refletir sobre a necessidade de formação continuada dos professores e para isso precisamos de políticas públicas eficazes, ativas e coerentes que garantam condições essenciais para a valorização dessa formação. Com o estágio em docência compartilhada, pude ter uma nova concepção de que o planejamento compartilhado ele dá certo e deve ser visto como uma ação de cooperação entre os professores e não de competitividade.

A organização do meu planejamento se deu em conjunto com a professora regente e fortaleceu minhas relações interpessoais, o respeito, a empatia pelo outro e também a humildade em reconhecer que somos educadores mas que também temos muito a aprender.

Referências

BRASIL. Diretrizes e bases da Educação Nacional. **Lei n.9394/1996**. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 03/07/2024

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

OLIVEIRA, Z. R. de. **O trabalho do professor na educação infantil**. 3a ed. São Paulo: Biruta, 20119

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad. Jose Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Aleche. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 9, jan. /fev. /mar. /abr. 2002.

PRÁTICA DE ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: VIVÊNCIAS COMO DISCENTE DO CURSO DE PEDAGOGIA

Maurícia Aparecida da Silva Costa Pott
Lauren Slongo Braidá

Introdução

A educação nos anos iniciais do ensino fundamental desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral das crianças, estabelecendo as bases para seu percurso escolar e para sua formação como cidadãos. Este artigo propõe uma reflexão sobre o currículo e a docência nesses primeiros anos, considerando a importância de compreender os aspectos físicos, emocionais e sociais das crianças para promover uma interação eficaz entre alunos e professores.

Para tanto, a prática de estágio é uma experiência valiosa que nos propõe a vivência e nos prepara para a docência, bem como é uma oportunidade de aplicar o conhecimento aprendido, familiarizar-se com a visão, missão e práticas pedagógicas no ambiente educacional. O presente artigo consiste em relatar as experiências vividas durante as atividades propostas pela disciplina de Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e analisá-las.

Metodologia

Quanto à classificação e procedimentos metodológicos desta pesquisa, as técnicas utilizadas basearam-se nos objetivos aplicados. Portanto, foi de abordagem qualitativa, pois se concentra na compreensão profunda do fenômeno estudado, observação participante e análise de conteúdo.

E pesquisa-ação, pois envolve uma parceria entre teoria e prática, bem como a colaboração entre pesquisador e profissionais da educação em busca de resolver problemas práticos e melhorar a prática pedagógica.

Resultados e discussão

Com o objetivo de refletir acerca do currículo e da docência nos anos iniciais do ensino fundamental, se faz necessário repensar a criança que está nesta fase escolar, buscando compreender seus aspectos físicos, emocionais e sociais para que ocorra a melhor interação possível. Pois, logo que sai da Educação Infantil a criança passa a frequentar o primeiro ano do ensino fundamental.

Assim como a Educação Infantil, os anos iniciais do Ensino Fundamental são uma fase crucial da Educação, pois é durante este período que são estabelecidas as bases para todo o percurso escolar como a alfabetização e a matemática para o desenvolvimento integral da criança. Nesse contexto, por serem duas fases cruciais uma deve dar continuidade a outra em relação ao desenvolvimento da criança e suas experiências de aprendizado, independente das divisões institucionais.

Para tanto, estar neste ambiente dos anos iniciais do ensino fundamental requer preparação e é isto que o estágio vem a nos proporcionar e contribuir para o conhecimento acadêmico, possibilitando a reflexão, ação e a busca por intervenção. Neste sentido, foi possível vivenciar, experienciar e compreender a dinâmica exercida em uma escola pública municipal do município de Panambi, que atende além da Educação infantil, o Ensino Fundamental. Bem como, perceber como as vivências da prática de estágio podem contribuir para o desenvolvimento das crianças.

Pois, experiências e vivências ocorridas nesta etapa do desenvolvimento, pode inclusive influenciar “de forma dinâmica, definitiva e dramática na formação de cada indivíduo”(FRIEDMANN,2011). Inclusive, pode-se perceber que na docência dos anos iniciais, os desafios e a importância da prática pedagógica são ainda mais evidentes. Nesta fase, o papel do professor assume a responsabilidade de criar uma base sólida para o aprendizado futuro do aluno. Suas funções e desafios vão além de facilitar a aprendizagem, em que se cria um ambiente estimulante e propício, mas também de planejar atividades que atendam as necessidades individuais e coletivas dos alunos levando em consideração seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

As vivências na escola desta pesquisa, demonstraram que é possível trabalhar para o crescimento pessoal e interpessoal da criança utilizando o contexto do seu cotidiano, bem como materiais acessíveis e conhecidos na realização das atividades. O uso de elementos da natureza e a consciência de “fazer parte” dela, é uma grande estratégia e demonstra a gama de possibilidades que se pode criar e utilizar para trabalhos com as crianças, permitindo a ampliação de seus conhecimentos acerca do tema primordial “natureza” e com atividades voltadas para a área de arte.

Os estudos acerca das categorias aqui analisadas buscam contribuir para o debate acadêmico científico, proporcionando melhores condições de aprendizagem para o estudante e contribuindo para melhorias na Educação Básica.

Considerações finais

O estágio nos anos iniciais do ensino fundamental revelou-se uma experiência valiosa, proporcionando oportunidades para a prática reflexiva, ação educativa e intervenção. Pois, com a atuação foi possível aprender a se relacionar com o ambiente escolar, com as crianças e desenvolver metodologias capazes de agregar significado e aprendizado tanto do estagiário quanto dos alunos. Além disso, a utilização de elementos da natureza e a integração do cotidiano das crianças nas atividades educativas ampliam suas perspectivas e conhecimentos, especialmente em temas relacionados à natureza.

Essas estratégias pedagógicas não apenas enriquecem o aprendizado, mas também promovem o desenvolvimento pessoal e interpessoal dos alunos. Em suma, os estudos e experiências discutidos neste artigo contribuem para o debate acadêmico-científico, oferecendo insights e práticas que podem melhorar a qualidade da educação básica. A preparação cuidadosa dos futuros docentes, aliada à implementação de um currículo contínuo e integrado, é fundamental para garantir uma educação de qualidade que respeite e valorize a singularidade e diversidade das crianças.

Referências

BEAUCHAMP, Jeanete. PAGEL, Sandra Denise. NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. A infância e sua singularidade

[Sônia Kramer].– Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRASIL. Encontrado em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>.----- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 7. ed.– Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base. Brasília, DF: Inep, 2015. 404 p.: il.

FRIEDMANN, Adriana. Paisagens infantis: uma incursão pelas naturezas, linguagens e culturas das crianças. PUC São Paulo: Doutorado em Ciências Sociais. São Paulo, 2011.

TARDIFF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CULTURA INDÍGENA NO CURRÍCULO DOS ANOS INICIAIS: IMPORTÂNCIA E VALORIZAÇÃO¹

Gabriela da Rosa²
Lauren Slongo Braidá

Introdução

Este trabalho busca refletir sobre a experiência de estágio vivida pela autora, acadêmica da primeira turma do Curso de Pedagogia/ PARFOR da Unijuí, realizada em uma escola municipal de ensino fundamental no município de Porto Vera Cruz. A referida experiência desenvolveu-se a partir de observações e da docência compartilhada com a professora referência da turma do 3º ano dos Anos Iniciais, composta por crianças com idade de 8 anos.

As vivências realizadas nesta turma me possibilitaram muitas aprendizagens, principalmente no que diz respeito à importância e significatividade das mais diversas experiências serem desenvolvidas e oportunizadas às crianças, como formas de ampliação do conhecimento e habilidades das mesmas, consolidando assim novas aprendizagens. Neste sentido, considerando a temática trabalhada durante o estágio “Conhecendo Contos Folclóricos e Lendas Indígenas”, trago para reflexão algumas abordagens realizadas durante o desenvolvimento destas vivências.

O projeto intitulado “Vem cá que eu te conto!” foi desenvolvido ao longo de sete dias, culminando na apresentação das lendas criadas pelos alunos e em uma visita à biblioteca. As crianças vivenciaram brincadeiras

1 Artigo reflexivo desenvolvido a partir da prática de estágio vivenciada na disciplina de Currículo e Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental - Curso de Pedagogia PARFOR da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI - sob orientação da professora Ms. Márcia Rejane Scherer.

2 Graduada em Educação Física - Licenciatura pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/Unijuí (2018). Acadêmica do Curso de Pedagogia/ PARFOR pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul UNIJUI (2023). Professora da Educação Básica na Rede Estadual do Rio Grande do Sul. E-mail gabriela.dr@sou.unijui.edu.br

indígenas e produziram lendas a partir delas. Os alunos trabalharam em grupos criando suas próprias lendas e as apresentaram numa exposição, promovendo assim, habilidades de cooperação e comunicação. Mediações pedagógicas foram desenvolvidas a partir da análise de estruturas narrativas de textos informativos e lendas/contos, leituras em voz alta e silenciosa, atividades práticas de escrita e produção de desenhos. A centralidade do estudo envolveu reflexões sobre diversos temas relacionados à cultura indígena e à importância da valorização da mesma.

Lendas indígenas são narrativas de tradição oral que falam sobre questões vinculadas à existência e a sentimentos como o medo, a coragem, a dúvida, o amor... falam sobre erros, acertos e sobre os enfrentamentos da vida, questões nem sempre fáceis de serem elaboradas. E por isso, “mitos, lendas e histórias orais são justamente formas discursivas de revelar as diferentes culturas” (COELHO, p. 3, 2003).

No Brasil, estas lendas inicialmente foram escritas por não indígenas, no intuito de fazer conhecer essa cultura, em um momento histórico em que se buscava construir uma identidade nacional. Entretanto, esses primeiros escritos, de caráter folclórico, muitas vezes trouxeram ideias genéricas sobre os indígenas. Desde os anos 1990, a literatura indígena, escrita pelos próprios indígenas, vem ganhando força e é por meio dela que se deve buscar proporcionar aos alunos o conhecimento da pluralidade cultural do país, além do distanciamento de pré-julgamentos baseados em visões estereotipadas e pejorativas.

Metodologia

Considerando o já exposto, destaco que este estudo foi realizado a partir da experiência de docência compartilhada, desenvolvida durante o estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, partindo de observações feitas, neste percurso, em relação à escola, ao currículo apresentado para o ano de atuação, às crianças da turma eleita para a prática e das vivências desenvolvidas junto a elas. Neste sentido, as reflexões desenvolvidas são fundamentadas em autores que refletem sobre a temática apresentada. O método de pesquisa então, buscou compreender a abordagem da cultura indígena nos currículos escolares a partir da reflexão crítica sobre o próprio processo de estágio. Essa reflexão pôde levar a novas ideias, à identificação de temas de análise e à proposição de soluções.

Resultados e discussão

A cultura indígena é uma parte vital da história e identidade do Brasil, pois “(...) a nossa terra não era habitada apenas por um povo, mas por vários. Cada um com sua cultura. Cada um ocupando uma parte de nossa terra” (FREIRE, 1979, p. 23). No entanto, seu estudo é muitas vezes restrito a datas comemorativas, o que limita a compreensão e o reconhecimento de sua relevância contínua na sociedade moderna. Esta restrição/limitação acontece apesar da existência da Lei 11.645 de 10 de março de 2008, que torna obrigatório o estudo, dentro do currículo escolar, da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, buscando modificar a matriz monocultural da educação brasileira, no intento de considerar a riqueza e a contribuição da diversidade indígena e africana para a compreensão da cultura e história nacional. Assim, como afirma Faria (et al., 2021), “observa-se a dificuldade enfrentada pelos docentes em implementar a temática étnico-racial no cotidiano escolar, sendo abordados superficialmente em datas comemorativas”.

Neste artigo pretendo discutir a importância de incluir estudos sobre a cultura indígena no currículo escolar de maneira abrangente, mostrando que os povos indígenas vivem e realizam atividades comuns, adaptam-se à tecnologia, produzem literatura e possuem uma rica tradição de contos e lendas e contribuíram/contribuem de maneira contundente para a formação da cultura e tradições brasileiras. Além disso, abordarei a relevância das brincadeiras e jogos indígenas e a interdisciplinaridade no ensino dessas temáticas.

1. O Indígena no Cotidiano Moderno

Os povos indígenas (em sua maioria) não estão mais isolados nas florestas, vivendo em ocas como muitos imaginam. Hoje, muitos indígenas vivem em áreas urbanas e rurais, integrados na sociedade moderna e utilizando a tecnologia em seu dia a dia. Segundo Flores et al. (2022, p...)

Atualmente, vivem 305 povos indígenas conhecidos no Brasil, cada um com sua própria cultura. No entanto, a população brasileira, de forma geral, desconhece as culturas de seus povos originários. Algumas das ideias presentes no senso comum, em relação aos indígenas, são os estereótipos de selvagens, preguiçosos, que representam um atraso ao desenvolvimento, ou a imagem romantizada do indígena, visto como um ser puro e inocente. São crenças equivocadas, que podem

gerar intolerância, preconceito, desrespeito, dentre outras formas de violência, que esses povos vêm enfrentando desde o período colonial. Para superar esse desconhecimento, é necessária uma educação que tenha, como fundamentos, o diálogo e a abertura ao outro. É preciso ensinar, desde a primeira infância, que existem diferentes formas de ser, viver e conhecer.

Nesta proposta, a ideia inicial, visando iniciar reflexões e buscar as percepções das crianças sobre os indígenas, seu cotidiano e culturas, foi apresentar às crianças algumas imagens de indígenas realizando diferentes atividades e indagá-las sobre o que viam, o que elas faziam e como estavam vestidas.

Sobre as imagens, na primeira esperava-se que os alunos dissessem que os indígenas estavam com roupas típicas ou que estavam na floresta, permitindo refletir com eles que a indumentária é usada apenas em dias importantes e que o local, apesar de ser aberto e próximo da natureza, pode também não ser uma floresta. Muitos indígenas atualmente vivem em reservas indígenas, outros vivem também nos campos ou nas cidades. A segunda imagem, mostra um indígena vestido “comumente”, ele participa de algum evento público. A pessoa apresentada na imagem é Daniel Munduruku, um autor indígena, formado em Filosofia, com mestrado em Antropologia, autor de mais de 50 livros. Atualmente ele mora em São Paulo e tem percorrido todo Brasil para divulgar seus livros e contar suas histórias. Ou seja, a intenção era mostrar-lhes que os indígenas hoje estudam em escolas regulares, fazem faculdade e podem ser escritores, também assumem profissões e lugares os quais pensamos não serem comuns por causa de suas culturas.

Ainda, na terceira imagem apresentada às crianças, um indígena está usando o computador, parece estar em uma conferência. Foi explicado que a aproximação com os meios digitais ocorre porque os indígenas não pararam no tempo, sua cultura vem se transformando, assim como todas as outras. Na quarta imagem, estavam retratados indígenas Guaranis moradores do RS, com roupas que seus antepassados usavam na época do apogeu das Missões Jesuíticas.

Com isso, é possível perceber como a tecnologia tem sido uma ferramenta poderosa para a preservação e também divulgação das culturas indígenas, permitindo a conexão com o mundo exterior e a perpetuação de suas tradições. Assim como afirma Bueno (2013, p. 14)

Muitos povos indígenas têm usado a rede para atingir um público grande, dentro e fora do país. Os recursos on-line são usados para

romper o isolamento em que muitas comunidades vivem, e também para vencer a barreira da falta de espaço que esses povos têm nas mídias tradicionais.

Ao mesmo tempo, percebeu-se que as crianças ... tiveram diferentes reações frente às imagens apresentadas a elas. Num primeiro momento elas puderam falar sobre o que viam, e expressar suas impressões, foram capazes de reconhecer as ações, vestimentas e uso de tecnologias. No entanto, a maioria das crianças não imaginava que muitas dessas características também faziam parte da rotina dos povos indígenas, ou então que, eles não se vestem somente com indumentárias típicas ou moram na floresta. Num segundo momento, de discussão com indagações, eram trazidos à tona vários questionamentos que proporcionaram às crianças reações de surpresa, de dúvidas e também de compreensão de que os povos indígenas também vivem como nós.

1.2 Produção literária indígena

Além de se adaptarem à tecnologia, muitos indígenas também se destacam na produção literária. Escritores indígenas têm contribuído significativamente para a literatura brasileira, compartilhando suas histórias, mitologias e perspectivas únicas. Um exemplo notável é Ailton Krenak, o primeiro autor indígena a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, cujo livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* ganhou reconhecimento nacional. Incorporar essas obras no currículo escolar é uma maneira poderosa de valorizar e difundir a cultura indígena, proporcionando aos alunos a oportunidade de conhecer e apreciar a riqueza dessa literatura. Embora existam escritores indígenas, muito da literatura conhecida que traz questões e/ou histórias indígenas não foi escrita por eles. Como aponta Cristina et al. (2023, p. 19) “A literatura indigenista é caracterizada como uma literatura sobre povos indígenas escrita por não indígenas, enquanto que a literatura indígena é caracterizada por ser escrita pelos próprios indígenas”.

A proposta apresentada posteriormente aos alunos foi a leitura de lendas tradicionais indígenas, como Iara, Vitória-Régia, Curupira, Boitatá e Saci-pererê, e fazê-los perceber que essas lendas, em seu princípio, não foram escritas por autores indígenas, apesar de narrarem histórias muito conhecidas de sua cultura. Ao mesmo tempo, orientá-los que, assim como os indígenas, todas as culturas têm suas histórias que circularam, em um primeiro momento, oralmente, como o caso de diversos contos e fábulas

que hoje encontramos nos livros infantis (Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, etc.). Mas destacar também que os textos não se limitam à escrita: construímos textos orais o tempo todo, inclusive literários. Inicialmente, foram outros povos os escritores das narrativas indígenas. Entretanto, hoje, muitos indígenas já escrevem e publicam suas histórias e as histórias do seu povo.

A conversa foi conduzida para que ao final tivessem clareza de que tanto autores indígenas, como não indígenas, tem suas peculiaridades ao escrever, suas marcas e seu estilo pessoal. Assim, da mesma forma que encontramos muita variedade na escrita de autores não indígenas, é possível que encontremos muita variedade de estilos de autores indígenas.

Um dos questionamentos feitos aos alunos foi “Autores indígenas só escrevem lendas indígenas?” destacando que eles podem escrever e publicar nos mais variados gêneros literários, entretanto tem sido mais comum que publiquem sobre suas histórias mitológicas ou que recontem os mitos de outras nações indígenas. Por último, uma das propostas também foi esclarecer que existem diferentes nações indígenas, cada qual com traços culturais distintos, explicando para as crianças que hoje existem 291 povos indígenas no território brasileiro, falando em torno de 180 línguas diferentes (GERSEM, 2006).

Ainda neste sentido, as crianças conheceram um autor indígena, Renê Kitháulu, e algumas de suas histórias e lendas, a partir do livro escrito por ele “Irakisu: o menino criador”. Pudemos refletir sobre o autor e seu povo, procurando desconstruir visões estereotipadas e pejorativas ainda correntes sobre eles. Em um trecho, o autor diz que nem todas as histórias sobre os povos originários ensinam as coisas como elas são, muitos pensam que todos os indígenas são iguais, falam a mesma língua e moram em ocas. Renê Kitháulu ensina, em seus escritos, que existem várias línguas indígenas e que cada povo tem as suas peculiaridades. Ressalta também as dificuldades que os indígenas enfrentam com relação à invasão de suas terras e que sobrevivem da plantação e artesanato. Fica evidente na fala de Collet (2014, p. 12) que:

Não por acaso, a principal luta pela qual se constituiu o movimento indígena brasileiro foi a reivindicação junto ao Estado do reconhecimento das terras tradicionalmente ocupadas por eles. Desse modo, consideramos importante que o professor fale com seus alunos a respeito das lutas e reivindicações do movimento indígena, sem perder de vista as inúmeras diferenças existentes entre as etnias em suas formas de organização, na

economia, no sistema de crenças e religiosidade, nos rituais e festas, e nos conhecimentos, entre outros aspectos.

Na sequência, foram analisadas algumas expressões que por muitos anos foram usadas em relação aos indígenas (e muitas vezes ainda o são) que demonstram preconceito ou desmerecimento a este povo e sua cultura, ou como explica Collet (2014, p. 12) “foram associados a modos de vida pouco “civilizados””. Daniel Munduruku (o indígena das imagens que analisamos anteriormente) trabalha muito esta ideia de apresentar às pessoas o significado de expressões através da etimologia, do significado das palavras. Como por exemplo, a diferença entre ÍNDIO X INDÍGENA, NATIVO X ORIGINÁRIO, TRIBO X POVO.

Sendo assim, outra análise feita, foi em relação a leitura de um texto escrito por Daniel Munduruku, “É índio ou não é índio? ”. Nesta leitura, os alunos puderam compreender que os indígenas são pessoas como quaisquer outras e que também podem usar roupas comuns se estiverem na cidade, assim como que cada povo tem sua cultura, suas histórias e tradições. A cultura não é a mesma para todos os povos indígenas, apesar de terem algumas coisas em comum.

Por fim, após o estudo de algumas lendas e mitos indígenas, alguns deles parecidos, outros nem tanto, as crianças puderam perceber que existem inúmeros povos indígenas com culturas, tradições, crenças, formas de enxergar o mundo, a vida, diferentes.

Interdisciplinaridade no Ensino da Cultura Indígena

Os contos e lendas indígenas são uma forma rica de transmitir conhecimentos, valores e tradições dos povos originários. Eles oferecem uma janela para a diversidade cultural dos povos indígenas e permitem que os alunos compreendam a profundidade e a complexidade dessas culturas. Contos como a lenda do guaraná dos Sateré-Mawé ou a história do surgimento da Noite do povo Nambikwara são exemplos que podem ser utilizados em sala de aula para explorar temas como a relação com a natureza, a origem do universo e os valores comunitários. O Brasil é um país vasto e diverso, e cada região abriga diferentes povos indígenas com suas próprias histórias e tradições. Estudar contos e lendas regionais ajuda a reconhecer essa diversidade e a valorizar as contribuições únicas de cada grupo (ARAÚJO, 2023).

O ensino da cultura indígena pode ser enriquecido através da interdisciplinaridade, utilizando diferentes recursos e metodologias. Projetos que envolvem História, Geografia, Literatura, Arte e Educação Física podem proporcionar uma compreensão mais completa e engajadora.

Em suma, o projeto desenvolvido no estágio teve como centralidade o uso dos contos e lendas indígenas como forma de refletir sobre a cultura dos povos originários e a contribuição destes povos para a formação da identidade brasileira. Foram utilizados outros recursos, dos quais: produções artísticas, brincadeiras, experimentação de alimentos e bebidas da culinária indígena. Os alunos interagiram com textos de contos e lendas indígenas de diferentes povos, residentes em diversas regiões do Brasil, conheceram e localizaram essas regiões no mapa.

Em relação às brincadeiras indígenas, elas refletem aspectos culturais e ambientais das comunidades. Não são apenas formas de entretenimento, mas também maneiras de transmitir conhecimentos e habilidades. Elas apresentam a diversidade cultural indígena, promovendo a valorização e o respeito pelas culturas indígenas brasileiras, desenvolvem habilidades motoras, cognitivas e sociais (ARAÚJO FILHO, 2016).

Ao integrar a cultura indígena em várias disciplinas, os alunos desenvolvem uma série de competências, como o respeito à diversidade, o pensamento crítico e a empatia. Esses são valores fundamentais para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis. Além disso, a interdisciplinaridade promove a capacidade de conectar conhecimentos de diferentes áreas, essencial para o aprendizado contínuo e a resolução de problemas complexos.

Considerações finais

A cultura indígena tem uma influência profunda e duradoura na formação da identidade cultural brasileira. Desde a culinária até a linguagem, muitos aspectos da vida cotidiana no Brasil têm raízes indígenas. É necessário e importante falar nos currículos escolares de forma mais premente sobre estas raízes e como suas tradições estão presentes em nosso cotidiano (na alimentação, nos costumes, na linguagem e nas brincadeiras).

Reconhecer e valorizar essas contribuições é essencial para uma compreensão mais completa da nossa própria identidade cultural. Incorporar a cultura indígena ao currículo escolar de maneira significativa

e contínua, e não apenas em datas comemorativas, é um passo crucial para promover o respeito e a valorização das culturas originárias. Isso não só enriquece o aprendizado dos alunos, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Referências

ARAÚJO, Fabiana Tavares. **Literatura e saberes indígenas na educação básica em A Cura da Terra**, de Eliane Potiguara, 2015. 2023.

ARAÚJO FILHO, Severino Pereira de. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil e a cultura afro-indígena brasileira**. 2016.

BUENO, C. **Comunidades indígenas usam internet e redes sociais para divulgar sua cultura**. *Ciência e Cultura*, v. 65, n. 2, p. 14–15, jun. 2013.

COELHO, Maria do Carmo Pereira. **As narrações da cultura indígena da Amazônia: lendas e histórias**. Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos Da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - São Paulo, 2003.

COLLET, Célia. **Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas** / Célia Collet, Mariana Paladino, Kelly Russo. – Rio de Janeiro : Contra Capa Livraria; Laced, 2014.

CRISTINA, A. et al. **Literatura indígena: Práticas leitoras para a sala de aula**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: http://www2.ufac.br/editora/livros/Literaturaindigena_vrpublicar.pdf. Acesso em: 13 jul. 2024.

FARIA, D. et al. **A abordagem acerca da cultura indígena no ensino fundamental no município de Araguari/MG**. *Revista Master*, v. 6, n. 11, p. 88–98, 30 ago. 2021.

FLORES, C. G. DE C.; GOMES, L. B.; CASAGRANDE, C. A. **Abordagens das culturas indígenas na Educação Básica brasileira: reflexões para um ensino intercultural**. *Praxis Educativa*, v. 17, p. 1–19, 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GERSEM, dos Santos Luciano. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e

Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf.

DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS: RESPEITANDO A DIVERSIDADE E GARANTINDO O DIREITO DE APRENDIZAGEM PARA TODOS¹

Josiéli Aparecida da Silveira Nascimento²

Lauren Slongo Braida

Introdução

As reflexões compartilhadas neste artigo se seguiram a partir das vivências da prática de docência compartilhada, realizada em uma escola de Ensino Fundamental localizada na área rural do município de Entre-Ijuís, juntamente com a experiência profissional atuando em turmas do ciclo de alfabetização, onde foram percebidas situações que causam inquietações e me fizeram buscar novos conhecimentos junto ao curso de Pedagogia.

As circunstâncias são que na atualidade da educação brasileira, temos vivenciado a dura realidade de identificar que muitas crianças têm chegado aos Anos Finais do Ensino Fundamental ou até concluído a escolarização sem estarem plenamente alfabetizadas. Os problemas em relação à alfabetização no Brasil têm sido amplamente discutidos por diferentes segmentos da sociedade e por pesquisadores de várias áreas. Alguns consensos já começam a ser delineados. Por exemplo, já se concebe, hoje, que um indivíduo alfabetizado não é aquele que domina apenas os rudimentos da leitura/escrita, ou seja, que é capaz de ler/escrever palavras. Espera-se que a pessoa alfabetizada seja capaz de ler e escrever em diferentes

1 Artigo reflexivo desenvolvido a partir da prática de estágio vivenciada na disciplina de Currículo e Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental - Curso de Pedagogia PARFOR da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI - sob orientação da professora Ms. Márcia Rejane Scherer.

2 Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- URI. Pós-graduada em Educação Infantil e Alfabetização pela Universidade Tuiuti do Paraná-UTP. Acadêmica do Curso de Pedagogia/ PARFOR pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. Professora da Educação Básica na Rede Municipal de Santo Ângelo e Entre-Ijuís. E-mail: josieli.nascimento@sou.unijui.edu.br

situações sociais, para que possa, então, inserir-se e participar ativamente de um mundo letrado, frente às demandas sociais e aos avanços da tecnologia, que exigem sujeitos cada vez mais proficientes nas práticas de linguagem diversas.

Há muito tempo presenciamos ações voltadas para consolidar a alfabetização nos três primeiros anos do Ensino Fundamental, onde se priorizam formações com professores alfabetizadores e legislações que garantem a progressão dos alunos deste período sem o prejuízo da retenção. Mesmo com tantos esforços, sabemos que o processo de alfabetização é muito complexo e este não é vivenciado da mesma forma por todas as crianças, além do quê, fatores externos também podem interferir nos conhecimentos a serem consolidados. Aí nos perguntamos: o que se tem feito pelas crianças que não conseguiram consolidar a leitura e a escrita dentro do período recomendado? Como se está garantindo a estas crianças os direitos de aprendizagem?

Metodologia

A experiência do estágio trouxe em evidência situações que professores vivenciam constantemente em sua docência, que é a diversidade nos níveis de aprendizagem entre os alunos, disparidade que se evidencia ainda mais nas turmas mais avançadas do Ensino Fundamental.

Como afirma Morais (2012, p. 22) o fracasso da escola, na alfabetização, tem atingido quase exclusivamente às crianças pobres, oriundas de famílias de meio popular. Na classe média e na burguesia, excetuando os casos de crianças com algum tipo de deficiência que demandam mais tempo para aprender a ler e a escrever, é muito raro encontrarmos crianças que concluam o primeiro ano escolar sem terem compreendido as relações entre letra e som e construído a escrita alfabética. Isso ocorre porque as escolas privadas responsabilizam as famílias de classe média por buscar outros apoios (professores de reforço pedagógico, psicopedagogos, fonoaudiólogos) que atendam às necessidades de seus filhos quando estes não acompanham o ensino padronizado que é oferecido. Apoio este, que nem sempre é oferecido pelos órgãos públicos àquelas famílias que não possuem condições financeiras para tal e quando o é, muitas vezes o número de profissionais disponíveis na rede pública é insuficiente para o atendimento da demanda. Não se pratica um ensino ajustado às necessidades de cada educando e cabe à família, em última

instância, garantir que seu filho alfabetizando não seja reprovado ao final do ano.

Se o fracasso da alfabetização tem sido um mal que atinge quase somente as crianças pobres, consideramos que um grande problema tem sido a aceitação desse estado de fracasso em nossa sociedade como se fosse natural, pensamento este muitas vezes amparado pela má interpretação da legislação.

A Resolução nº 07, de 14 de dezembro de 2010, do Conselho Nacional de Educação, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos, deixa evidente no artigo 30, que os três anos iniciais devem assegurar a alfabetização e o letramento e a “continuidade da aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro”.

Diante desta proposição, Luciana Piccoli (2012, p. 42) afirma que “a continuidade dos estudos, no sentido de evitar a retenção e a evasão, pressupõe o compromisso com o ensino e a aprendizagem. Se a reprovação é condenada pelos danos que pode causar às crianças, outros tantos prejuízos podem ser provocados pela aprovação sem aprendizagem”. A pesquisadora chama atenção para o fato de que tanto a reprovação quanto a progressão sem a aquisição dos conhecimentos básicos de cada ano são prejudiciais e destroem a autoestima das crianças, provocando a exclusão interna do estudante que progride na etapa de escolaridade sem de fato efetuar o aprendizado, além de retardar o seu acesso a diferentes práticas culturais em que a leitura e a escrita fazem-se presentes. A responsabilidade por estas crianças é de todos que compõem a escola e a rede de ensino da qual elas fazem parte.

O risco que se corre ao não se relacionar a progressão continuada com o compromisso em relação ao ensino e à aprendizagem, é de se perder o foco quanto aos objetivos pedagógicos a serem atingidos ao longo de cada um dos anos, deixando-se de lado a definição de critérios de avaliação. Ao mesmo tempo, há que se pensar em formas de acompanhamento dos alunos que não atingirem os objetivos estabelecidos para cada ano, pois evitar retenções ao longo do ciclo de alfabetização, mas reprovar grande quantidade de alunos ao final do 3º ano é apenas postergar o problema.

É importante destacar ainda que, quando se defende a progressão continuada nos três primeiros anos, é para que neste processo estejam

garantidos os direitos de aprendizagem (conhecimentos, capacidades e habilidades) às crianças nessa fase escolar e não uma mera “passagem” para o ano subsequente. Isso somente é possível por meio de instrumentos claros de avaliação diagnóstica, para que os professores possam desenvolver propostas pedagógicas e intervenções didáticas potentes, a fim de que todas as crianças avancem e, igualmente, que o sistema de ensino garanta a recuperação dos conteúdos e conceitos não construídos paralelo ao ano letivo, para que cada aluno possa continuar seu processo de aprendizagem com segurança.

Resultados e discussão

O que observou-se com a realização da prática de docência compartilhada, experienciada em uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental, concluintes do ciclo de alfabetização foi uma grande diferença entre os níveis de desenvolvimento da aprendizagem entre os alunos, incluindo crianças que ainda não alcançaram o nível alfabético de escrita.

Sabemos que inúmeros devem ser os esforços para que as crianças consolidem o processo de alfabetização dentro dos primeiros anos do Ensino Fundamental, mas devemos estar preparados para atender e garantir os direitos de aprendizagem também àquelas que não conseguiram atingir os objetivos esperados para este período, com propostas inclusivas e que respeitem a diversidade dos educandos em seus tempos de aprendizagem.

Ao atuar como professores alfabetizadores, devemos ser extremamente exigentes com o ensino que estamos promovendo, estabelecendo metas para cada ano. A indefinição sobre como ensinar e o que ensinar, denota a ausência de clareza sobre o que se busca na alfabetização, bem como o pouco conhecimento sobre metodologias relacionadas à mesma. Como já demonstrado em pesquisas, a falta de compreensão sobre o processo de construção do conhecimento e de metas, cria uma estagnação ou falta de progressão no ensino e no aprendizado praticados nos ciclos de alfabetização.

Diagnosticar sempre é o primeiro passo para vivenciar a coerência entre o que ensinamos e o que tratamos como objeto de avaliação. Considerando isso, percebemos que não podemos, nesta etapa inicial de alfabetização, “ir passando”, sem que estejamos monitorando o que cada aluno está alcançando, em termos de progressos, e identificando com mais

precisão onde vamos intervir, para que o mesmo construa os conhecimentos ainda não consolidados.

A avaliação, numa perspectiva formativa, tal como se defende hoje, só faz sentido se lutarmos por buscar esta coerência, pois ela se constitui em um fazer contínuo que ajuda os professores a monitorar o progresso dos alunos e identificar quaisquer desafios que eles estejam enfrentando à medida que aprendem, não permitindo assim, que esta progressão automática, que ocorre nos primeiros anos, se caracterize por falta de ações efetivas de estudos de recuperação para alunos de baixo rendimento. Entretanto, o que se percebe muitas vezes, é que o objetivo é apenas de racionalizar o fluxo de alunos e reduzir as taxas de reprovação, pois infelizmente, na maioria das redes de ensino, os ideais de inclusão e respeito à diversidade continuam mero discurso, que não se faz acompanhar de medidas concretas de atendimento aos aprendizes.

Definir prioridades é, sem dúvida, uma ação que ajuda a estabelecer estratégias e concentrar esforços para resolver problemas. Garantir que todas as crianças que frequentam a escola se alfabetizem nos três primeiros anos do Ensino Fundamental precisa ser, no contexto atual, uma prioridade da escola brasileira, incluindo, neste compromisso, o atendimento daqueles que não conseguiram consolidar suas aprendizagens dentro do período programado.

Este engajamento deve ser de todos os envolvidos com a educação, pois parece-nos também muito injusto atribuir aos professores alfabetizadores toda a responsabilidade de, solitariamente, operarem o milagre de dar conta da heterogeneidade de seus grupos quando não recebem apoio de outros profissionais que atendam a especificidades que fogem ao alcance do trabalho docente. Muitos professores ainda, sequer têm na jornada de trabalho, tempo para planejar e reavaliar sua prática pedagógica, dando conta ainda de atenderem classes multisseriadas.

No entanto, para que tal opção seja mantida nos demais períodos de escolarização, é preciso assegurar a existência de projetos de atendimento às crianças que não tenham alcançado as aprendizagens esperadas, sob pena de deixarmos que progridam na escolarização sem consolidá-las. Se faz necessário pensar em estratégias que atentem para a urgência de promover um ensino que atenda às diferentes necessidades e que preze pela aprendizagem de todos, pois o que vemos, através de visitas nas escolas, é que ainda em alguns locais são quase inexistentes as situações em que os alunos realizam atividades ajustadas aos seus níveis de conhecimento.

Como estabelece Morais (2012, p. 175) é prioritário pensarmos em como encontrar formas de praticar o almejado ensino ajustado à diversidade de necessidades dos educandos. Segundo o autor, pensando no ensino do Sistema de Escrita Alfabética, pode-se considerar três modalidades de atendimento que parecem adequadas, as quais apresentaremos a seguir:

Em primeiro lugar, se faz urgente encontrar os meios para atender os alunos com mais dificuldade em se alfabetizar fora do grupo/classe e em horários suplementares. Nessa empreitada devem estar inclinados gestores, coordenadores pedagógicos e professores auxiliares, com boa experiência como alfabetizadores.

Estas ações no horário ampliado, no caso das escolas de tempo integral, ou no contraturno nas demais escolas, para as crianças que tenham tido algum percalço no ano letivo – ou que tenham precisado faltar aulas, como os casos de doença, mudanças da família, dramas familiares mais graves ou mesmo dificuldades de aprendizagem – são geralmente bastante produtivas para que as crianças possam ter atendimento diferenciado, porém o trabalho pedagógico realizado, mesmo que por pouco tempo, precisa ser centrado nas individualidades de cada aluno, focando em ofertar desafios ajustados aos níveis de aprendizagem.

Em segundo lugar, Morais destaca que precisamos aprender a propor, num mesmo momento, atividades diferentes ou que podem ser resolvidas de modo distinto por alunos que se encontram em diferentes níveis. Pois o que ainda se observa junto a algumas salas do ciclo de alfabetização, é que apesar de dizerem que faziam “um trabalho diversificado”, os docentes tendiam a realizar atividades únicas com todos os alunos ou a “ocupar” os que mais necessitavam com atividades pouco desafiadoras (e, portanto, absolutamente inadequadas para quem mais precisava avançar).

A dificuldade de realizar um ensino simultâneo com atividades distintas não é característica apenas dos anos iniciais da escolarização, se estendendo a todas as etapas da Educação Básica, como se percebe no relato de muitos professores sobre as dificuldades que encontram no cotidiano de seus trabalhos, onde explicitam a complexidade das interações em sala de aula, sobretudo em relação à heterogeneidade de conhecimentos das crianças. Dizem que é difícil contemplar todas as necessidades e que, muitas vezes, precisam dar atenção aos que “precisam mais” e deixam os outros sem suporte, ou realizam atividades com toda a turma, que não possibilitam a participação das crianças que não detêm determinados conhecimentos.

Entretanto, para se iniciar um trabalho a fim de superar tais dificuldades, precisa-se considerar, na organização das práticas pedagógicas de alfabetização, os conhecimentos que os alunos possuem acerca da escrita a fim de se planejar atividades que efetivamente possam contribuir para que todos os alunos avancem. Vale ressaltar novamente a importância do diagnóstico avaliativo acerca das capacidades, potencialidades e sobre os direitos de aprendizagem conquistados gradativamente pela turma.

A diversificação de atividades deve ser feita por várias razões. Podemos destacar, nesta situação, duas delas: uma onde o aprendiz precisa refletir sobre os diversos conhecimentos que compõem o objeto de ensino, considerando o mesmo assunto sob diferentes aspectos e desenvolver estratégias de leitura e de escrita variadas. Desse modo, é preciso que sejam criadas diferentes oportunidades de aprendizagem. A outra é que em uma mesma turma, as crianças têm necessidades distintas e os diferentes saberes podem ser construídos por meio de atividades também diferentes. Assim, podemos defender a necessidade de variação de atividades, ainda que consideramos um mesmo objeto de ensino. É preciso pensar que algumas atividades específicas para atender às necessidades particulares das crianças podem favorecer muito a apropriação dos conhecimentos.

Para conduzir os estudantes de modo a promover situações que propiciem aprendizagens a todos por meio de diferentes tipos de atividades, o docente precisa conhecer bem o objeto de ensino, saber o que seus alunos sabem ou não sabem sobre esse objeto e quais atividades podem ajudar os estudantes a construir diferentes conhecimentos sobre ele, pois temos que ter sempre em mente que a heterogeneidade é um fenômeno intrínseco ao fenômeno educativo. Jamais teremos uma turma de alunos iguais, com as mesmas experiências anteriores, os mesmos interesses ou os mesmos conhecimentos.

Obviamente, em algumas turmas essa heterogeneidade é maior que em outras. Nesses casos, a atenção do professor às diferentes necessidades, no momento de planejamento, deve ser maior. O princípio é o de garantir os direitos de aprendizagem a todos. Não podemos conduzir as aulas como se as crianças que não detêm os conhecimentos desejados não estejam em sala, nem podemos esquecer das crianças que estão com conhecimentos mais avançados em relação ao que está sendo ensinado.

Em algumas situações de grande diversidade ou até mesmo em classes multisseriadas podemos observar que alguns professores tendem a estabelecer contratos didáticos com seus alunos, segundo os quais

promovem o envolvimento destes para que ocorram trocas entre si, onde crianças de diferentes etapas de desenvolvimento possam auxiliar uns aos outros ou até mesmo respeitando os momentos em que o professor necessita dar um atendimento individualizado ao colega.

Numa sala de alfabetização, é essencial o exercício da autonomia, que permite a convivência entre os alunos enquanto fazem atividades distintas e que trabalhem cooperativamente em duplas ou pequenos grupos, cuja composição não será aleatória, mas decidida pelo professor. A ideia de “agrupamentos produtivos”, tem se revelado um bom dispositivo, assim como, várias estratégias que viabilizam a participação das crianças, mostrando que é possível e desejável favorecer situações coletivas em que crianças com diferentes necessidades podem participar e aprender.

E em terceiro lugar, o autor defende que dispomos ainda da alternativa de fazer “enturmações” ou reorganizações dos alunos de diferentes grupo-classe, ou seja, contemplar em um determinado horário ou dia da semana situações em que as crianças sejam agrupadas por necessidades curriculares específicas, como, por exemplo, agrupar as crianças que estejam com dificuldades para avançar na compreensão do sistema de escrita. Pode-se, ainda, pensar em atividades em que crianças de várias turmas sejam agrupadas para o desenvolvimento de projetos que estimulem a aprendizagem de conteúdos que elas não estejam conseguindo apreender nas situações de ensino de suas classes regulares. Neste tipo de situação, as equipes de trabalho para o desenvolvimento do projeto são formadas por crianças de turmas diferentes.

Fica evidente o princípio de homogeneização que está por trás do procedimento de dividir os grupos-classes e designá-los a professores distintos para a prática de atividades unificadas e feitas simultaneamente com todos os alunos alocados num determinado espaço. Mas, mais que criticar o fato de os docentes recorrerem a esse tipo de alternativa, percebe-se que ela é uma demonstração de que os professores se preocupam em pôr em prática o ideal de respeitar as diferenças observadas em seus alunos, apesar de, em muitas redes de ensino, receberem pouca ou nenhuma ajuda para cumprir tal missão. (MORAIS, 2012, p. 180)

Considerações finais

Nas diferentes realidades educacionais brasileiras, apesar das mais diversas problemáticas existentes, em especial as que envolvem

a aprendizagem da leitura e escrita, podemos, no entanto, presenciar diferentes práticas docentes com foco na heterogeneidade e verificar a existência de estratégias produtivas para trabalhar com as diferenças quanto às necessidades de aprendizagem, onde professores conseguem praticar, de fato, um ensino simultâneo diversificado, criando situações para que os alunos reflitam, questionem, criem hipóteses e as testem, com o objetivo de fazê-los avançar em seus conhecimentos sobre a escrita alfabética. Diante disso devemos buscar aprender com eles, examinando os saberes que parecem acionar para tal alternativa dar certo. Devido a isto, a importância de ocorrerem encontros de estudos ou formação de professores que proporcionem momentos de troca e relatos de suas experiências, com o intuito da disseminação destas boas práticas pedagógicas.

Ensinar de forma cuidadosa e explícita o sistema de escrita alfabética (SEA) se coloca, hoje, como uma medida urgente para reinventarmos as metodologias de alfabetização que utilizamos. Tal medida parece ter um papel essencial na redução dos índices de fracasso que contribuem de forma decisiva para a manutenção das desigualdades sociais em nosso território.

Aprender é uma ação humana criativa, individual, heterogênea e regulada pelo sujeito da aprendizagem, independentemente de sua condição intelectual ser mais ou ser menos privilegiada. São as diferentes ideias, opiniões, níveis de compreensão que enriquecem o processo escolar e que clareiam o entendimento dos alunos e professores – essa diversidade deriva das formas singulares de nos adaptarmos cognitivamente a um dado conteúdo e da possibilidade de nos expressarmos abertamente sobre ele. Já ensinar é um ato coletivo, no qual o professor disponibiliza a todos alunos sem exceção um mesmo conhecimento. (BATISTA e MANTOAN, 2006, p.13).

A escola, como instituição que legitima a prática pedagógica e a formação de seus educandos, precisa romper com a perspectiva homogeneizadora e adotar estratégias para assegurar os direitos de aprendizagem a todos. Contudo, tais estratégias dependem das especificidades de cada pessoa, da experiência, da criatividade e observação do professor com sensibilidade, acuidade e empatia, além de uma formação inicial e continuada que o encaminhe para isso.

Referências

BATISTA, Cristina Abranches Mota. MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Educação inclusiva:** atendimento educacional especializado para a

deficiência mental. [2. ed.]. – Brasília : MEC, SEESP, 2006. 68 p. : il.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - formação do professor alfabetizador**: caderno de apresentação / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília : MEC, SEB, 2012. 40 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - progressão escolar e avaliação**: o registro e a garantia de continuidade das aprendizagens no ciclo de alfabetização: ano 03, unidade 08 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília : MEC, SEB, 2012. 47 p

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - alfabetização para todos**: diferentes percursos, direitos iguais : ano 01, unidade 07 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília : MEC, SEB, 2012. 48 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Caderno de Educação Especial - a alfabetização de crianças com deficiência**: uma proposta inclusiva / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília : MEC, SEB, 2012. [48] p.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

PICCOLI, Luciana. CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização**: espaços, tempo e corporeidade. Erechim: Edelbra, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1ª edição, 6ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2023.

DOCÊNCIA COMPARTILHADA ESTÁGIO ANOS INICIAIS /PARFOR-UNIJUI¹

Clarice Teresa da Silva Tomaz²
Lauren Slongo Braida

Introdução

Existe uma distância entre o ideal e o real, quando cursei o magistério eu não tinha devaneios no olhar sobre a docência, de fato estava mais agarrada na necessidade de ter uma profissão, no que no amor por ela, hoje a prática docente mudou minha vida e transformou minha realidade, hoje sei que ele me faz acordar todo dia, acolher e ser acolhida, receber e dar amor por oito horas por dia. Sou uma professora experiente e por isso sei que nem um dia é igual ao outro. Inicialmente há uma romantização da profissão, num estilo conto de fadas, hoje sei que sim, há muito da magia, sorrisos, conquistas, amor. Porém, sejamos sinceros, há dias que mais nos parecemos com a animação

A Princesa e o Sapo. Sim! Há dias que achamos, e nada se entende! Se planeja uma coisa e acaba saindo outra, o que por fim em muitas situações supera-se o planejado. No meu processo de formação busco estar atualizada porque formação nunca é demais. Espera-se que a partir delas possamos solucionar todos os nossos problemas e dificuldades. De certo é fundamental, nos dá embasamento, porém a escola é uma amálgama, um organismo vivo e mutante que precisa de escuta ativa e olhar atento para poder contribuir no desenvolvimento docente de maneira integral, suprimindo as necessidades dos diferentes indivíduos que ali estão. Há dias que é também um rolo compressor levando tudo que encontra pela frente.

O curso de pedagogia veio ampliar meus conhecimentos, desconstruir algumas certezas, desacomodar e reconstruir novos saberes, aprendizagens. Me trouxe um parar, olhar e refletir sobre este local que chama escola, sobre este espaço que já fazia parte da minha vida que se chama sala de aula, principalmente sobre este ser que habita meus dias que se chama educando e sobre minha prática docente.

Quando pensei em atuar com o 5º ano do turno da tarde de EMEF Santa Rita, imaginei que tudo seria muito fácil, pois já tenho experiência com esta série. “É necessário sair da ilha para poder vê-la por completo”, pude então perceber que o 5º ano da tarde é diferente do meu 5º ano da manhã, cada aluno é um aluno, que da maneira como trabalhava com minha turma de manhã em muitos momentos não surtia o mesmo resultado com os alunos de estágio da tarde. “Grande ignorância a minha olhar para o educando como apenas uma série, cada aluno é uma personalidade, tem a sua própria história, seu tempo. A prática de estágio desconstruiu este modelo padrão que eu tinha, graças a faculdade de pedagogia pude superar e aprender.

Entender a incompletude do ser nos leva a aceitar os desafios, abrir os olhos sobre as belezas da infância ciente de que alunos do 5º ano também são crianças e necessitam do seu espaço de ser criança e me colocar no lugar de novo de estudante, pois estamos sempre aptos a aprender. Esta percepção foi fundamental para ter um olhar atento e uma escuta ativa de modo gratificante.

Procurei trazer o novo da africanidade, imbuída nos demais conteúdos, interagindo nas diferentes disciplinas. Minhas expectativas em relação ao Estágio com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental eram gigantescas, estágio qual a Pedagogia - PARFOR (Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), como segunda licenciatura, está me formando, mesmo já tendo experiência com esta etapa da educação básica, trabalhado com essas turmas, cada momento é diferente. E refletia sobre a minha atuação como estagiária, preocupada em ensinar conteúdos sem me perder do foco da leitura, ludicidade e pedagogia-griot. “Lúdico, como a própria etimologia sugere, vem de ludus e seus derivados engendram a ideia de exercício, do drama (como o teatro) e da ilusão. Outra vez entendo o papel da ludicidade na reflexão sobre os campos de experiência como um jeito de favorecer a criança ao exercício criador, a um espaço e tempo para formulações de teoria provisórias, como dizia Malaguzzi (2001) (apud FOCHI, 2015)”.

Durante o curso me encantei ainda mais com a docência, com a pedagogia, pois ambas têm muito a nos ensinar, durante a prática estágio pude perceber que auxiliar na construção de uma educação antirracista é possível a relação entre teoria discutida ao longo do curso e a prática em sala de aula me trouxe um caminho, me deu segurança.

Não precisamos de uma data pontual para falar sobre diversidade, inclusão, racismo. Todas as disciplinas abrem possibilidades para desenvolver um ótimo trabalho e com planejamento adequado a interdisciplinaridade é um aspecto facilitador que propicia o diálogo entre professores. Meu projeto de prática de estágio foi o trabalho com a alegria de meus alunos, que esperavam ansiosos por meu retorno. O contato com a professora titular na docência compartilhada contribui para me sentir mais segura, pois o conhecimento da turma dela contribuiu para um bom andamento das aulas.

Trabalhei uma metodologia mista onde o aluno participa ativamente, com foco na africanidade e na prática Griot. A prática docente com o 5º ano da tarde possibilitou muitas interações, desde o lúdico, até o registro formal, os diferentes espaços utilizados possibilitou a troca de saberes entre os alunos, a roda de conversa além de trazer o conceito de Ubuntu, também fez com que houvesse o olho no olho, uma humanização.

Os conteúdos vieram através das leituras, dos momentos no Quilombo da Leitura, na interação com a musicalidade e o instrumento pandeiro, na sala e na quadra podemos trabalhar corporeidade, musicalidade, ludicidade, através da capoeira. Aprendizagens compartilhadas mutuamente, possibilitando um novo olhar sobre a cultura afro, a proposição de objetivos articulados com o tema e com os processos metodológicos; Aquisição do hábito de leitura; Valorização da Cultura africana e afro-brasileira. Reconhecimento da importância dos negros e de sua participação no desenvolvimento no Brasil em todos os seus aspectos. Valorização da diversidade. Construção de práticas de empatia e respeito.

Resultados e discussão

É de consenso de professores e da sociedade que ler é uma ato fundamental para o desenvolvimento da sociedade, através de conversa na escola com a professora titular e a coordenadora salientou-se a necessidade da escola em propiciar aos educandos o fomento à leitura como instrumento potencializador da aprendizagem de modo globalizado inserido nas diferentes áreas do conhecimento. É fato de que o hábito de ler é fundamental no desenvolvimento do ser humano, da sociedade, sendo um divisor de águas na vida escolar dos educandos de todas as idades. Auxiliar na construção do hábito de leitura é garantir uma estrutura humana social

mais crítica, mais analítica, mais criativa, com múltiplos saberes. A BNCC trás em destaque a diversidade cultural, a valorização de todas as culturas.

Observar o cotidiano da escola é construir um livro de experiências, vivências positivas ou negativas, cada um de nós traz suas histórias na alma, muitas destas histórias guardamos no coração, porém outras são tão tristes, feias e cruéis que procuramos apagar, as guardamos numa caixinha do inconsciente para não doer mais. O racismo dói, o preconceito dói, a exclusão dói. Como disse Nelson Mandela: "Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar."

A escola é este lugar onde devemos mudar estas histórias, onde as memórias afetivas de todos estejam livres de preconceito, livres do racismo recreativo, um lugar onde a criança aprende valores importantes, nesta fase de formação do caráter é imprescindível que temas como estes sejam trazidos em pauta dentro da escola. Meu estágio foi pautado nesta tentativa de trazer a valorização da diversidade, o comprometimento de educando em relação a ser antirracista o reconhecimento da nossa brasilidade como um povo misto, missigenado, que tem muito à avançar.

Desconstruir todo esteriótipo negativo que séculos de escravização e de demonização de tudo que vem da cultura dos negros é bastante complexo, é necessário formação docente continuada e uma gestão responsável e forte para comprar esta briga. Não são raros situações de oposição a temática por parte de pais e até de professores com a justificativa que vão ensinar bruxaria, macumba, que os orixas são demonios, que música de negro é musica de malandro entre muitos outros adjetivos pejorativos empregados a conteúdos referentes a africanidade.

Em muitos momentos de minha prática de estágio, as questões apareciam, os questionamentos brotavam e a roda de conversa fluía. Quem foi Zumbi? Como eram os quilombos? O que é capoeira? Que tipos de capoeira existem? Existe preconceito? Vocês já viram ou já praticaram racismo recreativo? O que é macumba? É do mal? Tão produtivas indagações que nos perdíamos no debate, íamos pesquisar na internet, buscava-mos nos livros dispostos para eles.

Às vezes me questionava, devo manter o planejamento como está, realizando atividades mais de rotina ou me detenho a suprir a curiosidade, explorar ao máximo as situações de leitura que eram geradoras das indagações. Pérolas que podiam ser exploradas, explicadas, demonstradas

com vídeos. Eu penso que nem sempre estas crianças terão a oportunidade de estar com uma professora apaixonada pela temática e que possui conhecimento específico para ampliar estes conhecimentos, então nem tudo que planejei como atividades de fixação foram realizadas.

Realizar a prática de estágio com o 5º ano foi muito satisfatório. Os alunos eram participativos, curiosos e interagiam com o conteúdo trabalhado positivamente. Na medida em que as bibliografias interagiam com hábitos, costumes e vocabulário cotidiano surgiam muitas indagações. No que se refere ao vocabulário, palavras de origem africanas, na religiosidade de matriz africana percebeu-se que alguns tinham bastante receio, associando a aspectos negativos. Muitos traziam de casa falas e estereótipos. Quando praticamos o jogo da capoeira eles ficaram muito empolgados, adoravam tocar pandeiro e cantar as canções e saber sobre a história da capoeira.

Pra mim este foi um aspecto de grande relevância na minha trajetória de prática docente de estágio, produzir um repertório através do lúdico que venha auxiliar na descolonização de saberes, fortalecendo a percepção de outros personagens que não seja somente a partir de abordagens eurocêntricas foi extremamente realizador, reafirma que podemos sim explorar diferentes conteúdos com personagens, atividades, brincadeiras, com suportes que agreguem outros saberes de etnias não européias, por mais que a base da nossa escola seja construída através destes paradigmas eurocêntricos, trazer a africanidade, os povos indígenas, suas potências nos diversos saberes já se passou do tempo, é necessário urgência nesta inclusão.

A prática de estágio realizado com o 5º ano teve como ponto central aguçar o gosto pela leitura através de bibliografias diversificadas e espaço temático. A importância do hábito de leitura partindo de um olhar sobre a diversidade, identidade cultural e a pedagogia Griot são ferramentas potentes no auxílio de novos saberes para o educando. A dia a dia da sala de aula nunca foi o mesmo, iniciando sempre com uma dinâmica nova no quilombo da leitura, usando diferentes maneiras de registrar a leitura, às vezes oralmente na roda de leitura, às vezes através de ilustrações, outras através da reescrita, assim seguimos, sem dissociar o que líamos as realidades, vivências trazidas pelos alunos, relatos de família, seguíamos reescrevendo as histórias, recriando as nossas.

Conceição Evaristo no seu livro *Becos da Memória* diz: “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, mas sim para incomodá-los em seus sonhos injustos.” – Entendo a escola e a prática docente como a ferramenta que pode romper esta falsa democracia

racial. Durante as aulas foi incentivado os alunos a escreverem as próprias histórias, relatar suas experiências e ampliar seus conhecimentos através das brincadeiras, das canções, da capoeira, do pandeiro, tudo levava a africanidade e o riso era grande e feliz.

Conclusão

Por fim digo que a docência nos anos iniciais foi uma experiência renovadora, onde aprendi muito com meus alunos e com a professora titular, a qual acolheu minha proposta de trabalho e permitiu aos meus alunos de estágio vivenciar esta prática ubuntu. Os resultados foram muito satisfatórios.

Com formação, conhecimento e boa vontade é possível trabalhar temas sensíveis da diversidade de maneira interdisciplinar, não é necessário deixar nenhuma disciplina de lado, há sim possibilidades. Minha vivência de estágio pode garantir que os alunos são receptivos e felizes com tais práticas. Agradeço a todos que de diferentes maneiras contribuíram para a realização do meu estágio. Termino com uma frase muito importante para mim, Nelson Mandela disse: “Educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.

Referências

- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 3 nov. 2021.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação/CP. Resolução n.º 1, de 17 de junho de 2004. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Seção 1, p. 11. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de educação. Resolução n.º 4, de 18 de dezembro de 2018. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Seção 1, p. 120. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55640296. Acesso em: 10, setembro 2023.
- BRASIL. Lei.10639, 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino

a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Seção 1-10/01/2003, p.1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-norma-pl.html>. Acesso em: 10,setembro.2023.

BRASIL.Lei.11.645 de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Seção 1-11/3/2008, Página 1 Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.htm> l. Acesso em :10, setembro. 2023.

CARVALHO, R. S.; FOCHI, P. S. O muro serve para separar os grandes dos pequenos: narrativas para pensar uma pedagogia do cotidiano na educação infantil. *Textura*, Canoas, v. 18, n. 36, p. 153-170, jan./abr. 2016.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013

FOCHI, P. S. Planejar para tornar visível a intenção educativa. *Revista Pátio*.

RECURSOS PEDAGÓGICOS BRINCANTES: UMA PRÁTICA DE ESTÁGIO CONTEXTUALIZADA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL 1

Werbes Wesner Bevilaqua, Crisciane
Lauren Slongo Braidá

Introdução

Este relatório de estágio traz reflexões acerca da formação integral da criança, bem como a sua infância nos aspectos históricos, sociais e culturais do passado até os dias atuais. Traz consigo, a importância e a diversidade das brincadeiras em meio ao currículo escolar, as potentes possibilidades dos recursos pedagógicos brincantes, utilizados nos planos diários de aula, uma prática que traz o interesse das crianças, diversão, alegria, bem estar e sobretudo, muitas aprendizagens.

No decorrer do referencial teórico, aponta-se os direitos assegurados a cada criança brasileira, trazidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que reconhece como crianças pessoas até os 12 anos incompletos (Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990) e garante a elas o direito de proteção à saúde e à vida, reconhecendo-as em suas potencialidades e especificidades, ou seja, até o 5º ano do Ensino Fundamental, o sujeito é reconhecido como criança e está inserido no ambiente escolar, com direitos e deveres trazidos pelo ECA e ainda, as transformações de ensino que vieram com a BNCC.

A prática, com oito aulas de observações antes da construção do projeto de ensino, foi pensada através da falta sentida pela estagiária de momentos mais descontraídos, fora das classes e cadeiras e sem necessariamente, folhas para completar dentro da sala de aula. Visto como uma ampliação dos conhecimentos obtidos no primeiro estágio, sendo que mesmo após o ingresso nos anos iniciais, os alunos continuam sendo chamados de criança, principalmente porque existe uma lei que afirma isso, mas, contudo, porque a maturidade não está formada completamente, eles

gostam de brincar, eles brincam a cada momento, às vezes, até mesmo sem perceber, brincar é um direito e deve ser cumprido também como dever.

Metodologia

A aplicação se deu mediante a intervenções nas áreas de português e matemática, nos conteúdos de contos, sinais de pontuação e frações, respectivamente. Com observações da rotina diária, bem como de documentos norteadores da escola e da constituição educacional brasileira, levando em conta, aspectos específicos de algumas crianças da turma, como por exemplo, a dificuldade de interpretação da atividade em papel e as dificuldades de manter a atenção e a aprendizagem da totalidade da turma numa determinada vivência.

Os recursos utilizados para a prática, foram variados, mas todos envolviam atividades em movimento, brincantes, divertidas e diferentes do que eles já tinham realizado. “O comportamento de brincar é uma maneira útil de a criança adquirir habilidades desenvolvimentais-sociais, intelectuais, criativas e físicas” (MOYLLES, 2006). Talvez tenha sido pelos recursos escolhidos, a plena satisfação obtida no meu estágio, mas é devido afirmar, que a rotina deles era muito cansativa, pois completar papel em cima de papel, deve ser considerado método antigo e esse formato tradicional não cabe mais para as crianças que temos hoje, elas estão vivendo no século XXI, ano de 2024, muito mais evoluídas que nós éramos quando crianças e assim, precisamos de algo também inovador para continuar dando suporte em que elas necessitam.

“Vale ressaltar que a brincadeira, como instrumento de aprendizagem, é um tema de extremo interesse dos profissionais da educação, que veem como um recurso ativo pedagógico fundamental para o desenvolvimento do aluno” (OLIVEIRA, 1997 p. 16). Dentro das cinco aulas práticas, proporcionei o uso da ferramenta com frações nopoly pad, frações com barras de chocolate, frações com o jogo da pizza, frações com dobraduras em papel colorido, história com dobradura, três gêneros textuais em uma tarde (conto, fábula e charge), criação de conto com balão do “era uma vez...” criação de charge com o uso de palavras e sinais de pontuação obrigatórias, criação de paródia com sinais de pontuação, jogo do tapete com perguntas e respostas do conteúdo estudado e tudo isso, com a mediação de uma gincana do conhecimento para ter como avaliação, a aprendizagem de cada criança.

Essas vivências brincantes, levando uma energia boa para dentro e fora da sala de aula, já que os alunos puderam partilhar de outros espaços da escola, para planejamento e produção de atividades ou como forma de uso de múltiplos ambientes da escola, saindo um pouco da sala referência. Todas as atividades foram pautadas no manuseio e apropriação do conhecimento para só depois, execução da tarefa avaliativa. Em meio às brincadeiras, eu introduzia a atividade e o objetivo final acontecia naturalmente. Foram dias intensos, que necessitariam de mais tempo hábil para aprofundar ainda mais os conteúdos, todavia, sinto que as ferramentas e recursos utilizados foram adequados para a turma do 4º ano, bem como resgataram o incentivo e a criatividade da professora regente, em busca de alternativas mais lúdicas, assim como existia nos seus planos de aula nos anos anteriores.

Resultados e discussão

Diante de toda a proposta de ensino, pensada e executada até mesmo, melhor do que esperada, posso afirmar que os resultados, foram os melhores. Consegui levar conhecimento relacionado com a brincadeira, um dos aspectos principais da minha primeira graduação, Educação Física. Me sinto satisfeita também, porque eles demonstraram a aprendizagem principalmente na atividade do jogo do tapete, um dos pontos altos do estágio e que proporcionou a eles e a mim uma devolutiva do estudo.

Neste último dia, os alunos se divertiram aprendendo, riram no coletivo, foram unidos para arrecadar pontos para a equipe e assim, acabaram conquistando elogios até mesmo da professora regente, que acompanhou todos os momentos de cada aula, observando e auxiliando quando necessário. Me sinto muito grata pela acolhida da profe Andreia, pelo compartilhamento de espaço, de conhecimento, pelo empréstimo mútuo dos ouvidos, pelas palavras escritas no papel e ditas pessoalmente.

Acredito que quando se deixam marcas nos alunos e na professora da turma, é porque o trabalho foi realizado com êxito. Quanto a temática usada nas minhas aulas, acredito que a professora irá resgatar algumas atividades brincantes propostas, pois em muitas, ela demonstrou vasto interesse. Acredito também, que ela tem muito potencial para mostrar ainda como professora, com anos de experiência o brilho no olhar dela e a dedicação, é de uma professora recém formada.

Contudo, as autoavaliações realizadas com os alunos e professora regente, trazem a experiência que eles tiveram nesses dias, pontos positivos, pontos negativos, e além de tudo, carinho e afeto, exatamente como deixei para eles, que na verdade, como pessoa e professora, é um dos meus pontos mais fortes, o carinho e atenção com cada criança que passa pelas minhas mãos. Estas cartinhas, junto com todas as fotos e vídeos registrados, ficarão guardados não só no meu relatório, mas no meu coração, cheio de gratidão.

Considerações finais

Sobretudo o que foi exposto, gostaria de mencionar ainda a formação integral que tive neste curso exemplar atribuído pela UNIJUÍ, através da PARFOR, sem o incentivo inicial das professores, não teria chegado na reta final e concluído o curso, afinal, nova graduação para professores em sala de aula, é um grande desafio, por muitos motivos. Tenho certeza que o cansaço e a vontade de desistir bateu na porta também dos meus colegas, pois muitos deles, se perderam pelo caminho, porém, os que ficaram, assim como eu, deram o seu melhor.

Quando chegamos até aqui, devemos agradecer a saúde que nos manteve fortes, agradecer aos professores que flexibilizaram algumas demandas de estudo, bem como agradecer imensamente o carinho que recebi na escola, com as crianças e professora regente, através do estágio compartilhado, todos esses momentos ficarão gravados não só na memória, mas na minha história profissional.

Referências

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA _ Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990.

MOYLES, J. R. A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese, Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVEIRA, G. D. C. Psicomotricidade. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 27.

ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM LÚDICA: APRIMORANDO PROFICIÊNCIAS

Claudia Magali Radin de Lima Chassott
Lauren Slongo Braida

Introdução

Este resumo expandido é o relato e análise crítica reflexiva da prática de meu estágio com Docência Compartilhada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, como acadêmica da 2ª turma do Curso de Pedagogia pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica- PARFOR, junto a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul -UNIJUÍ. O presente resumo expandido apresenta uma análise crítica e reflexiva de minha prática como docente junto a turma do 4º ano B, dos Anos Iniciais da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Nelci Tobias Oedmann de Ajuricaba-RS.

Esta que teve seu início com o planejamento pautado em fundamentação teórica acerca da infância, dos espaços escolares, das ambiências, da afetividade, das brincadeiras e das interações, nos documentos orientadores da Educação Básica- Base Nacional Comum Curricular e no Documento Orientador do Território Municipal de Ajuricaba-RS, com consultas aos Projeto Pedagógico da EMEF Prof.^a. Nelci Tobias Oedmann, assim como ao Plano de Trabalho do professor regente assim como em toda bagagem de conhecimentos obtidas junto aos bancos acadêmicos do Curso de Pedagogia. Partindo do pressuposto de analisar não somente a prática do estágio, o desenvolvimento das aprendizagens e proficiências na literatura e na matemática, mas os vínculos proporcionados aprofundados entre as crianças, entre os professores e entre crianças e professores.

Analisar se foi possível desenvolver na prática tudo que foi idealizado e principalmente como se deu a recepção por parte dos alunos, se desenvolveu-se os ambientes convidativos ao desenvolvimento da leitura, de práticas com materiais concretos, e as interações, a exploração dos espaços escolares e seu entorno, o estímulo, gerando a criatividade a autonomia, a socialização, a resolução de problemas e contextualizações,

a aplicabilidade do que estuda em sala de aula na vida diária de cada um, a pluralidade de opiniões, de vivências e sua socialização, efetivando a proficiência de cada um nas diferentes áreas do conhecimento.

Metodologia

O presente Estágio com Docência Compartilhada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, teve por título Espaços de Aprendizagem Lúdica: Aprimorando Proficiências e com a temática O brincar, a ludicidade e os espaços escolares nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a prática do estágio foi pautado na buscar por desenvolver uma prática inovadora. Como metodologias a prática de docência compartilhada vem ser colaborativa, vem contribuir, acrescentar, dar suporte e segurança a iniciação do acadêmico a experimentação funcional de sua futura profissão.

A escola tem como diretora a professora Silvia Regina Cavalheiro Zangirolami, como Coordenadora Pedagógica a professora Graciele Kocourek Huber. A turma do 4º Ano B- Turno Da tarde é composta por 17 alunos entre 9 e 10 anos, tendo como professor regente de ensino globalizado, História e Geografia o professor Adroaldo José Dallabrida, de Educação Física o professor Gerson Pacheco, Língua Inglesa a professora Lindones Bandeira e robótica professora Andreia Bojarski.

A prática do Estágio com Docência Compartilhada, foi realizado partindo da metodologia da prática de diálogo e consulta a Professora Orientadora da Disciplina de Estágio: Currículo e Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, professora Me. Lauren Slongo Braidia, a direção e coordenação pedagógica da EMEF Prof.^a. Nelci Tobias Oedmann e aos professores da turma e especial o Professor de Ensino Globalizado e Supervisor interno do Estágio professor Adroaldo José Dallabrida. Tendo por principal objetivo conhecer a realidade o dia a dia escolar e a dinâmica da sala de aula dos anos iniciais, desenvolver e aplicar na prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do Curso de Pedagogia, desenvolver práticas e experiências enriquecedoras com foco em intervenções e vivências com o objetivo de colaborar com a prática e estratégias já desenvolvidas pelo professor regente, através das quais se visa o pleno desenvolvimento da proficiência na leitura, na escrita e na resolução de problemas, com foco na ludicidade e interações, fundamentais nas práticas pedagógicas dos anos iniciais.

Ao longo das 20h de estágio, foram utilizadas diferentes estratégias, com o fim de convidar os alunos a experienciar, vivenciar algo significativo, convidativo, e potencializador de suas aprendizagens. Através da utilização de recursos lúdicos, concretos, explorando diferentes espaços e materiais escolares, promovendo um ambiente acolhedor, propício ao diálogo, com interações e a construção de saberes. Inicialmente o objetivo era poder explorar diferentes espaços da escola, mas durante a realização do estágio, a prática se deteve a sala de aula, a praça Notélio Mariotti e algumas ruas nas imediações da escola. Com intervenções pontuais em colaboração a prática do professor Adroaldo, utilizei do horário destinado a leitura para organizar um espaço diferenciado e acolhedor, com um tapete, flores, iluminação, disposição de diferentes leituras.

O intuito era o diálogo, a escuta, a aproximação com cada aluno, para assim poder conhecer e focar no desenvolvimento das aprendizagens de cada um. Tinha como objetivo, que todos se sentissem notados e entendessem aqueles espaços como seus espaços, de pertencimento. Que pudessem experimentar a ludicidade e a utilização de materiais concretos, imersão de cada um na literatura infantil, nas linguagens, na observação, nas práticas artísticas, nos sentidos, na corporeidade, pesquisa e interações.

Partindo da metodologia de disponibilizar espaços organizados previamente, acolhedores, ricos aos olhos, com iluminação, mobiliário adequado, disposição de materiais concreto, linguagem adequada, propício à experimentação e ao desenvolvimento de múltiplas habilidades, por meio do diálogo, da socialização dos saberes e opiniões, pautados nos documentos norteadores da educação básica.

Resultados e discussões

A realização do estágio com Docência Compartilhada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, efetivou-se tendo como ponto de partida a prática de minha apresentação como estagiária do Curso de Pedagogia PARFOR/UNIJUÍ a equipe diretiva da instituição a qual escolhi para desenvolver meu estágio, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.^a. Nelci Tobias Oedmann- Ajuricaba/RS. Inicialmente, realizei a apresentação toda a proposta e metodologia do estágio de Docência Compartilhada, como ocorreria seu desenvolvimento. Em um segundo momento, se apresenta como estagiária do Curso de Pedagogia ao professor regente

da turma, professor Adroaldo José Dallabrida, assim como apresentei a proposta de Docência Compartilhada e como ela transcorreria.

Fui muito bem recebida por todos na escola, sem distinção. Tive a oportunidade de reencontrar grande amigos e colegas com os quais já tive a oportunidade de trabalhar. Inclusive O professor Adroaldo, era o Secretário de Educação do Município de Ajuricaba, quando fui nomeada e entrei para o quadro de professores da rede municipal de Ajuricaba. Anos depois tive o prazer de ter o professor Adroaldo como colega junto a Coordenação Pedagógica do Colégio Estadual Comendador Soares de Barros em Ajuricaba, eu atuando como Supervisora Escolar e Adroaldo atuando como Orientador escolar. Então foi um prazer ter mais essa oportunidade de atuar ao seu lado, além de ter a certeza que seria acolhida e teria o respaldo necessário para desenvolver minha prática.

Na sequência início então a elaboração da fundamentação teórica com a definição da temática para minha prática. Eram muitos os desafios-uma área de atuação desconhecida, comum público desconhecido, pouco tempo de estágio 'para tantas ideias e o principal de todos a escola seguir apostilamento, tendo um ritmo diferente, do que eu estava tendo acesso em minhas leituras e fundamentação teórica, era necessário respeitar um cronograma e planejamento a ser seguido.

Mesmo a escola tendo essa metodologia, após diálogo com o professor Adroaldo,consegui junto com ele e a orientadora desenvolver intervenções pontuais que se somariam colaboraram com a prática do professor regente.Assim que apresentei a ele meu projeto, foi imediatamente aprovado por ele, por eu ter respeitado os tempos e espaços escolares de seus planejamentos. Acredito ser uma prerrogativa importante o respeito ao espaço e planejamento do professor regente, ponto de partida para um diálogo e ações colaborativas e acima de tudo a aprendizagem de cada aluno. Sempre importante e necessário olhar diferenciado como docente, com foco nas características da turma, nas necessidades dela, para dessa forma poder alinhar a minha temática e proporcionar vivências enriquecedoras, que viessem a fomentar e contribuir com o desenvolvimento das crianças envolvidas.

A prática do estágio em sala de aula se realizou entre os dias 11 de setembro a 18 de outubro de 2024, sendo de 11 a 17 de setembro as observações e de 14 a 18 de outubro a prática de docência compartilhada em sala de aula.Finalizei a prática de docência compartilhada com a certeza e a tranquilidade de ter atingido a maioria de meus objetivos. Apesar do

curto espaço de tempo, foi possível me aproximar dos alunos e desenvolver as intervenções conforme o planejado. Houve atividades de leitura, diálogo, socialização, interações, exploração de diferentes espaços escolares e pedagógicos, além da utilização de materiais concretos, auxiliando na assimilação de conceitos matemáticos.

Eis que sempre foi um desejo meu, ampliar minha formação, mas principalmente meu conhecimento na área da Pedagogia. Porém as oportunidades que surgiam sempre foram de graduações EAD, e esse nunca foi meu objetivo, acredito na formação presencial, no contato com alunos, proporcionar ambientes acolhedores, escutá-los, proporcionar que ele enxergasse a escola e seu entorno com outros olhos. Para mim, poder colaborar no desenvolvimento dessas crianças não tem preço. Todos dizem que quando se atua na Educação Infantil, a gente se apaixona e nunca mais sai. Acredito estar caminhando para uma construção de carreira mais sólida na Educação Infantil.

Considerações finais

Posso afirmar com toda certeza, que o estágio, tem sido um período muito feliz e enriquecedor de minha caminhada como profissional de educação. Nunca havia cogitado atuar nos Anos Iniciais, hoje vejo como uma possibilidade de grande potencial. Acredito ter desenvolvido um belo trabalho, ao passo que inicialmente os alunos ficam arredios com minha presença em sala no período de observação e no primeiro dia de aula se mostravam mais afastados de pouco diálogo, já na sexta-feira, faltava tempo para tantas colaborações e socialização das leituras.

A criança por si só é comunicação e reconhece quem os acolhe, quem os vê e quem apenas desejava acolher se torna o acolhido. Visto, que na sexta-feira, último dia de estágio, ao final da aula todos foram ao meu encontro e me abraçaram e pediam que eu retornasse na segunda-feira. Tem reconhecimento maior de um trabalho do que o carinho espontâneo de um aluno? Posso afirmar que pude ver na prática que a metodologia ativa de um professor aproxima e possibilita grandes aprendizagens em seus alunos.

Como profissional da Educação sempre tive isso muito presente em meu ofício e tenho a certeza de que com todos os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de pedagogia, edificaram ainda mais minha prática. Continuarei buscando formação continuada para que possa sempre

colaborar no desenvolvimento de uma educação de excelência, equitativa, igualitária de acesso a todos e em todos os ambientes educacionais, eis meu compromisso.

Referências

- AJURICABA, Documento Orientador do Território Municipal de. Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Turismo, Desporto e Lazer, Ajuricaba-RS, 2019.
- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família 2^a. ed. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro, Editora Guanabara S.A., 1981.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília: MEC/Consed/|Undime, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB 022/98. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: FNDE, 2007.
- BRITES, Luciana. Brincar é fundamental, São Paulo, Editora Gente, 2020.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília; Imprensa Oficial, 1988.
- FILIPPINI, Tiziana. Sobre a natureza da organização. In: ZERO, Project. Tornando visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo / Reggio Children; tradução Thaís Helena Bonini. São Paulo: Phorte, 2014.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática

educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE. Pedagogia da autonomia. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. RODRIGUES, Jussara H. (Tradução), Transgressão e mudança na educação: Os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER. Sônia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: FNDE, 2006.

PERRENOUD, Philippe. THURLER, Monica G. As Competências para ensinar no século XXI: A Formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

POSTMAN, Neil. O desaparecimento da Infância. Rio de Janeiro: Graphia, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos. (Org.) Infância (in)visível. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

DOCÊNCIA COMPARTILHADA NOS ANOS INICIAIS: O ESPAÇO DE TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS

Juliana Beatriz Da Ros
Lauren Slongo Braidá

Introdução

O presente trabalho configura-se como um resumo expandido, cujo objetivo é trazer análises e reflexões acerca dos processos observados durante o período da docência compartilhada em uma turma do primeiro Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Compreende-se aqui o termo “docência compartilhada” como uma experiência de docência planejada e viabilizada sob viés do compartilhamento de ideias, trocas mútuas estabelecidas entre a acadêmica e a professora titular, professora titular e a acadêmica, durante o período dedicado às observações da turma, aprovação do projeto de docência e a docência propriamente dita.

A docência foi estruturada partindo de um importante período prévio de pesquisa estudos sobre a mesma, onde foi definido que a base do projeto seria alicerçada tendo a metodologia participativa como suporte, bem como, o entendimento da importância da ludicidade estar presente na proposta ofertada compreendendo os alunos do primeiro ano, como crianças e assim sendo, como sujeitos históricos e de direito que percorreram um jornal na educação infantil que deve ser respeitada, reconhecida e incorporada às práticas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Partindo desse entendimento, elaborou-se um Referencial Teórico e posteriormente um Projeto de Docência Compartilhada, que orientou a proposição das interações e mediações estabelecidas durante o processo. O período de docência compartilhada foi desenvolvido durante cinco dias úteis de uma semana, perfazendo um total de 20h de trabalho, interações e mediações com as crianças da turma escolhida para a prática.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação buscando conhecer a BNCC e as mudanças ocorridas com a sua implementação, a legislação, os documentos orientadores e as concepções de criança, a metodologia participativa como forma de estruturação e embasamento teórico, orientando a elaboração das vivências propostas durante o período de docência compartilhada. As interações com a turma foram organizadas no formato de vivências de uma sequência didática, tendo a história de João e Maria como ponto de partida para o desenvolvimento das atividades propostas, englobando de forma lúdica e estruturada, as áreas do conhecimento de linguagens, matemática e humanas.

Durante as vivências propostas as crianças foram estimuladas a participar ativamente explorando possibilidades de interações, pesquisas, socializações, construções... possibilitando às crianças envolvidas no processo, o direito de interagir, brincar, socializar exercitando o direito da escolha, de protagonizar o movimento de conhecer, pesquisar, relacionar, aprender de forma espontânea, estimulando a potência que existe na criança e a potência que habita nos processos inerentes ao conhecer, explorar, brincar e aprender.

Uma metodologia participativa, cujo objetivo foi o envolvimento das crianças na construção do conhecimento em uma experiência contínua e interativa, movida pela curiosidade, interações, brincadeiras e socialização.

Resultados e discussões

A Educação Infantil em nosso país vem passando por mudanças importantes no que tange os aspectos referentes à concepções que orientam as práticas pedagógicas e os objetivos

em si da sua existência. Passados os períodos do assistencialismo, da concepção médica, da concepção da necessidade de compensação, vivenciamos um período de reorganização da Educação Infantil conforme preconizam os documentos orientadores da Educação Nacional Para essa etapa da Educação Básica.

As INTERAÇÕES e BRINCADEIRAS configuram os eixos centrais nas orientações para o planejamento e proposição de ações, atividades e propostas pedagógicas para se pensarem Educação Infantil, na prática pedagógica em si. A estruturação tendo esses eixos altera

significativamente a concepção de ensino e de criança que se tinha anteriormente. É através do brincar que a criança inicia os processos de exploração e significação do mundo que a rodeia. Com a maturação motora, gradativamente, vai ampliando as possibilidades de exploração, sendo estas, cada vez mais complexas permitindo o desenvolvimento da cognição, inteligência, criatividade e imaginação.

A sociabilidade, as convenções e os traços culturais também são trazidos no ato de brincar apresentando por vezes homogeneidade e por vezes, singularidades na forma como se relacionam com o brinquedo, com o brincar. Com a implementação da BNCC, alterações significativas também ocorreram nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que mudam significativamente as concepções de criança que anteriormente se tinha.

Segundo a BNCC, criança é: “ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social”. Criança é um ser potente, pleno e capaz em desenvolvimento que requer respeito e comprometimento daqueles que se propõem a trabalhar nas escolas com eles. Na transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental essa concepção precisa estar bem alicerçada junto às escolas e seus professores para que o trabalho siga respeitando as crianças como sujeitos históricos e de direito que segue tendo o direito ao brincar, explorar, pesquisar como forma de construção do conhecimento.

A compreensão de que o brincar é uma prática exclusiva da educação Infantil impera em muitas escolas e redes de ensino, que apesar da implementação da BNCC, seguem nos moldes de ensino tradicionais tendo a metodologia transmissiva como base.

Ao proceder dessa maneira, negam a criança, não mais nominada assim nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o direito de desenvolver-se de forma plena e potente. Entender que a concepção de criança embasa as ações pedagógicas, proporciona uma virada de chave. Para dar conta “dessa criança” “desse aluno” o professor precisa estar em constante busca por conhecimento e principalmente aberto para redimensionar a prática, abrindo mão da abordagem transmissiva, oportunizando uma abordagem pedagógica participativa. Nessa abordagem, a participação da criança/aluno é essencial.

O objetivo da pedagogia participativa, segundo FORMOSINHO (2019), é buscar o envolvimento da criança na construção do conhecimento

em uma experiência contínua e interativa. A imagem da criança é a de um ser ativo e competente, onde a motivação para a aprendizagem é sustentada pelo interesse intrínseco na tarefa e pela motivação intrínseca da criança. A criança ativa, a criança em atividade, motivada pela curiosidade, pelo movimento de aprender, de construir, elaborar e reelaborar compreendendo o funcionamento das coisas e compreendendo a dinâmica do mundo em que vive. A abordagem participativa demanda muita pesquisa e estudo para que as proposições não se percam na falta de intencionalidade pedagógica.

A intencionalidade pedagógica deve perpassar todo o movimento, desde o momento da escuta (que antecede a proposição, a elaboração do projeto), da preparação do ambiente para a acolhida ou vivência, seleção e organização dos materiais para os espaços, formas de mediação e interação com as crianças.

Considerações finais

O período de docência compartilhada foi de grande valia, pois tive a oportunidade de comprovar na prática o que a teoria havia trazido como base e suporte. Sim, as crianças/ alunos são potentes, são curiosas e pesquisadoras natas. Exploram, brincam, socializam de forma criativa, os espaços propostos com intencionalidade pedagógica para as vivências. Conseguiram organizar-se de forma livre e espontânea, interagindo sem grandes conflitos, que na grande maioria das vezes foram solucionados sem a mediação dos professores. Participaram das atividades com alegria, explorando os materiais de forma potente. De forma criativa, elaboraram hipóteses e buscaram soluções para representar, sistematizar e registrar as vivências propostas, reforçando a importância da ludicidade na construção e consolidação de conhecimentos.

Produziram mapas explorando de forma criativa e inventiva muitas possibilidades de registros, produziram frases e pequenos textos com significação ímpar, pois cada um, dentro do nível de escrita em que se encontrava, produziu os seus registros com riqueza de detalhes. Nas vivências com os blocos lógicos puderam construir, trocar ideias, ajudar colegas e pensar de forma coletiva reforçando a importância da potência que essas atividades possibilitam nas crianças. Pude constatar que as atividades desenvolvidas potencializam nas crianças a capacidade participativa e o senso de coletividade onde as trocas de experiência contribuem para o crescimento de todos. Respeitar a criança/aluno como ser histórico e de

direito é possível. É possível ouvi-la e possibilitar espaços em que ela possa escolher, criar, recriar, falar, organizar, reorganizar, descobrir e socializar... Um espaço rico de possibilidades, de aprendizagens e de alegria não somente é possível na Educação Infantil, mas também nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Seguem sendo crianças, seguem sendo potentes e não devem ser sufocadas sob o pretexto de que o “Brincar” é perda de tempo. A docência compartilhada reforçou a importância da busca por conhecimento como uma forma de qualificar e possibilitar interações, atividades, vivências que estejam de acordo com o que é preconizado nos documentos orientadores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. As crianças que estão matriculadas nessa etapa, não podem ser negligenciadas por aqueles que têm o dever de oportunizar espaços de qualidade pedagógica para as vivências e o crescimento pleno de cada uma.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação..Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LEI No 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

GOLDSCHMIED, Elinor. Educação de 0 a 3 anos : Atendimento em creche. 2. ed. Porto Alegre : Grupo A, 2006.

OLIVEIRA, Formosinho, Júlia. Oliveira. Documentação Pedagógica e avaliação na educação infantil: um caminho para a transformação. Porto Alegre: Penso, 2019.

OLIVEIRA, Zilda R (ORG). O trabalho do professor na Educação Infantil. São Paulo; Biruta, 2012.

PARA ALÉM DOS LIVROS DIDÁTICOS: EM BUSCA DE APRENDIZAGENS, PRAZEROSAS, LÚDICAS E SIGNIFICATIVAS

Janaina Adorian Dalsasso
Lauren Slongo Braidá

Introdução

Este resumo expandido é o relato e análise crítica reflexiva da prática do meu estágio em Docência Compartilhada nos Anos Iniciais, como acadêmica da 2ª turma do Curso de Pedagogia pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR, junto à Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. Buscando desenvolver uma prática com muita ludicidade, afetividade e exploração de materiais concretos o desenvolvimento da docência compartilhada vem ser colaborativa, vem contribuir, acrescentar, dar suporte e segurança ao acadêmico a experimentação funcional de sua futura profissão.

O presente resumo expandido objetiva analisar criticamente e reflexivamente a minha prática como docente com a turma vinte e um dos Anos Iniciais, que se iniciou com o planejamento em fundamentação teórica acerca dos Anos Iniciais: Transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais e a Ludicidade e com toda a bagagem de conhecimentos obtidas com o desenvolvimento das disciplinas acadêmicas ao longo do Curso de Pedagogia. Partindo do pressuposto de analisar não somente a prática do estágio, mas os vínculos proporcionados e aprofundados entre as crianças, entre os professores e entre crianças e professores.

Analisar se foi possível desenvolver na prática tudo que foi idealizado e principalmente como se deu a recepção por parte dos alunos, se desenvolveu-se relações regadas com muito respeito, afetividade e vivências ricas para a construção de aprendizagens e conhecimentos acerca do tema Para Além dos Livros Didáticos. Em busca de Aprendizagens, prazerosas, lúdicas e significativas.

Metodologia

O Estágio com Docência Compartilhada nos Anos Iniciais, com temática voltada Para Além dos Livros Didáticos. Em busca de Aprendizagens, prazerosas, lúdicas e significativas, foi desenvolvido junto à Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Pedro I de Nova Ramada-RS, na turma vinte e um (21) do turno da Tarde. A escola tem como diretora a professora Adriane Rubert, Vice diretora Silvana Guarda Lara de Lima, como Coordenadora Pedagógica dos Anos Iniciais a professora Loreci Thomás. A turma 21 tem 15 alunos, tendo como professora Regente a Professora Simone Moka.

A prática do Estágio com Docência Compartilhada, foi realizada partindo da metodologia da prática de diálogo e consulta à Professora Orientadora da Disciplina de Estágio– Anos Iniciais PARFOR Turma 2, professora Lauren Slongo Brada, à Coordenação Pedagógica da E.M.D.P I., à professora regente e a partir das observações na turma.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental(PCN) o livro didático é um material de forte influência na prática de ensino brasileira, mas não deve ser o único material a ser utilizado e sim um recurso pedagógico. A ludicidade é uma forma eficaz de facilitar o processo de ensino e de aprendizagem, considerando que através dela o aluno é instigado a desenvolver a percepção de experimentar, descobrir, elaborar, explorar e assimilar a aprendizagem, desta forma, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e constituição da criança enquanto sujeito. Contemplando o que foi dito acima, decidiu-se utilizar materiais manipuláveis e a pesquisa como ferramenta metodológica para impulsionar e oportunizar aprendizagens significativas. Raul considera que

A ludicidade se define pelas ações do brincar que são organizadas em três eixos: o jogo, o brinquedo e a brincadeira. Ensinar por meio da ludicidade é considerar que a brincadeira faz parte da vida do ser humano e que, por isso, traz referências da própria vida do sujeito (RAU, 2013, p. 32).

Dubeux e Teles (2012, p. 11) salientam que[...] As dimensões do lúdico e do artístico na organização do trabalho pedagógico são destacadas, visto que possibilitam aos alunos conviver em grupos, tomar decisões, fazer escolhas e descobertas, usufruindo e reproduzindo brincadeiras e expressões artísticas que fazem parte do acervo cultural da humanidade. Ouvir, cantar, dançar, ler textos verbais e de imagens e desenhar, como práticas em sala de aula provocam nos alunos sensibilidade e prazer. Proporcionar

o experienciar, o explorar, manipular, a ludicidade e a interação prazerosa e respeitosa entre as crianças, criança adulto e adulto criança foram prioridade em toda a fundamentação metodológica. As práticas pedagógicas propostas para o estágio de ação compartilhada através de momentos lúdicos, manipulação dos materiais concretos tinham como objetivo proporcionar à criança a exploração, investigação, curiosidade, criatividade e sobretudo criar possibilidades de desenvolvimento de sujeitos/crianças envolvidas no processo de ensino aprendizagem.

O planejamento das atividades para trabalhar os objetos de conhecimento solicitados pela professora Simoni das vivências foram planejadas sequencialmente, com a intencionalidade de uma integralidade do que pode se desenvolver em sala, na escola com as crianças. Como no segundo ano em matemática são abordadas noções de frações o projeto tinha como objetivo proporcionar às crianças, através da manipulação de materiais concretos, um melhor entendimento no que tange às noções de totalidade, equivalência, trocas, dividir em partes iguais, registro e a escrita das frações. A turma foi dividida em 4 grupos, cada grupo ganhou material plastificado e com velcro onde poderia montar pizzas divididas em duas partes, quatro e oito partes.

Primeiro foi trabalhado a noção de dividir em partes iguais, após foi sendo trabalhado a noção de equivalência e trocas. Depois de explorarem bastante os materiais, cada aluno ganhou duas folhas com círculo impressas, a qual recortaram e dobraram uma delas em duas partes e pintaram uma delas, a outra dividiram em quatro partes e pintaram uma. Então trabalhamos a escrita da fração. Foi assada duas pizzas e trabalhamos a divisão em partes iguais, após retirei um pedaço e fizemos a escrita da fração e eles puderam comer a pizza. Assistimos o filme *Aprendendo Frações (Infantil)* e conforme iam aparecendo as simulações eles iam falando as frações realizadas e ficou claro o entendimento deles. Em português foi disponibilizado 3 notebooks por grupo onde 2 alunos de cada grupo realizaram uma pesquisa simples em relação aos seguintes aspectos: local onde vivem; descrição da comunidade (como é, o que faz, etc.); hábitos alimentares e curiosidades. Dois integrantes de cada grupo realizaram o recorte de imagens relacionadas à temática do grupo.

A professora da turma auxiliou em um grupo na pesquisa e eu no outro. Os dados foram escritos no caderno de cada criança. Com o auxílio das professoras para articulação, cada grupo escreveu as informações em um papel pardo. Cada grupo socializou as informações do seu cartaz para

o restante da turma. Depois de pronto os cartazes foram colocados na parte de fora da sala no corredor da escola. Em Ciências da Natureza dando continuidade ao que a professora estava trabalhando sobre os estados físicos das matérias, foi realizado uma abordagem sobre o Sistema Solar. A Partir de uma maquete do Sistema Solar que construí em um guarda-chuva, pedi a eles se sabiam o que estava representado ali e o que sabiam em relação ao assunto. Foi problematizado sobre alguns itens pertinentes a este objeto do conhecimento. Foi dialogado também sobre algumas curiosidades sobre o Sistema Solar.

Como Tínhamos pouco tempo levei os materiais já organizados para a montagem de uma maquete sobre o Sistema Solar com a turma e foi montado em conjunto com eles cada um contribuiu um pouco. No último dia de estágio em Ciências da Natureza as crianças produziram o desenho do sistema solar e foram muito criativos. Em todas as atividades propostas durante o estágio eles interagiram muito, é uma turma muito participativa, interessada e curiosa.

Resultados e discussão

Depois de 45 horas pensando, analisando, conversando com a professora, monitora,direção, observando a turma, projetando e colocando a minha docência compartilhada em prática me sinto muito realizada com certeza esse processo todo superou as minhas expectativas. Desde o primeiro momento que entrei na sala fui muito bem recebida, com muito afeto e carinho. Sentir o carinho das crianças, a alegria da professora em eu estar ali com ela foi muito bom.

A cada proposta de atividade percebia muita empolgação das crianças, olhinhos brilhando,risadas de alegria, fascínio, engajamento, interação e muito prazer em estar realizando tudo. Senti a importância de fazer tudo bem planejado, organizado e de ser compartilhado com a professora da turma Simoni pois no caso da pesquisa não conseguiria realizar sozinha. Todo objeto de conhecimento trabalhado, partiu de um diálogo do que as crianças já sabiam em relação ao assunto, remetendo para situações do seu dia – a – dia, isso é muito importante, pois torna o conhecimento significativo para a criança

Utilizando de materiais manipuláveis, proporcionando momentos lúdicos, de experimentação e exploração foi possível introduzir o objeto de conhecimento frações,contribuindo para um melhor entendimento sobre

isso, pois de acordo com a coordenação da escola é um dos objetos de conhecimento que os alunos apresentam maior dificuldades.

A partir do momento que compreenderam a divisão de partes iguais, trocas e equivalências, as crianças apresentaram facilidades para trabalhar com o registro e dobradura e escrita da fração.

Foi possível perceber e compreender a importância de respeitar o tempo de envolvimento da criança, na parte de pintura de um dos lados do círculo eles utilizaram a imaginação deles, o lúdico e pintaram e desenharam lindas pizzas, mesmo que não era necessário uma simples pintura bastaria, se envolveram um bom tempo e eu tive que respeitar e deixar eles aproveitarem esse momento que pra eles foi muito prazeroso. A utilização de materiais concretos possibilita a assimilação dos conteúdos abordados, e através deles o aluno consegue relacionar a teoria e a prática de forma lúdica. O lúdico é uma ferramenta de grande valor significativo e qualitativo na aprendizagem.

A escolha da reserva indígena Barra do Guarita – RS foi adequada pois, os índios dessa reserva se deslocam até Nova Ramada – RS, onde se acampam e vendem os seus artesanatos com isso as crianças contribuíram o que sabiam sobre eles e trouxeram bastante contribuições

.De todas as intervenções com certeza essa pesquisa foi a mais desafiadora, pois como foi a primeira pesquisa deles foi necessário bastante mediação e suporte. Mas deu tudo certo e o resultado foi muito satisfatório, mas fica clara a importância de pensar em todos os detalhes adicionar eles no que seria preciso pesquisar.

Quando estava conversando com a professora e planejando o projeto e coloquei propus trabalhos em grupos ela colocou que seria um desafio e que eles apresentam ainda bastante resistência. Nas observações em nenhum momento trabalharam em grupo, por isso eu não tinha identificado essa dificuldade da turma.

Num primeiro momento ao terem que trabalhar em grupo, alguns alunos apresentaram um pouco de resistência, mas aos pouquinhos foram aceitando, interagindo e trabalhando em conjunto. Teve uma menina que no dia da pesquisa veio falar comigo tremendo querendo chorar que queria ficar no outro grupo com a amiguinha que ela estava um aperto no peito. Então me dei com afeto e carinho pedi pra ela respirar fundo que eu ia ficar perto dela e que daria tudo certo. Aos poucos foi relaxando e no final do trabalho estava bem à vontade. Essas Experiências com certeza agregaram

bastante para turma nessa questão de trabalhar em grupo, de interação social com aquele colega que não tem tanta afinidade e contato.

Com a problematização sobre o Sistema Solar e com a montagem da maquete as crianças tiveram a oportunidade de aprender de forma prática e lúdica sobre esse objeto do conhecimento. Isso foi além do aprendizado teórico, permitiu que eles visualizem e manipulassem objetos do sistema solar contribuindo para a montagem da maquete. Explorar a maquete em escala ajudou os estudantes a entender a distância relativa entre os planetas e sua disposição em relação ao Sol.

Isso promove a compreensão do tamanho e da vastidão do espaço, além de fornecer uma visão mais clara da estrutura do nosso sistema solar. Adorei estar nos anos iniciais, valeu cada instante, cada minuto, foi um aprendizado muito bom, uma experiência maravilhosa, envolvida de muito afeto, carinho e atenção, com certeza contribuiu muito nesse processo de ir me constituindo pedagoga. Enfrentei o desafio comportamental com um aluno, mas com jeitinho foi se entrosando, colaborando e participando dos momentos de aprendizagem.

O fato de considerar a criança como protagonista do seu conhecimento não quer dizer que ela é capaz de construí-los sozinha de forma voluntária, para isso o professor precisa ser um mediador nesse processo. Para esse protagonismo da criança acontecer é preciso ações curriculares, pedagógicas e didáticas adequadas, em ambientes adequados, pois essas ações promovem atividades desenvolvidas em sintonia com a maneira como a infância é contemplada nos anos iniciais.

Considerações finais

As ações pedagógicas precisam ser intencionais e precisam ir ao encontro da ideia que a criança pode adquirir e vivenciar diferentes culturas e conhecimentos. A prática pedagógica precisa ser adequada e adaptada às possibilidades de desenvolvimento e dificuldades de aprendizagem dos educandos. O projeto didático favorece aprendizagens conceituais, proporciona para o desenvolvimento da habilidade de organização das crianças, habilidades no que diz respeito ao acompanhamento suas próprias aprendizagens, bem como análise de suas ações e motivação.

De acordo com Nery (2007, p. 119): Essa modalidade de organização do trabalho pedagógico prevê um produto final cujo planejamento tem objetivos claros, dimensionamento do tempo, divisão de tarefas e, por

fim, a avaliação final em função do que se pretendia. Tudo isso feito de forma compartilhada e com cada estudante tendo autonomia pessoal e responsabilidade coletiva para o bom desenvolvimento do projeto.

Considerações finais

Com a realização do estágio ficou a certeza de que quando trabalhar como pedagoga a pesquisa, a dedicação no planejamento, o olhar e a observação atenta às crianças, e a busca constante em busca de conhecimento vai se fazer necessário até porque a pedagogia contempla muitas áreas de conhecimento e precisamos dominar, ter segurança nas informações que serão trabalhadas com as crianças.

Ficou claro a importância de as aprendizagens acontecerem além do livro didático, dese trabalhar o lúdico, o concreto, a construção isso tudo torna os momentos de aprendizagens leve, gostoso, prazeroso nessa fase de desenvolvimento da criança as aprendizagens que são exploradas pelo corpo da criança são internalizadas. Nessa busca de se trabalhar com o concreto, o lúdico e além dos livros didáticos o projeto didático com certeza possibilita isso, pois favorece aprendizagens conceituais que contribuem para o desenvolvimento da habilidade de organização das crianças e permite o acompanhamento de suas próprias aprendizagens, bem como análise de suas ações. Precisamos nos entregar, estar com as crianças ali de corpo e alma presentes, observando, mediando e interferindo quando necessário, pois se não estivermos atentos pode passar despercebido um momento de aprendizagem muito importante e rico para ser explorado.

Conclui o estágio de docência compartilhada realizada. Poder conviver e compartilhar essas emoções com as crianças, foi um aprendizado muito grande para mim como profissional. A cada momento sentia o meu coração pulsar mais e mais. Tenho certeza que o meu estágio de docência na área de pedagogia, afirmou ainda mais, o quanto me transformei e me transformo dentro de uma sala de aula para ser uma professora que sim, ensina, mas sobretudo, que brinca, que diverte, que deixa marcas positivas em um ambiente com muito afeto.

As práticas pedagógicas realizadas no estágio de ação compartilhada através de momentos lúdicos, manipulação dos materiais concretos proporcionou às crianças a exploração, investigação, curiosidade, criatividade e sobretudo criar possibilidades de desenvolvimento de

sujeitos/crianças envolvidas no processo de ensino aprendizagem que eram objetivos do projeto.

Referências

DUBEUX, Maria Helena Santos, TELES, Rosinalda. Organização do trabalho pedagógico por projetos didáticos. In: Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento projetos didáticos e Sequências didáticas. Brasília, 2012, p. 10-28.

NERY, Alfredina. Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade. In: Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC, 2007.

RAU, M. C. A Ludicidade na Educação Infantil: uma atitude pedagógica. 2 ed. Curitiba: Ibepex, 2013.

SOBRE AS ORGANIZADORAS



Taíse Neves Possani: Professora do Curso de Letras e Coordenadora dos Cursos de Licenciatura em Letras, Pedagogia e História da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-Unijuí; Mestre em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e graduada em Letras Português-Inglês pela mesma instituição. Doutoranda em Educação nas Ciências (UNIJUI). E-mail: taise.possani@unijui.edu.br



Marta Borgmann: Possui graduação em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (1988) e Pedagogia pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, mestrado em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e doutorado em Educação nas Ciências pelo mesmo programa. Realizou doutorado no exterior na modalidade sanduíche na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação na universidade do Porto, Portugal. Exerce o cargo de professora Titular no Núcleo de Humanidades e Educação - UNIJUI. É coordenadora do Setor de Acompanhamento e Acessibilidade da UNIJUI junto a Vice Reitoria de Graduação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em educação especial e educação inclusiva. Atua com projetos de extensão na área da Cidadania e Direitos Humanos.

A formação de professores ocupa lugar central nas discussões sobre a qualidade da educação e o papel da escola na construção de sociedades mais justas e inclusivas. Em um mundo marcado por rápidas transformações, a prática docente exige novas competências, constante atualização profissional e um compromisso ético e político permanente. Nesse cenário, a formação inicial e continuada de professores se apresenta como campo estratégico para o aprimoramento das práticas pedagógicas e para o fortalecimento da profissão docente. O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), na modalidade de Segunda Licenciatura em Pedagogia, tem respondido a essa demanda ao oferecer formação específica a professores que já possuem licenciatura em outras áreas, mas que atuam na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Este ebook reúne reflexões, práticas e experiências vivenciadas pelos cursistas da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), no contexto do estágio supervisionado, promovendo o diálogo entre teoria e prática e ressaltando a importância desse momento formativo na construção da identidade do futuro pedagogo. Ao registrar intervenções pedagógicas e socializar aprendizagens construídas nas instituições de ensino, a obra evidencia a riqueza e a diversidade das vivências que fortalecem a compreensão das múltiplas dimensões do trabalho docente. Mais do que relatar experiências, este material busca inspirar outros educadores, oferecendo subsídios para práticas inovadoras, críticas e reflexivas, alinhadas às diretrizes nacionais da Educação Básica. Com isso, reafirma-se o papel comunitário da UNIJUÍ em atender demandas regionais, contribuir para a valorização da docência e formar professores como agentes transformadores de uma educação mais equitativa, democrática e relevante.

